



OLHANDO PELA JANELA DA UNIVERSIDADE – PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO EM TURISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Teresa Cristina Viveiros Catramby

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Engenharia de Produção.

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Agosto de 2012

OLHANDO PELA JANELA DA UNIVERSIDADE – PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO EM TURISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Teresa Cristina Viveiros Catramby

TESE SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO ALBERTO LUIZ
COIMBRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DE ENGENHARIA (COPPE) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM
CIÊNCIAS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO.

Examinada por:

Prof. Roberto dos Santos Bartholo Junior, Dr. Rer. Pol.

Prof. Samuel Jurkiewicz, D.Sc.

Prof. Maurício César Delamaro, D.Sc.

Prof^a. Marta de Azevedo Irving, D.Sc.

Prof^a. Deborah Moraes Zouain, D.Sc.

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL

AGOSTO DE 2012

Catramby, Teresa Cristina Viveiros

Olhando pela janela da Universidade – Produção de conhecimento em Turismo na Pós-graduação do Rio de Janeiro / Teresa Cristina Viveiros Catramby. – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2012.

XVI, 189 p.: il.; 29,7 cm.

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Tese (doutorado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2012.

Referências Bibliográficas: p. 140-149.

1. Turismo 2. Produção do conhecimento 3. Fatores Críticos de Sucesso I. Bartholo Junior, Roberto dos Ssntos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Programa de Engenharia de Produção. III. Título.

Dedico esse trabalho às mulheres da minha família que foram e são um exemplo de força e garra para mim. Em especial aos meus filhos, Pedro e Gabriel, razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Bartholo por toda a paciência durante a orientação e as palavras que me fizeram acreditar que conseguiria chegar ao final. Neste momento não posso deixar de agradecer o professor Maurício Delamaro pela indicação da metodologia e a orientação na sua aplicação.

As minhas queridas Claudete e Fátima que estavam sempre prontas a ajudar nas horas que eu precisei, principalmente na parte burocrática do doutorado e nos momentos que necessitei de força para continuar. Ao Pedrinho, Diego e Roberta por me auxiliarem no final da tese.

A toda equipe do LTDS-IVT pelos momentos de troca, muito especiais.

Aos meus colegas da UFRRJ e principalmente do departamento - DAT e especialmente os do Colegiado do Curso de Turismo por entenderem a necessidade de afastamento total para a conclusão deste trabalho.

Aos vários professores e pesquisadores que tive contato durante o campo, pelo estímulo, empréstimo de livros e sugestões que foram fundamentais neste processo.

À todos os meus ex-alunos e alunos que foram um grande incentivo para o desenvolvimento deste tema. Em especial Carla Fraga, Maria da Penha Lacerda, Felipe Felix e a minha querida Jarlene Rodrigues, amiga e responsável por eu ter escolhido, na academia, o caminho da Educação e da Pesquisa em Turismo.

Às minhas queridas amigas, Monica e Marcia, que nos momentos difíceis estavam ali, ao meu lado, como irmãs. Á Nadja que me “socorreu” na hora certa.

Aos meus pais, Enira (*in memorian*) e Greudo, que da forma como puderam, deram o direcionamento para que eu chegasse até aqui.

Aos meus filhos, Pedro e Gabriel, sempre ao meu lado dando força para que alcançasse mais este degrau. Tenho muito orgulho de ser mãe desses filhos maravilhosos.

Tomo quem me ouve pela mão e o encaminho à janela. Abro a janela e aponto para o que está lá fora. Não tenho nenhuma doutrina, mas mantenho uma conversação. Martin Buber

Resumo da Tese apresentada à COPPE/UFRJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Ciências (D.Sc.)

OLHANDO PELA JANELA DA UNIVERSIDADE – PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO EM TURISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Teresa Cristina Viveiros Catramby

Agosto / 2012

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Programa: Engenharia de Produção

A produção de conhecimento depende de elementos objetivos e subjetivos, se dá em ambientes estruturados e nas relações interpessoais, sofre interferência do poder das instituições e da capacidade das pessoas em absorver contribuições de diferentes áreas de conhecimento. Essa complexidade faz parte dos encantos e dos desafios na pesquisa, no ensino e na extensão em Turismo. Este trabalho tem como objetivo principal identificar os elementos que interferem, direta e indiretamente, na produção do conhecimento em Turismo e compor indicadores para avaliação destes no ensino, pesquisa e extensão na área. Para tal buscamos na Bricolagem o suporte metodológico que nos permitiu utilizar o método quantitativo para analisar as teses e dissertações defendidas sobre Turismo em Programas de Pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro; o método qualitativo, ancorado em entrevistas semi-estruturadas com pesquisadores, sobre o conhecimento em Turismo; e o multicritérios, que é qualitativo, para identificar os Fatores Críticos de Sucesso - FCS. Como resultado, mapeamos o conhecimento produzido em programas de pós-graduação no período de 2000 a 2010, e assim chegou-se à identificação dos elementos traduzidos em fatores críticos que, se bem gerenciados, potencializam as chances de sucesso na pesquisa em Turismo e podem contribuir para melhorar as avaliações institucionais, sejam internas e/ou externas, e diminuir seu grau de artificialismo e de mimetismo em relação a outras áreas do conhecimento.

Abstract of Thesis presented to COPPE/UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Science (D.Sc.)

LOOKING THROUGH THE UNIVERSITY WINDOW - PRODUCTION OF
KNOWLEDGE IN TOURISM AT POST GRADUATE PROGRAMS IN RIO DE
JANEIRO

Teresa Cristina Viveiros Catramby

August / 2012

Advisor: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Department: Product Engineering

The production of knowledge depends on objective and subjective elements, occurs in structured environments and interpersonal relationships, suffer interference from the power of institutions and the ability of people to absorb contributions from different areas of knowledge. This complexity is part of the charms and challenges in research, teaching and extension in Tourism. This study aims to identify the main elements that interfere, directly and indirectly, in the production of knowledge in tourism and compose indicators to assess these in teaching, research and outreach in the area. To this end we seek in DIY methodological support that allowed us to use quantitative method to analyze the theses and dissertations on tourism Graduate Programs in the State of Rio de Janeiro, the qualitative method, grounded in semi-structured interviews with researchers, about knowledge in tourism, and Advanced, which is qualitative and quantitative, to identify the Critical Success Factors - FCS. As a result, we mapped the knowledge produced in graduate programs in the period 2000 to 2010, and so came to the identification of the elements translated into critical factors that, if well managed, enhance the chances of success in research and tourism can contribute to improving the institutional evaluations, whether internal and / or external, and reduce their degree of artificiality and imitation in relation to other areas of knowledge.

SUMÁRIO

Como tudo começou.....	1
CAPÍTULO 1 Em que cenário foi criado o curso superior de Turismo no Brasil?.....	9
1.1 A origem da Universidade.....	9
1.2 As concepções estruturais da Universidade.....	13
1.3 A Reforma Universitária de 1968.....	15
1.4 O Processo de Bolonha e a Universidade Nova.....	19
1.5 A pós-graduação no Brasil.....	21
1.6 A pós-graduação em Turismo.....	25
CAPÍTULO 2 O encontro – as relações e o diálogo na produção do conhecimento em Turismo.....	28
2.1 O estudo do Turismo e sua complexidade	28
2.2 <i>Relação</i> e o <i>diálogo</i> - fundamentos para a produção do conhecimento.....	34
2.3 Complexidade e estrutura do um pensamento complexo.....	35
CAPÍTULO 3 Bricolagem: uma proposta metodológica	38
3.1 Os métodos.....	39
3.1.1 O Levantamento – abordagem quantitativa.....	39
3.1.2 Entrevistas – abordagem qualitativa.....	40
3.1.3 Análise Multicritérios – abordagem quali-quantitativa.....	42
CAPÍTULO 4 Produção científica sobre Turismo no Estado do Rio de Janeiro – uma Fotografia.....	45
4.1 Um pouco da história.....	45
4.2 Os programas, suas áreas e estruturas, segundo a CAPES.....	47
4.3 Os trabalhos elaborados e defendidos com o tema Turismo em Programas de Pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro.....	53
4.4 Elementos analisados dos trabalhos – um olhar detalhado.....	58
4.4.1 Análise por instituições de ensino.....	68
4.4.2 Análise por Programas de Pós-graduação.....	71
4.4.3 As metodologias de pesquisa utilizadas nos trabalhos científicos.....	77
4.4.4 A formação dos autores e seus orientadores.....	81
4.5 Uma fotografia	85
CAPÍTULO 5 O ambiente, as comunidades e as tramas – uma radiografia.....	87

5.1 O processo do pensamento.....	87
5.2 Analisando o ambiente dos pesquisadores.....	89
5.2.1 O Turismo – fenômeno ou atividade?.....	93
5.2.2 A questão da disciplinaridade e seus limites.....	94
5.2.3 O conceito de Turismo.....	96
5.2.4 Paradigmas norteadores.....	97
5.2.5 Os modos de pesquisa.....	98
5.3 As comunidades acadêmicas.....	100
5.3.1 As comunidades e seus ambientes - As Universidades e seus departamentos.....	100
5.3.2 A formação das linhagens intelectuais.....	103
5.3.3 A construção do referencial teórico.....	105
5.3.4 As parcerias acadêmicas.....	107
5.4 Existe uma Rede destes pesquisadores?.....	108
5.5 Processo de elaboração de um trabalho científico – a opinião de pesquisadores.....	109
5.6 O futuro da pesquisa em Turismo.....	111
5.7 Uma radiografia.....	113
CAPÍTULO 6 Fatores Críticos de Sucesso no processo de ensino- aprendizagem em Turismo.....	114
6.1 Avaliação do processo de Ensino-aprendizagem.....	114
6.2 Os Fatores Críticos de Sucesso - FCS.....	116
6.2.1 Que fatores influenciam o sucesso das pesquisas em Turismo?.....	116
6.2.2 Estruturação hierárquica – a Árvore.....	124
6.3.3 Aplicação do AHP.....	126
6.3 Resultados da aplicação do AHP.....	128
6.4 Proposta para aplicação dos Fatores Críticos de Sucesso – FCS.....	132
CAPÍTULO 7 Conclusão – Os caminhos da produção de conhecimento em Turismo.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140
APÊNDICE.....	159
ANEXOS.....	189

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema metodológico para identificação dos FCS.....	44
Figura 2 – Distribuição dos Programas de Pós-graduação.....	48
Figura 3 – Quantitativo de Programas de Pós-graduação por grande área – Brasil...	49
Figura 4 – Distribuição quantitativa de Programas de pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro.....	50
Figura 5 – Programas por área no Estado do Rio de Janeiro.....	52
Figura 6 – Tipo de instituição e interface com o Turismo.....	52
Figura 7 – Comparação do quantitativo de trabalhos produzidos no ano de 2008 e os trabalhos defendidos sobre Turismo entre os anos de 2000 a 2010.....	56
Figura 8 – Produções por Programas.....	57
Figura 9 – Regiões Turísticas do Estado do Rio de Janeiro.....	59
Figura 10 – Quantitativo por Regiões Turísticas do Estado do Rio de Janeiro.....	61
Figura 11 - Trabalhos científicos por macro categorias.....	63
Figura 12 - Trabalhos científicos por categorias.....	63
Figura 13 - Comparação entre o programa e metodologia utilizada.....	66
Figura 14 - Comparativo entre instituições e regiões de estudo.....	69
Figura 15 - Comparativo entre instituições e macro categorias	69
Figura 16 - Comparativo de instituições e categorias de estudo.....	70
Figura 17 - Programas de pós-graduação que tiveram trabalhos científicos com pesquisa de campo no Estado do Rio de Janeiro.....	71
Figura 18 - Comparativo entre programa e região de estudo.....	72
Figura 19 - Cruzamento de dados entre programa de pós-graduação e enquadramento em macro-categorias dos trabalhos científicos.....	73
Figura 20 - Cruzamento de dados entre programa de pós-graduação e enquadramento em categorias dos trabalhos científicos.....	74
Figura 21 - Comparativo entre programa e bibliografia diversificada.....	76
Figura 22 - Comparativo entre programa e foco de estudo.....	77
Figura 23 - Comparativo entre formação do autor na graduação e metodologia utilizada nos trabalhos científicos.....	78
Figura 24 - Comparativo entre formação do autor na graduação e a estratégia de coleta de dados.....	78

Figura 25 - Comparativo entre formação do autor na graduação e tipo de análise de dados.....	79
Figura 26 - Comparativo entre formação do autor na graduação e bibliografia diversificada nos trabalhos científicos.....	80
Figura 27 - Comparativo entre formação do autor na graduação e foco de estudo...	80
Figura 28 - Comparativo entre formação do autor na graduação e Estado do Rio como escopo dos trabalhos científicos.....	82
Figura 29 - Comparativo entre formação do autor na graduação e macro categorias.....	82
Figura 30 - Comparativo entre formação do autor na graduação e categorias.....	83
Figura 31 - Formação de orientadores na graduação.....	84
Figura 32 - Destaque na formação dos orientadores.....	85
Figura 33 - Campo de força do conhecimento.....	89
Figura 34 - Fatores hierarquizados, por notas atribuídas pelos pesquisadores.....	119
Figura 35 - Fatores hierarquizados, por notas atribuídas.....	121
Figura 36 - Fatores hierarquizados.....	123
Figura 37 – Árvore representativa.....	124
Figura 38 – Avaliação geral – Ensino.....	130
Figura 39 - Avaliação geral – Pesquisa.....	130
Figura 40 - Avaliação geral – Extensão.....	131
Figura 41 - Avaliação geral – Ensino, Pesquisa e Extensão.....	131
Figura 42 - Avaliação geral – Grupos Ensino e Pesquisa.....	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipo de trabalho científico.....	54
Tabela 2 - Quantitativo de trabalhos científicos defendidos por ano.....	54
Tabela 3 – Duração média de dedicação à pesquisa.....	55
Tabela 4 – Quantitativo de trabalhos científicos por instituição.....	57
Tabela 5 – Turismo como objeto principal.....	58
Tabela 6 – Estado do Rio de Janeiro como escopo.....	58
Tabela 7 - Autores que exercem a docência.....	67
Tabela 8 - Estado do Rio de Janeiro como escopo X instituições de ensino.....	68
Tabela 9 -. Fatores identificados de sucesso.....	117
Tabela 10 - Avaliações dos fatores, por escala de importância.....	120
Tabela 11 - Distribuição dos fatores por nota e por escala.....	122
Tabela 12 - Matriz de comparação paritária.....	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Programas de Mestrado em Turismo recomendados pela CAPES.....	26
Quadro 2 - Matriz de decisão.....	43
Quadro 3 – Áreas de conhecimento segundo a CAPES.....	51
Quadro 7 – Regiões Turísticas do Estado do Rio de Janeiro.....	60
Quadro 8 – Macro categorias e categorias de áreas do Turismo.....	62
Quadro 9 - Temas não abordados nos trabalhos científicos.....	64
Quadro 10 - Estratégias metodológicas.....	65
Quadro 11 - Áreas de atuação do profissional em Turismo.....	125
Quadro 12 - Escala Fundamental.....	127
Quadro 13 - Avaliação critério x critério.....	128
Quadro 14 - Escala Fundamental.....	129

LISTA DE SIGLAS

ABBTUR - Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo
ABDETH – Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria
ANPTUR – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo
BNDE – Banco Nacional de Desenvolvimento
CAPES – Coordenação de Pessoal de Nível Superior
CEDERJ – Consórcio de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CEFETs – Centros Federais de Educação Tecnológica
CEPETUR – Centro de Pesquisas Turísticas
CFE – Conselho Federal de Educação
CNE – Conselho Nacional de Educação
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Coppead – Pós-graduação em Administração da UFRJ
CPDA – Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da UFRRJ
CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
EBAPE – Escola de Administração
EICOS – Pós-graduação em Psicologia de Comunidades e Ecologia Social da UFRJ
EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo
ENCE – Escola Nacional de Ciências Estatísticas
EUA – Estados Unidos da América
FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FCS – Fatores Críticos de Sucesso
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INEA – Instituto Estadual do Ambiente
IVT – Instituto Virtual de Turismo
MEC – Ministério da Educação
OMT – Organização Mundial de Turismo
ONU – Organização das Nações Unidas
PEP-COPPE – Programa de Engenharia de Produção da UFRJ
PGAP – Pós-graduação em Administração Pública da FGV

PGCA – Pós-graduação em Ciência Ambiental da UFF
PGCAF – Pós-graduação em Ciências Ambientais e Florestais da UFRRJ
PNT – Plano Nacional de Turismo
PPcis – Pós-graduação em Ciências Sociais da UERJ
PPGAV – Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ
PPGcom – Pós-graduação em Comunicação da UFF
PPgg-igeo – Pós-graduação em Geografia da UFRJ
PPGPS – Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ
Proarq – Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ
Prodetur – Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo
PROIC – Programa de Iniciação Científica
PUC – Pontifícia Universidade Católica
s/n – sem número
SNPG – Sistema Nacional de Pós-graduação
UCP – Universidade Católica de Petrópolis
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNESA – Universidade Estácio de Sá
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP – Universidade de São Paulo

Como tudo começou...

Desde que entrei no curso de graduação em Turismo tive um olhar sobre o tema não como uma habilitação, apesar dos cursos naquela época terem este perfil. Sempre percebi o Turismo como uma área de estudo que abordava as nuances do *encontro* entre visitantes e visitados.

Tive a oportunidade de conhecer muitos lugares tanto no Brasil quanto fora, lugares como: áreas protegidas, os Parques da Disney, grandes atrativos e pequenas comunidades e sempre com um olhar baseado nas questões referentes ao Turismo como um fenômeno complexo que necessita das teorias e abordagens de outras áreas do conhecimento para o seu entendimento.

Durante alguns anos trabalhei no mercado, o que chamamos de *trade*, mas eu sentia que deveria contribuir para a área de alguma outra forma.

Em 2000 surgiu a oportunidade de prestar consultoria na implementação de um curso novo de Turismo na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, onde eu estava cursando pós-graduação (*Lato Sensu*). Naquele momento pude colocar em pauta o seguinte questionamento: formamos para o mercado ou formamos pessoas com uma base crítica que poderão assim contribuir para a área?

Esta oportunidade foi um divisor de águas na minha carreira acadêmica e passei a me dedicar ao tema Educação e Turismo. Meu objeto de estudo no mestrado foi a capacitação de docentes e questionei o lugar desta capacitação, se estaria na graduação ou na pós-graduação como determina a lei. Este foi apenas um dos momentos do meu percurso e, claro, fui evoluindo e adquirindo novos conhecimentos e entendendo melhor o meu entorno onde nem sempre o que está escrito é como acontece.

Apesar de ter meu foco voltado para a capacitação e formação de professores, a produção do conhecimento sempre me chamou a atenção. Neste aspecto a *relação* entre

o Turismo e as diversas áreas de confluência para construção de campos teóricos que busquem explicar como funciona este fenômeno dito *complexo*.

Durante a pesquisa bibliográfica, para entender o “estado da arte” para minha dissertação de mestrado, pude observar que haviam muitos artigos publicados nos cinco periódicos de referência internacionais sobre a questão do Turismo como área de estudo, suas limitações, levantamentos de teses e dissertações em alguns países. Percebi que este é um grande desafio, entender de que forma acontece a construção do conhecimento. Naquele momento, não os utilizei por não fazerem parte do objeto do meu estudo. Entretanto os tinha como referência para utilização em sala de aula na disciplina Teoria Geral do Turismo, que leciono.

Por ter este tema sempre em foco nas minhas pesquisas, em 2007 iniciei a orientação de um projeto de Iniciação Científica, cujo, objetivo foi realizar um levantamento das dissertações e teses defendidas sobre o tema Turismo, em programas de pós-graduação oferecidos por instituições no Estado do Rio de Janeiro. Este projeto possuía uma bolsista contemplada pelo edital PROIC da UFRRJ, Maria da Penha Lacerda de Santana.

Encontramos algumas dificuldades durante a pesquisa como: informações desatualizadas dos *sites* dos programas de pós-graduação; somente parte dos trabalhos científicos¹ encontravam-se digitalizados, sendo que esta obrigatoriedade legal tem início em 2006, fazendo com que tivéssemos que visitar as bibliotecas para ter acesso ao material.

Como não fizemos distinção entre o Turismo como objeto principal ou periférico, tivemos a necessidade de avaliar cada trabalho científico que nos parecesse ter referência sobre o tema, até porque confirmamos assim a complexidade por permear diversas áreas de conhecimento.

O grande volume de teses e dissertações que foram produzidos nos Programas de Pós-graduação me chamou a atenção, pois não existe nenhum programa específico de

¹ Trabalhos científicos e nesta tese referem-se a teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação.

mestrado ou doutorado em Turismo no Estado do Rio de Janeiro, assim como, também observei uma diversidade de áreas de conhecimento onde tiveram trabalhos científicos defendidos.

Outro fato aconteceu e quero deixar registrado. Como afirmo que são nos *encontros*, nas *relações*, que o conhecimento se desdobra, após uma aula da disciplina de Metodologia Qualitativa que freqüentei na UERJ, ministrada pela professora Rosane Prado, eu e a minha amiga Teresa Mendonça iniciamos uma discussão sobre o meu tema e dois dias depois ela me manda o seguinte e-mail que vai, na verdade, nortear todo o meu trabalho.

sáb 21/06/2008 15:36

Acordei pensando em sua tese.

Imagine. Na verdade, sempre falavam que o Turismo (fenômeno, sistema, atividade...) se apropriava de diversas ciências. Hoje o que constatamos é que várias ciências ou campos de conhecimento têm se apropriado do turismo para realizar reflexões/pesquisa.

Por que vc não pesquisa a forma pelo qual outros campos de conhecimento estão se apropriando do turismo como objeto de pesquisa?

Você poderia partir dos programas de pós-graduação *strictu sensu* que têm o turismo oficialmente como uma das linhas de pesquisa no Rio ou fora do Rio (EICOS, Geografia, UERJ, COPPE, IPPUR/UFRJ, FGV, etc.) ou que apresente alguma disciplina sobre o tema, o caso das Ciências Sociais (Antropologia, minha orientadora).

A pesquisa (entrevista) pode ter como foco os programas (a coordenação do programa ou do eixo) e/ou os professores pesquisadores. História de vida na pesquisa e como e porque chegaram ao turismo, perspectivas, resultados, etc...

Através desta análise das apropriações dos outros campos de conhecimento, vc pode chegar às questões da epistemologia e como estas vêem o turismo (fenômeno, ciência, atividade, ou outro...).

Acho que para o Bartholo seria interessante, pois a filosofia pode ser seu caminho de investigação.

Após receber este e-mail, ainda fiquei pensando se seria mesmo interessante analisar o material levantado e em um dos *encontros* com meu orientador, e por conta de suas leituras, iniciei um processo de questionamentos. Por este motivo, neste trabalho, as palavras *encontro*, *relação* e *diálogo* estarão sempre grifadas para assim remeter ao autor, base desta proposta, Martin Buber. Em sua obra, *Eu e Tu*, Buber ressalta que

“toda vida atual (vívida) é encontro” [grifo nosso] (BUBER, 2001, p.59) e aqui ainda podemos nos referir a mais um *encontro*, desta vez com o autor.

De volta ao material, alguns questionamentos surgiram como: quem são estes orientadores, suas formações? Qual ou quais os motivos de terem orientado trabalhos científicos com este tema? Quem são os orientandos? Qual a sua formação e de que forma abordam o tema? Quais são as bases teóricas e de que forma estas influenciam/acrescentam ao conhecimento na área? Quais são as formas de *relação* destes pesquisadores? Existe uma rede? De que forma se configura esta rede? Qual é o elo que os une?

Com estas observações cheguei ao seguinte questionamento: O Turismo é entendido como um fenômeno *complexo*. Então, de que forma isto se reflete na produção do conhecimento na área?

Com estes questionamentos, levantei a seguinte hipótese: a forma e a intensidade das *relações* estabelecidas entre as áreas de conhecimento tornam o conhecimento mais fecundo.

Como já havia orientado a pesquisa que fiz referência e o material é bastante rico, decidi, então, prosseguir fazendo outras análises as quais pretendo responder à hipótese em referência.

A pós-graduação no Brasil possui um sistema de avaliação externa, definido e aplicado pela CAPES, onde alguns elementos são analisados como a infra-estrutura, corpo docente e publicações, entretanto, a partir dos questionamentos fundantes deste trabalho senti a necessidade de avaliar outros fatores que se constituem críticos para a elaboração de trabalhos científicos fecundos na área de Turismo, esta entendida como complexa. Desta forma, tomei como objetivo geral: Identificar os elementos que interferem, direta e indiretamente, na produção do conhecimento em Turismo e compor indicadores para avaliação destes no ensino, pesquisa e extensão na área.

Assim, como objetivos específicos aponto:

- a) Realizar levantamento bibliográfico sobre: a criação das Universidades; a formação do pensamento complexo, o estudo do Turismo e sua interface com outras áreas, a pós-graduação no Brasil, fatores críticos de sucesso, indicadores e construção de indicadores;
- b) Analisar os trabalhos científicos levantados, identificando variáveis como: área de conhecimento, instituição, programa de pós-graduação, formação do autor, do orientador, localização do campo de pesquisa, categorias de estudo;
- c) Traçar um panorama da produção do conhecimento em Turismo, a partir da identificação da atual situação e a opinião de pesquisadores sobre o estudo do fenômeno no Estado do Rio de Janeiro;
- d) Pesquisar e avaliar elementos que interferem na elaboração e produção de conhecimento na área;
- e) Criar um referencial com as informações levantadas.

Um importante desafio que se impõe à produção do conhecimento em Turismo, e que deve ser ponto de reflexão ao serem elaboradas teses e dissertações, são os processos e propostas de inter-relação entre as áreas de conhecimento e suas contribuições na produção do conhecimento na área e, também, refere-se à chamada linguagem dialógica.

A produção do conhecimento enquanto prática do *diálogo*, baseada em uma *relação* horizontalizada entre o educador e o educando, não significa apenas transmissão de conhecimento, mas uma educação que cria possibilidades para a construção do saber. Essa educação, fundamental para a problematização e crítica da realidade em que se vive, permite a liberdade e a autonomia do educando. Em outras palavras, a prática dialógica na educação permite a comunicação e a crítica para a mudança. Uma prática que permite a interação entre os sujeitos da aprendizagem, educador-educando, voltada para a emancipação e para a construção de uma nova realidade.

Jafari e Ritchie (1981, p.03) abordam que o estudo do Turismo tem características inter e multidisciplinares, havendo a necessidade de incorporar teorias e conceitos de

diferentes campos afins do Turismo, como a antropologia, a sociologia, a economia, a geografia, e outros.

Pela diversidade nos enfoques atribuídos por outras áreas e pelos diferentes focos atribuídos ao seu objeto de estudo, o Turismo deve assim ser entendido como fenômeno *complexo*. Manifesta-se e transforma-se devido a elementos que interferem nos mais diversos aspectos – econômicos, naturais, culturais e políticos – que compõem as relações sociais. São estes aspectos que devemos compreender, para que possamos ter uma real dimensão do significado e da importância do Turismo, tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade.

A relevância do estudo evidencia-se pela necessidade de analisar as áreas que mais interfaces possuem com o Turismo e delinear, assim, um perfil do conhecimento produzido. Sendo os programas de pós-graduação responsáveis pela produção de conhecimento em variadas áreas, justifica-se a análise da interface de suas produções, teses e dissertações com o tema. Este conhecimento refletirá, também, na reprodução (ensino) e aplicação (extensão), perfazendo assim um ciclo.

Outro aspecto interessante de ser analisado é a forma como orientadores e orientandos de diferentes áreas e formações constroem o *diálogo* entre si, resultando em trabalhos que abordam o tema Turismo com olhares multidisciplinares.

Para alcançar todos os objetivos propostos, houve a necessidade de utilizar como estratégia a bricolagem que nos remete à utilização de diferentes métodos de análise que nos levam, ao final, a responder a hipótese levantada.

Utilizamos métodos quantitativos com representações gráficas para fazer uma fotografia do material levantado. Em seguida, buscamos na observação e na utilização de entrevistas semi-estruturadas fazer uma radiografia do que havia sido fotografado. Entrevistamos pesquisadores que identificamos como referência por terem orientado um número razoável de trabalhos científicos e participado de bancas de avaliação. Neste momento, utilizamos como referência um artigo publicado por Tribe (2010) onde este analisa o Território, a área de estudo do Turismo assim como as Tribos, os personagens e suas interações neste território. Buscamos elencar Fatores Críticos de Sucesso – FCS -

no processo de produção do conhecimento e através da análise multicritérios apresentar, de forma hierárquica, os fatores que mais influenciam neste processo e tornam o conhecimento mais fecundo em programas de pós-graduação.

Vale, ainda, avaliar o contexto em que estas dissertações e teses se desenvolveram para compreender como acontece a produção do conhecimento em Turismo no Estado do Rio de Janeiro.

Desta forma, buscamos estruturar a tese com os seguintes capítulos:

No primeiro introduzimos, em um contexto amplo, o histórico da criação da Universidade, como surgiram os intelectuais, o papel do professor/pesquisador, as políticas educacionais que de certa forma influenciaram e influenciam a formação em Turismo. Situamos historicamente a criação do curso superior e, na sequência, a pós-graduação em Turismo, nosso objeto de estudo, assim como a produção do conhecimento na área. Neste momento, abrimos a janela da Universidade.

No segundo capítulo, descrevemos como o estudo do Turismo e sua interface com outras áreas de conhecimento, tanto de uma perspectiva formal do estudo, quanto da visão de alguns autores sobre a produção de conhecimento. Em um segundo momento, apontamos as *relações* e *encontros* como sendo fatores fundamentais na produção de conhecimento ancorados nos autores: Mariza Peirano, Martin Buber e Paulo Freire. Finalizamos as reflexões sobre a complexidade, seguindo o pensamento de Edgar Morin.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia adotada na pesquisa onde encontramos na bricolagem o método apropriado, quando se trata de observar e analisar algo complexo. Utilizamos três abordagens metodológicas: a quantitativa, qualitativa e quali-quantitativa, pois uma só uma perspectiva não seria suficiente para atingir os objetivos propostos.

O quarto capítulo consiste em apresentar o resultado do levantamento de teses e dissertações que foram defendidas nos programas de pós-graduação no Estado do Rio

de Janeiro no período de 2000 a 2010. Elencamos uma gama de variáveis e realizamos cruzamentos com a proposta de apresentar uma fotografia do que foi levantado.

O quinto capítulo apresenta um *diálogo* entre pesquisadores sobre temas como: conceito de Turismo, se este é um fenômeno ou atividade, ser uma disciplina ou não, modos de pesquisa, o processo de elaboração de trabalhos científicos, com o objetivo de entender como estes pesquisadores entendem o Turismo e de que forma contribuem, em seus projetos e orientações, para a produção do conhecimento.

No sexto capítulo apresentamos os resultados da aplicação do método multicritérios para identificação de Fatores Críticos de Sucesso – FCS - no processo de elaboração de trabalhos científicos em programas de pós-graduação. Desta forma, apresentamos critérios que podem auxiliar na tomada de decisão e melhoria do processo e produção de trabalhos científicos fecundos na área de Turismo.

Por último, apresentamos as conclusões, o que vimos ao olhar pela janela da Universidade.

CAPÍTULO 1

Em que cenário foi criado o curso superior de Turismo no Brasil?

Para poder compreender como se dá hoje a produção do conhecimento, em qualquer área de estudo, é necessário entender como surgiram as universidades e como o conhecimento é produzido dentro de sua estrutura. Em particular, sobre a transição dos mosteiros para as escolas urbanas como instituições-chave da organização da cultura literada no contexto europeu medieval. Foi no bojo desse processo que surgiram a profissionalização dos professores, a caracterização de suas atividades como docentes e o estabelecimento de padrões de qualificação para executá-las. Em poucas palavras, a vida intelectual tornou-se um ofício.

Desde sua origem até o tempo presente, a nova instituição universitária e os novos atores sociais intelectuais sofreram profundas reformas e metamorfoses. As escolas politécnicas napoleônicas, a universidade “reformada” de Wilhem Von Humboldt, as novíssimas universidades norte-americanas são algumas referências fundamentais desse percurso. Hoje, o mundo dito “globalizado” vive ampla difusão e disseminação de um modelo-padrão universitário de origem norte-americana, apoiado na curricularização, na departamentalização e no *campus*, visando otimizar a produção seriada de “diplomados” habilitados no exercício de profissões específicas.

Neste capítulo, empreendemos um esforço por repensar tais paradigmas, tendo por foco de atenção a formação de diplomados que se dediquem ao estudo na área de Turismo.

1.1 A origem da Universidade

O período da história denominado Idade Média tem início com a queda do Império Romano (476 d.C) e estende-se até o século XV, apresentando duas fases distintas: uma

considerada como um prolongamento da Antiguidade e outra que se inicia após o ano 1000 ao qual apresenta as bases para a organização das estruturas da Europa Medieval. Historiadores, como Le Goff, estendem este período até o século XVIII, pois sua linha do tempo está baseada em uma história do homem do cotidiano, analisando elementos de longa duração que têm influenciado os modos de viver do homem ocidental.

A sociedade medieval se caracterizava por uma pequena mobilidade social onde cada grupo possuía funções e posições definidas, tendo de um lado os guerreiros e os clérigos e, de outro, os trabalhadores, camponeses e artesãos, indicando uma especialização dos homens. Por sua vez, os clérigos e os monges poderiam atuar em atividades da vida cotidiana. No entanto, a vida monástica os encaminhou para exercer o papel de professores. Surge, assim, a figura do “intelectual”, em diferenciação ao “clérigo”. Para Le Goff (1984, p. 64), o intelectual se forma “como um dos homens de ofício que se instalam nas cidades onde se impõe a divisão do trabalho”, sendo um artesão com o papel de ensinar e estudar as artes liberais. Neste período, surgem em alguns centros urbanos as escolas particulares onde os mestres ensinavam em troca do pagamento dos seus alunos. Porém, a Igreja não pretendendo perder o monopólio sobre a educação, cria a “*licentia docendi*”, determinando que as escolas só poderiam funcionar com o consentimento de uma autoridade episcopal, uma vez que a maioria dos mestres era constituída de clérigos.

O crescimento das cidades, a aceleração das trocas foram fatores importantes para a evolução das escolas, levando a Igreja, em países como França, Inglaterra e Itália, a buscar letrados competentes que auxiliassem na gestão de negócios e assim contribuir para a ascensão social dos que frequentavam as escolas.

Neste contexto, surgem as Universidades Medievais que possivelmente advêm das escolas de mestres livres que atuavam junto às escolas episcopais sob a tutela da Igreja.

Enfatizamos o debate como um modo no qual os homens de saberes da época elaboravam suas idéias e a transformavam em conhecimento.

Assim, era necessário buscar elementos que servissem de base para os debates e houve um aumento na procura por textos e documentos antigos, onde inicia um processo de

desenvolvimento das traduções, principalmente do grego. Veneza e a Sicília se destacam onde esta última possuía uma civilização baseada no trilinguismo (latim, grego e árabe), tornando-se uma região privilegiada para os tradutores que se interessavam, sobretudo, pelos manuscritos científicos.

Estas obras instigaram os tradutores a tecerem comentários e a produzirem suas próprias obras. Os estudantes passaram a contar com textos em sua própria língua e a universidade se afirma como espaço de cultura, do trabalho intelectual, da investigação e da formação. O *lectio* não é uma simples repetição de sons, palavras e frases, é um ato de criação, um ato do intelecto.

Institui-se a escolástica, que tem por base a gramática e se alimenta de textos. É, ao mesmo tempo, uma forma e um método de investigação, que envolve o estudo, a interrogação sobre o sentido dos termos, das sentenças e dos textos e, com o auxílio da dialética, problematiza, questiona e produz novos conhecimentos.

Então, Le Goff conclui que:

O intelectual universitário nasce a partir do momento em que “põe em questão” o texto que passa a ser apenas um suporte: nasce a partir do momento em que de passivo se torna ativo. O mestre deixa de ser um exegeta para ser um pensador. Apresenta soluções, cria. A conclusão que retira da *questio*, a *determinatio*, é fruto da sua reflexão. (LE GOFF, 1984, p. 94).

Universidade surge da palavra *universitas* que tem como significado, corporação. No século XII tal organização de ensino foi denominada *Studium Generale* (Estudos Gerais) e no século seguinte *Universitas Magistrorum et Sclarium* ou *Universitas Studii*. De acordo com Verger, “*studium* significava estabelecimento de ensino superior, *universitas* designava a organização corporativa que fazia funcionar o *studium* e garantia sua autonomia.” (VERGER, 1990, p. 48).

Entretanto, não se pode alegar o fato das universidades surgirem da união das escolas existentes, pois cada uma, naquele momento, surge de propostas diferentes, como no

caso da Universidade de Paris, formada por associações de mestres, e da Universidade de Bolonha, onde os estudantes estavam à frente sem a presença dos mestres.

Outro fator que não pode ser descartado é que não se pode entender o surgimento destas instituições sem considerar os acontecimentos sociais decorrentes de

[...] disputas entre os poderes laicos e os eclesiásticos e aqueles entre os habitantes das comunas e os privilégios dados aos homens que se dedicavam ao saber, as disputas pelas cartas de liberdade, enfim, os diferentes conflitos marcados nesse período. (SALOMÃO, 2011, p.5).

Verger (1990) define três origens distintas para as Universidades medievais: 1) as espontâneas que nasceram do desenvolvimento de escolas já existentes como a de Paris, Bolonha e Oxford; 2) as que são oriundas de migrações de mestres e alunos, por vezes devido a questões de proteção e aceitabilidade das autoridades e da população. Aqui, devido às secessões de universidades existentes; 3) as universidades criadas em função de estreitas relações de poder como, no caso, pelo Papa ou pelo Imperador. Esta última, desde sua criação, recebia uma “carta de fundação” que definia seus estatutos e privilégios, consolidando as bases teóricas de sustentação de seu poder.

Esta relação da universidade com o poder demonstra a importância que os intelectuais assumiam na sociedade, pois são elementos no campo do saber, mas também no âmbito da autoridade.

Nos séculos XIV e XV, o humanismo toma forma, espalhando-se pela Europa e a escolástica começa a perder seu caráter intelectual, sendo considerada pelos humanistas uma mera repetição de sons, palavras e frases. Este movimento apresenta um novo ideal ao qual o homem se torna figura central, devendo desenvolver a sua capacidade de forma equilibrada, necessitando de uma formação baseada na leitura dos clássicos gregos e latinos, com o objetivo de uma humanidade com valores universais elaborados e produzidos pela Antiguidade.

Este período representa, também, uma nova concepção de estudante e universidade. O humanismo representou um movimento voltado para parte da sociedade e não para um conjunto, onde o ensino gratuito diminuiu e a universidade passou a atender os estudantes de maior poder aquisitivo, constituído por um grupo privilegiado.

Podemos considerar que a universidade se instituiu como espaço do saber, de integração de pessoas e onde foram desenhadas as nossas identidades sociais e científicas. Esta breve introdução nos leva a outros aspectos que dizem respeito à estrutura e filosofia interna das instituições.

1.2. As concepções estruturais da Universidade

Para que se entenda a atual estrutura universitária brasileira, faz-se necessário buscar nas concepções basilares este fundamento. Nesta análise, há espaço para a reflexão sob dois olhares: as questões políticas e de poder sobre a educação, bem como suas transformações ao longo do tempo e o papel do educador dentro destas estruturas, ou seja, progresso e educação.

As universidades não seguem um modelo único e, a partir do século XVII, se colocam à mercê das relações entre Universidade, Ciência e Estado. A universidade napoleônica avança na concepção medieval e renascentista e se organiza subordinada ao Estado, sendo o fim do monopólio corporativo dos professores. Fundada por Napoleão, a Universidade Imperial era subdividida em Academias, encarregada do ensino público em todo Império. Esta estrutura foi eficiente na formação profissional. Entretanto, não havia espaço para a pesquisa, sendo meramente uma forma de criar quadros técnicos e políticos. Este modelo se estendeu aos Países Baixos e à Itália.

Para Trindade (2000, p 3.)

mudaram os paradigmas científicos como a interação com o estado e a sociedade, a partir de sua eficácia em termos econômicos e militares. Da

mesma forma, as universidades, inseridas na produção científica e tecnológica para o mercado ou para o Estado, ficaram submetidas a lógicas que afetaram substancialmente sua autonomia acadêmico-científica tradicional.

O modelo alemão enfatiza a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e formação, sendo contrário ao modelo francês onde a pesquisa não é tarefa primordial, havendo a dissociação entre a universidade e instituições voltadas para pesquisa e a formação de alto nível. Neste sentido, os modelos apresentam-se diferenciados com relação à autonomia pois apesar de ambas serem mantidas pelo Estado, a alemã conservou seu caráter corporativo e deliberativo, obtendo liberdade de ensino e pesquisa, enquanto a francesa menos poder frente ao Estado e sua ideologia.

Os dois modelos apresentados influenciaram instituições no mundo todo. A concepção napoleônica influenciou o ensino superior no Brasil, sendo sua proposta a base para a criação da Universidade do Rio de Janeiro, hoje UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por sua vez, o modelo humboldtiano inspirou a concepção da USP – Universidade de São Paulo, sendo assim uma instituição ‘voltada para a pesquisa’ (PAULA, 2009). Estes dois modelos são, mais tarde, influenciados pela proposta norte-americana que tem na departamentalização e curricularização sua base, sendo ancorada na Reforma de 1968.

Desta forma,

[...] em síntese, conhecimento e poder se interpenetram na sociedade contemporânea em todos os níveis, da esfera pública ao mercado, recolocando o problema do público nas universidades e afetando sua “missão social”. Esta questão, além de interferir na lógica da produção do conhecimento e suas formas de aplicação legítimas em benefício da sociedade, coloca também para a comunidade universitária e seus dirigentes uma questão central de natureza ética: uma instituição pública não pode se deixar dominar pela lógica do mercado ou do poder. Esta é a questão que está no centro do conceito de autonomia universitária, mesmo que historicamente ele tenha se transformado nas diferentes etapas da evolução da sociedade em relação a sua forma medieval originária. (TRINDADE, 2000, p 5)

O modelo americano procura associar os aspectos de ensino e pesquisa (idéias) aos serviços (funcionais), adotando uma forma empresarial com objetivo de atender os interesses do setor produtivo do Estado e da sociedade produzindo especialistas, onde o ideal alemão é substituído pela racionalização instrumental e a fragmentação do trabalho do intelectual.

Entretanto, as universidades brasileiras tiveram as suas estruturas internas modificadas por uma sequência de fatos a partir de 1968.

1.3 A Reforma Universitária de 1968

A década de 60 foi marcada por grandes modificações tanto políticas quanto educacionais. Foi um período caracterizado por guerrilhas urbanas com base em movimentos estudantis, repressão governamental e controle das atividades políticas nas Universidades. Com o crescimento tanto da população quanto econômico, aumentava o número de estudantes que pretendiam cursar uma universidade, assim como a criação de postos de trabalho, demonstrando a impossibilidade de manter o sistema. A partir deste quadro, o governo, neste caso o militar, foi pressionado a formular uma política e em 1968 foi promulgada a Lei 5.540/68 que propunha uma profunda reorganização no sistema de Educação Superior.

Ao contrário do que vinha sendo proposto, no período populista, de ter uma discussão pública visando construir uma universidade crítica de si mesma e da sociedade, a política educacional foi confiada a um pequeno grupo. O governo encomendou estudos como o elaborado pelo professor norte-americano Rudolph Atcon, o Relatório Meira Mattos e o Relatório da equipe de Assessoria do Ensino Superior (sendo uma comissão integrada de professores americanos e brasileiros). Foram assinados os acordos denominados “Acordos MEC-USAID” (Ministério da Educação e Cultura – *United States Agency for International Development*).

A reformulação do ensino superior deveria pautar-se pela racionalização dos recursos e pelo princípio da flexibilidade estrutural. Sob a ótica da organização, a reforma possuía

elementos extraídos das universidades norte-americanas: os departamentos suprimiram o sistema de cátedras; os créditos eliminaram os programas de cursos seriados e anuais; institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação; foram criados os programas de pós-graduação com seus graus de mestrado e doutorado e foi introduzido o ciclo básico. Todas as instituições deveriam seguir este modelo.

Naquele momento, as autoridades educacionais criaram condições orçamentárias e legais para contratação de professores. Com a expansão das universidades e introdução de cursos novos, havia a necessidade de contratação em tempo integral e alguns professores que trabalhavam em horário parcial passaram para o regime integral, porém sem terem melhorado suas qualificações acadêmicas.

Seguindo a lógica, com a reforma houve aumento de pedidos de inscrição, inclusive de novos grupos sociais (mulheres e idosos) e as autoridades responderam à pressão permitindo que instituições particulares de ensino superior proliferassem sem muito controle de qualidade, se afastando cada vez mais do modelo de universidade de pesquisa.

O ensino superior privado, anterior à reforma de 1968, se organizou de maneira próxima ao ensino público. Possuíam um caráter semi-estatal onde as Universidades Católicas permaneceram dependentes do financiamento do setor público para sustentar suas atividades (MARTINS, 2008). A estrutura que surgiu a partir desta demanda, tendia a ser qualitativamente distinto do que existia anteriormente. “Tratando-se de outro sistema em termos de natureza e objetivos, estruturado nos moldes de empresas educacionais” (*op cit*, 2008, p. 3), este subverteu a concepção que se ancorava na busca da articulação entre ensino e pesquisa, na autonomia acadêmica do docente. Vale destacar que o ensino nas Universidades Católicas não tinham como objetivo sua expansão para atender a demanda, conservando-se como uma universidade voltada para o atendimento às elites locais.

Com característica utilitarista, a reforma se inspirou no estabelecimento de uma relação direta entre educação e sistema produtivo, formando mão de obra e consumidores.

De Paula acrescenta:

A idéia de racionalização foi o princípio básico da Reforma de 68, dela derivando as demais diretrizes, todas embasadas em categorias próprias da linguagem tecnicista e empresarial: eficiência, eficácia, produtividade, etc. Isto porque o processo educacional foi associado à produção de uma mercadoria que, como todo processo econômico, implicava em um custo e um benefício. (De PAULA, 2002, p. 12)

Ancorado na questão do desenvolvimento socioeconômico nacional, motivado pelas possibilidades de um setor em expansão e entendido como um campo de profissionalização foi criado, em 1971, o primeiro curso superior de Turismo no Brasil.

Barreto (2004) aponta que naquele momento, havia uma perseguição aos “cursos pensantes” que poderiam contrariar a proposta do governo e, assim, eram incentivados os que de certa forma promoviam a tecnologia e um entendimento superficial da sociedade.

Assim houve, naquele momento um incentivo do governo em criar o curso onde são apontadas três condicionantes favoráveis a sua criação: a criação, em 1966, da EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo² - e o investimento na melhoria da infra-estrutura turística com a criação do Fundo de Investimento, apontando para a necessidade de formar mão de obra qualificada; a expansão do ensino superior privado e a valorização do lazer.

Era “[...] um novo curso para um país promissor [...] o país do futuro encontrava a profissão do futuro.” como aponta Trigo (2000, p.245). Entretanto, contrariando, de alguma forma esta lógica, foram criados nos anos subseqüentes cursos em instituições católicas e também na USP, em 1973, através de uma solicitação da Confederação Nacional do Comércio com o apoio do então Ministro da Educação, Jarbas Passarinho. A criação do curso na USP é justificada como uma oportunidade de diversificar as atividades da Universidade.

² A Embratur foi criada pelo decreto-lei nº 55, de 18 de novembro de 1966.

Sobre a estrutura curricular Catramby (2004) descreve que:

Com relação ao currículo, Matias (2002:13-19) esclarece a trajetória burocrática de implementação do currículo mínimo do curso de Turismo que acontece com a criação do curso através da Resolução s/n. de 28 de janeiro de 1971, que fixa os conteúdos mínimos e duração do curso. Posteriormente uma nova proposta foi apresentada pela Comissão de Currículos e Programas do III Embetur, em 1981, cujo teor propõe a elaboração de um novo currículo com habilitações. Esta proposta foi encaminhada ao Conselho Federal de Educação (CFE), que solicitou a Embratur que opinasse sobre o assunto. A empresa decidiu, então, buscar a apreciação de empresários, alunos e egressos dos cursos como também as instituições de ensino. Ficou estabelecido que seria mantido o exposto no Parecer 35/71, com a sugestão de um currículo mínimo constituído de matérias básicas e profissionais, sendo estas voltadas para habilitações optativas. Em 1995, a Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (ABBTUR/Nacional) apresenta uma nova proposta com um currículo mínimo composto de um tronco comum e disciplinas diversificadas em função das ênfases, como, também, por disciplinas e matérias eletivas. No segundo semestre de 1996, a ABBTUR, em conjunto com a Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria (ABDETH) apresentaram uma nova proposta que foi encaminhada ao Conselho Nacional de Educação (CNE) tendo sua implantação obrigatória a partir de 1998. Esta última proposta apresenta como carga horária mínima 3.000 horas/aula com um tempo de duração de quatro anos tendo de ser concluído em no máximo sete. (CATRAMBY, 2004, p. 26 e 27)³

Há críticas em relação à formação superior em Turismo e a falta de foco específico nos diferentes níveis aponta para uma dificuldade em interpretar suas diferenças e aqui abordamos o ensino técnico, tecnológico e o bacharelado. Por terem sido criados em ambientes onde a pesquisa não era priorizada, percebemos que no nível superior não se tem dado a devida consideração à pesquisa científica e à consciência crítica dos alunos.

Trigo (2002, p. 20) destaca que

[...] algumas pessoas criticam os cursos afirmando que são muito “teóricos” e pouco ligados ao “mercado”. Eu tenho uma análise oposta como educador. Os cursos mais operacionais, ou seja, mais práticos ligados ao “mercado” devem ser cursos técnicos, seqüenciais e tecnológicos. Os cursos de bacharelado devem ser teóricos mesmo e penso que nossos alunos precisam ler muito mais. O bacharelado pretende dar condições iniciais para que o profissional tenha uma visão estratégica do fenômeno turístico, possa fazer um planejamento articulado e sustentável, tenha condições de exercer um trabalho de gestão e uma postura crítica e reflexiva sobre a área. Em síntese,

³ A partir desta proposta foram elaboradas as Diretrizes Curriculares de Turismo e Hotelaria onde constam, deste documento, o perfil do egresso (comum e específico), competências e habilidades, duração do curso, estágio e atividades complementares (articulação teoria-prática) e o reconhecimento de habilidades e competências extra-escolares como visitas técnicas, participação em eventos, trabalhos interdisciplinares e outros.

um embasamento teórico sólido é fundamental. O conteúdo dos cursos de turismo baseia-se no tripé ciências humanas, disciplinas de gestão e disciplinas específicas. Não existe (ou não deveria existir) uma dicotomia entre teoria e prática na universidade, mas um trabalho que garanta maturidade e conhecimento ao futuro profissional. (...) É preciso que os cursos de bacharelado em turismo exijam mais teoria de seus alunos para que justifiquem os quatro anos de aprendizagem e o título de “bacharel em turismo” ou “turismólogo. [grifo nosso]”

Não é o propósito deste trabalho discutir o lugar da formação em Turismo, mas não se pode deixar de apontar para esta dificuldade de entendimento tanto por parte da academia quanto do mercado de trabalho, a respeito das habilidades e competências do profissional com esta formação.

Propostas recentes mudam o panorama nacional da formação com proposições de redução de carga horária assim como a diversificação na própria formação. Suas bases são apresentadas a seguir.

1.4 – O Processo de Bolonha e a Universidade Nova

Em 1997, é iniciada a estruturação do Processo de Bolonha, que sob uma ótica econômica, de competição interblocos – União Européia *versus* Estados Unidos, propõem unificar os sistemas de formação superior, principalmente do “terceiro mundo”, América Latina, Ásia e África. Pela multiplicidade de sistemas nacionais, a proposta seria criar um sistema de graus comparáveis e compreensíveis tanto para estudantes quanto empregadores, sendo uma estrutura de graus em dois ciclos principais (graduação e pós-graduação). O primeiro ciclo seria relevante para o mercado de trabalho e o segundo acessível após a conclusão do primeiro, possibilitando o ingresso em mestrados e doutorados. Seu fundamento é um sistema uniforme de créditos de ensino, mecanismos de cooperação entre instituições onde há prazos, para de forma autônoma, irem se adaptando ao novo modelo.

Sobre este aspecto, salientamos a fala de Lenoir (2000)⁴, que diz:

A história nos mostra abundantemente que a liberdade humana não se recebe, se conquista. No plano universitário, antes que se derramar num romantismo nostálgico ou aceitar beatamente as orientações instrumentalistas, cabe aos universitários e aos pesquisadores da educação assumir sua responsabilidade crítica como intelectuais, mesmo se esse termo é por vezes considerado hoje como uma tara social.

Faz-se necessário atentar para o fato de que a Universidade, uma instituição multi-secular, objeto muitas vezes de generalizações em termos de sua organização, apesar de manter elementos constantes em seu processo, absorve as especificidades culturais, políticas e econômicas, assim como diferentes relações com o Estado, consideravelmente plurais.

A proposta nos leva a questionar a redução de autonomia com a indicação de uma política supranacional para educação superior. Aparentemente o que acontece é o deslocamento da participação dos educadores envolvidos por “*stakeholders* altamente organizados e institucionalizados; à emergência de novas tecnoestruturas e especialistas (gestores, grupos de missão, peritos e avaliadores profissionais etc)” (LIMA *et al*, 2008, p.5) com o discurso de que são “boas práticas”.

Não cabe neste trabalho questionar a validade ou não da proposta, pois o que pretendemos é demonstrar que, mais uma vez, de alguma forma, as políticas educacionais brasileiras são influenciadas por medidas elaboradas fora do país. Neste caso, nos referimos à proposta denominada “Universidade Nova”⁵.

Esta proposta consiste, basicamente, em implementar três ciclos, a saber:

- **Primeiro ciclo** – Bacharelado Interdisciplinar (BI), propiciando uma formação universitária geral, sendo pré-requisito para progressão aos ciclos que se seguem.

⁴ Fala na abertura do Congresso da Associação Mundial de Ciências da Educação (AMSE), em Montreal, Canadá, em 6 de julho de 2000.

⁵ Na região sudeste a UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora implementou esta proposta.

- **Segundo ciclo** – Formação profissional em licenciatura ou carreiras específicas.
- **Terceiro ciclo** – Formação acadêmica científica, a pós-graduação.

São três as áreas do BI, em Artes (BA), em Humanidades (BH) e Ciências (BC). Esta estrutura coincide com o proposto pelo Processo de Bolonha e nos lembra a estrutura americana dos *Undergraduate Colleges* onde os alunos têm acesso depois aos mestrados e doutorados, definidores de profissões.

Os cursos de Turismo sofreram na década de 2000 mudanças em sua carga horária propiciando a criação de cursos tecnológicos, muitos com base na proposta apresentada. Bacharelados oferecidos por instituições particulares optaram pela redução da carga horária, sendo hoje mais comum termos a formação de carga completa (bacharelado e licenciatura) em instituições públicas.

Questionamos, mais uma vez, os fundamentos universitários dentro de uma proposta de ser o espaço para uma transformação cultural. O modelo Humboldtiano volta à tona, apontando para a necessidade de associar ensino e pesquisa e esta ser responsável por reformular o conhecimento que iria ensinar.

Nosso olhar, deste ponto em diante, se volta para outra etapa da formação, a pós-graduação a pesquisa na área de Turismo e o processo de produção do conhecimento na área.

1.5 A pós-graduação no Brasil

Os programas de pós-graduação seguiram o curso natural quando da implantação da Universidade no Brasil. Entretanto, foi na década de 1960 que sua estrutura foi definida e, em seguida, foram implementados os modelos de avaliação hoje propostos.

Apesar de argumentar sobre a falta de recursos, o governo militar não deixou de investir em sua política de desenvolvimento científico-tecnológico com vistas à formação de recursos humanos mais qualificados. Organismos como o BNDES – Banco Nacional de

Desenvolvimento e a FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos - passaram a fornecer auxílios às instituições públicas por meio do Fundo de Desenvolvimento Técnico-científico, este criado em 1964, que proporcionou a instalação de programas de pós-graduação. A partir desta iniciativa foram construídos novos campi, laboratórios e institucionalizada a carreira docente e com este encaminhamento estruturou-se um modelo seletivo de universidade tanto no plano social, com alunos dotados de um relativo capital econômico e cultural, quanto acadêmico, com a proposta de um elevado padrão de qualidade e onde a pós-graduação tem papel central com a associação entre ensino e extensão.

O modelo de pós-graduação, na verdade, é híbrido, tendo sua estrutura nos padrões americanos, porém sua proposta de formação confere um peso maior à fundamentação teórica em seus resultados finais, teses e dissertações, onde difere do americano que se preocupa com a metodologia aplicada e seus resultados.

Nos anos subseqüentes, o ensino superior se estruturou como um espaço heterogêneo onde as instituições ocuparam posições de dominantes e/ou dominadas por conta de critérios que definem seu prestígio e reconhecimento, podendo-se pensar em um processo que propõe uma hierarquização acadêmica.

Dentro deste panorama, instituições públicas e privadas estruturam-se para atender a um sistema de avaliação interna de seu desempenho onde se valoriza o modelo e acontece a associação entre ensino e pesquisa, o *Modelo Capes de Avaliação*.

As universidades públicas, sob a acusação de serem improdutivas, são permanentemente conduzidas a prestar conta de sua produtividade, tanto no âmbito do ensino quanto da pesquisa e da extensão. Com esta finalidade, foram desenvolvidos mecanismos de avaliação na tentativa de inserir as universidades na lógica do capital.

Conhecimento e poder se entrelaçam em todos os níveis, recolocando o problema do público nas universidades e afetam a sua missão social, além de interferir na lógica da produção do conhecimento e sua aplicação em benefício da sociedade, levando a uma questão ética onde uma instituição pública não pode se deixar dominar pela lógica do mercado ou do poder. Esta questão relaciona-se ao conceito de autonomia universitária,

mesmo tendo passado por metamorfoses em diferentes etapas em relação a sua forma medieval originária.

A CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, foi criada em 11 de julho de 1951, pelo decreto nº 29.741, então denominada Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, com o objetivo de “garantir a existência de pessoal especializado para atender às necessidades de empreendimentos, tanto públicos quanto privados, visando o desenvolvimento do país” (CAPES, 2010).

A instituição iniciou o processo de avaliação dos programas de pós-graduação em 1976 e, apesar de ser uma determinação legal, a avaliação constitui-se em uma ferramenta para balizar o fomento, tanto por agências brasileiras, quanto aos organismos internacionais. São objetivos deste processo (CAPES, 2010):

- Estabelecer o padrão de qualidade exigido dos cursos de mestrado e de doutorado e identificar os cursos que atendem a tal padrão;
- Fundamentar, nos termos da legislação em vigor, os pareceres do Conselho Nacional de Educação sobre autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos de mestrado e doutorado brasileiros - exigência legal para que estes possam expedir diplomas com validade nacional reconhecida pelo Ministério da Educação, MEC;
- Impulsionar a evolução de todo o Sistema Nacional de Pós-graduação, SNPG, e de cada programa em particular, antepondo-lhes metas e desafios que expressam os avanços da ciência e tecnologia na atualidade e o aumento da competência nacional nesse campo;
- Contribuir para o aprimoramento de cada programa de pós-graduação, assegurando-lhe o parecer criterioso de uma comissão de consultores sobre os pontos fracos e fortes de seu projeto e de seu desempenho e uma referência sobre o estágio de desenvolvimento em que se encontra;
- Contribuir para o aumento da eficiência dos programas no atendimento das necessidades nacionais e regionais de formação de recursos humanos de alto nível;
- Dotar o país de um eficiente banco de dados sobre a situação e evolução da pós-graduação;

- Oferecer subsídios para a definição da política de desenvolvimento da pós-graduação e para a fundamentação de decisões sobre as ações de fomento dos órgãos governamentais na pesquisa e pós-graduação.

A avaliação consiste em dois processos: Avaliação de Programas de Pós-graduação e Avaliação de Cursos Novos. Anualmente é realizado um acompanhamento dos programas e a cada triênio uma avaliação de desempenho onde são atribuídas notas em escala de “1” a “5” e “6” e “7” para programas que atingem destaque em alguns quesitos, concedendo assim a renovação de reconhecimento que vigorará no triênio subsequente.

As informações anuais que são enviadas para a CAPES possibilitam a elaboração de cadernos de indicadores que compõem os relatórios que são utilizados no processo de avaliação. Os cadernos são compostos pelos seguintes indicadores: PT - Produção Técnica; TE - Teses e Dissertações; PB - Produção Bibliográfica; DI – Disciplinas; PA - Produção Artística; CD - Corpo Docente, Vínculo Formação; PO - Proposta do Programa; LP - Linhas de Pesquisa; PP - Projetos de Pesquisa; DP - Docente Produção; DA - Docente Atuação.

Com estas informações os Comitês de Área, que são compostos por docentes, elaboram os documentos da referida área, analisando os seguintes quesitos: Proposta do Programa; Corpo Docente; Corpo Discente, Teses e Dissertações; Produção Intelectual; Inserção Social. Os valores atribuídos a cada quesito podem variar de uma área de conhecimento para outra, assim como os pontos atribuídos para a área Multidisciplinar, que difere das demais por suas próprias características.

Este modelo de avaliação tem sido foco de debates em todas as áreas de conhecimento, principalmente no que se refere aos indicadores de produtividade impetrados por este sistema. Este aspecto tem sido questionado no mundo todo onde vemos atualmente se expandir o movimento *slow science*⁶ que contrapõem a quantofrenia propostas pelo modelo atual de avaliação.

⁶ Movimento que teve início na França e se espalha pelo mundo reivindicando mudanças no sistema de produtividade acadêmica. Para maiores informações sobre este movimento verificar no site http://slowscience.fr/?page_id=43

Sendo

[..] o significado da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, hoje, é quase exclusivamente definido pela visão oficial, que decorre cada vez mais da reiterada aplicação do *Modelo Capes de Avaliação*. Este por seu turno, se define, sobretudo, como um conjunto de procedimentos de regulação, controle e *acreditação* próprio de uma agência oficial, no caso também, agência de fomento, que, de modo *sui generis*, vincula a tais procedimentos – ditos de avaliação – a distribuição aos programas dos recursos financeiros que dispõe. (SGUISSARD, 2008, p.137)

Ainda, “Por outro lado, além da crescente importância que se atribui a metas quantitativas de publicações, cresce o valor atribuído a metas de *impacto*, isto é, aquelas mensuráveis por índices internacionais de citações.” (*idem*, 2008, p.136). Assim como “[...] não se costuma fazer menção ao fato de que o impacto, medido pelo volume de citações, não é necessariamente uma medida de qualidade ou de pertinência do produto científico às necessidades universais ou locais.” (*idem*, 2008, p.136)

Os fatores apontados sinalizam para outra lógica impetrada na universidade, distinta da que discorremos no início deste texto. As relações entre alunos e mestres são medidas numericamente com o objetivo de atender a padrões internacionais.

1.6 A pós-graduação em Turismo

Sendo o primeiro curso superior criado na década de 70, subsequentemente surgem os primeiros trabalhos em nível de pós-graduação. Em pesquisa realizada por Rejowski (2008), o primeiro trabalho foi defendido em 1980, na Fundação Getúlio Vargas – RJ, no Programa de pós-graduação em Economia. Trata-se de um trabalho isolado pois na instituição, na época, na havia linha específica ou disciplina que se aborda o tema.

Momm (2009) aponta que o desenvolvimento de trabalhos mais específicos surge na USP, na Escola de Comunicação e Artes, quando em 1982 o Programa de Ciências da Comunicação cria uma linha de pesquisa em Turismo e Lazer, na área de concentração

Relações Públicas, Propaganda e Turismo, onde no mesmo ano foi ofertada uma disciplina na área. O primeiro curso *stricto sensu* específico foi criado em 1993 na mesma instituição e Escola onde funcionou até 2000, quando a linha de pesquisa foi desativada definitivamente, segundo Rejowski (2009)⁷.

No Brasil, temos hoje seis programas avaliados dentro da grande área: Ciências Sociais Aplicadas e área: Turismo, a saber:

Instituição	Programa	Tipo	Início	Nota
Universidade Estadual do Ceará–UECE	Gestão de Negócios Turísticos	F*	2000	3
Universidade Anhembi Morumbi	Hospitalidade	M	2001	3
Universidade Nacional de Brasília–UNB	Turismo	M	2008	3
Universidade Federal do Rio Grande do Norte–UFRN	Turismo	M	2008	3
Universidade do Vale do Itajaí–UNIVALI	Turismo e Hotelaria	M	1997	5
Universidade de Caxias do Sul–UCS	Turismo	M	2000	3

Quadro 1 – Programas de Mestrado em Turismo recomendados pela CAPES.

Fonte: site da CAPES (2011).

*F – sigla para Mestrado Profissional, segundo a CAPES.

A produção científica em Turismo, nos programas específicos e em outros programas, apresenta-se bastante incipiente, sendo este tema abordado posteriormente neste trabalho.

Neste capítulo “abrimos a janela”, no sentido de que buscamos apresentar a estrutura universitária desde seus primórdios e o papel desempenhado por seus atores e, em específico, o do professor em um contexto de diálogo para produção do conhecimento.

Algumas diretrizes e políticas educacionais foram descritas como forma de situar o panorama em que foi criado o curso superior de Turismo no Brasil. Na sequência, foram apontados os fatores que levaram ao desenvolvimento da pós-graduação, em específico na área de Turismo, sendo este o foco específico de interesse deste trabalho.

Vale ressaltar que o curso de Turismo sofreu mudanças ao longo dos anos tanto em sua estrutura curricular, atendendo demandas legais, quanto de carga horária, tendo a

⁷ Não existem registros sobre a pós-graduação em Turismo. Encontramos apenas o que foi relatado, via e-

maioria das instituições optado em transformar seus cursos de bacharelado em cursos tecnológicos. Não é nossa proposta discutir tal situação e sim como se dá a produção do conhecimento e como reflete no ensino e na extensão.

No próximo capítulo descreveremos um panorama do estudo do Turismo, abordando os olhares sobre a sua multidisciplinaridade e complexidade.

CAPÍTULO 2

O encontro – as relações e o diálogo na produção do conhecimento em Turismo

No capítulo anterior, abordamos a criação da Universidade e suas mudanças e, a todo momento, nos deparamos com uma questão única e simples: é neste espaço que acontece o *encontro*. Nos referimos aos mestres que tiveram acesso a textos e os decodificaram transformando em conhecimento, ao *disputatio* onde a partir de um debate entre mestres e alunos também se dava a elaboração de novos conhecimentos.

Em outro momento, mencionamos a pós-graduação que dentro da estrutura universitária atual constitui-se no espaço da pesquisa e produção do conhecimento, tendo o *encontro* de orientadores e orientandos a sua referência.

O texto “*A teoria vivida: reflexões sobre a orientação em antropologia*”, de Mariza Peirano (2006), aborda a questão do relacionamento entre orientadores e orientandos cujo modo de relação pode vir a criar “linhagens intelectuais”. Diante do exposto anteriormente, sobre a trajetória de criação da Universidade e o papel do intelectual no ensino e na pesquisa, iniciamos uma reflexão baseada nas formas de *relações* e *diálogos* que acontecem no processo de produção do conhecimento, mais especificamente, no estudo do Turismo sob o entendimento que este se apresenta como um fenômeno *complexo*.

2.1 O estudo do Turismo e sua complexidade

Neste contexto de metamorfose da estrutura universitária, surgem os primeiros cursos de Turismo e paralelamente os estudos e pesquisas na área, tanto no mundo quanto no

Brasil. Segundo Barreto (2003), a primeira definição de Turismo foi elaborada em 1911 pelo economista Hermamm Von Schullern zu Schattenhofen onde o “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (*op cit*, p. 9). Seguindo a lógica econômica, em 1929 surgiram as definições da Escola Berlinesa e também da Escola Polonesa. Todas as acepções tratam do movimento de pessoas (turistas) e seus impactos. Atualmente, a definição formal, utilizada principalmente para fins estatísticos, é apresentada pela OMT – Organização Mundial do Turismo

Turismo é o conjunto de atividades praticadas pelos indivíduos durante as suas viagens e permanência em locais situados fora do seu ambiente habitual, por um período contínuo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros. (OMT, 2011).

Independentemente das múltiplas definições dadas ao Turismo, que demonstram ser na sua compreensão uma área complexa, a construção de conhecimento tem como necessidade básica a incorporação de teorias e conceitos de diferentes campos afins para, assim, compor as bases de reflexão, já que as competências ecléticas é que contribuem para a construção e produção do conhecimento. Essa diversidade, de enfoques que são atribuídos por outras áreas, e a diversidade de direcionamentos que são dotados ao objeto de estudo é que fazem com que o Turismo tenha um intenso grau de complexidade.

Com esse entendimento, inicia-se um aprofundamento no que se refere ao atual estágio do conhecimento em Turismo, como esse conhecimento vem sendo socializado e a forma como tem sido abordado, assim como questões sobre o que vem a ser o objeto de estudo deste campo.

Em vários textos, livros e artigos, autores utilizam o termo fenômeno complexo, mas o que podemos concluir sobre complexidade e assim atribuir este adjetivo ao Turismo enquanto fenômeno? Turismo é na verdade um fenômeno, na essência de sua definição, ou simplesmente uma atividade econômica? Por questões de análise do estudo, este

último representa uma forma reducionista de se observar o Turismo, que tanto interfere no social quanto no ecológico e em tantas outras esferas relacionais.

Neste sentido, encontram-se trabalhos científicos e artigos, tanto no Brasil quanto no exterior, que medem quantitativamente a produção de mestrados e doutorados, publicações e seus impactos, como forma aparente de fazer valer o modo de produção. Fica assim subentendido que quanto mais se produz mais próximo se está do entendimento deste contexto sem ao menos nos atermos aos seus fundamentos.

Entretanto, qual é o objeto de estudo do Turismo? Qual seria a melhor forma de estudar o Turismo? Estas questões têm sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, podendo-se destacar: Jafari e Ritchie (1981), Jafari (1994), Sheldon (1991), Leiper (1981), Tribe (1997, 2009), Jafari e Aaser (1998), onde através do levantamento e análise da produção de teses, dissertações e artigos publicados, além de reflexões sobre o estudo, têm tentado responder esta questão. No Brasil, destacamos o trabalho de Rejowski (1998 e 2007), Sakata (2002), Gomes (2004), Bertuzzo (2004). Momm (2009) e a análise de Ouriques (2005), bem como a proposta de leitura do estudo sob a ótica da filosofia de Panosso Netto (2006).

Jafari (1994) apresenta uma proposta de divisão em fases e tendências da produção do conhecimento que este denomina de plataformas. Este estudo foi atualizado em 2005, sendo incluída mais uma plataforma (JAFARI, p. 42). Assim se configuram:

- **Plataforma de Defesa** – valorizava os pontos positivos gerados pelo Turismo, principalmente os aspectos econômicos. Afirmava que o Turismo traria benefícios como: emprego, renda, e destacava o efeito multiplicador do Turismo.
- **Plataforma da Advertência** – enfatizava os aspectos negativos gerados pelo Turismo, como a inflação, o desemprego (causado pela sazonalidade da atividade turística), além da poluição e o desenvolvimento desigual.
- **Plataforma da Adaptação** – período em que todos os aspectos positivos e negativos do Turismo já eram conhecidos, sendo um momento de escolha de quais formas de Turismo utilizar. Esta plataforma favoreceu aquelas formas de Turismo que levam em conta as necessidades da comunidade local, além das dos turistas.

- **Plataforma do Conhecimento** – baseada no estudo do fenômeno turístico, caracteriza-se por um momento em que foi gerado conhecimento no estudo turístico, já que muitas universidades começam a estudar esse tema. Nesta ocasião, surgiram encontros acadêmicos, periódicos e livros de Turismo, iniciando-se a utilização da abordagem multidisciplinar do Turismo.

Como citado anteriormente, uma nova plataforma foi acrescentada ao seu estudo:

- **Plataforma Pública** – foi uma fase onde o Turismo passou a ser discutido por um público não especializado, devido aos atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos e de 11 de março de 2003, na Indonésia, e a pneumonia asiática (SARS). A Organização Mundial do Turismo (OMT) passou a ser uma agência das Nações Unidas (ONU), proporcionando uma maior importância para a atividade turística.

Ouriques (2005) realiza um trabalho interessante onde identifica quatro linhas de interpretação do Turismo, através da análise de livros publicados sobre o tema, tanto nacionais quanto internacionais, denominando-as de correntes, que descreveremos a seguir:

- **Corrente Liberal** – baseia-se no lado econômico do Turismo, analisando o fenômeno através da oferta e da demanda, do efeito multiplicador, dos gastos dos turistas e das receitas e despesas da atividade.
- **Corrente do Planejamento Estatal** – pautada pelo desenvolvimento planejado, por meio do Estado, com a questão ecológica inserida.
- **Corrente Pós-moderna** – fundamenta-se na crítica ao Turismo de massa e pelo elogio à diferenciação do mercado turístico, enfatizando a cultura, o patrimônio histórico e natural.
- **Corrente Crítica** – enfatiza aspectos de consumo e produção destrutivos do Turismo e o estabelecimento de uma relação sustentável entre Turismo e Meio Ambiente.

A última corrente se diferencia das demais por não apresentar uma justificativa ao desenvolvimento do Turismo onde os autores

[...] buscam compreender o fenômeno em sua complexidade, estabelecendo as relações entre lugar, espaço, trabalho, natureza e o capital do ponto de vista anti-sistêmico, e seus escritos mostram um comprometimento com problemas das populações trabalhadoras. (OURIQUES, 2005, p. 88)

Outro autor que realiza análise similar é Panosso Netto (2005), que divide em fases ou abordagens o estudo do Turismo e aponta para uma dificuldade em alocar autores, pois alguns podem estar em uma fase de transição de uma abordagem para outra.

O primeiro grupo identificado por Panosso Netto (*idem*) pertence a Fase Pré-paradigmática, pois foram os primeiros a sugerir uma análise do estudo do Turismo, que serviu de base para outros pesquisadores. Foi um momento em que a teoria estava sendo gerada e sofria com a falta de credibilidade. Podemos citar neste grupo nomes como: Luiz Fernández Fuster, Walter Hunziker, Kraft, Burkart e Medlik. Fuster foi um dos grandes mestres de pesquisadores do Turismo, já que em sua obra “*Teoria Y Técnica do Turismo*” reúne abordagens do Turismo até o início de 1970, tendo o propósito de fazer ligação entre a técnica e a teoria.

Entre a Fase Pré- Paradigmática e a Fase Paradigmática houve uma área de transição de teorias, onde destacam-se autores como Raymundo Cuervo e Wahad, os quais introduziram a idéia de analisar o fenômeno turístico, através da Teoria Geral de Sistemas. De acordo com Panosso Netto (2005), para Cuervo o Turismo é um grande conjunto, com relações, serviços e instalações, em consequência dos deslocamentos humanos. Já Wahab analisa o Turismo como um fenômeno que se refere ao movimento das pessoas. Para este, os elementos principais do sistema são: o homem, o espaço e o tempo (elemento temporal que é consumido pela própria viagem e pela estada no local de destino).

O segundo grupo de autores foi o que criou o paradigma norteador, o Sistema de Turismo. Denominado de Fase Paradigmática, destacam-se pesquisadores como: Neil Leiper, Mario Carlos Beni, Alberto Sessa e Roberto Boullón. A visão sistêmica é a mais utilizada nos estudos na área, já que até o momento é a teoria que melhor se aplica ao estudo do Turismo. Panosso Netto (2005) salienta que Neil Leiper foi o autor que introduziu a Teoria Geral de Sistema no fenômeno turístico. Este acreditava que as definições de Turismo podiam ser divididas em grupos como: holísticas, econômicas e

técnicas, sendo seu sistema turístico composto pelo turista, os elementos geográficos e a indústria turística. Já Alberto Sessa afirmava que a abordagem econômica tem seu aspecto positivo, já que permitiu perceber a impossibilidade de se compreender o Turismo na sua globalidade e unitariedade. Mário Carlos Beni dividiu o sistema turístico em três conjuntos: das Relações Ambientais, da Organização Estrutural e das Ações Operacionais. Segundo Roberto Boullón, o Turismo não era indústria e nem ciência, sendo analisado em três modelos: oferta-demanda, antropológico social e turismo industrial. Por outro lado, Getz fez uma revisão de cerca de 150 modelos de estudo na área e concluiu que se dividem em três grupos básicos: modelos teóricos, processos de planejamento e gerenciamentos e modelos de previsão.

Há uma área de transição entre as teorias onde pesquisas já demonstram propostas mais avançadas, definindo-se como a fase de Novas Abordagens. Nesta área podemos destacar estudiosos como: Alfonso de Jesús Jímenes Martínez, Jost Krippendorf e Sergio Molina. A proposta de análise de Martinez está fundamentada no sistema turístico de Leiper, com alguns avanços. O autor explica que o objetivo do sistema turístico é proporcionar aos turistas as condições propícias para deixarem o entorno habitual em busca de novas experiências, de lugares diferentes comparados a sua moradia. Já Krippendorf não vê o Turismo com característica de um sistema em si, mas como um sistema que está envolvido nas questões do cotidiano. Para o autor, os principais elementos do sistema turístico seriam: a sociedade e seus valores, a economia e sua estrutura, o ambiente e seus recursos e o Estado e sua política. Outro autor dessa área é Sergio Molina que nos apresentou o conceito de Pós-Turismo. Este originou-se em 1990 e constitui-se em um novo paradigma composto pela inovação da tecnologia e os fenômenos culturais e sociais da década.

Nesta fase de Novas Abordagens, Panosso Netto (2005) explica que alguns autores propõem análises para tentar superar o Paradigma-Sistema de Turismo, por meio de reformulação da Teoria Geral dos Sistemas para o Turismo, colocando o homem no centro dessa discussão. Destacam-se autores como: John Tribe, Jafari e Ritchie. Estes últimos propõem uma análise do Turismo mais holística, onde o ponto inicial da discussão para compreensão das viagens é conciliar o turista, seu estado de espírito e o aparato turístico. Já John Tribe (1981) propõe uma teoria que supera a destes autores, onde sugere que exista uma mistura de departamentos e disciplinas na abordagem, ou

seja, sugere que as disciplinas deixem de ser um modo de estudo para ser um objeto a ser estudado.

2.2. A *Relação* e o *diálogo* - fundamentos para a produção do conhecimento

Com a exposição anterior acerca do papel da Universidade, este espaço nos remete aos “atores” principais deste contexto, mestres e alunos. Neste sentido, ilustramos o texto com as palavras de Martin Buber (2001) que, segundo o autor, a verdadeira educação é a dialógica onde “[...] o objetivo primordial da educação é tornar presente a essência de existência: a relação”.

Os pensamentos do filósofo Martin Buber e do educador Paulo Freire convergem quando tratam da relação dialogal na educação, dentro de uma proposta da ontologia da relação ou antropologia filosófica. Estas reflexões são válidas aos seres humanos em formação, pois “buscam captar as sutilezas e os meandros da vida existencial e como isso deve ser trabalhado numa educação humanista” (NETO e BARBOSA, 2005, p.1).

Tanto Buber quanto Freire crêem que a existência humana é fundamentalmente um *diálogo*, o *encontro* entre pessoas compromissadas na busca do sentido da vida em *relação*.

Para Freire (1996), o *diálogo* impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado como homens em sua busca constante de ser mais. Tendo reconhecido sua própria condição de inacabamento, vão ao *encontro* do outro e esta busca deve ser feita com outros seres, que também procuram mais em comunhão com outras consciências.

E para Buber

A *Grundwort* Eu-Tu é o suporte da vida dialógica, na qual o eu é uma pessoa. No Eu-Isso, o eu é um sujeito que se defronta com um objeto. Nesse encontro dialógico, o Eu e o Tu estão presentes frente a frente, em reciprocidade e

simultaneidade. No relacionamento Eu-Isso, a presença do Isso para o Eu não se dá na alteridade. Somente no Eu-Tu o Eu está presente como pessoa e o Tu como o outro. (BUBER, 2001, p.79)

Para este autor, as relações se dão em três esferas: a vida com a natureza, a vida com os homens e a vida com os seres espirituais. Assim estabelecem relações que são do tipo, EU-TU ou EU-ISSO de acordo com as formas que se apresentam. “A relação pode perdurar mesmo quando o homem a quem digo Tu não o percebe em sua experiência, pois o Tu é mais do que aquilo de que o Isso possa estar ciente.” (BUBER, 2001, p.57). Esta frase exprime o sentido de que as experiências ocorrem nos seres e estes se dispõem a manter relações de acordo com sua abertura para uma palavra princípio ou outra.

“Toda vida atual⁸ é encontro” (BUBER, 2001, p. 59) e este encontro se dá na presença no sentido que devesse estar com a mente plena no presente, inteiro, aberto ao outro. Neste movimento o Eu pode estar para o Tu em um momento e em outro este Tu se torna um Isso, onde se pode percebê-lo com outro olhar.

Peirano (2006) aponta para o momento da orientação, desta *relação* não ser um ato isolado, mas que faz parte de um todo maior onde há uma continuidade e expansão do conhecimento, reprodução. Sendo este o elo onde, pesquisadores experenciam uma cumplicidade teórica, o *encontro* e *diálogo* entre pessoas e livros.

2.3 Complexidade e estrutura do um pensamento complexo

“A complexidade é uma palavra problema e não uma palavra solução” (MORIN, 2007, p. 6). Com esta frase atribui-se à palavra uma carga semântica que exprime confusão, desordem e incertezas e assim seu significado não ocupa um lugar na simplicidade.

Na tentativa de se compreender seus meandros faz-se um movimento no caminho para a simplicidade para então, assim, entender o contexto do complexo. Não que a

⁸ Durante as aulas com o Prof. Bartholo este fez referência a tradução que no seu entendimento a palavra atual pode ser melhor expressada por “efetiva”

simplicidade elimine a complexidade, mas esta surge onde este pensamento falha como forma de recusar as suas consequências que mutilam, reduzem. O pensamento complexo não dá conta de uma completude, mas busca articular os pensamentos disjuntivos na busca de um entendimento, mesmo sabendo que não é possível alcançar o conhecimento completo. Fica claro que a tensão entre o simples e o complexo leva a uma proposta de se entender o objeto de estudo não separado de seu contexto, mas em um ambiente de ordem, desordem e organização, sempre em movimento.

A questão paira sobre o modo como organizamos o pensamento, o saber, em um sistema de ideias, teorias, sistemas. Este aspecto está relacionado diretamente com nossa visão de mundo, paradigma, que nos faz rejeitar e aceitar fatos e dados e estes ligados intrinsecamente pelo entorno.

Entretanto, “a preocupação maior da ciência, do cientista, não é a busca de um padrão de racionalidade que dê conta e permita a descoberta do veraz, ou mesmo o ganho de conteúdo empírico. As soluções metodológicas, em última análise, são arbitrárias e parciais, não conseguindo incorporar em suas definições todo espectro de alternativas de que se dispõe.” (SIQUEIRA-BATISTA *et all*, 2005, p. 254).

O pensamento simplificador, a que Morin (2007) se refere, possui limites e assim demonstra carências e insuficiências. A proposta é buscar um modo de pensar ou um método que seja capaz de responder ao desafio onde “a ambição do pensamento complexo é dar conta das articulações entre os campos disciplinares” (op cit, p. 6)

Por condição natural, o processo de busca do conhecimento consiste em separar, hierarquizar e centralizar as informações para assim fazer uma análise do que já foi produzido. Estes processos seguem uma lógica baseada em paradigmas que são princípios supralógicos da organização do pensamento. Temos no paradigma simplificador – disjunção, redução e abstração – a forma de reduzir o complexo ao simples.

Deparamos, cada vez mais, com a especialização onde a disjunção priva a ciência de conhecer a si própria simplesmente por seguir paradigmas hegemônicos de uma comunidade acadêmica.

A complexidade é um tecido construído de elementos heterogêneos que em um vai e vem de análises acaba por apresentar-se como um tecido de ações e interações que constituem o fenômeno. Neste vai e vem de reduzir, hierarquizar chega-se ao elemento base para a percepção do fenômeno, a desintegração ou auto-eco-organização. Assim do paradigma da simplificação para o de distinção/conjunção que permite “distinguir sem disjuntar, de associar sem identificar ou reduzir” (MORIN, 2007, p.15) em um *diálogo* trazendo para si o *Unitas Multiplex*.

Morin (2007) chama atenção para o elo quando na distinção entre um sistema aberto e seu ambiente. Desta forma, aponta para o fenômeno como um sistema onde há mutação proporcionando equilíbrio. Para o autor, o entendimento da complexidade, a aplicação da teoria de sistemas, marca a necessidade de buscar na informação, o entendimento de sua organização.

Nosso entendimento é que a informação se expressa no *encontro*, nas *relações* e no *diálogo* o elo que mantém o sistema complexo de produção do conhecimento na área de Turismo de alguma forma auto-eco-organizado.

Nos próximos capítulos analisaremos o conhecimento produzido em programas de pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro, tomando como base as referências acima pontuadas.

CAPÍTULO 3

Bricolagem: uma proposta metodológica

Como exposto no capítulo anterior, o processo de produção do conhecimento se dá a partir do encontro de mestres e alunos e, no caso do Turismo, este aspecto é mais complexo dado à multidisciplinaridade intrínseca da área.

Percebemos que um único olhar sobre o material levantado - as teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro - não seria suficiente para atingir os objetivos deste trabalho. Um levantamento meramente quantitativo não possibilita entender as nuances de um processo que comparado a um sistema se mostra aberto e com interferências em todos os sentidos.

A bricolagem, como a confecção de uma colcha de retalhos, apresenta a possibilidade de olhares distintos sobre o mesmo objeto e, posteriormente, a análise como uma “costura” possibilita entender o processo de produção de conhecimento a que nos propomos. Desta forma, optamos por esta metodologia que abarca diferentes métodos como os qualitativos e quantitativos.

O pesquisador *bricoleur* “pode assumir imagens múltiplas e marcadas pelo gênero: cientista, pesquisador de campo, jornalista, crítico social, artista, ator, [...]” (DENZIN E LINCOLN, 2006, p. 17-18). Este produz um conjunto de representações que se encaixam nas especificidades de uma situação complexa. O uso de múltiplos métodos reflete a tentativa de assegurar uma compreensão do fenômeno onde sua realidade objetiva não pode ser captada, mas suas representações podem ser entendidas e analisadas.

Utilizamos o método quantitativo para analisar o material levantado, as teses e dissertações. Entrevistas semi-estruturadas e observação foram utilizadas junto aos pesquisadores que se destacaram como orientadores e participantes de bancas. Com o objetivo de elencar Fatores Críticos de Sucesso utilizamos a Análise Multicritérios. Descrevemos, a seguir, os métodos utilizados.

3.1 Os Métodos

3.1.1. O Levantamento – abordagem quantitativa

A metodologia aplicada neste levantamento se efetivou em três fases. A primeira foi realizar uma pesquisa exploratória no *site* da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Buscamos os programas de pós-graduação *stricto sensu* recomendados, situados no Estado do Rio de Janeiro, onde identificamos: as instituições que oferecem os cursos; o tipo de programa de pós-graduação (mestrado, doutorado ou mestrado profissional) e as áreas de conhecimento onde estes programas se enquadram de acordo com as especificações da CAPES. Nesta fase, analisamos todos os programas para posteriormente selecionar os que possuem interface com o Turismo.

Na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa de conteúdo dos *sites* dos programas de pós-graduação, nos seus bancos de teses e dissertações e bibliotecas *online* para verificar se haviam trabalhos científicos desenvolvidos e defendidos com o tema Turismo. Utilizamos como critério verificar, primeiramente, os títulos e quando não foi possível identificar o tema partiu-se para as palavras-chave e posteriormente a leitura dos resumos. Decidimos por não utilizar o Tesouro do Turismo⁹ por acreditar que encontraríamos trabalhos científicos que não teriam utilizado as palavras-chave que constam deste recurso. Neste momento, também foi acessado o *site* do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - para obtenção dos currículos de autores e orientadores dos trabalhos científicos com o objetivo de identificar a área de formação dos mesmos para posterior avaliação.

Decidimos definir o escopo do levantamento com trabalhos científicos produzidos entre 2000 e 2010 e na terceira etapa elencamos variáveis como as que seguem:

- Variável 1: Área do Programa de Pós-graduação;
- Variável 2: Tipo de Instituição;
- Variável 3: Ano de entrada do aluno no programa de pós-graduação;
- Variável 4: Ano de defesa do trabalho científico;

- Variável 5: Formação do autor;
- Variável 6: Exercício de docência pelo autor;
- Variável 7: Exercício de docência em Turismo pelo autor;
- Variável 8: Formação do orientador;
- Variável 9: Tipo do trabalho científico (tese ou dissertação);
- Variável 10: Turismo sendo objeto central do trabalho científico;
- Variável 11: Estado do Rio de Janeiro como escopo do trabalho científico;
- Variável 12: Região do Estado onde foi desenvolvido o campo de pesquisa;
- Variável 13: Macro categoria de estudo do Turismo;
- Variável 14: Categorias de estudo do Turismo;
- Variável 15: Estratégias Metodológicas utilizadas;
- Variável 16: Técnica de Coleta de dados;
- Variável 17: Técnica de Análise dos dados;
- Variável 18: Utilização de bibliografia diversificada no trabalho científico;
- Variável 19: Relação com projetos de pesquisa e extensão;
- Variável 20: Internacionalização da pesquisa;
- Variável 21: Foco específico atribuído ao trabalho científico.

Estes dados foram transferidos para o *software* SPHINX que possibilitou o cruzamento das variáveis. A análise dos dados foi feita de forma descritiva e analítica, confrontando com o referencial teórico.

3.1.2. Entrevistas – abordagem qualitativa

Em se tratando de uma observação indireta, utilizamos a entrevista semi-estruturada dirigida a pesquisadores que se destacam como orientadores no maior número de trabalhos científicos encontrados na pesquisa anterior. Com as suas falas, buscamos “alinhar” os elementos de análise para responder a questão de pesquisa.

⁹ Lista de palavras com significados semelhantes dentro de uma área específica do conhecimento.

A estrutura desta etapa da pesquisa tem como base um artigo de John Tribe publicado na revista científica *Annals of Tourism Research* em 2010 denominado: *Tribes, Territories and Networks in the Tourism Academy*. Este artigo, por sua vez, teve como referência o livro *Academic Tribes and Territories* (2001) de Brecher e Trowler fundamentado em um texto de Geertz (1982), denominado *The Way We Think Now: Toward an Ethnography of Modern Thought*. Estes trabalhos possuem uma linha central que vem a ser a proposta de se entender como se processa o pensamento e acontece a produção do conhecimento em si. Aplica-se, também, a hipótese do “invisible college”¹⁰, termo cunhado por Boyle, com base no texto de Crane (2004), denominado *Social structure in a group of scientists: a test of the “invisible college” hypothesis*. Entretanto não serão utilizadas citações como base e sim indicações e fatos colhidos durante as entrevistas.

Nesta etapa foram entrevistados¹¹ doze pesquisadores que se destacaram no levantamento realizado dos trabalhos científicos defendidos nos programas de pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro como os que mais orientaram trabalhos e participaram de bancas, não de forma quantitativa, mas com determinada representação como: serem de instituições públicas, particulares ou com publicações de relevância na área de Turismo. Buscou-se, também, entrevistar pesquisadores estabelecidos em diferentes instituições com o propósito de entender como este tema é tratado dentro destas estruturas.

As entrevistas foram marcadas por email ou telefone e aconteceram em seus ambientes de trabalho, com exceção de uma pesquisadora que marcou a entrevista em sua casa, por não ter agenda disponível durante a semana. Para esta etapa foi utilizada a mesma estrutura de Tribe (2010) na elaboração do roteiro da entrevista. Porém, para análise posterior foram acrescentados dois outros itens que dizem respeito ao processo e produto com a proposta de saber destes pesquisadores como entendem o processo de elaboração de um trabalho acadêmico, assim como o que consideram como um produto fecundo. Este itens serão utilizados no capítulo seguinte. Para a análise das falas,

¹⁰ Invisible Colleges tem sido descrito como um grupo precursor da Royal Society de Londres, que consiste de uma série de filósofos naturais em torno de Robert Boyle.
http://en.wikipedia.org/wiki/Invisible_College

utilizamos outra estrutura na interpretação dos dados levantados, diferente da utilizada por Tribe (2010), que se adéqua melhor ao propósito deste trabalho e ao ambiente acadêmico brasileiro.

Os seguintes tópicos foram levantados: o histórico acadêmico dos pesquisadores, de que forma abordam o tema em suas pesquisas e porque decidiram pesquisar o Turismo, perspectivas e resultados já alcançados e projetos realizados. Estas perguntas buscaram possibilitar compreender a relação destes pesquisadores com a área de conhecimento e os trabalhos científicos produzidos.

3.1.3. Análise Multicritérios – abordagem quali-quantitativa

Inicialmente foi elaborada uma lista de FCS, a partir da observação de elementos constantes do levantamento de trabalhos científicos defendidos nos programas de pós-graduação, da hipótese deste trabalho e da experiência com o meio acadêmico no estudo do Turismo. Ao final deste exercício, foram elencados potencialmente 19 FCS que foram pré-testados com estudantes e professores de pós-graduação, que identificaram 2 dos FCS como tendo o mesmo significado e assim esses foram aglutinados em um total de 17 FCS que foram dispostos em uma planilha e em uma segunda vez aplicados, em forma de questionário¹², durante o evento da ANPTUR – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (que aconteceu entre os dias 20 e 21 de setembro de 2010) em São Paulo. Para tal abordamos seis especialistas¹³. Estes após breve explicação sobre o objetivo do processo deram as suas opiniões sobre os FCS apresentados. A escolha dos respondentes teve como base sua ligação direta ao objetivo de pesquisa ou por sua participação em programas de pós-graduação.

Os FCS foram elencados utilizando a coleta de julgamentos subjetivos individuais dos especialistas. A intenção foi apresentar fatores que seriam analisados em ordem

¹¹ As entrevistas foram realizadas no período entre os dias 11 de agosto à 29 de setembro de 2011. Encontram-se na íntegra em CD (um total de 7' 30'' de gravação) como apêndice assim como o roteiro, a autorização e perfil dos entrevistados

¹² O questionário encontra-se no apêndice.

¹³ O perfil dos respondentes encontra-se no apêndice.

decrecente de importância e cada respondente apontou, em uma escala de Likert (MARCONI e LAKATOS, 1986, p.94) os FCS em níveis de: muitíssimo importante, muito importante, importante, pouco importante e não importante onde para cada elemento atribuímos valores de 1 a 5, assim como conceitos de extrema, alta, média, pouca ou nenhuma relevância para a opinião destes especialistas.

Com base no resultado, os fatores críticos foram tratados estatisticamente com a média geométrica, porcentagem e os cálculos do AHP - *Analytic Hierarchy Process* com o propósito de quantificar os valores dos fatores. Este método é utilizado para auxiliar na tomada de decisões complexas, quando se considera mais de um critério como, no caso deste trabalho: ensino, pesquisa e extensão, onde a ferramenta principal consiste na matriz de decisão. Podemos apontar outros métodos similares como:

- ANP – *Analytic Network Process* - Método de Análise em Redes, este também desenvolvido por Saaty (1996);
- FDA – *Fuzzy Decision Approach* – proposta por Liang e Wang (1992);
- MACBETH – *Measuring Attractiveness by a Categorical Based Evolution Technique* – proposto por Bana e Costa e Vasnick (1994);
- TOPSIS – *Technique for Order Preference by Similarity to Ideal Solution* – desenvolvido por Hwang e Yoon (1981).

A proposta, neste caso, é construir uma matriz composta por alternativas. Neste caso são os fatores críticos identificados e critérios, que cruzados com as alternativas nos fornecem valores que quando hierarquizados compõem indicadores de sucesso.

	<i>Critério 1</i>	<i>Critério 2</i>	<i>Critério 3</i>	<i>Critério 4</i>	<i>Critério 5</i>
<i>Alternativa 1</i>	a11	a12	a13	a14	a15
<i>Alternativa 2</i>	a21	a22	a23	a24	a25
<i>Alternativa 3</i>	a31	a32	a33	a34	a35

Quadro 2 - Matriz de decisão
 Fonte: De Carli (2008, p.29)

Esta matriz consolida o resultado aij e representa a interrelação do desempenho das alternativas i segundo os critérios j . A forma como um método trabalha seus resultados é que o difere dos demais e optamos pelo AHP por entender que este, além de fornecer uma ordenação dos fatores críticos, apresenta medidas de desempenho das alternativas considerando todos os critérios.

Para melhor visualização, elaboramos a figura a seguir com as etapas empregadas nesta pesquisa.

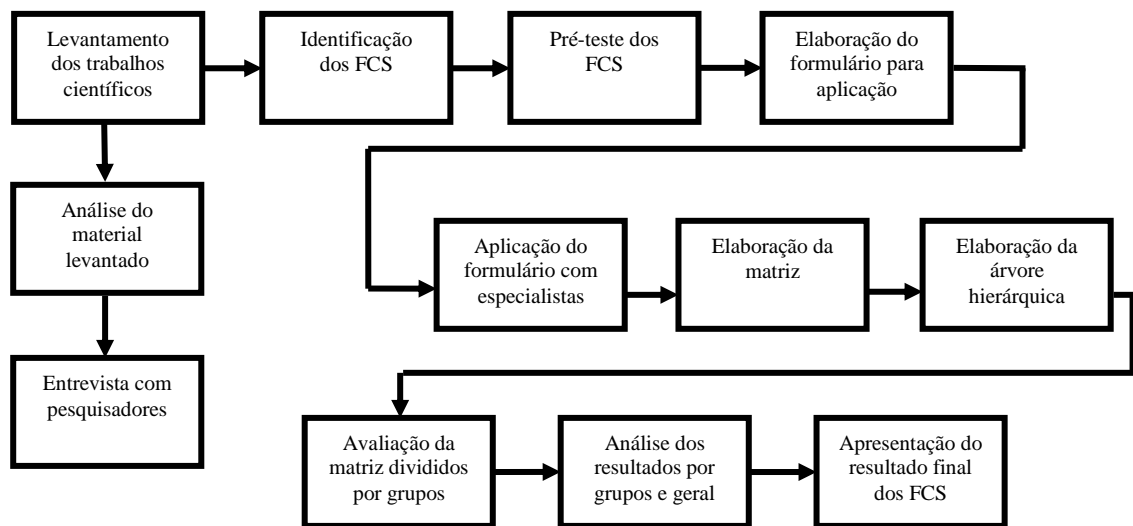


Figura 1 – Esquema metodológico para identificação dos FCS

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados das três pesquisas realizadas nesta tese serão apresentados nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 4

Produção científica sobre Turismo no Estado do Rio de Janeiro – uma fotografia

Neste capítulo descrevemos o primeiro *olhar* sobre a produção de conhecimento em Turismo, através do levantamento realizado dos trabalhos científicos defendidos entre os anos de 2000 e 2010, em Programas de Pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro.

De certa forma, um movimento no caminho para a simplificação através da separação, análise de variáveis, cruzamento de dados para, então, buscar articular os elementos disjuntos e enquadrá-los em uma fotografia, mesmo sendo dinâmica, pois não há como entender o objeto de estudo sem entender o contexto do complexo

4.1 – Um pouco da história

O período que compreende o final da década de 60 e início de 70 foi marcado por grandes mudanças na estrutura política na área de educação em Turismo no Brasil. Aparentemente, a necessidade de capacitação de mão-de-obra abre espaço para criação do curso superior de Turismo no Estado do Rio de Janeiro, sendo este o segundo curso em linha cronológica no Brasil.

O curso de graduação em Turismo foi implementado em 1972 na UCP - Universidade Católica de Petrópolis, a partir de uma parceria com a Universidad Autonoma de Guadalajara. A instituição recebeu uma professora, Rosa Maria de La Fuente, responsável pelas disciplinas de Administração Hoteleira e Alimentos e Bebidas e que auxiliaria, também, na estruturação do curso. No ano seguinte foi criado, na mesma instituição, o primeiro Centro de Pesquisas Turísticas – CEPETUR, cujo objetivo era reunir dados, publicações e informações que servissem de apoio aos alunos e à

comunidade acadêmica. Em 1978 estas informações passaram a ser publicadas e assim disponibilizadas em um informativo cuja tiragem chegou a 3.000 exemplares¹⁴ e era distribuído para instituições de ensino, empresas e órgãos públicos. Destes constavam informações sobre eventos, entrevistas e dados relevantes do setor¹⁵.

Em 1982 o curso deixou de ser oferecido pela UCP, reafirmando uma situação apontada por Matias (2002) de estagnação dos cursos e acentuada pela situação econômica do país. Entretanto, com um novo panorama que se apresentava no final da década de 90, o curso voltou a ser oferecido no ano 2000 e teve demanda até 2007, quando a instituição decidiu não mais oferecer esta formação.

O segundo curso, no Estado, foi criado e oferecido pela Universidade Estácio de Sá¹⁶, este oriundo da Faculdade de Turismo da Guanabara e sua autorização para funcionamento aconteceu em 1973. A instituição chegou a ter sete *campi* distribuídos pelo Estado, mas a diminuição da demanda reduziu este quadro e, inclusive, uma mudança na oferta dos cursos que foram transformados em tecnológicos para atender a uma busca mais específica de formação para o mercado.

Atualmente, o curso superior de Turismo é oferecido em 21 instituições (MEC, 2011) sendo três em públicas e o restante em particulares. A distribuição atual dos cursos de graduação em Turismo no Estado não se apresenta de forma uniforme, havendo uma concentração na região metropolitana. Na cidade do Rio de Janeiro o curso é oferecido por doze instituições, sendo uma pública. Vale observar que algumas instituições ofertam o curso em mais de um *campus*.

Os cursos mencionados acima são bacharelados e, a partir de 2009, o curso de Licenciatura em Turismo, formação de professores, passou a ser oferecido na modalidade semi-presencial através do Consórcio CEDERJ – Consórcio de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro. Este curso acontece através de uma parceria entre a UFRRJ, UNIRIO, UERJ e UFF em quatro pólos: Resende, Saquarema, Angra

¹⁴ Dados fornecidos pela coordenação do curso. Encontra-se no Laboratório de Planejamento do curso de Turismo da UFRRJ uma cópia de cada exemplar.

¹⁵ Consta em anexo uma cópia de um dos informativos para ilustração.

¹⁶ Dados retirados do *site* www.estacio.br acessado em: 03/12/2010.

dos Reis e São Gonçalo. Em 2011 foram acrescentados os pólos de Campo Grande e Macaé (CEDERJ, 2011).

Não constam do *site* do MEC os cursos tecnológicos que são oferecidos por instituições particulares, assim como pelos Institutos Federais de Educação Superior, CEFETs e Escolas Técnicas vinculadas às universidades. O Estado oferece cursos técnicos em seis escolas, tanto na região metropolitana quanto na região do Lagos, Serrana e Vale do Café. Os cursos técnicos atendem a formação para o mercado em nível operacional. Estes podem ser oferecidos tanto de forma concomitante com o ensino médio quanto subsequente a este.

Com relação à pós-graduação, o Estado não possui um programa de pós-graduação específico de mestrado ou doutorado em Turismo. Entretanto, alguns programas existentes abordam o tema em linhas de pesquisa em seus grupos de pesquisa, trabalhos científicos defendidos, disciplinas em seus programas ou possuem pesquisadores que abordam o tema com viés em suas áreas de pesquisa.

Encontramos no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (2011), um total de 32 grupos¹⁷ que utilizam Turismo como palavra-chave. Deste total, somente quatro estão em instituições particulares. Percebemos que os grupos possuem como líderes docentes provenientes de cursos de Turismo em instituições públicas, o que nos faz acreditar que as pesquisas estejam relacionadas à Iniciação Científica ou outros Projetos de Pesquisa e Extensão com o objetivo de intensificar a produção de conhecimento na área. Alguns grupos apóiam linhas de pesquisa em programas de pós-graduação ou são liderados por docentes que orientam trabalhos e pesquisam sobre o tema. No item a seguir apresentam-se dados que refletem a situação da pesquisa em Turismo nos programas de pós-graduação.

4.2 Os programas de pós-graduação, as áreas de conhecimento e estruturas, segundo a CAPES

¹⁷ A lista dos grupos de pesquisa encontra-se em apêndice.

No Brasil são recomendados e reconhecidos pela CAPES (2010) 2.919 programas de pós-graduação *stricto sensu*, sendo que 1.430 situam-se na região sudeste. Destes que se encontram nesta região, existem 20 doutorados, 405 mestrados, 148 mestrados profissionais e 857 programas que possuem tanto o mestrado quanto o doutorado. No Estado do Rio de Janeiro existem 361 programas, sendo que 4 oferecem somente o doutorado, 84 mestrado, 57 mestrado profissional e 216 programas que possuem tanto mestrado quanto doutorado.

Na figura a seguir, observa-se esta relação.

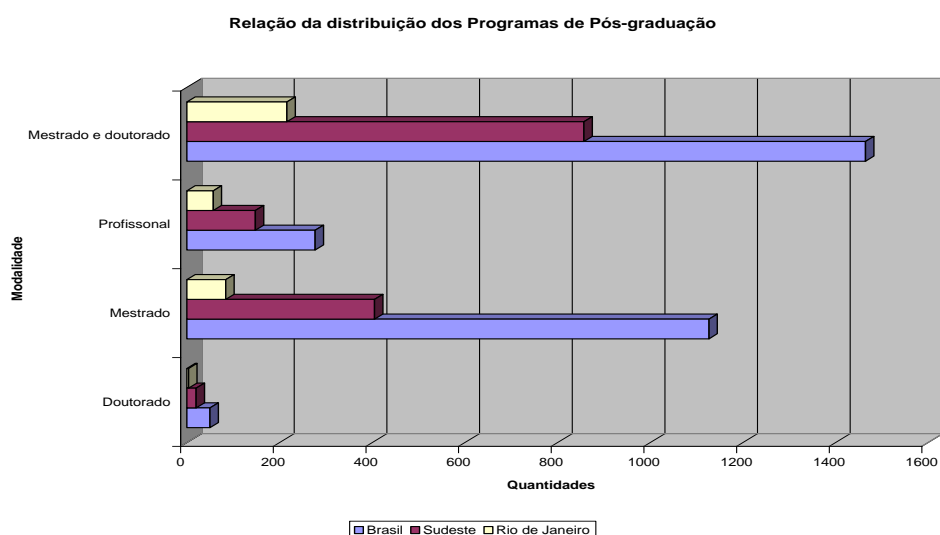


Figura 2 – Distribuição dos Programas de Pós-graduação no Brasil
 Fonte: Santana e Catramby (2010)

Para fins de avaliação, a CAPES dividiu o conhecimento por áreas em quatro níveis hierárquicos, a saber: (i) nove grandes áreas – aglomeradas segundo a afinidade de seus objetivos, métodos e recursos instrumentais; (ii) setenta e seis áreas – que compõem um conjunto de conhecimentos inter-relacionados seguindo a natureza do objeto com fins de ensino, pesquisa e suas aplicações práticas; (iii) trezentos e quarenta subáreas - estabelecidas de acordo com o objeto de estudo e seus procedimentos; (iv) e suas especializações – que são apontadas de acordo com a atividade de pesquisa e podem ser enquadradas em diferentes áreas e subáreas.

As nove grandes áreas são: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas; Ciências Sociais e Aplicadas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes e a Multidisciplinar.

A grande área Multidisciplinar foi criada em 2008 e é composta pela área Interdisciplinar e por subáreas: Engenharia/Tecnologia/Gestão; Meio Ambiente e Agrárias; Saúde e Biológicas; e Sociais e Humanidades. A área Interdisciplinar é apontada como a que mais tem crescido nos últimos anos onde são mais de 200 programas e uma crescente demanda de novas propostas de abertura de cursos (2011).

A explicação para este fato advém de uma maior consciência de que para solucionar questões de ordem social e econômica é necessário a convergência de disciplinas e novos olhares sobre saberes científicos. Propicia, também, que grupos se agreguem e cresçam e novas propostas possam ser implementadas. O foco passa a ser o processo e o método interdisciplinar como modelo inovador de produzir o conhecimento.

Segue figura que demonstra o quantitativo de Programas de Pós-graduação por grande área, segundo a CAPES.



Figura 3 – Quantitativo de Programas de Pós-graduação por grande área - Brasil
Fonte: GeoCapes (2009)

Como podemos verificar, a área Ciências da Saúde apresenta o maior número de programas de pós-graduação no panorama nacional.

No mapa, a seguir pode-se verificar a distribuição, por escala quantitativa, dos programas de pós-graduação no Estado. A maior concentração é na região metropolitana e cidade do Rio de Janeiro.

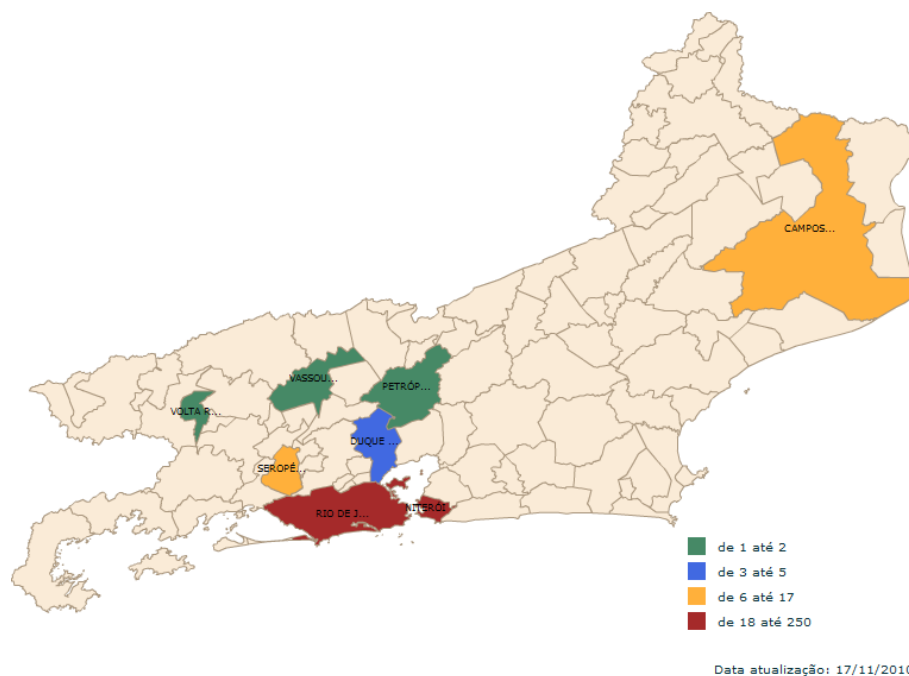


Figura 4 – Distribuição quantitativa de Programas de pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro

Fonte: GeoCapes (2009)

O Turismo, para fins de avaliação, encontra-se na grande área Ciências Sociais Aplicadas, pertencendo à área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo. A título de curiosidade, para o CNPq o Turismo está enquadrado no Comitê de Arquitetura, Demografia, Geografia, Turismo e Planejamento Regional.

Abaixo apresentamos um quadro com a seleção das grandes áreas e subáreas em que se enquadram os programas de pós-graduação, pesquisados no Estado do Rio de Janeiro, que possuem interface com o Turismo, isto de forma abrangente. Foram encontrados 148 programas com este perfil apontado.

Grande Área	Área	Área de Avaliação
Ciências Agrárias	Recursos Florestais e Engenharia Florestal	(Ciências Agrárias I)
Ciências Biológicas	Ecologia	(Ecologia e Meio Ambiente)
Ciências da Saúde	Educação Física Saúde Coletiva	(Educação Física) (Saúde Coletiva)
Ciências Exatas e da Terra	Geociências	(Geociências)
Ciências Humanas	Antropologia Ciência Política Educação Filosofia Geografia História Psicologia Sociologia	(Antropologia /Arqueologia) (Ciência Política e Relações Internacionais) (Educação) (Filosofia/Teologia: subcomissão Filosofia) (Geografia) (História) (Psicologia) (Sociologia)
Ciências Sociais Aplicadas	Administração Arquitetura e Urbanismo Ciência da Informação Comunicação Demografia Direito Economia Museologia Planejamento Urbano e Regional Serviço Social Turismo	(Administração, Ciências Contábeis e Turismo) (Arquitetura e Urbanismo) (Ciências Sociais Aplicadas I) (Ciências Sociais Aplicadas I) (Planejamento Urbano e Regional/Demografia) (Direito) (Economia) (Ciências Sociais Aplicadas I) (Planejamento Urbano e Regional/Demografia) (Serviço Social) (Administração, Ciências Contábeis e Turismo)
Engenharias	Engenharia de Produção Engenharia de Transportes Engenharia Sanitária	(Engenharias III) (Engenharias I) (Engenharias I)
Linguística, Letras e Artes	Letras Linguística	(Letras/Linguística) (Letras/Linguística)
Multidisciplinar	Interdisciplinar	(Interdisciplinar)

Quadro 3 – Áreas de conhecimento segundo a CAPES

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da CAPES (2010)

Ao ser realizado um levantamento quantitativo das áreas, com base na área de avaliação proposta pela CAPES, identificou-se nos 148 programas de pós-graduação¹⁸ o seguinte enquadramento aos trabalhos defendidos: Interdisciplinar (17); História (11); Administração, Ciências Contábeis e Turismo e Educação (10) e os demais com menos de 10 trabalhos científicos defendidos. Os programas Interdisciplinares apresentam como característica um corpo docente com formação diversificada, sendo fecundo para o estudo do Turismo.

¹⁸ Encontra-se em apêndice uma descrição de cada programa analisado.

A figura a seguir demonstra este resultado.

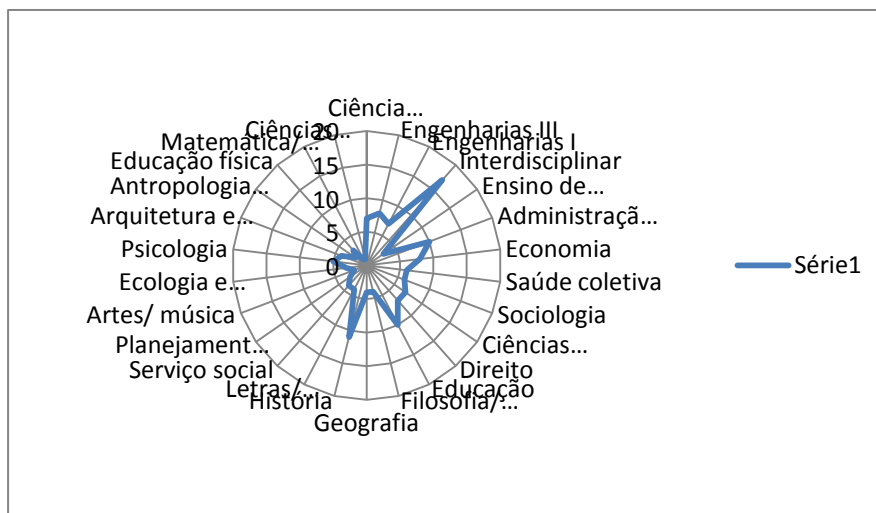


Figura 5 – Programas por área no Estado do Rio de Janeiro
 Fonte: Elaborado pelos autores

Ao analisarmos por um viés no tipo de instituição, encontramos 41 instituições que possuem programas de pós-graduação nos quais identificamos que 23 são públicas e 18 particulares. Deste total, 14 públicas e 17 particulares apresentam programas de pós-graduação que contemplam e podem contemplar o Turismo. Destas, porém, há os que não contemplam, sendo que apontamos as áreas como a Física e Astronomia que não o fazem devido as suas características.

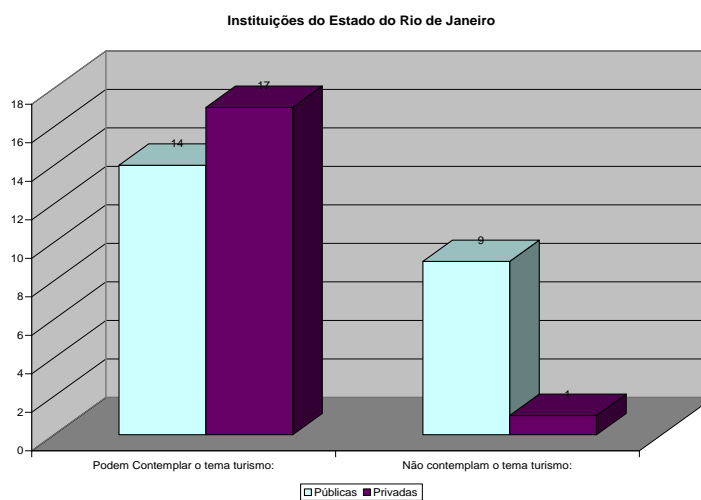


Figura 6 – Tipo de instituição e interface com o Turismo
 Fonte: Santana e Catramby (2010)

Partindo de uma perspectiva mais ampla, como a apresentada, sobre áreas de conhecimento, instituições e proposições sobre a abordagem do tema Turismo na pós-graduação, segue-se em uma análise mais detalhada e reflexiva dos dados encontrados no levantamento realizado.

4.3 Os trabalhos científicos elaborados e defendidos com o tema Turismo em Programas de Pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro

Após análise das áreas de conhecimento e sobre as instituições, buscamos localizar os programas de pós-graduação que possivelmente tivessem trabalhos científicos sobre o tema do Turismo. Nesta etapa, a opção inicial foi buscar por material no banco de teses da CAPES (2010). Ao utilizarmos a palavra-chave Turismo, na busca, encontramos 3.011 trabalhos científicos, sendo 2.456 dissertações; 358 teses e 198 dissertações defendidas em mestrados profissionais, isto em todos os programas de pós-graduação no Brasil.

Como alguns autores não utilizam a palavra Turismo como descritor, optamos por não buscar nos bancos de dados como CAPES e IBICT e sim diretamente nos programas de pós-graduação. Levantamos os programas de pós-graduação existentes e buscamos em cada *site* ou biblioteca virtual da instituição onde estes se encontram os trabalhos científicos. Desta forma, a opção foi analisar o título, palavras-chave e, quando estes indicadores não eram suficientes, foi necessária a leitura dos resumos. Este procedimento foi adotado por Tribe (2006, p.361) que aponta ser esta uma solução, pois palavras-chave podem ser limitadores quando não utilizados em trabalhos científicos em áreas correlatas que podem ser grande fonte de conhecimento. Assim, optamos por este tipo de busca por acreditar que o tema, mesmo que tangenciado em alguns trabalhos científicos, poderia ser um material interessante para análise.

O primeiro trabalho científico publicado com o tema Turismo, no Estado do Rio de Janeiro, data de 1980 no programa de pós-graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas – FGV e demonstra como este fenômeno tão discutido na atualidade é recente quando diz respeito à formulação de suas fundamentações teóricas. Apesar de

terem sido encontrados trabalhos científicos desde a década de 80, optou-se por limitar o escopo entre os anos de 2000 e 2010¹⁹. Neste período encontramos um total de: 173 trabalhos científicos²⁰, sendo 121 dissertações; 29 teses e 23 dissertações defendidas em mestrados profissionais.

Tabela 1 – Tipo de trabalho científico

TIPO DO TRABALHO	QUANTIDADE	FREQUENCIA
Doutorado	29	16,8%
Mestrado	121	69,9%
Mestrado Profissional	23	13,3%
Total	173	100%

Fonte: Elaborado pelos autores

Constata-se que houve um crescimento quantitativo na produção total entre os anos de 2005 e 2008, sendo 32 trabalhos científicos defendidos somente no ano de 2006, seguidos de um declínio neste quantitativo. Entretanto, ocorreu um aumento na produção de teses, neste mesmo período. Este fato pode ser explicado por ter acontecido um aumento no quantitativo de novos cursos, principalmente em instituições públicas em todo Brasil e Rio de Janeiro; a exigência de titulação dos docentes, mesmo em instituições particulares; e uma busca maior pela educação continuada como forma de alcançar melhores posições no mercado de trabalho.

Tabela 2 - Quantitativo de trabalhos científicos defendidos por ano

DATA DA DEFESA	QUANTIDADE	FREQUENCIA
2000	7	4,0%
2001	9	5,2%
2002	7	4,0%
2003	14	8,1%
2004	12	6,9%
2005	25	14,5%
2006	32	18,5%
2007	23	13,3%

¹⁹ A partir de 2006 passou a ser obrigatório a disponibilização, no *site* dos programas, dos trabalhos na íntegra.

²⁰ Não consideramos, neste levantamento, que tenhamos encontrado todos os trabalhos pela dificuldade de acesso. Entretanto apresentou-se como uma amostra razoável para análise de acordo com o objetivo desta pesquisa. Segue no apêndice a lista dos programas com o ano de defesa, autores e orientadores com suas respectivas formações, título dos trabalhos, tipo de programa e área de conhecimento, segundo a CAPES.

2008	21	12,1%
2009	14	8,1%
2010	9	5,2%
TOTAL	173	100%

Fonte: elaborado pelos autores

Ao cruzarmos o ano de entrada dos autores nos programas de pós-graduação com o ano de defesa chegamos à média de tempo de dedicação ao estudo e pesquisa, como segue na próxima tabela. Este aspecto é interessante de ser analisado por conta do Modelo Capes de Avaliação, pois o tempo médio constitui-se em um de seus critérios²¹.

Tabela 3 – Duração média de dedicação à pesquisa

DURAÇÃO	QUANTIDADE	FREQUENCIA
Não resposta	46	26,6%
Menos de 1 ano	1	0,6%
De 1 a 2 anos	0	0,0%
De 2 a 3 anos	6	3,5%
De 3 a 4 anos	84	48,6%
De 4 a 5 anos	15	8,7%
De 5 a 6 anos	16	9,2%
De 6 a 7 anos	4	2,3%
De 7 a 8 anos	1	0,6%
TOTAL	173	100%
OBS: Mínimo = 0 Máximo =7 Média = 3,43		

Fonte: elaborado pelos autores

Nesta tabela, as “não respostas” correspondem aos trabalhos científicos que não foram analisados através de todas as variáveis, por não terem o Turismo como seu foco principal. Entretanto, constam de nosso levantamento. Confirma-se que a maioria são dissertações pelo grande número que tiveram sua defesa no período de 3 a 4 anos, totalizando 48,6%.

Comparando os trabalhos científicos elaborados e defendidos em todos os programas de pós-graduação do Estado do Rio de Janeiro no ano de 2008, com os produzidos com o tema Turismo no período de 2000 à 2010, verifica-se que estes representam aproximadamente 13% do total de trabalhos científicos produzidos pelos programas

²¹ Cabe ressaltar que o tempo médio para conclusão do mestrado e doutorado foi alterado no período que compreende o nosso escopo. Nesta redução o tempo de duração do doutorado que era de 6 anos passou para 4 anos e o mestrado que deveria ser de concluído em 4 anos passa para dois anos.

cujas áreas são correlatas com o Turismo. Tal fato pode ser visualizado com clareza no gráfico que segue. Este comparativo aponta para a imaturidade do Turismo, enquanto conhecimento corroborado pela questão de ser um curso novo que durante anos apresentou um perfil de formação para o mercado e uma área de estudo reconhecida pela pouca relevância de seus resultados. Este panorama tem mudado e desde o início da década de 2000 órgãos de fomento à pesquisa, como a FAPERJ, têm apoiado financeiramente projetos sobre este tema.

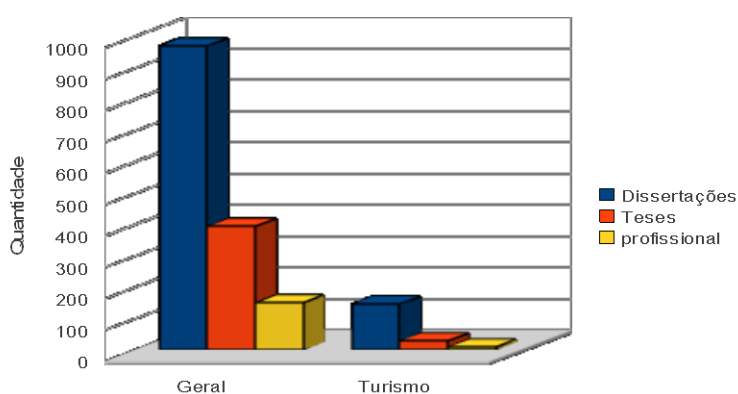


Figura 7 – Comparação do quantitativo de trabalhos produzidos no ano de 2008 e os trabalhos defendidos sobre Turismo entre os anos de 2000 a 2010

Fonte: elaborado pelos autores

Partindo para uma análise mais específica do quantitativo de trabalhos científicos defendidos por programa de pós-graduação, o programa no qual encontramos mais trabalhos científicos sobre o tema, no período analisado, foi o PGCA - Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense – UFF, com 14 dissertações de mestrado; em segundo lugar encontra-se o PGAP - Programa de Pós-graduação em Administração Pública – FGV com 13 dissertação e em terceiro lugar PPgg.igeo - Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ com 13 trabalhos produzidos, se diferenciando dos outros programas por apresentar 8 teses de doutorado.

A figura, a seguir, especifica melhor esta colocação.

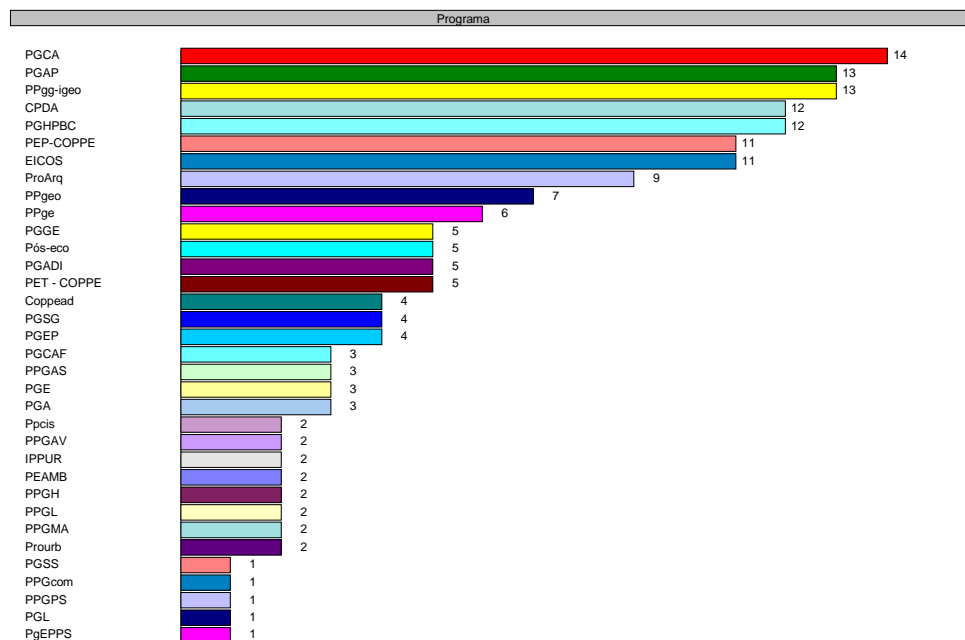


Figura 8 – Produções por Programas

Fonte: Elaborado pelos autores

O exposto nos leva a deduzir que o Turismo e as questões relativas ao espaço, tanto urbano quanto natural, tem sido o foco principal dos questionamentos e produção do conhecimento nestes programas de pós-graduação.

É nítido que a produção de teses e dissertação acontece, em maiores proporções, nas instituições públicas de ensino. Entretanto, alguns programas de pós-graduação da FGV - Fundação Getúlio Vargas e PUC – Pontifícia Universidade Católica contribuem consideravelmente por apresentarem trabalhos científicos sobre o tema Turismo, aprimorando as discussões, isto é, para a construção de um arcabouço mais sólido para o fenômeno turístico.

Tabela 4 – Quantitativo de trabalhos científicos por instituição

INSTITUIÇÕES	QUANTIDADE	FREQUENCIA
UFRJ	69	39,9%
FGV	30	17,3%
UFF	29	16,8%
UERJ	15	8,7%
UFRRJ	15	8,7%
PUC	9	5,2%
UNESA	5	2,9%
ENCE	1	0,6%
TOTAL	173	100%

Fonte : Elaborado pelos autores

4.4 Elementos analisados nos trabalhos científicos – um olhar detalhado

Dando sequência à análise, decidimos classificar os trabalhos científicos em dois tipos: os que possuem o Turismo como tema principal e os que tangenciassem o tema em suas propostas. Desta forma poderia-se analisar de que maneira o tema estava sendo tratado no programa de pós-graduação, pelos autores e orientadores. Assim, do quantitativo de 173 encontrados, 135 possuem foco específico no tema e 38 não abordavam o Turismo como objeto principal.

Tabela 5 – Turismo como objeto principal

TURISMO COMO OBJETO	QUANTIDADE	FREQUENCIA
SIM	135	78,0%
NÃO	38	22,0%
TOTAL	173	100%

Fonte : Elaborado pelos autores

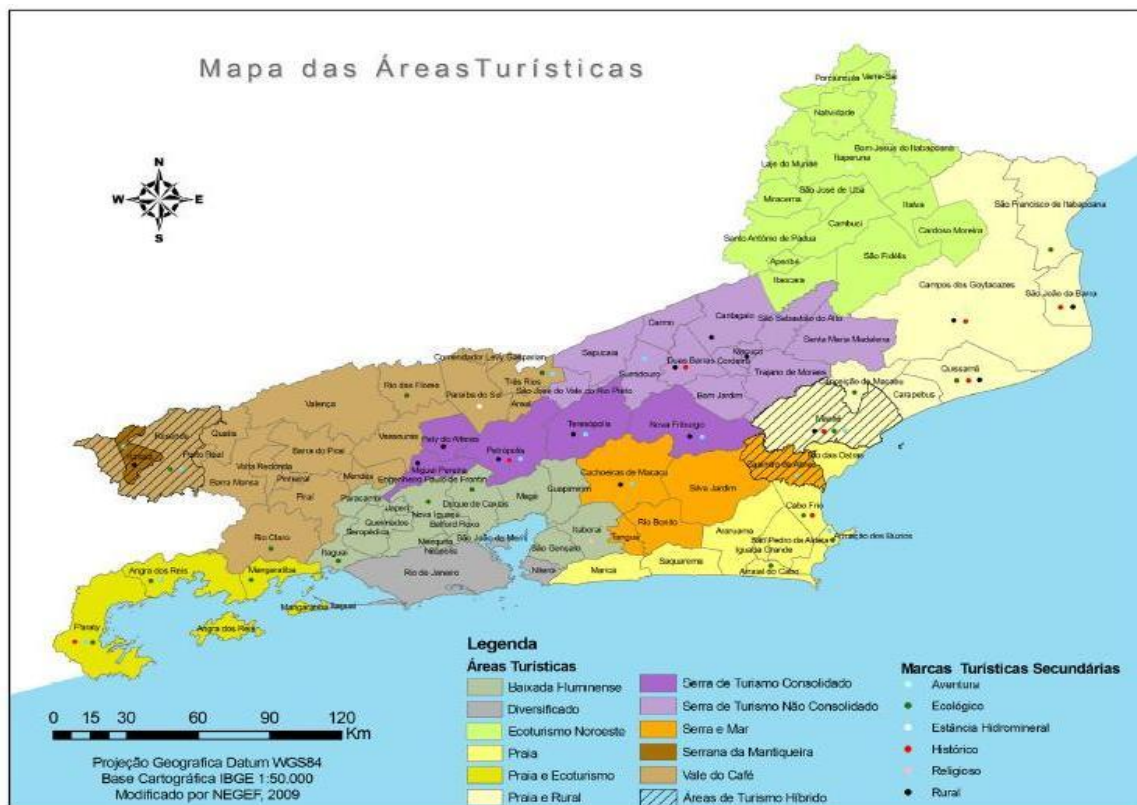
Dos trabalhos científicos levantados, que possuíam o Turismo como tema principal, buscamos verificar se estes versavam sobre áreas geográficas no Estado do Rio de Janeiro e, assim, dos 135 trabalhos 73 tinham como escopo de sua pesquisa regiões do Estado, ou seja, 54,1% dos trabalhos. Do restante, 31 trabalhos tratavam de outras regiões do Brasil e os outros 31 trabalhos eram teóricos, sendo o que corresponde a “não respostas” na tabela a seguir.

Tabela 6 – Estado do Rio de Janeiro como escopo

RJ como escopo	QUANTIDADE	FREQUENCIA
Não resposta	31	23,0%
SIM	73	54,1%
NÃO	31	23,0%
TOTAL	173	100%

Fonte : Elaborado pelos autores

Para melhor ilustrar segue mapa elaborado pelo IBGE (2009) destacando as regiões turísticas do Estado do Rio de Janeiro.



Mapa 1: Áreas Turísticas no Estado do Rio de Janeiro - Fonte: Base Cartográfica, IBGE; Org.: NEGEF, 2009

Figura 9 – Regiões Turísticas do Estado do Rio de Janeiro
 Fonte: IBGE (2009)

Neste trabalho optamos por utilizar a classificação de regiões turísticas elaborada pela Turisrio (2011), no qual o objetivo é aglutinar municípios para uma melhor organização com relação ao planejamento turístico da atividade e sua gestão. Estas regiões constituem-se em instâncias intermediárias de articulação entre Estado e municípios e são formadas por municípios de acordo com suas identidades geográficas, paisagísticas, territoriais e oferta de infra-estrutura e serviços.

A primeira vez que o estado foi dividido em regiões foi em 1980 e atendia a Lei Estadual nº 276/74 e ao Plano de Desenvolvimento Econômico e Social de 1980/1983. Neste período foram identificadas 7 regiões onde eram consideradas as peculiaridades regionais e similaridades de vocação. Após a edição do Plano Diretor de Turismo de 2001, o Estado passou a apresentar um novo mapa com 13 regiões turísticas. Já em 2005, o Ministério do Turismo incentivou o processo de revisão da regionalização turística de todo país e assim o mapa foi revisado onde hoje apresenta 11 regiões turísticas, como pode-se verificar no quadro que segue.

REGIÃO	MUNICÍPIOS
METROPOLITANA	Niterói e Rio de Janeiro
AGULHAS NEGRAS	Itatiaia, Resende, Porto Real e Quatis
BAIXADA FLUMINENSE	Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados, São João de Meriti e Seropédica
CAMINHOS DA MATA	Itaboraí, Rio Bonito, Silva Jardim, São Gonçalo e Tanguá
COSTA DOCE	Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira, São Francisco do Itabapoana, São Fidelis e São João da Barra
COSTA DO SOL – REGIÃO DOS LAGOS	Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Carapebus, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande, Macaé, Maricá, Quissamã, Rio das Ostras, São Pedro da Aldeia e Saquarema
COSTA VERDE	Angra dos Reis, Itaguaí, Mangaratiba, Paraty e Rio Claro
NOROESTE DAS ÁGUAS	Aperibé, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Italva, Itaocara, Itaperuna, Laje do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, Santo Antônio de Pádua, São José de Ubá e Varre-Sai
SERRA NORTE	Bom Jardim, Cantagalo, Carmo, Conceição de Macabu, Cordeiro, Duas Barras, Macuco, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, Sapucaia, Sumidouro e Trajano de Moraes
SERRA VERDE IMPERIAL	Areal, Cachoeiras de Macacu, Comendador Levy Gasparian, Guapimirim, Magé, Nova Friburgo, Petrópolis, São José do Vale do Rio Preto, Teresópolis e Três Rios
VALE DO CAFÉ	Barra do Piraí, Barra Mansa, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira, Paracambi, Paraíba do Sul, Paty do Alferes, Pinheiral, Piraí, Rio das Flores, Valença, Vassouras e Volta Redonda

Quadro 7 – Regiões Turísticas do Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da TurisRio²² (TURISRIO, 2011)

Ao analisarmos os trabalhos científicos quanto à região turística, como campo de pesquisa, verificamos que 29 trabalhos abarcavam a região metropolitana. Optamos por analisar a Ilha Grande separadamente, pois apesar de fazer parte da região da Costa Verde²³ verificamos um quantitativo relevante e sendo assim 13 trabalhos versam a sobre a Ilha, perfazendo um total de 19 sobre a região da Costa Verde. Uma das hipóteses para este quantitativo poderia ser o fato de haver o CEADS²⁴ – Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável que foi instalado em 1994 por meio do Termo de Cessão de Uso n° 21 pelo governo do estado do Rio de Janeiro para UERJ. Entretanto somente 3 trabalhos científicos de programas de pós-graduação da UERJ versam sobre a região da Costa Verde – Ilha Grande, não sendo uma hipótese válida.

²² Verificar em <http://www.turisrio.rj.gov.br/projetos.asp>

²³ Esta região merece atenção pelo fato de ter tido seu desenvolvimento turístico impulsionado com a construção da BR – 101, a Rio – Santos, na década de 1970. As transformações do espaço, ambientais, econômicas e mesmo as proporcionadas pelo Turismo passaram a ser objeto de pesquisas.

²⁴ Para maiores informações verificar no site <http://www.sr2.uerj.br/ceads/ceads.htm>

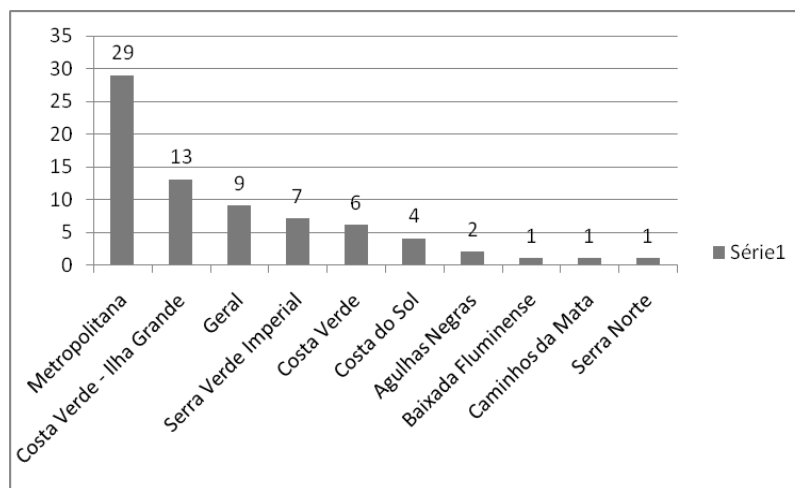


Figura 10 – Quantitativo por Regiões Turísticas do Estado do Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da TurisRio (TURISRIO, 2011)

Outra proposta de análise tem como base áreas de estudo do Turismo. Inicialmente buscamos o Index da CABI²⁵, porém este não fornecia os temas de maneira a auxiliar em uma classificação. Como este trabalho versa sobre produção do conhecimento, foi pesquisada a forma como os artigos são organizados quando de suas submissões em revistas científicas. O Caderno Virtual de Turismo²⁶ utiliza uma lista de temas onde cada autor pode optar ao submeter seu artigo que também é utilizada como cadastro para avaliadores. Desta lista, que está disponível no *site*, optamos por separar os temas em macro-categorias e subsequentemente categorias, para melhor classificá-los. Durante a análise dos trabalhos científicos, houve a necessidade de ampliar a lista com novos temas e, desta forma, segue a classificação que foi utilizada na análise dos trabalhos científicos.

MACRO CATEGORIAS	CATEGORIAS
Turismo e Segmentos	Agroturismo Ecoturismo Turismo Cultural Turismo de Negócios Turismo e Saúde Turismo Náutico

²⁵CABI é uma organização sem fins lucrativos que fornece informações para bases de dados científicos auxiliando a comunidade acadêmica. Verificar no *site* <http://www.cabi.org/leisuretourism/default.aspx?site=156&page=767>

²⁶ Revista Científica especializada em Turismo vinculada ao LTDS/COPPE/UFRJ. Verificar no *site* <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno>

	Turismo Rural Turismo Sexual Turismo de Terceira Idade
Turismo e Planejamento	Planejamento e gestão ambiental Planejamento Participativo Planejamento Urbano Planejamentos Turísticos Políticas públicas Programas, planos e projetos Metodologia participativa Avaliação e Monitoramento Desenvolvimento social Desenvolvimento Local Certificação de turismo sustentável Indicadores do turismo Marketing Marketing social Sustentabilidade Turismo de base comunitária Turismo em áreas de comunidades tradicionais Turismo em Áreas Protegidas Turismo e cidades Festas Populares Patrimônio Cultural
Turismo e Gestão de Empreendimentos Turísticos	Hotelaria Alimentos & Bebidas Meios de hospedagem Arranjos Produtivos Locais Associativismo e Cooperativismo em turismo Empreendedorismo Eventos Gestão de serviços turísticos Hospitalidade Lazer e entretenimento Negócios turísticos Tecnologia da informação e turismo Transportes turísticos Agências de viagem
Turismo e Educação	Educação ambiental Educação e turismo Antropologia do turismo Economia do turismo Geografia do turismo Sociologia do turismo Metodologia de pesquisa História e Turismo

Quadro 8 – Macro categorias e categorias de áreas do Turismo
 Fonte: elaborado pelos autores e adaptado de dados do CVT²⁷ (CVT, 2011)

Cada tipo, quando aplicados na análise, demonstraram o seguinte panorama com relação às macro-categorias.

²⁷ Para maiores informações buscar em <http://www.ivt-rj.net/ivt/colaboradores.aspx?pag=n>

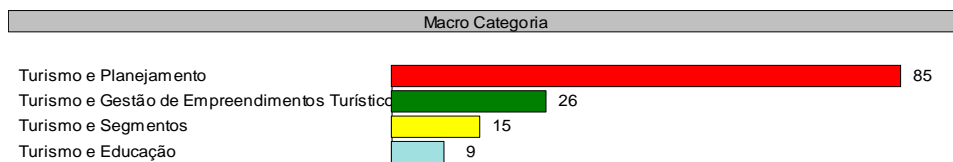


Figura 11 - Trabalhos científicos por macro categorias
 Fonte: Elaborado pelos autores

Como observado na figura acima, a macro-categoria Turismo e Planejamento se destacou com 63% dos trabalhos científicos, onde destes 14,8% enquadram-se na categoria Planejamento e gestão ambiental. Este fator é corroborado quando da análise do foco de estudo e aponta-se que 8,1% dos trabalhos versam sobre áreas protegidas²⁸.

Na figura que segue, apontamos o resultado quando da análise das categorias com relação aos trabalhos científicos.

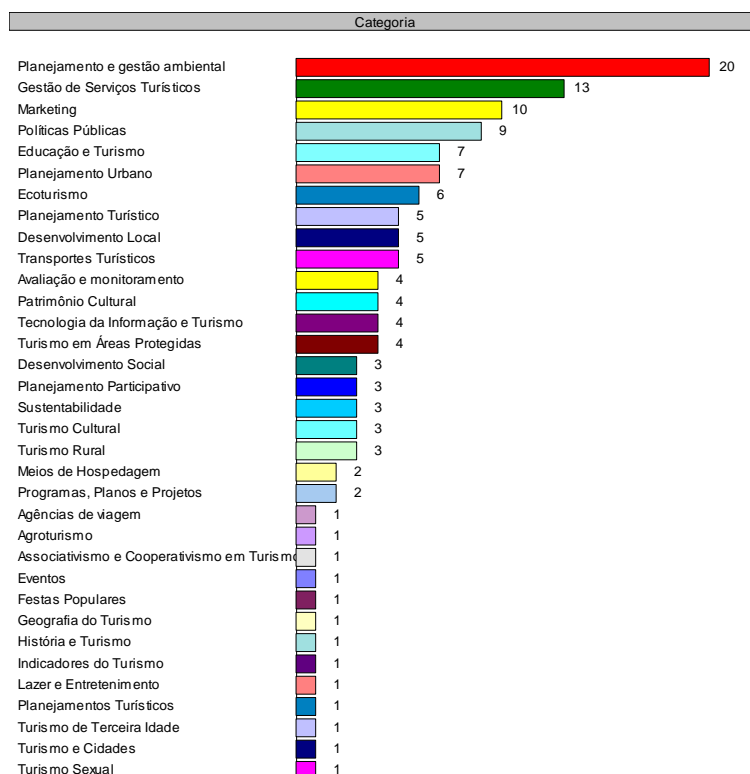


Figura 12 - Trabalhos científicos por categorias
 Fonte: Elaborado pelos autores

²⁸ Consideramos como áreas protegidas todos os trabalhos científicos que versam sobre conservação, uso público, gestão de parques, conselhos, etc de Unidades de Conservação. O Estado do Rio de Janeiro possui, segundo o INEA (2011), 10% de sua área total protegida por Unidades de Conservação.

Ao identificarmos estes elementos estes apontam para dois caminhos: a multiplicidade de objetos de estudo do Turismo e outros que porventura não foram objeto de pesquisa, mas que demandam atenção por não fazerem parte do olhar dos pesquisadores. Os temas no quadro a seguir não foram objeto de pesquisa dos trabalhos científicos levantados.

Macro-categoria	Categoria
Turismo e Segmentos	Turismo de Negócios Turismo e Saúde Turismo Náutico
Turismo e Planejamento	Metodologia participativa Certificação de turismo sustentável Marketing social Turismo de base comunitária Turismo em áreas de comunidades tradicionais
Turismo e Gestão de Empreendimentos Turísticos	Hotelaria Alimentos & Bebidas Arranjos Produtivos Locais Empreendedorismo Hospitalidade Negócios turísticos
Turismo e Educação	Educação ambiental Antropologia do turismo Economia do turismo Sociologia do turismo Metodologia de pesquisa

Quadro 9 - Temas não abordados nos trabalhos científicos

Fonte: elaborado pelos autores

A metodologia utilizada nos trabalhos científicos pode demonstrar características tanto dos programas de pós-graduação quanto da formação de autores e orientadores. Desta forma analisamos, também, os métodos de coleta e análise dos dados onde utilizamos como parâmetro a pesquisa realizada por Sakata (2002) para elaboração do quadro base para análise que foi utilizado neste trabalho.

ESTRATÉGIA	MÉTODO DE COLETA	ANÁLISE DOS DADOS
Estudo de Caso	Formulário	Análise Comparativa
<i>Survey</i>	Análise Textual	Expositiva
Pesquisa de Campo	Entrevista	Narração
Pesquisa Ação	Observação	Interpretação
Bibliográfica	Questionário	Crítica

<i>Grounded Theory</i>	Documentos	Computador (software)
Experimentos em Campo	Grupos de Discussão	Diagnóstico
Método Histórico	Métodos Visuais	Teste de Hipóteses
Experimentos em Laboratório	Experiência Pessoal	Estatísticas
Método Biográfico	Outros	Comprobatória
Etnografia		Conteúdo
Observação Participante		Outros
Etnometodologia		
História de Vida		
Fenomenologia		
Outros		

Quadro 10 - Estratégias metodológicas

Fonte: Adaptado de Sakata (2002)

Buscamos na leitura dos resumos as informações sobre a metodologia utilizada nos trabalhos científicos já que, em tese, na sua estrutura deve conter: introdução, os objetivos, a metodologia utilizada e os resultados alcançados, segundo Gil (2002, p.161). Cabe aqui ressaltar que, mesmo fazendo a leitura dos resumos, foi necessário buscar o capítulo referente à metodologia, pois não constava nos resumos e em alguns trabalhos científicos por vezes não foi possível identificar o método utilizado pelo autor.²⁹

²⁹ Esta crítica não tem sentido discriminatório e sim que seja um alerta para melhoria da qualidade dos trabalhos científicos defendidos.

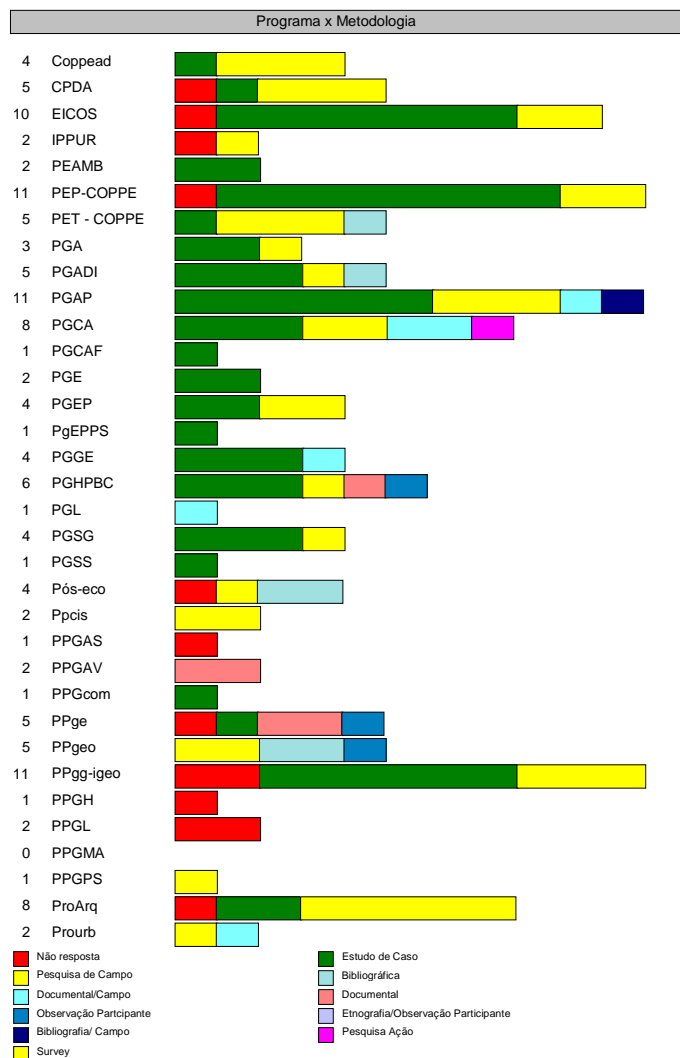


Figura 12 - Comparação entre o programa e metodologia utilizada
 Fonte : Elaborado pelos autores

Ao analisarmos a estratégia metodológica utilizada nos trabalhos científicos com viés nos programas de pós-graduação, encontramos o seguinte resultado: dos 34 programas, 22 utilizaram o Estudo de Caso como estratégia. Para Yin (2001, p. 19) os Estudos de Caso “[...] representam a estratégia preferida [...] quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”. Pearce (*apud* REJOWSKI, 1996, p. 47) afirma ser o Estudo de Caso um dos recursos metodológicos mais utilizados na pesquisa turística, onde corrobora ao que foi levantado nesta pesquisa.

Cruzamos os dados sobre a formação dos autores e orientadores dos trabalhos científicos produzidos nos programas de pós-graduação. Houve a necessidade de agrupar formações pelo elevado número de áreas, como foi o caso das Engenharias.

Sobre os autores, buscamos, ainda, verificar se estes lecionam e se lecionam em cursos de Turismo. Este fator é importante para averiguarmos se acontece o ciclo completo do conhecimento que apontamos como: pesquisa (produção), ensino (reprodução) e extensão (aplicação) que se inicia nos programas de pós-graduação, reflete no ensino em diversos níveis e possibilita a extensão em seu objetivo de retorno à comunidade do conhecimento produzido.

Na tabela, a seguir, as “não respostas” correspondem aos currículos dos autores que não foram encontrados quando da busca na Plataforma Lattes do CNPq³⁰.

Tabela7 – Autores que exercem a docência

EXERCE A DOCÊNCIA	NÃO RESPOSTA	SIM	NÃO	TOTAL
Não resposta	41	3	4	48
Geografia	3	17	3	23
Turismo	1	18	1	20
Engenharia	0	8	8	16
Administração	0	10	4	14
História	0	8	0	8
Arquitetura	0	5	3	8
Ciências Sociais	0	4	3	7
Ciências Biológicas	0	6	0	6
Com. Social/Marketing	0	3	3	6
Economia	0	4	1	5
Psicologia	0	2	1	3
Direito	0	1	1	2
Filosofia	0	1	0	1
Gestão de Emp. Turísticas	0	1	0	1
Letras e Literatura	0	0	1	1
Matemática	0	1	0	1
Medicina Veterinária	0	1	0	1
Museologia	0	1	0	1
Produção Cultural	0	0	1	1
TOTAL	45	94	34	173*

Fonte: Elaborado pelos autores

*Nesta tabela sobre a docência analisamos todos os trabalhos.

Dos 173 trabalhos científicos, encontramos 94 autores que exercem a docência sendo que 74 em cursos de Turismo. Deste total, 18 autores possuem formação em Turismo, 14 em Geografia e 7 em Engenharia, apontando para uma grande diversidade de formações, contribuindo para a formação em Turismo e reforçando a sua multidisciplinaridade também em seus quadros docentes.

³⁰ Não foi possível localizar alguns currículos onde podemos apontar para autores que não possuem seus currículos na Plataforma Lattes ou a mudança do sobrenome no caso de matrimônio.

4.4.1 – Análise por instituições de ensino

A partir do material coletado, buscamos analisar a relação das áreas de interface com a área de conhecimento do Turismo, a formação dos autores e orientadores, o objeto principal da pesquisa, os autores que embasaram a fundamentação teórica, o tipo de literatura utilizada, com o propósito de analisar e avaliar o panorama da produção científica na área de Turismo no Estado do Rio de Janeiro.

Deste ponto em diante, a análise se restringirá aos trabalhos que possuem o tema Turismo como objeto principal, perfazendo assim um total de 135 trabalhos científicos.

Como citado anteriormente, existe um número maior de programas de pós-graduação em instituições públicas e quando estes dados são cruzados com a variável localização do campo, com destaque para o Estado do Rio de Janeiro, chegamos ao total de 62 trabalhos elaborados em programas da UFRJ, sendo 16 considerados “não resposta” por não indicarem uma determinada localidade como campo de estudo.

Tabela 8 - Estado do Rio de Janeiro como escopo X instituições de ensino

INSTITUIÇÃO	NÃO RESPOSTA	SIM	NÃO	TOTAL
ENCE	0	1	0	1
FGV	7	9	5	21
PUC	3	6	0	9
UERJ	0	9	2	11
UFF	4	13	3	20
UFRJ	16	28	18	62
UFRRJ	1	3	2	6
UNESA	0	4	1	5
TOTAL	31	73	31	135

OBS : Qui2 =14,67, ql = 14,1, 1-p = 59,87%

Fonte: Elaborado pelos autores

As “não respostas” visualizadas na figura a seguir correspondem a trabalhos que não tinham o Estado do Rio de Janeiro como campo de estudo ou trabalhos teóricos.

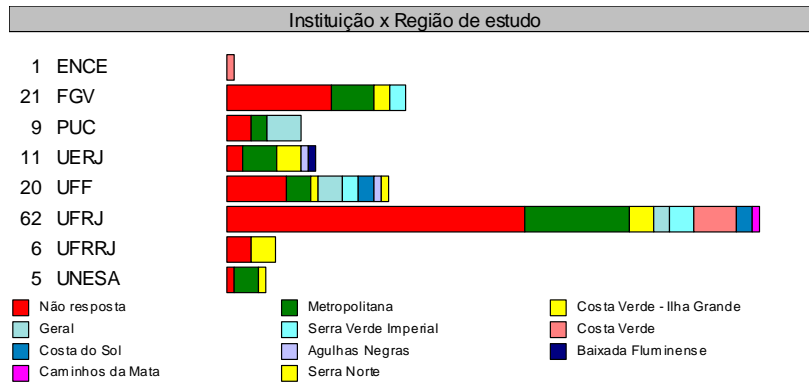


Figura 14 - Comparativo entre instituições e regiões de estudo
 Fonte: Elaborado pelos autores

As instituições de ensino que apresentaram maior diversidade com relação à região onde o campo foi realizado foram a UFRJ e UFF, apesar desta última ter um quantitativo menor de trabalhos científicos defendidos, em seu total, apresentando uma proporção de praticamente 1/3 com relação à primeira. Porém, observando o gráfico com relação às “não respostas” a UFRJ tem mais de 50% dos seus trabalhos com foco em outras regiões ou teóricos.

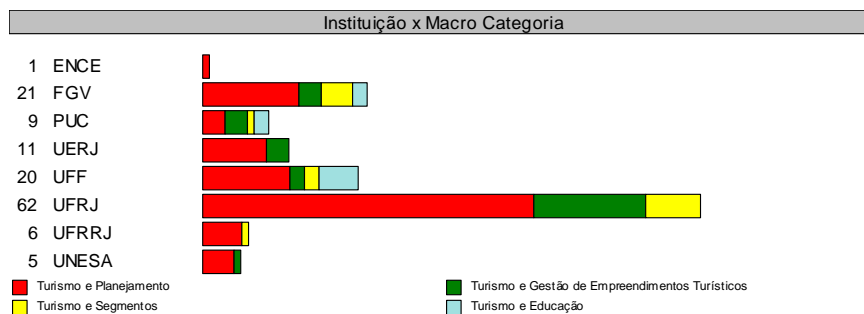


Figura 15 - Comparativo entre instituições e macro categorias
 Fonte: Elaborado pelos autores

Em programas de pós-graduação nas instituições: FGV, PUC e UFF foram encontrados trabalhos que abordam as quatro macro-categorias. Instituições como a UFRRJ, UNESA e ENCE possuem programas de pós-graduação com linhas muito específicas.

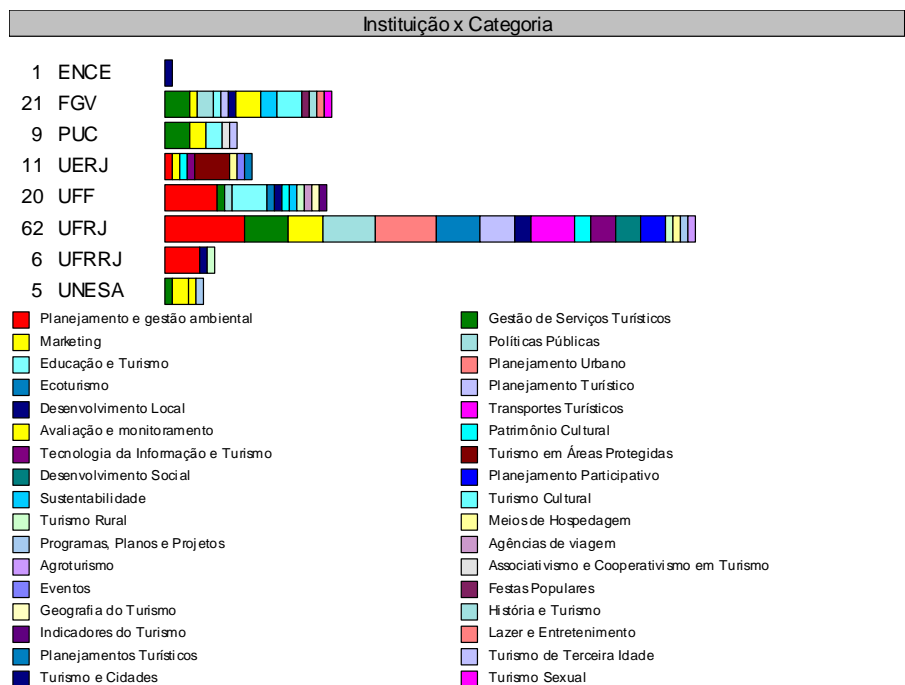


Figura 16 - Comparativo de instituições e categorias de estudo
 Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre o exposto, reafirmamos a complexidade da produção do conhecimento quando observamos a diversidade de propostas de estudo nos trabalhos científicos analisados.

Correlacionamos na busca, trabalhos científicos que tenham recebido algum apoio através de financiamento por edital ou outro tipo de apoio. Para alcançar este objetivo foi necessário, em muitos casos, ler os agradecimentos, pois esta informação não se encontrava de forma clara em outras partes do trabalho científico.

A FGV foi a única instituição que teve três trabalhos científicos vinculados a projetos com apoio financeiro. O primeiro trabalho teve os seus resultados aplicados no projeto “Estudos da Competitividade do Turismo”³¹. Os outros dois trabalhos versavam sobre Turismo Sexual e possuíam com projetos da FGV e o Sistema Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Infante-Juvenil.

Sobre este aspecto, destacamos que este tipo de ação beneficia e amplia o conhecimento, haja vista que seus resultados são de aplicação direta. O mesmo se refere

³¹ Para maiores informações sobre este programa acessar o *site* do Ministério do Turismo em <http://www.turismo.gov.br>

à interação com o exterior, sendo que apenas um trabalho elaborado na PUC realizou esta parceria com uma Universidade Americana.

4.4.2 Análise por Programas de Pós-graduação

Os programas de pós-graduação possuem características próprias por elementos como corpo docente e sua formação, linhas de pesquisa, projetos e parcerias. Deste ponto em diante buscamos entender a lógica de cada programa através dos trabalhos científicos³².

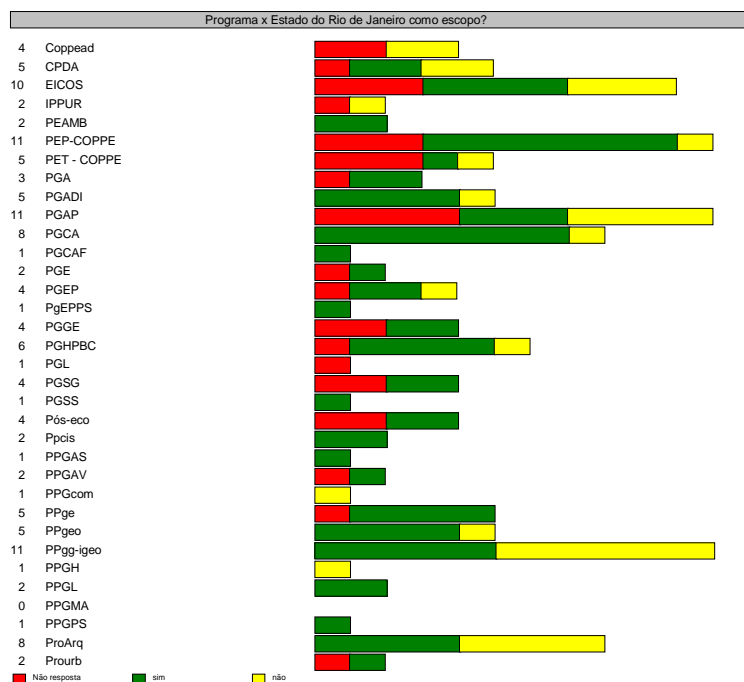


Figura 17 – Programas de pós-graduação que tiveram trabalhos científicos com pesquisa de campo no Estado do Rio de Janeiro
 Fonte: Elaborado pelos autores

³² Cabe observar que houve dificuldade em buscar determinadas informações pelos seguintes motivos: alguns trabalhos não estavam disponíveis no *site* dos programas de pós-graduação ou em bibliotecas virtuais das instituições, a não entrega do exemplar da biblioteca, a não disponibilização do trabalho na íntegra onde em alguns casos só encontramos e a não autorização, pelo autor, da divulgação do trabalho na biblioteca ou em forma digital.

Os programas de pós-graduação, PEP – COPPE/UFRJ e PGCA/UFF, se destacam quando analisamos a questão do campo de pesquisa, tendo o foco em localidades no Estado do Rio de Janeiro. Ainda sobre este aspecto, os programas de pós-graduação PPcis/UERJ e PGCAF/UERJ têm como campo de estudo a região Costa Verde – Ilha Grande. Esta afirmação se confirma quando verificamos que nestes programas os orientadores dos trabalhos científicos possuem forte vínculo com estas localidades, isso constatado em pesquisa em seus currículos na Plataforma Lattes.

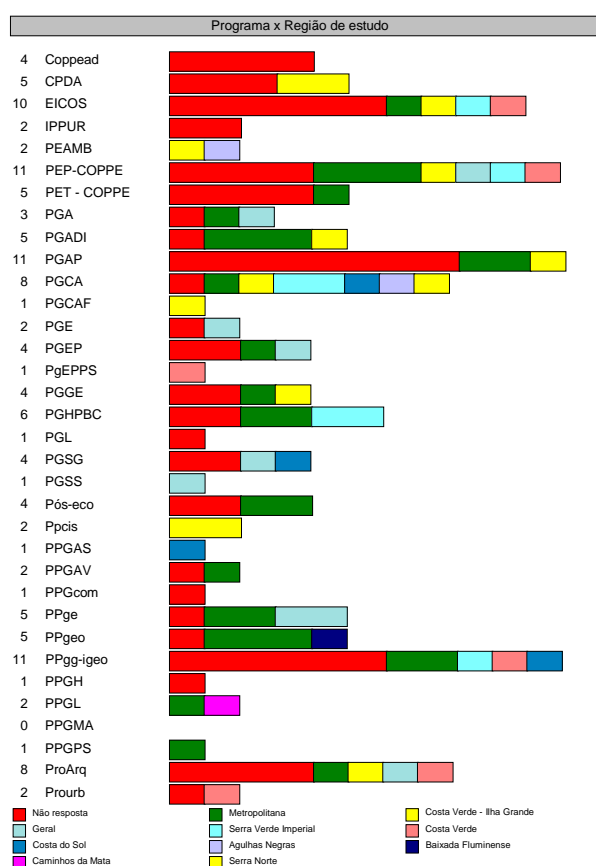


Figura 18 - Comparativo entre programa e região de estudo
 Fonte: Elaborado pelos autores

A análise sob a ótica das macro-categorias demonstrou que dos 33 programas de pós-graduação, 18 possuem trabalhos científicos que versam sobre temas que estão enquadrados em uma das macro-categorias e destes, mais especificamente 13, em Turismo e Planejamento. O programa que apresenta maior diversificação é o PGAP/FGV, que possui trabalhos nas quatro macro-categorias.

Existem duas hipóteses para a questão dos programas de pós-graduação focarem em áreas específicas do estudo do Turismo: os que possuem foco específico elaboram trabalhos que se comunicam e assim o conhecimento constrói uma base sólida, ou podemos pensar, também, na questão da formação dos autores e dos orientadores onde as preferências acerca de determinado tema irão conduzir à proposta, mesmo que não seja o foco específico do programa.

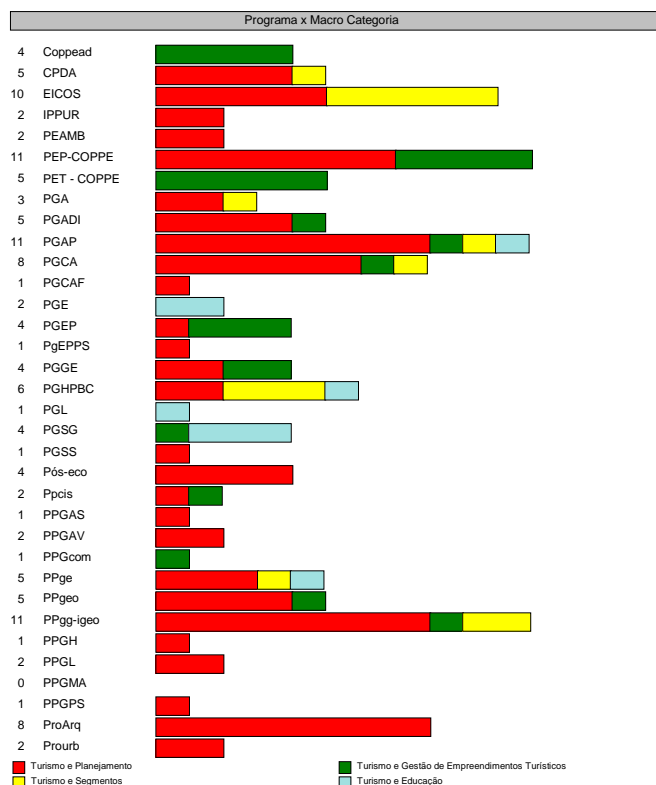


Figura 19 – Cruzamento de dados entre programa de pós-graduação e enquadramento em macro-categorias dos trabalhos científicos
 Fonte: Elaborado pelos autores

Destacamos os programas ProArq/UFRJ³³ e PGAP/FGV com o maior número de trabalhos enquadrados na macro-categoria Turismo e Planejamento e, ao cruzar com o critério categoria, identifica-se no ProArq uma ênfase em Planejamento Urbano e no PGAP, apesar de uma diversidade no enquadramento nas macro-categorias, um número de 3 trabalhos em Avaliação e Monitoramento.

³³ A maioria dos trabalhos defendidos neste programa teve a orientação da Profa Angela Maria Moreira Martins que se aposentou e não nos foi informado se outro professor prosseguiu orientando em sua área de pesquisa ou mesmo sobre o tema Turismo.

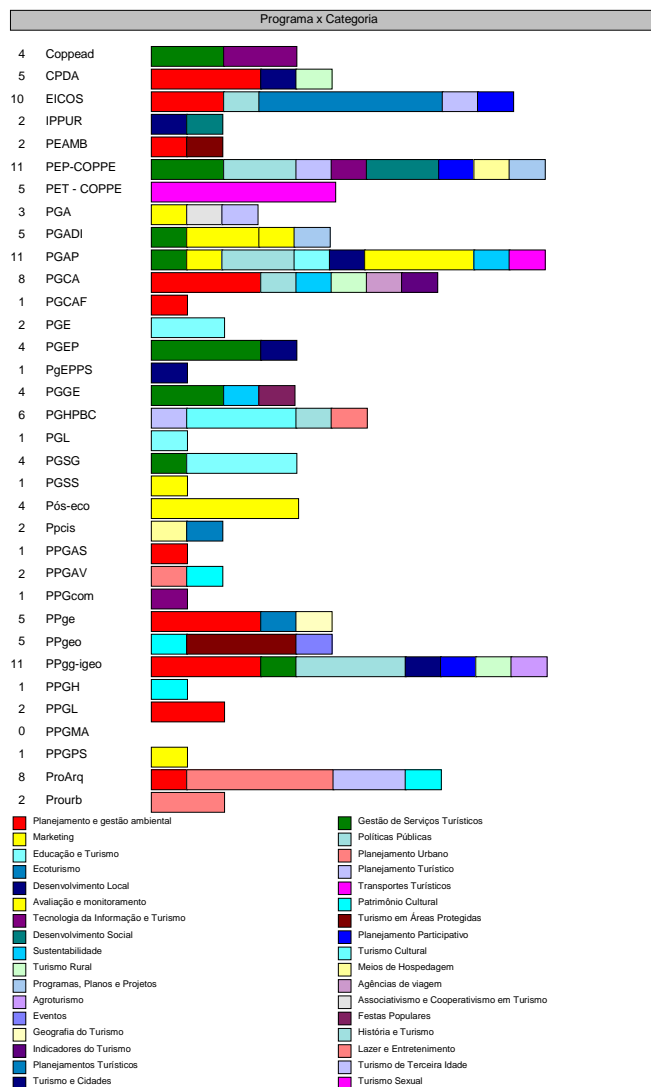


Figura 20 - Cruzamento de dados entre programa de pós-graduação e enquadramento em categorias dos trabalhos científicos
 Fonte: Elaborado pelos autores

Com relação ao processo de elaboração dos trabalhos científicos, buscamos analisar dois critérios: metodologia, e seus desdobramentos, e se foi utilizada bibliografia diversificada. Primeiramente segue a análise da metodologia. As “não respostas” correspondem aos trabalhos que, por algum motivo, não obtivemos acesso ao seu conteúdo na íntegra.

Os programas de pós-graduação : EICOS/UFRJ, PEP-COPPE/UFRJ, PGAP/FGV e PPgg-igeo/UFRJ se destacam na utilização do Estudo de Caso como estratégia metodológica seguida da Pesquisa de Campo.

Com relação à coleta de dados, encontramos nos documentos o meio mais utilizado onde vale lembrar que neste critério são utilizados mais de uma fonte de dados e não sendo assim possível analisá-los detalhadamente. Como técnica para análise de dados, encontramos a interpretação que está diretamente relacionada aos documentos como fonte de dados.

A utilização de técnicas estatísticas na análise dos dados é incipiente no quantitativo analisado.

A bibliografia de um trabalho científico reflete aspectos implícitos como a “linhagem intelectual” ao qual o autor e seu orientador se enquadram. Ao mesmo tempo demonstra o nível de rigor empregado na busca de bibliografia para fundamentação e do “estado da arte” de determinado tema. O *diálogo* entre o autor do trabalho e os autores do material utilizado como referência fazem com que o conhecimento seja acrescido de novos olhares, estabelecendo um novo conhecimento. Com o objetivo de avaliar a bibliografia utilizada nos trabalhos, foram definidos alguns critérios:

- **Bibliografia Diversificada** - quando são mencionados livros na área de Turismo e em outras áreas tanto nacionais quanto internacionais, artigos científicos nacionais e internacionais, legislações (quando necessárias), *sites*, dissertações e teses.
- **Bibliografia Parcialmente Diversificada** – aplica-se quando não são identificados nos trabalhos um dos itens acima descritos.
- **Bibliografia Não Diversificada** - quando o trabalho não apresenta referências em Turismo.

Não se pode deixar de mencionar que conhecer e utilizar bibliografia internacional, tanto livros quanto artigos científicos, têm sido facilitada por bancos de dados com acesso livre como é o caso do *site* Periódicos CAPES.

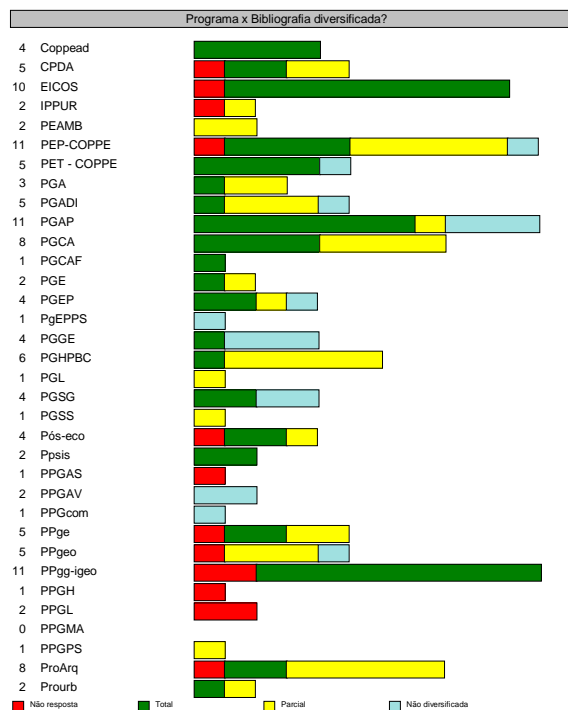


Figura 21 - Comparativo entre programa e bibliografia diversificada
 Fonte: Elaborado pelos autores

Nesta análise, dois programas se destacam por terem seus trabalhos científicos avaliados dentro do critério “bibliografia diversificada”, EICOS e PPgg-igeo. Entretanto, cabe lembrar que dos 11 trabalhos científicos deste último programa, 6 são teses de doutorado que demandam uma busca bibliográfica mais aprofundada. Nos programas de pós-graduação: PgEPPS/UFRJ, PPGAV/UFRJ e PPGcom/UFRJ não foram identificados trabalhos com diversidade bibliográfica. No entanto, não consideramos uma amostra válida por terem um ou dois trabalhos elaborados nestes programas de pós-graduação.

Além dos critérios, macro-categorias e categorias, elaboramos outro critério para análise que determina, em termos gerais, o foco específico do conteúdo do trabalho científico.

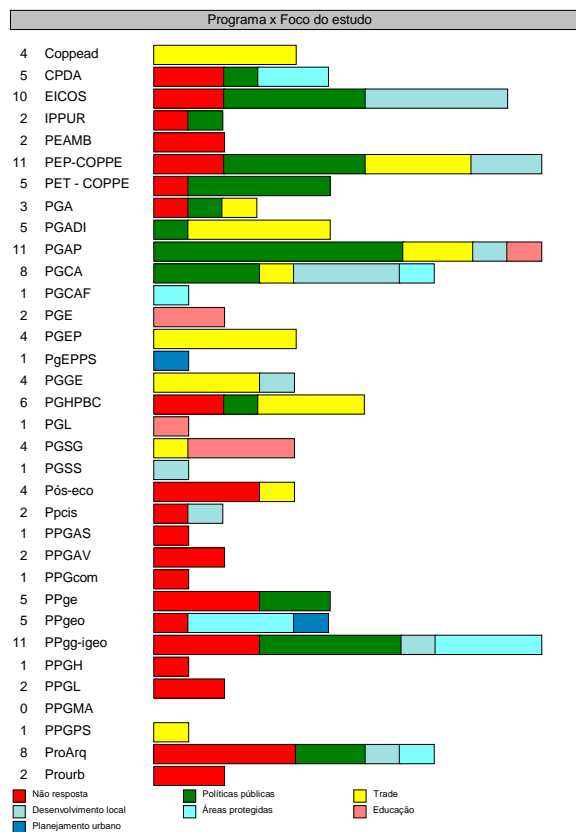


Figura 22 - Comparativo entre programa e foco de estudo
 Fonte: Elaborado pelos autores

Os trabalhos científicos dos programas de pós-graduação Coppead/UFRJ e PGEP/PUC-RIO tem seu foco de estudo bem definidos no *trade*³⁴ turístico. Entretanto, há um trabalho científico no programa de pós-graduação PPGPS/UERJ com foco no *trade* por abordar a questão da percepção dos turistas sobre a imagem do Rio de Janeiro em fôlderes de propaganda de empresas.

4.4.3 As metodologias de pesquisa utilizadas nos trabalhos científicos

Em análise do material segundo a formação do autor, o Estudo de Caso aparece como alternativa mais utilizada por pesquisadores formados em Turismo, seguido pelos com formação em Administração.

³⁴ O *Trade* Turístico é o conjunto de equipamentos da super-estrutura constituintes do produto turístico tais como Hotéis, Agências e Transportadoras.

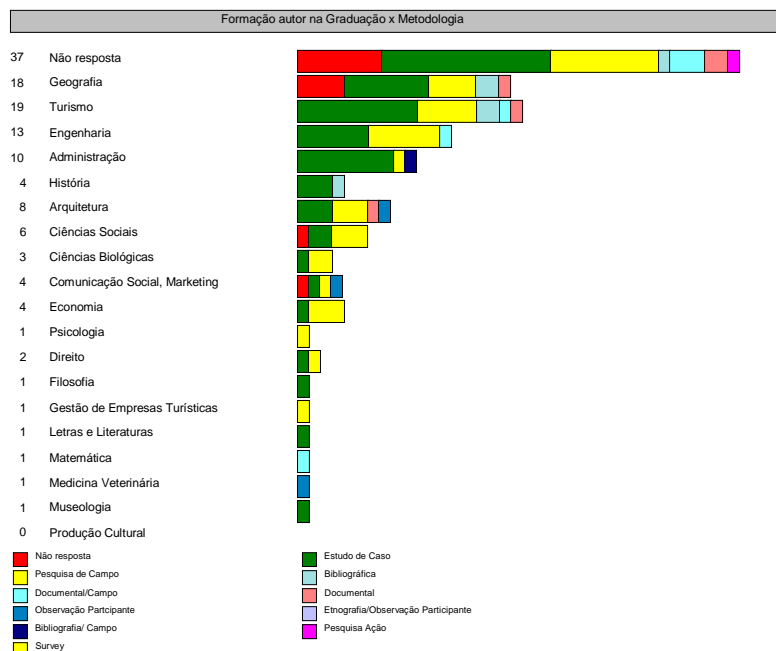


Figura 23 - Comparativo entre formação do autor na graduação e metodologia utilizada nos trabalhos científicos
 Fonte: Elaborado pelos autores

Observamos que grande parte ds trabalhos buscavam nos documentos como : PRODETUR, PNT – Plano Nacional de Turismo, Legislações relacionadas ao Turismo, a base de suas investigações.

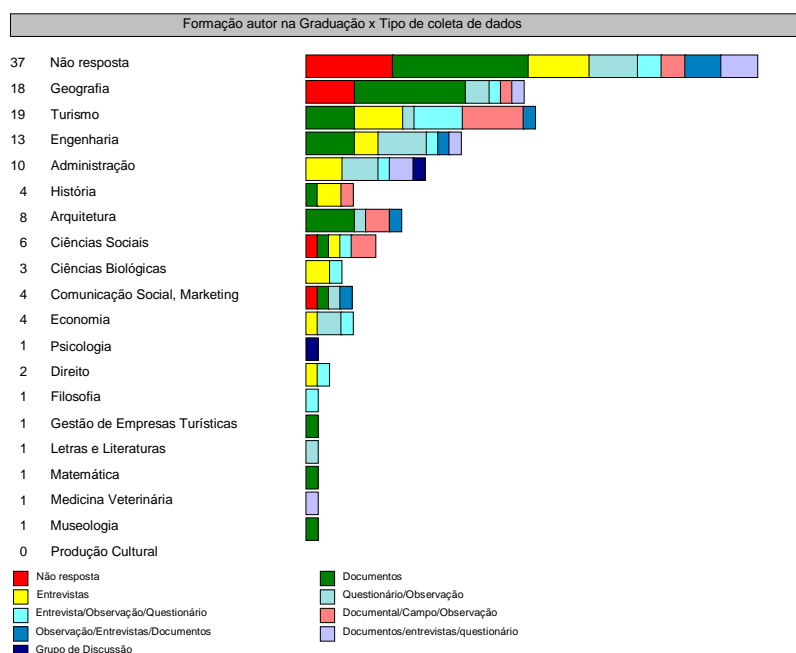


Figura 24 - Comparativo entre formação do autor na graduação e a estratégia de coleta de dados
 Fonte: Elaborado pelos autores

Com a utilização de documentos como principal fonte de pesquisa, a interpretação vem a ser o tipo de análise mais utilizado, havendo coerência entre estes dois aspectos. A estatística foi opção de formações como: Geografia, Turismo, Engenharia, Administração, Comunicação Social – Marketing e Economia. Três destas formações fazem parte de uma mesma área dentro do Modelo Capes de Avaliação, a Ciências Sociais Aplicadas, demonstrando afinidade.

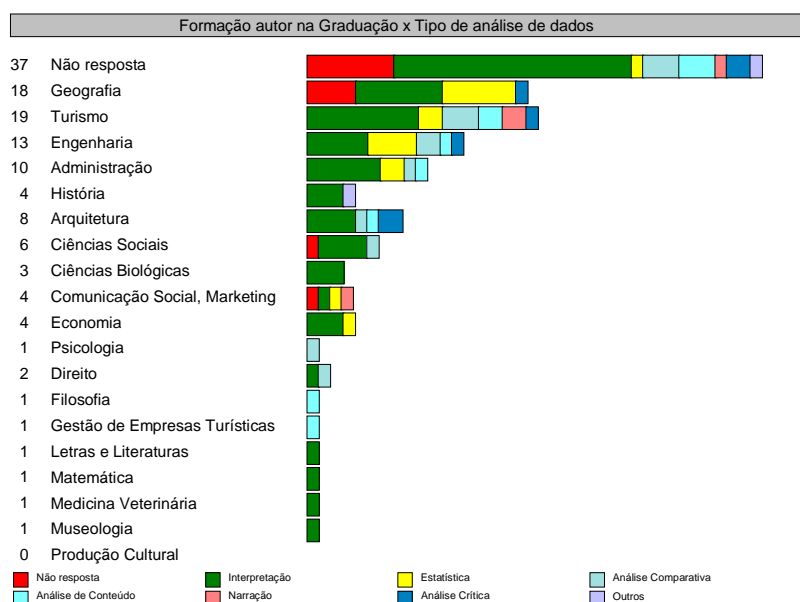


Figura 25 - Comparativo entre formação do autor na graduação e tipo de análise de dados

Fonte: Elaborado pelos autores

Com relação ao critério “bibliografia”, autores com formação em Administração não apresentaram bibliografia diversificada em seus trabalhos científicos, sendo estes parcial ou não diversificada. Entretanto, no geral, os trabalhos não apresentaram diversidade bibliográfica.

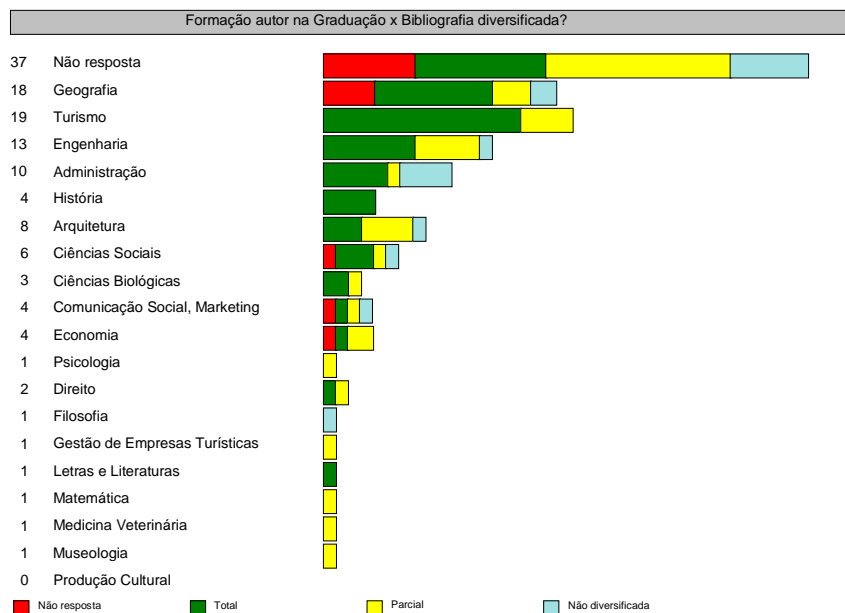


Figura 26 - Comparativo entre formação do autor na graduação e bibliografia diversificada nos trabalhos científicos
 Fonte: Elaborado pelos autores

Relacionando o foco de estudo com a formação dos autores, principalmente as formações em Geografia, Turismo, Engenharia e Administração, os geógrafos destacam-se com mais “não respostas”, pois não se enquadram em nenhum dos focos.

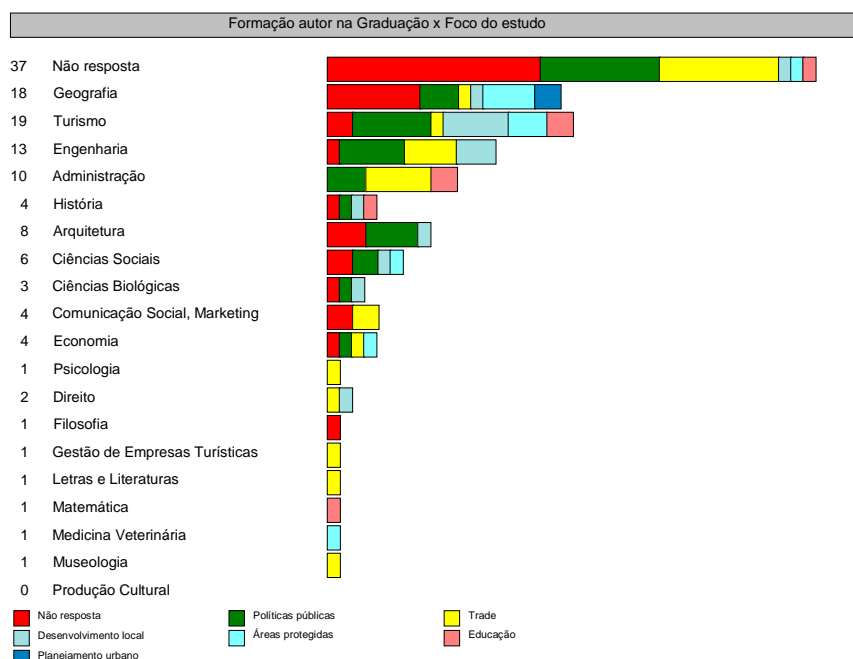


Figura 27 - Comparativo entre formação do autor na graduação e foco de estudo
 Fonte: Elaborado pelos autores

Ao final desta etapa da análise, conclui-se que o tema Turismo tem sido objeto de estudo de formações múltiplas. Atribuindo-se este aspecto à produção do conhecimento, percebe-se que a produção do conhecimento na área de Turismo recebe contribuições que o tornam cada vez mais complexo no que diz respeito aos seus desdobramentos.

4.4.4 A formação dos autores e seus orientadores

Assim como não existe um programa de pós-graduação específico de mestrado ou doutorado em Turismo no Estado do Rio de Janeiro, não há orientadores com esta formação fazendo parte do corpo docente destes programas. A aproximação destes docentes, que possuem formações diversas, com a área de estudo do Turismo parece ilustrar a multidisciplinaridade nos olhares sobre o conhecimento, enriquecendo o conteúdo. Verificar detalhes deste *encontro* torna este trabalho um desvelador de caminhos.

Pela diversidade de formações, houve a necessidade de aglutinar as formações em áreas como, por exemplo, a Engenharia, onde encontram-se formados em Engenharia Civil, Produção e Elétrica³⁵. Nos chamou a atenção um autor com formação em Medicina Veterinária.

Ao cruzarmos os dados da formação dos autores e terem o Estado do Rio de Janeiro como escopo dos trabalhos científicos, a formação de autor que não se aplica este critério é em Filosofia por ser um trabalho especificamente teórico.

³⁵ Lembramos que não conseguimos acesso a todos os Currículos na Plataforma Lattes.

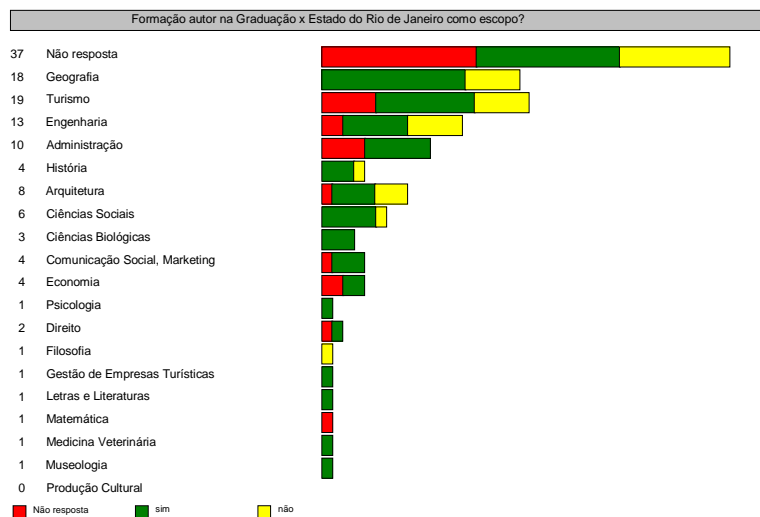


Figura 28 - Comparativo entre formação do autor na graduação e Estado do Rio de Janeiro como escopo dos trabalhos científicos
 Fonte: Elaborado pelos autores

Quando relacionamos as formações com as macro-categorias, os formados em Psicologia e Museologia trabalharam os segmentos turísticos. Um matemático elaborou seu trabalho científico enquadrado na macro-categoria, Educação e Turismo.

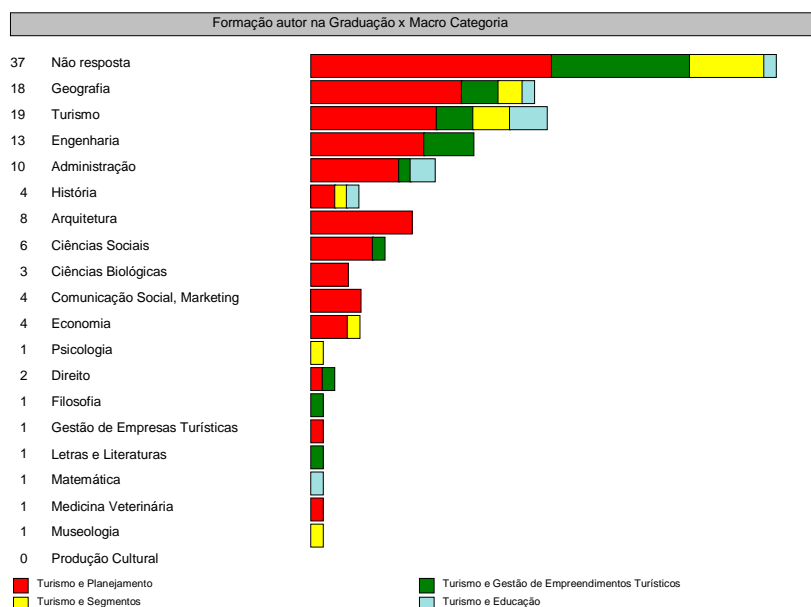


Figura 29 - Comparativo entre formação do autor na graduação e macro categorias
 Fonte: Elaborado pelos autores

Geógrafos e Turismólogos focam seus estudos em Planejamento, reafirmando o exposto anteriormente, e os trabalhos científicos possuem foco mais específico no tema Planejamento e gestão ambiental. Entretanto, nestas duas formações, tanto para as macro-categorias quanto as categorias, o foco é multi.

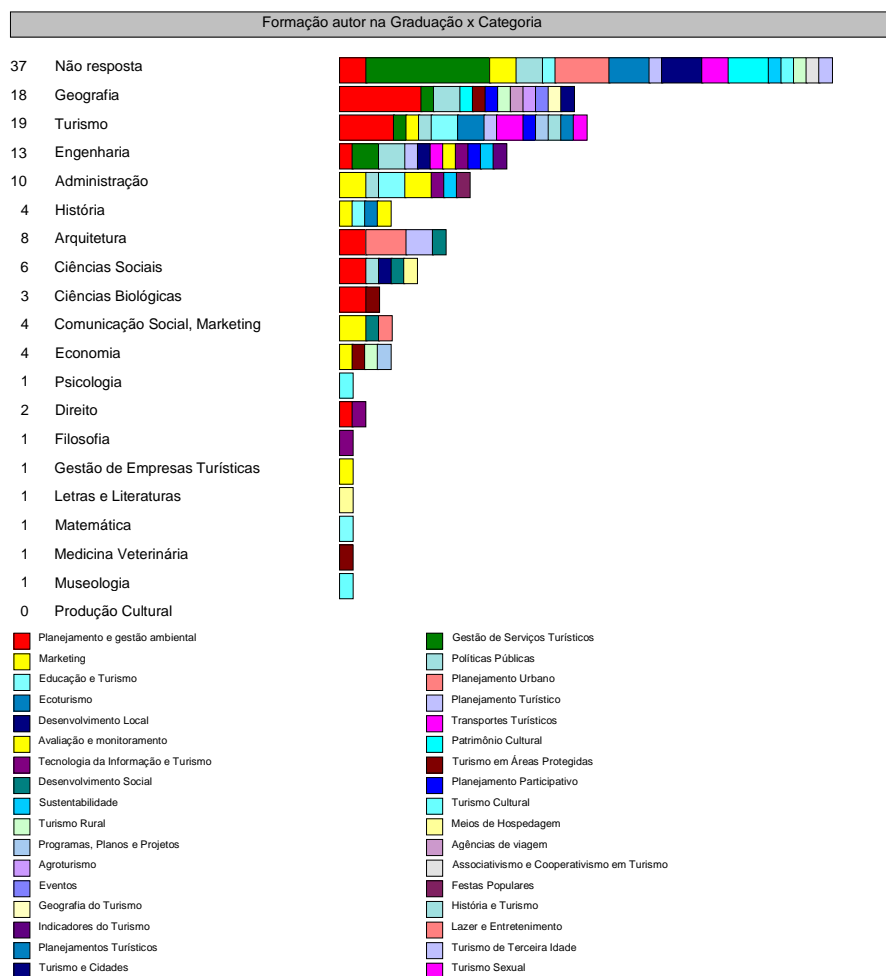


Figura 30 - Comparativo entre formação do autor na graduação e categorias
 Fonte: Elaborado pelos autores

Como exposto anteriormente, não há uma linearidade na formação dos autores. Acredita-se que a escolha por este tema venha de encontro a opções pessoais e necessidade de qualificação para exercer funções já atribuídas como no caso da docência em instituições de ensino, entretanto são apenas hipóteses.

A formação do orientador está de certa forma diretamente relacionada ao programa ao qual este se vincula. Entretanto, como dito anteriormente, os programas que se enquadram na área Interdisciplinar possuem intrinsecamente uma composição de seu corpo docente com formação múltipla, imprimem ao programa esta característica. Com

relação à formação dos orientadores, esta se apresenta com a mesma diversidade que a formação de autores.

Como dito anteriormente, não há um programa específico de Turismo no Estado e tampouco um docente com esta formação nos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Este é um fator extremamente importante a partir do qual se pode reafirmar que conhecimentos de diversas áreas contribuem para a produção de conhecimento na área de Turismo.

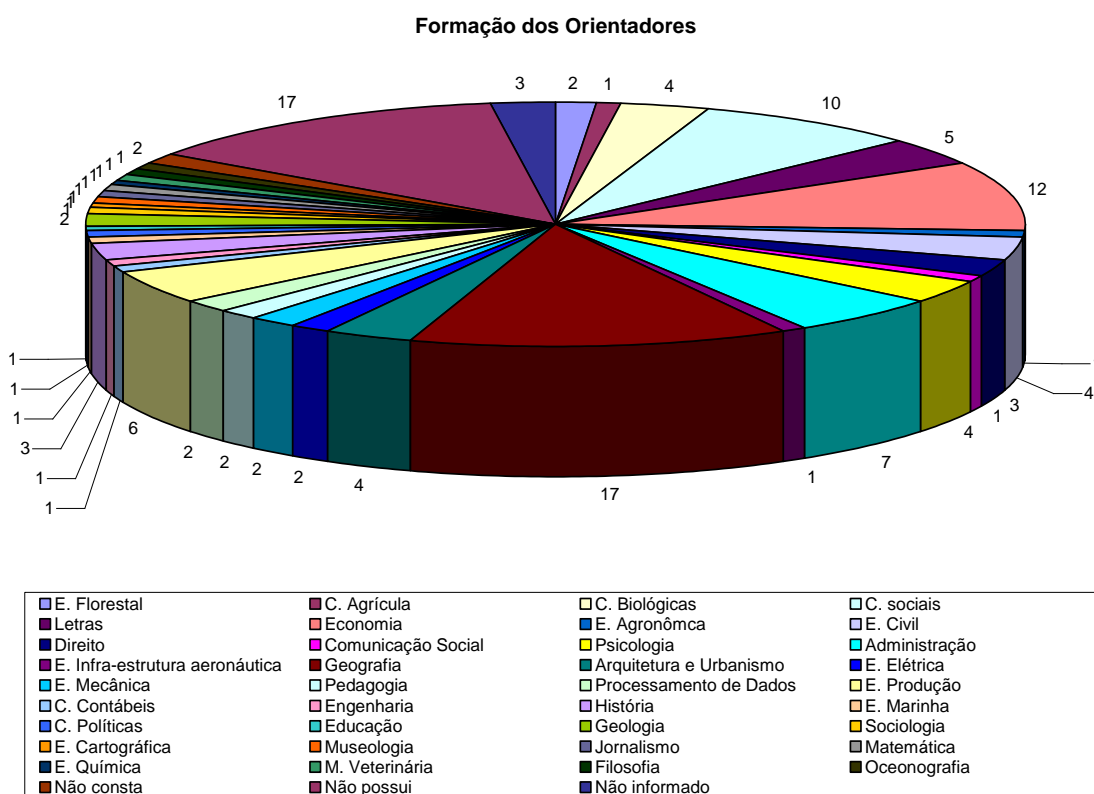


Figura 31 – Formação dos orientadores na graduação

Fonte: Elaborados pelo autores

No total, encontramos 36 formações distintas no quadro de docentes que orientaram trabalhos que abordavam o tema Turismo. Encontramos orientadores com formações em áreas já identificadas como correlatas como a geografia, economia, porém encontramos outras formações como engenharia elétrica e mecânica, matemática e engenharia química, por exemplo.

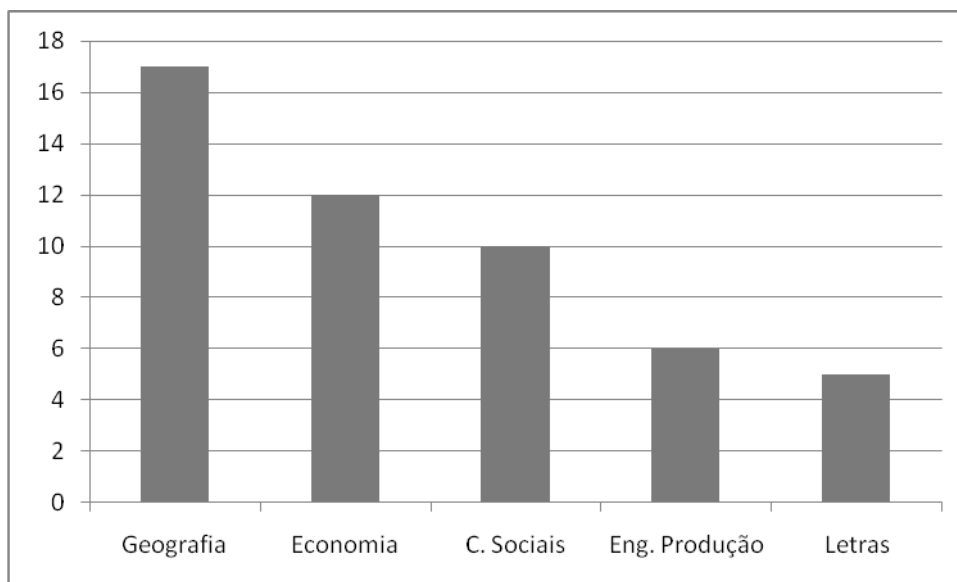


Figura 32 – Destaque na formação dos orientadores

Fonte: Elaborado pelos autores

Outra variável que analisamos, foram as bancas e sua composição. Como não havia uma regularidade que nos permitisse cruzar dados sem haver discrepância, nos atemos a uma análise superficial na qual constatamos que as bancas de programas de Geografia seguem uma linearidade no que diz respeito à formação dos membros da banca. A PUC e FGV convidam membros da própria instituição para compor a maioria de suas bancas. Dos membros que mais participaram de bancas externas aos seus programas de pós-graduação ou instituição, podemos destacar a Profa Marta de Azevedo Irving – EICOS/UFRJ e o Prof. Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ.

4.5 Uma Fotografia

Os elementos que aparentemente se apresentam disjuntivos aos poucos desenham um quadro, ou melhor, compõem uma fotografia com planos e focos que ora estão mais à frente e ora mais ao fundo, não sendo possível compor uma figura estática.

Neste momento, introduzimos Flusser (2002) e sua obra *Filosofia da Caixa Preta – Ensaios para uma futura filosofia da fotografia* para melhor ilustrar o que acabamos de apresentar. Na verdade, o que nos propusemos neste capítulo foi utilizar um aparelho, de certa forma programado, que é a estrutura da pós-graduação e seu produto final, teses

e dissertações, e lançar olhares de um fotógrafo para gerar imagens técnicas utilizadas neste capítulo.

As imagens foram dispostas em uma sequência entremeadas por textos que, de certa maneira, se extraídos não diferem no resultado final, ou seja, são dispensáveis, pois as imagens falam por si só. Este representa assim um olhar pela janela da Universidade, mais precisamente da produção do conhecimento na área de Turismo. Entretanto, afirmamos ser um “olhar de um fotógrafo” sendo, por vezes, meramente o olhar de um emissor, dependendo da forma como o receptor a percebe, pois

o caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas, e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões de mundo. (FLUSSER, 2002, p. 14)

Neste processo a “codificação se processa ‘na cabeça’ do agente humano, e quem se propõe a decifrar a imagem deve saber o que se passou em tal ‘cabeça’” (*op. Cit*, 2002, p. 15).

Nos colocamos como fotógrafos. A proposta foi apresentar, além de um quantitativo por programas, uma sistemática que pudesse apoiar a compreensão de como e de que maneira o conhecimento foi produzido. Certamente poderíamos ter ido além disso, buscando as principais fontes bibliográficas ou o cruzamento de mais variáveis, mas a fotografia que foi tirada já nos proporcionou imagens que demonstram, por exemplo, que o conhecimento sobre Turismo no Rio de Janeiro acontece principalmente nas seguintes instituições: UFRJ, UFF e FGV. Os programas com maior destaque são : PEP/COPPE/UFRJ ; PGCA/UFF ; PGAP/FGV e EICOS/UFRJ.

Com esta codificação partimos para um olhar mais profundo através desta janela.

CAPÍTULO 5

O ambiente, as comunidades e as tramas – uma radiografia

Após analisar o material levantado, realizando vários cruzamentos na tentativa de entender a lógica da produção do conhecimento, houve a necessidade de se promover um *encontro* com alguns pesquisadores que foram ‘atores’ neste processo, com o objetivo de compreender como estes percebem o Turismo enquanto campo de conhecimento.

5.1 O processo do pensamento

Entender como o processo de produção do conhecimento em uma área multidisciplinar como o Turismo, demanda reflexões e análises que vão além do observável. As mutações e meandros, sem mesmo haver referência às questões peculiares de cada área de estudo que contribuem para o conhecimento na área, atribuem ao processo de produção do conhecimento em Turismo uma complexidade que muitas vezes o torna difícil de ser entendido.

No capítulo anterior, observou-se que o conhecimento é produzido em diferentes programas de pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro, com autores e orientadores de formações diversas, em instituições com estruturas distintas. O que reafirma que o conhecimento é produzido, neste caso específico em forma de teses e dissertações, independentemente de haver um curso de graduação ligado ao programa de pós-graduação e que este conhecimento, de alguma forma, é reproduzido e aplicado, sendo uns com mais densidade que outros, mas independente de qualquer fator gerou-se conhecimento.

Geertz (1982) afirma que existem três formas de pensamento: a primitiva de se pensar – despida de pré-conceitos e regras, de uma forma mais natural; a cognitiva relativista – onde o processo se “contamina” por fatores externos, seguindo um determinado padrão e recentemente a do problema da incomensurabilidade conceitual – onde é evidenciada a pluralidade de produtos decorrentes do processo de pensamento. O autor acrescenta que “o pensamento é espetacularmente múltiplo como produto e maravilhosamente singular enquanto processo”³⁶ (GEERTZ, *op cit*, p.14).

A questão aqui levantada depara-se com personagens e ambientes distintos que buscam estudar o Turismo de acordo com seus modos de pensar e agir, com docentes que possuem múltiplas formações em estruturas universitárias públicas e particulares. Não é uma questão de pensar dentro de suas próprias ‘caixas’, mas de entender como se dá o processo nestes ambientes, os envolvimento, motivações e entendimento acerca do fenômeno.

Pode ser que o que há de comum entre estes pesquisadores venha a ser mais revelador que a própria forma de pensar, como construção social.

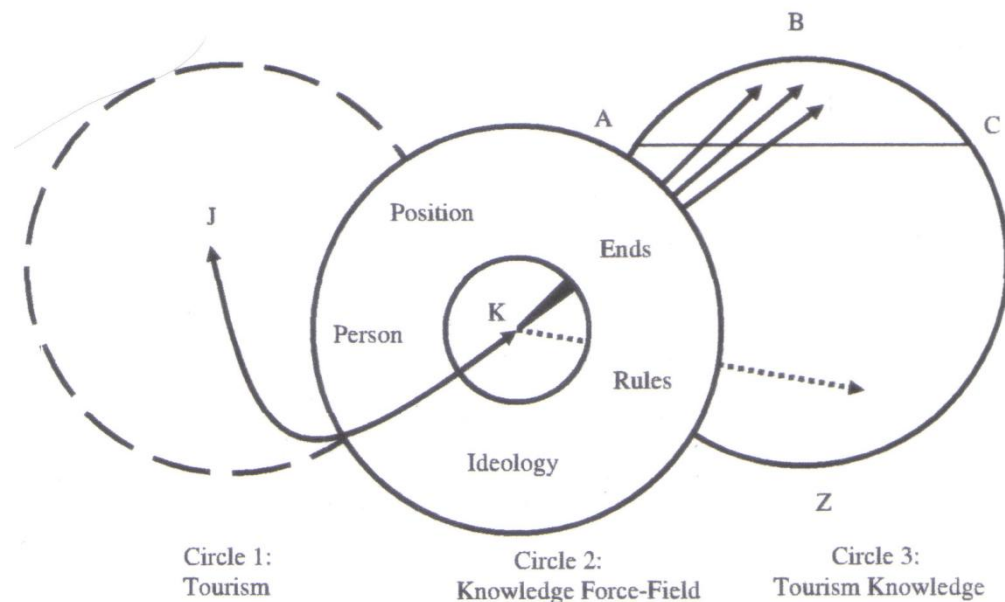
A utilização de procedimentos metodológicos, temas de pesquisa e formas de aplicar conhecimentos apontam para padrões de uma comunidade onde indivíduos conectados se assemelham ao que Boyle denomina de “*invisible colleges*”.

Os vários programas de pós-graduação que trabalham o tema em suas pesquisas e orientações não utilizam o mesmo vocabulário, as mesmas formas de pensar e pesquisar o Turismo. Não se debruçam com a mesma intensidade sobre o tema, entretanto produzem conhecimento.

Tribe (2006, p.362) aponta para fatores que podem vir a impactar este processo: ideologia, regras, a pessoa, posição e finalidade, com base na teoria do campo de força de Lewin (*apud op cit*) cujo objetivo é o de “[...] entender estes fatores que facilitam ou

³⁶ Tradução nossa do original: “*That thought is spectacularly multiple as product and wondrously singular as process.*”

retraem mudanças nas organizações”³⁷. O autor determina como elementos que neste caso influenciam pesquisadores na produção de conhecimento na área de Turismo como mostra a figura a seguir



Fenômeno Turístico → Campo de Força do Conhecimento → Conhecimento em Turismo

Figura 33 - Campo de força do conhecimento

Fonte: Tribe (2006, p. 363)

No campo de força do conhecimento estão a posição que o pesquisador ocupa em sua instituição; sua ideologia ou a ideologia institucional; as regras pré estabelecidas; e os próprios interesses individuais. Estes elementos foram levados em consideração durante as entrevistas.

5.2 Analisando o ambiente dos pesquisadores

³⁷ **Tradução nossa do original:** “understand those factors which facilitated and those which restrained change in organizations”

Geertz (1982) reafirma o apontado por Tribe (*op cit*) sobre a pessoa e seu ambiente. Situações pessoais, de trabalho e organizacionais, influenciam estes pesquisadores e refletem na identidade dada à pesquisa.

Ritos de passagem, funções definidas por idade e gênero, ligações entre gerações (pai/filho, mestre/aprendiz) têm sido importantes na análise etnográfica, porque marcam estados e relacionamentos que quase qualquer pessoa experencia, parece fornecer pontos fixos razoáveis no turbilhão do nosso material.³⁸

Assim buscamos estabelecer contato com os entrevistados, em seus espaços de trabalho, com o propósito de entender esse ambiente e como estes se aproximaram ao tema Turismo, lembrando que as suas formações iniciais e nem mesmo as suas propostas de pesquisa estabeleçam ligação inicial com o Turismo.

Alguns pesquisadores entrevistados possuem formação consolidada em uma única área de conhecimento, a Geografia como no caso de Gilmar Mascarenhas e Nadja Castilho, ambos da UERJ, e as Ciências Sociais no caso de Bianca Freire-Medeiros e Celso Castro da FGV, assim como Maria José Carneiro do CPDA/UFRRJ. Outros possuem formações diversificadas desde a graduação ao doutorado e bastante ecléticas como é o caso da Marta Irving que se formou em Biologia e Psicologia e seu mestrado e doutorado em Gestão de Ecossistemas Costeiros, sob a ótica de planejamento e controle de poluição. Seu Pós-doutorado versou sobre a temática da gestão da biodiversidade e inclusão social.

Visto este perfil diversificado, cada entrevista teve início à pauta de solicitação que os pesquisadores apresentassem suas trajetórias acadêmicas e que falassem de que forma o tema Turismo começou a ser internalizado em suas trajetórias profissionais. O interesse, neste momento, foi identificar de que forma este *encontro* por projetos, pessoas ou

³⁸ **Tradução nossa do original:** “*Passage rites, age and sex role definitions, intergenerational bonds (parent/child, master/apprentice) have been important in ethnographic analysis because, marking states and relationships almost everyone experiences, they have seemed to provide at least reasonably fixed points in the swirl of our material.*”

mesmo o despertar para este olhar sobre o Turismo deram início a questionamentos que mais tarde se transformaram em conhecimento.

Seguem algumas falas:

Aí, depois eu voltei para o Brasil (voltou do doutorado na Alemanha), montei coisas de trabalho aqui com uma ênfase mais no social e acabou que a questão do Turismo ganhou uma *presença*, por causa de uma outra pessoa que passou por aqui, Alfredo Laufer, que foi meu aluno, tinha sido Secretário de Turismo do Rio de Janeiro e foi quem me provocou a criar alguma coisa mais focada no tema. (Roberto Bartholo – PEP/COPPE/UFRJ, grifo nosso)

[...] surgiu aqui o "Guilherme Palhares"³⁹ que fez o mestrado e resolveu trabalhar com o transporte turístico e ele veio conversar comigo. Eu disse: - meu irmão eu não sei trabalhar com isso. Eu fiquei meio inseguro, eu não sei qual é a relação e como é a relação, o que é transporte turístico, nós nunca tratamos aqui de Turismo ou de transporte com algum foco qualquer. (Marcio Peixoto – PET/COPPE/UFRJ)

Turismo é bom para pensar e bom para pretexto, pra pensar em coisas das mais variadas. Então eu vi aquela bibliografia extensíssima, vi que tinha toda uma aula de antropologia e sociologia ligada ao tema do Turismo, tudo isso eu vi ali na dissertação da Cecília⁴⁰ Acabei indo para a banca e fui me envolvendo, depois eu me dei conta de quanto o Turismo estava nas minhas sacações sobre a Ilha Grande porque era um pouco de: o que o Turismo fez na Ilha? Ou, de como ia salvar a Ilha? Enfim, eu descobri várias visões e eu comecei com essa perspectiva do Turismo que mudou as coisas. (Rosane Prado – Ppcis/UERJ)

Outros pesquisadores foram influenciados por projetos como no caso do Celso Castro⁴¹ da FGV, onde este relata que

[...] a diretora do CPDOC na época, Lúcia Lippi, me chamou porque ela estava recebendo duas visitas e queria que eu estivesse junto só para falar um pouco do CPDOC. Eram duas pessoas que na época tinham uma empresa de

³⁹ Guilherme Lohmann Palhares publicou o livro 'Transportes Turísticos' pela editora Aleph em 2002 logo após sua defesa de mestrado. Este livro é referência em cursos de Turismo para a disciplina Transportes Turísticos.

⁴⁰ Cecília dos Guimarães Bastos foi orientanda da professora Tania Maciel no EICOS – UFRJ e Marta Irving também fez parte da banca. A dissertação tem o título: 'Turismo e relações interculturais: uma viagem reflexiva com e sobre turistas independentes', sua defesa foi em 2006.

⁴¹ Celso Castro nos relatou durante a entrevista que após este *encontro*, que resultou em uma pesquisa, lhe foi sugerido por Gilberto Velho, seu orientador, que produzisse um artigo. Este texto é um dos mais citados. CASTRO, Celso. "Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro". In: *Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Gilberto Velho (org.), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, p. 80-87.

projetos, eles queriam na verdade identificar no CPDOC projetos, idéias de pesquisa que precisassem de financiamento e eles com os contatos no meio empresarial tentariam viabilizar. Claro que em troca eles ganhariam uma porcentagem derivada da intermediação, uns agentes culturais neste sentido. Então eles tinham vindo e a Lúcia me chamou para ficar com ela. Então, está bem, se vocês conseguirem viabilizar algum projeto, que seja razoável, que tenha um... e começou a falar do CPDOC, das linhas de pesquisa, das atividades etc. Eu me lembro que estava na reunião e fiquei um pouco entediado. Eu já tinha ido naquela apresentação do CPDOC umas 500 vezes, não tinha nenhuma novidade, mas estava lá. Até que numa altura lá um deles perguntou: e na área de Turismo vocês têm alguma coisa? E a Lúcia falou que não, Turismo não, definitivamente não. A gente até tem alguma coisa de história cultural, tinha uma pesquisadora que na época tinha escrito um texto e outro, mas não, Turismo não tem nada. Aí, eu que até então estava bastante quieto e até sonolento nessa reunião, eu pensei alto. Exatamente isso, também não tinha lido nada sobre Turismo, falei: mas Lúcia até que seria interessante, né? (Celso Castro – CPDOC/FGV)

Marta Irving explica ter sido na academia sua aproximação com o Turismo

Mas foi a época em que a questão ambiental não estava ainda assimilada nas universidades e eles queriam trazer a questão ambiental para a Pro-reitoria de Extensão - UFC, então, me chamaram para trabalhar lá, afim de gerenciar um escritório de geração de conhecimento e tecnologia que ficava na Pro-reitoria de Extensão para eu coordenar o Programa de Meio Ambiente O que se fazia de meio ambiente lá? Eu estava na Engenharia e aquilo foi interessante, porque comecei a ter contato com todo mundo e nessa práxis lá do programa de meio ambiente eu comecei a receber muita gente o tempo todo, querendo saber se eu podia dar assessoria ao Turismo, se eu poderia dar assessoria em gestão ambiental, se eu poderia estar fazendo projetos em conjunto. E o tema da gestão ambiental e do Turismo estavam sempre vindo juntos porque era uma área que estava começando a se institucionalizar no Ceará. Então parei para pensar: estão pedindo capacitação em Turismo, não sabem onde buscar e vem buscar aqui naquela coisa que eles acham que é mais próxima, não tinha faculdade, não tinha nada. (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

De alguma forma o tema cruzou as pesquisas fazendo despertar o interesse, como foi para Maria José Carneiro (CPDA/UFRRJ) que pesquisa ‘novas ruralidades’ e durante seu campo observou que “o Turismo aparecia como dado da realidade, desviando mão-de-obra da agricultura para o Turismo.” Já outras pesquisadoras disseram

“E eu queria trabalhar com essa parte – o urbano, mas queria também fazer uma coisa com essa parte de imagem, já. Aí fui com a bolsa da Capes para lá (Estados Unidos) e acabou que eu fiz uma tese que é sobre essa coisa da representação do Rio no imaginário dos norte-americanos e aí entra já essa coisa do Turismo mais como literatura de viagem porque não tem nenhuma

pesquisa... a pesquisa toda ela é com fontes bibliográficas e coisa e tal, não tem campo. (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV)

Aí em 95 eu comecei a fazer minha tese de doutorado, fiz a de mestrado e defendi em 86, pegando mais a parte geomorfológica e aí quando foi em 95 eu comecei a direcionar meus estudos realmente para a área ambiental, mas até então não tinha nada a ver com a questão do Turismo – eu comecei a trabalhar e a pesquisa começou a crescer na UERJ como um todo, alavancando essa pesquisa no Pedra Branca, em 99 aí sim, eu comecei a trabalhar com o Turismo também no Pedra Branca. Era uma coisa que me intrigava, eu dizia: Gente, uma área protegida como o Pedra Branca tem um potencial para o Turismo incrível, para o Turismo de natureza e ninguém se preocupa com isso? Ninguém avalia esse potencial? (Nadja Castilho – Ppgeo/UERJ)

Para alguns pesquisadores o Turismo passa a fazer parte do seu cotidiano, influenciando projetos e orientações.

Mas por conta da Ilha Grande eu comecei a me ver às voltas com o Turismo como questão, como tema, pois pesquisa é assim, né? O universo que você está pesquisando ele se impõe a você, você muda até suas questões, suas perguntas por coisas que começam a aflorar. Então não tem como trabalhar com a Ilha Grande como objeto de pesquisa sem lidar com o Turismo, não tem como. Bom, aí eu comecei a fazer uma curvatura do Meio Ambiente para o Turismo até nos meus próprios projetos, logo, eu comecei a escrever uma coisa aqui e outra ali e os meus alunos também, tanto de graduação quanto de pós [...] (Rosane Prado – Ppcis/UERJ)

De certa maneira o *encontro* entre o tema Turismo e estes pesquisadores aconteceu e proporcionou que estes iniciassem outro *encontro* que vem a ser o de suas formações, seus olhares ‘contaminados’ por seus saberes sobre algo indefinido entre fenômeno e atividade.

5.2.1 O Turismo – fenômeno ou atividade?

Esta dicotomia nos aponta para questões ainda não definidas e que já foram objeto de estudos de alguns autores como apresentado em capítulos anteriores. Sob a ótica das

ciências sociais, o Turismo é um fenômeno. Entretanto, a atividade adquire espaço quando abordamos, por exemplo, questões de gestão e econômicas.

Os entrevistados possuem opiniões diversas, isto, claro, de acordo com suas visões e posições sobre o Turismo

Para mim é um fenômeno complexo, social, político muito além de atividade. Inclusive nas minhas teses eu acho que já escrevi Atividade Turística algum tempo atrás e hoje isso eu abomino. Nas minhas teses hoje eu não falo mais em atividade turística, porque considero o Turismo como fenômeno. (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

Ou que haja espaço para se pensar nas duas formas, pois segundo Bartholo (PEP/COPPE/UFRJ) “[...] depende, eu acho que é as duas coisas. Se eu estou fazendo, eu estou na atividade. Se eu estou observando, estou vendo o fenômeno.” Ou como aponta Nadja Castilho (Ppgeo/UERJ), “As duas coisas. Mas eu trabalho mais sobre a ótica do Turismo como um fenômeno, mas eu vejo como as duas coisas, não tem como desassociar.”

Rosane aponta para uma questão que Bianca Freire-Medeiros (CPDOC/FGV) também salientou: “os alunos formados em Turismo possuem uma bagagem própria e até mesmo um vocabulário que influenciam em seus olhares”. Então Rosane diz:

Eu acho que nos textos a gente se refere a ele como as duas coisas, mas acho que trabalhamos e analisamos como um fenômeno social/cultural, embora a gente reconheça e os *alunos* falam em Atividade Turística, agora para trabalhar, analiticamente, pensamos como um fenômeno social/cultural. (Rosane Prado – Ppcis/UERJ grifo nosso)

5.2.2 A questão da disciplinaridade e seus limites

Echtner e Jamal (1997) apontam para a dificuldade de se estabelecer os limites do campo de estudo do Turismo por permear diferentes áreas como as apontadas por Jafari

(1981) e utilizar metodologias que não são próprias. Apontam para a riqueza do debate permeado por teorias de outras áreas.

Jovicic (1988) defende que o surgimento de uma nova ciência como a “Turismologia” permitirá o desenvolvimento de uma teoria do Turismo. Autores como Jafari (1990) e Pearce (1993) defendem que as pesquisas interdisciplinares são mais ricas e que não há possibilidade de fecharmos o campo de estudo em uma determinada área. Apontam, também, para a necessidade de pesquisas sistemáticas na área e admitem a dificuldade de se criar um doutorado específico.

Esta questão foi colocada para os entrevistados onde estes apontam que

[...]uma disciplina compreende um cofre de conhecimentos e métodos de estudo. Eu acho que o turismo, embora apresente uma evolução intensa, ainda está caminhando na direção de se considerar uma disciplina, merecer esse nome disciplina. [...] Enquanto área de estudo com certeza penso que o volume de trabalhos, de livros, de publicações e seminários no mundo inteiro, dão assim um testemunho muito grande de que é uma área de estudo que ultrapassa e muito o campo da disciplina porque você tem profissionais da geografia, a sociologia, da antropologia, da economia. Há uma série de disciplinas que se debruçam sobre o Turismo. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

Jamais uma disciplina. Eu acho que é um tema interdisciplinar complexo, é uma área de estudo, um campo de conhecimento e um campo de conhecimento que tem vertentes que eu diria capilarizações que tocam quase todas as áreas de conhecimento. (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

Na visão de Rosane Prado, a área de estudo o Turismo permeia vários campos onde esta diz que

[...] da minha perspectiva eu acho que ele teria que ser visto de alguma perspectiva como eu trabalho, antropologia do Turismo, sociologia do Turismo, podia até dizer Turismo visto da perspectiva antropológica. Então, eu faço essa distinção (Rosane Prado – Ppcis/UERJ)

Sobre a interdisciplinaridade

Eu o vejo como uma área de estudo e aí sim de um caráter interdisciplinar. O turismo não tem um potencial para se dizer uma ciência. Minha base epistemológica é essa, eu não vejo aí, aliás é meu trabalho de conhecimento. Então eu vejo o Turismo como uma oportunidade de estudo muito mais com esse viés interdisciplinar,[...] (Fernando Tenório - FGV)

Olha, eu deveria achar, de mais bom grado, que é uma área de estudo, no sentido que o conhecimento, para mim, o conhecimento mais interessante de fato é interdisciplinar, não respeita a placa na porta. Eu estou aqui e não falo com o vizinho na porta. Você começa a correr atrás de uma coisa que nunca se realiza que é a interdisciplinaridade. Acaba fazendo um departamento interdisciplinar, que é “eu”, uma deformação de tudo isso, em termo de conhecimento, sim. Por outro lado, eu não deixo de entender que o processo de institucionalização das ciências, como um todo, e na universidade inclusive, ele acaba levando a criação desses espaços. Eu não estou dizendo que em si são ruins ou que poderia não ter no curso de humanidade, todo mundo, não é isso. Eu sei que existe, mas como um tema de conhecimento a interdisciplinaridade, com certeza, é mais útil, produtiva e interessante, mais interessante acima de tudo do que esse processo de construção de muros, mas este autor não é turismólogo. (Celso Castro – CPDOC/FGV)

5.2.3 O conceito de Turismo

Sobre conceito, Maria José Carneiro (CPDA/UFRRJ) diz: “acho que é um campo em construção. Pode vir a construir conceitos para compreensão do campo. E reafirmando esta colocação, Gilmar Mascarenhas (PPgeo/UERJ) afirma,

Eu acho que é essencial. É fundamental no sentido da constituição da disciplina, do campo de saber para que o Turismo consiga investir na criação de conceitos, bem na articulação e no debate. Eu acho que é essencial que a área de Turismo consiga criar conceitos, a articulação desses conceitos com literatura e debates que acontecem nas aulas, eles venham a adquirir consistência, porque sendo uma área de reflexão mais recente com relação a outras disciplinas é evidente que o Turismo nesse ponto teve que importar diversos conceitos.

A necessidade de ter seus conceitos como forma de orientação e reafirmação enquanto campo de conhecimento é a opinião de Rosane Prado (Ppcis/UERJ) “Eu acho que o

Turismo enquanto um campo é como um direito⁴² tem que ter seus conceitos, suas molduras para as pessoas que vão trabalhar nisso e se orientarem, agirem.” Outra opinião nos diz:

Ele (o Turismo) é um campo em construção e se ele é um campo em construção interdisciplinar ele tem que buscar suas próprias referências, suas bases conceituais, suas próprias referências metodológicas, o que não é muito fácil explicar na estrutura acadêmica convencional. (Marta Irving – EICOS/UFRJ – grifo nosso)

Outros pontos de vista são apresentados por Bianca Freire-Medeiros (CPDOC/FGV): “Eu acho que o turismo ajuda a gente a pensar conceitos e teorias para qualquer disciplina, não o contrário.”, e Roberto Bartholo (PEP/COPPE/UFRJ) diz: “Se eles forem provisórios não têm problema nenhum”, apontando para uma necessidade de sempre se repensar o conhecimento.

5.2.4 Paradigmas norteadores

O estudo do Turismo está entrelaçado por várias disciplinas onde cada uma possui a sua própria matriz disciplinar, métodos de pesquisa e concepções filosóficas. Isto dificulta a elaboração de padrões denotando a dificuldade do estudo do Turismo seguir determinado ou único paradigma entendido como próprio.

Alguns pesquisadores não consideram que o conhecimento em Turismo esteja ancorado em um determinado paradigma como Nadja Castilho (PPgeo/UERJ) que afirma que “Justamente porque ele transita por várias outras, permeia várias outras ciências, então eu não vejo o Turismo como tendo um paradigma, sinceramente não.”

Outros não consideram o conhecimento estar ancorado em determinado paradigma, mas sim que este:

⁴² Neste sentido a pesquisadora se refere a uma necessidade básica de um campo de conhecimento ter seus conceitos.

[...] é baseado em alguns pressupostos. O primeiro pressuposto é que ele é um fenômeno complexo, o segundo pressuposto é que para mim ele tem uma vinculação muito direta ao processo de transformação social, (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

É... eu acho que a gente sempre tem algum marco referencial e de novo eu acho que é igual a história da escada que você usa para chegar em algum lugar. Aí, depois, você vai fazer o quê? Obrigar todo mundo a passar por essa mesma escada ou tem outras maneiras de chegar naquele lugar, provavelmente tem. E mais importante de tudo a escada é o lugar. Então, de novo, acho que paradigmas têm, mas quanto mais melhor. (Roberto Bartholo – PEP/COPPE/UFRJ)

Ou, então há visões ambíguas como no caso destes dois pesquisadores que dizem: “Eu não consigo visualizar assim um paradigma, mesmo. E confesso que nunca foi, para mim, alvo de reflexão. Eu até gostaria, acho de suma importância.” (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ) e “Eu acho que hoje em dia, o conhecimento em si, a questão do paradigma está sendo bastante questionado. Acho que não só na área do turismo, mas em outras áreas também. (Deborah Zoauin - FGV)

Uma pesquisadora aponta para novos paradigmas e afirma “que para entender o Turismo, hoje, tem esse paradigma das novas mobilidades. Eu acho que esse é uma chave que está em construção.” (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV)

5.2.5 Os modos de pesquisa

Neste aspecto questionamos se as pesquisas devem ser puras ou aplicadas. As pesquisas puras reafirmam o campo de estudo e as aplicadas envolvem o que mais se questiona no estudo do Turismo, a junção entre teoria e prática. Acerca deste, os entrevistados consideram que:

Eu acho que as pesquisas são muito mais aplicadas. O Turismo é uma atividade e um fenômeno pois acho que a atividade merece muito mais estudos do que o fenômeno. O fenômeno implica numa reflexão, mas a atividade solicita muito mais estudos e acabam sendo bem mais aplicados

como: os estudos de caso, verificação de impactos dessa atividade. Eu espero e creio que isso tudo está articulado à reflexão. Uma pesquisa pura em Turismo eu espero que ela cresça porque ela dá suporte epistemológico para que a gente possa refletir sobre o turismo de maneira mais consistente e qualificada. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

Reafirmando a questão do uso de estudos de caso:

Eu acho que bem a maioria das pesquisas são aplicadas. Como acontece muito na área de administração também. As pessoas acabam trabalhando com a metodologia chamada “estudo de caso” para facilitar até o entendimento da sociedade sobre aquilo que você está colocando. (Deborah Zouain - FGV)

Marta Irving aponta para uma necessidade de discussão conceitual:

Eu acho que 99% das pesquisas que eu tenho acompanhado são aplicadas. Eu acho que na verdade a gente precisa ter mais discussão conceitual sobre Turismo, discussão conceitual assim, que não aqueles temas, o que é Turismo sustentável, o que é Turismo inclusivo, esse tipo de discussão acho que já perdeu o momento, já perdeu o sentido. (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

Outros consideram ser só pesquisa aplicada como no caso de Nadja Castilho (PPgeo/UERJ) que nos disse: “Eu diria não, de forma alguma, aplicada, o tempo todo aplicada.” e Fernando Tenório (FGV): “Elas (as pesquisas) são aplicadas, puras não têm sentido. Puras têm exigências duras, difíceis, com relação à temática. E ainda acrescenta “O turismo é uma área de aplicação, então aí, sempre aplicado. Acho um contrassenso dizer turismo abstrato. Estudo Abstrato de Turismo. Eu acho que é uma frase que em si mesma ela traz uma contradição.”

Roberto Bartholo (PEP/COPPE/UFRJ) sintetiza com a seguinte fala: “Digamos, elas (as pesquisas) podem ter natureza na aplicação e a aplicação como condição de se poder elaborar a teoria.”

5.3 As comunidades acadêmicas

Geertz (s/d) aponta para a importância de se analisar os ambientes e assim compreender as comunidades acadêmicas onde

[...] pensando nesta questão é uma visão do tráfico de formas simbólicas disponíveis em uma ou outra comunidade (linguagem, arte, mito, teoria, o ritual, tecnologia, as leis, e esse conglomerado de máximas, receitas, danos, e histórias plausíveis que chamamos de senso comum), a análise de formas e dessas comunidades são ingredientes para interpretação [...] ⁴³

Sendo uma forma de entender a “cognição, emoção, percepção, imaginação, memória”⁴⁴ (Geertz, s/d). Tribe (2010) aponta para práticas culturais e construção social do conhecimento.

A proposta é tentar entender como e de que forma as comunidades se formam e se o ambiente reflete em suas necessidades e perspectivas de pesquisa.

5.3.1 As comunidades e seus ambientes - As Universidades e seus departamentos

Regras a serem seguidas:

Com algumas das regras eu posso concordar, outras regras eu posso até não concordar, mas enquanto elas forem vigentes elas precisam ser obedecidas. Essa história de publicação, publicação em revista etc, por exemplo, agora é uma regra, você tem que submeter um artigo numa revista para poder defender a sua tese de doutorado. (Roberto Bartholo – PEP/COPPE)

⁴³ **Tradução nossa do original:** [...] as thinking in this view is a matter of trafficking in the symbolic forms available in one or another community (language, art, myth, theory, ritual, technology, law, and that conglomerate of maxims, recipes, prejudices, and plausible stories the smug call common sense), the analysis of such forms and such communities is ingredient to interpreting it [...]

⁴⁴ **Tradução nossa do original:** [...] cognition, emotion, motivation, perception, imagination [...]

Área de conhecimento não interpretada com seriedade:

Isso é uma coisa que corre risco, é, porque como nem todo mundo vê Turismo com olhos muito sérios, como área de estudo, às vezes até a questão de ser turismo pode fazer com que os avaliadores já não dêem um olhar tão efetivo como para outra com uma temática mais consistente até como área de estudo. (Deborah Zouain - FGV)

Dos cursos de geografia do Rio de Janeiro a UERJ é a que mais dedica atenção ao Turismo, eu não tenho menor dúvida em dizer isso. Mas eu vejo, com certeza aí, uma visão preconceituosa que vai muito lentamente se amenizando, muito lentamente mesmo. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

Outra visão:

Eu acho que não tem nenhuma objeção com relação ao tema, mas por outro lado também, não tem nenhuma determinação da universidade, nenhum estímulo especial, eu acho que talvez esse seja o ponto mais importante, para que se ligue a fim de tratar esse tema. (Leonardo Lustosa - PUC)

Alguns entrevistados apontam “que a gente tem o privilégio de usufruir de uma estrutura legal de trabalho e ter autonomia. (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV) assim como Marcio Peixoto (PET/COPPE/UFRJ) que afirma: “acho que possuo total autonomia para escolher o que vai ser pesquisado e estabelecer as áreas de pesquisa, inclusive nas modalidades de Turismo.

E Nadja Castilho ainda complementa:

Não, muito pelo contrário, nesse ponto tudo que meu grupo, estou falando do meu grupo, eu arriscaria até a dizer de outros grupos, o próprio Gilmar, o Miguel, que são os que trabalham mais com o turismo aqui na geografia temos total aval e estímulo dos nossos colegas que estão em postos-chaves né, seja chefia de departamento, direção de Instituto, para tocarmos nosso trabalho. (Nadja Castilho – Ppgeo/UERJ)

Marta Irving sintetiza todas as questões quando diz:

Então, na prática o Turismo permeia projetos, permeia teses, permeia publicações, se configura abstratamente como um campo de atuação, mas não tem identidade, então como não tem identidade nessas institucionalidades, a não ser com os projetos, autonomia total porque ninguém interfere, ninguém quer saber e também nem se interessa, que é diferente do caso de instituições que possuem o curso de Turismo, vocês por exemplo, foram formados para ter um núcleo de Turismo. (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

Outro aspecto que permeia a questão são os critérios de avaliação da CAPES para publicações que, por vezes, direcionam a produção científica do pesquisador meramente por área de inserção de seus programas de pós-graduação.

Eu sou pesquisadora de produtividade CNPQ na área que é turismo, geografia e planejamento. Então, a estratégia mais inteligente da minha parte seria priorizar as revistas dessa área, mas aí o que acontece? Como eu sou da sociologia se meu artigo entrar na revista de Ciências Sociais para mim fala mais do que... (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV)

A busca por revistas qualificadas:

Não há obrigatoriedade mas vai depender das classificações das revistas, esse é o grande gargalo que a gente vive hoje no Brasil. Ele é gargalo não só para nós que pesquisamos e queremos divulgar essas pesquisas através da publicações de artigos, como também dessas instituições financiadoras. Como também do desconhecimento que se tem para investir no país, que poderia canalizar a produção, por exemplo na área Turismo, mas como elas não são bem classificadas nessa lógica positivista e quantitativa das classificações você deixa de ter conhecimento do que é produzido. Infelizmente isso acontece. (Fernando Tenório – FGV)

Outro pesquisador mostra um posicionamento bastante rígido: “E revistas de Turismo esquece, não tem revista A1 na área de Engenharia de Produção, então não se publica em revista de Turismo. (Leonardo Lustosa - PUC)

A COPPE como instituição, como agência de fomento, todos os níveis da instituição, no contexto geral exige que você publique principalmente em *Qualis* internacional. (Marcio Peixoto – PET/COPPE)

Me dou ao luxo de escolher onde vou publicar, não tenho medo. A única restrição, mas acho que isso é geral, é em relação ao *Qualis*⁴⁵ né? Isso aí tá complicado, *Qualis* A, tá difícil. (Nadja Castilho – PPgeo/UERJ)

Mais uma vez Marta Irving aponta claramente para a questão da legitimidade do tema no meio acadêmico

Não, é tudo muito a cargo do pesquisador. Ninguém direciona nada para nada, e esse é um grande problema de escoamento da produção no Turismo, porque não tem revista qualificada, são pouquíssimas, e aquelas que têm realmente difusão B3, ou algo assim, são uma, duas ou três internacionais para as quais vale a pena mandar e que você espera 3 anos para publicar. Embora temos a cultura de publicar livros ou capítulos em livros, isso não conta nada. Então, esse é um problema sério de difusão qualificada em Turismo que a gente acredita que seja uma área de conhecimento. (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

5.3.2 A formação das linhagens intelectuais

Apenas três dos doze entrevistados participam de Associações ligadas ao Turismo, como é o caso de Roberto Bartholo (PEP/COPPE/UFRJ), pois o programa de Engenharia de Produção está filiado à ANPTUR – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, e Nadja Castilho (PPgeo/UERJ) que nos disse: “eu sou sócia fundadora, inclusive, da Sociedade Brasileira de Ecoturismo, da qual Marta Irving (EICOS/UFRJ) também participa desde sua fundação.

Outras associações nacionais já estabelecidas possuem Grupos de Trabalho em Turismo⁴⁶

⁴⁵ O *Qualis* constitui-se num sistema de avaliação de periódicos, mantido pela CAPES. Relaciona e classifica os veículos utilizados para a divulgação da produção intelectual dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, quanto ao âmbito da circulação e à qualidade por área de avaliação.

⁴⁶ Apesar de não ter sido mencionada pelos entrevistados gostaríamos de acrescentar a ANPPAS – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ambiente e Sociedade que possui GT específico na área de Turismo.

É assim, na verdade a SBS⁴⁷ não tem um GT de Turismo, mas tem um GT da Sociologia da Cultura onde tem trabalhos sobre Turismo e este é o GT no qual faço parte. E na ABA⁴⁸ que tem o GT da Margaritta a gente já apresentou trabalho. (Celso Castro – CPDOC/FGV)

Aqui da Fundação mesmo tem a ANPAD⁴⁹ e a ABEC⁵⁰. E a ANPTUR também agora trabalhando muito com a ANPAD. (Deborah Zouain - FGV)

A ANPUR⁵¹ foi uma participação singular, porque eu fiz uma proposta para um evento. Eu não sei o pessoal terminou animado, foi um grupo legal, vamos propor de novo, (Celso Castro – CPDOC/FGV)

Sim, na minha linha de pesquisa existe a Rede Nacional de Pesquisadores em Gestão Social e existe os encontros anuais. Está no 6º encontro [...] eu coordenei um painel onde tinha um trabalho sobre turismo. No ENEGEP⁵², às vezes, tem alguma coisa sobre turismo, nada muito profundo, nada muito sistemático (Fernando Tenório - FGV)

Não estou filiado a uma associação. Eu assim, durante um tempo participei na ANPEG que é Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia. Participei da criação e da gestão do GT do Turismo e Geografia na ENTBL de 2007 em Curitiba e na de 2009 em Niterói. Depois deste ano eu não participei, confesso que nem sei se o GT está ativo. Agora dentro do contexto da ANPEG que existiam mais de 20 GTs, 25 Gts o de Turismo era tido como lá em baixo. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

É assim, na verdade a SBS não tem um GT de turismo, mas tem um GT da Sociologia da cultura onde tem trabalhos sobre turismo e este é o GT do qual faço parte. E na ABA que tem o GT da Margaritta a gente já apresentou trabalho. (Celso Castro – CPDOC/FGV)

Gilmar Mascarenhas comentou sobre o ENTBL – Encontro Nacional de Turismo de Base Local.

Então, eu acho que os próprios encontros do ENTBL mostram isso um pouco. O primeiro encontro, falando de território, despertou uma atração grande e eu acho que a comunidade acadêmica geográfica se debruçou sobre o tema com suas melhores cabeças, mas foi só nesse primeiro encontro. Desde então se notou que foi um refluxo muito forte e acho que esse certo abandono em relação ao turismo prejudicou bastante, porque eu acho que a geografia teria muito a dizer, nós perdemos muito com isso. Quer dizer, a

⁴⁷ SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia

⁴⁸ ABA – Associação Brasileira de Antropologia

⁴⁹ ANPAD – Associação Nacional de Pesquisa em Administração

⁵⁰ ABEC – Associação Brasileira de Economia

⁵¹ ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional

⁵² ENEGEP - Encontro Nacional de Engenharia de Produção

geografia deixou de se debruçar e dizer para dizer mal, para falar que aquilo era um tema que não merecia isso tudo. (Gilmar) eu acho que os colegas da geografia percebem a relevância do turismo enquanto um fato, agora, a uma noção que seja um tema menos nobre, isso não tem dúvida nenhuma. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

5.3.3 A construção do referencial teórico

A linhagem intelectual acontece através das orientações e das sugestões de leituras compartilhadas entre orientandos e orientadores. Neste aspecto nos interessava saber quais eram as principais referências utilizadas tanto na área de Turismo quanto nas outras áreas que acrescentassem novas reflexões ao conhecimento sobre o tema.

Desta forma encontramos pesquisadores que apostam na prospecção teórica ampla:

Eles precisam ser livres. E eles podem ver quem eles acham que é legal. E dentro disso eu ofereço algumas oportunidades, algumas propostas, algumas leituras, num leque muito variado. Eu acho bom que continue sendo assim. (Roberto Bartholo – PEP/COPPE/UFRJ)

E eu acho que hoje em dia a gente não deve, na área de turismo, se limitar a nenhum foco dos conceitos, não. A gente tem que ter um olhar mais aberto porque se tem muitas pessoas trabalhando com perspectivas diferentes. (Deborah Zouain - FGV)

Os Programas na área de Ciências Sociais apontam para autores como Margarita Barreto e John Urry.

A Margaritta Barreto um texto um tanto obrigatório sobre Turismo para o pessoal das Ciências Sociais. Mas eu acho que tem muita gente legal trabalhando hoje nessa área. O pessoal do Sul, o Steyl, aquele pessoal. Eu acabo também assim citando uma bibliografia mais de fora também. Mas se você quiser assim um livro, um autor que não pode deixar de ter na referência de um orientando meu é Jonh Urry. (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV)

Então assim, a Margarita Barreto, a Suzana Gastal mas eu não entendo bem qual é a inserção delas. Bom, eu acho que, o John Urry é uma referência para mim obrigatória. (Celso Castro – CPDOC/FGV)

Tem uns clássicos assim, "John Urry" que não se pode deixar os alunos sem conhecer, mas tem também um que fala da Disney World, tem "Nash". Brasileiro é o "Carlos Steyl" e esse pessoal, Banducci, Barreto que escreveu uns artigos que fazem uma espécie de panorâmica sobre os estudos do Turismo e já recorri a esses, mas assim, são todos os meus colegas antropólogos, Carlos Style, Bianca-Medeiros, o "Grunewald", é pouca gente. (Rosane Prado – Ppcis/UERJ)

Vou falar de alguns que eu acho que são pesquisadores que para mim são interessantes, não são da área de Turismo mas que publicam coisas em Turismo que eu acho muito interessantes são, Margareta Barreto, Teresa Lucchiari, Lilia Seabra e Rosane Prado. [...] eu tenho algumas leituras que para mim servem para qualquer área de abertura, elas são de reflexão. Para mim uma referência é Edgar Morin, ele tem um papel importante inclusive na minha trajetória acadêmica, (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

Nas áreas operacionais

Tem esse inglês lá da França, Petter O'Corner que publica nesse Cornell of Hotel.. (Leonardo Lustosa - PUC)

em Transporte Turístico é o Guilherme foi ele quem trouxe para nós isso aí. (Marcio Peixoto – PET/COPPE/UFRJ)

Na Geografia

Ah, tem muitos né? Eu me identifico muito com os trabalhos da Rita de Cássia, da Adyr, mas nessa área que me transita um pouco com a educação ambiental e o ecoturismo, com Zysman. Eu diria esses três assim que estão mais próximos do tipo de trabalho que desenvolvo. A própria Marta Irving [...] o Yázigí também. Estrangeiros como Ceballos (Nadja Castilho – Ppgeo/UERJ)

Uma colega da Unicamp que trabalhou um tempo com Turismo, é a geógrafa Tereza Lucchiari, ela trabalhou com os caiçaras no interior de São Paulo junto com a população turística; Rita Cruz da USP que eu acho que faz um trabalho, que embora assim, de um... ela trabalha bastante com projetos turísticos, ela não avança, mas é um trabalho feito com muita meticulosidade, ela é muito meticulosa naquilo que ela faz. Eu acho que uma referência obrigatória para quem vai entrar na área do turismo é conhecer a obra da Rita

Cruz. Tem os trabalhos da professora Adyr que embora eu acho que para o meu gosto, que é uma coisa mais crítica, a linha dela foge um pouco, eu acho que ela fica numa linha pouco crítica de trabalhar o turismo, bem menos que a Rita Cruz. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

E ele faz menção a um pesquisador da nova geração como referência, Aginaldo Frattuci⁵³ que é da UFF (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

Celso Castro (CPDOC/FGV) acrescenta:

Quer dizer o livro dela “Gringo na laje”⁵⁴ eu acho que devia ser lido por todo mundo que estuda Turismo, na área das Ciências Sociais e História. [...] porque é uma bom exemplo de pesquisa que mistura empirismo e teoria, e local e global, e um monte de coisas que não são muito habituais de se encontrar por aí.

5.3.4. As parcerias acadêmicas

Ao questionarmos estes pesquisadores de referência na área sobre parcerias entre instituições, programas e grupos de pesquisa para melhorar e enriquecer a produção do conhecimento, alguns entrevistados nos responderam que:

Então, a gente tem essa parceria agora para esse projeto do Ministério do Turismo com a EBAPE Projetos. Bom, eu sempre trabalhei muito assim com gente, com estudantes e tal. Mas a experiência institucional é essa agora. Eu tenho contato forte com o pessoal da Rosane lá na UERJ, com o pessoal da Ilha Grande [...] é mais em função das bancas, da leitura dos alunos e não um projeto de pesquisa. (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV)

Sim. Por exemplo, no momento, no meu projeto de pesquisa financiado pela CAPES “Gestão social, estudo, ensino e pesquisa em prática” estão envolvidas oito universidades, com bolsas de doutorado e mestrado. Temos equipes nas universidades trabalhando, alguns tangenciam questões do setor Turismo, né? Como é o caso da Universidade Terânsi, lá no Campus Cariri, o Bioparque faz parte dessa pesquisa que a gente esta desenvolvendo lá. Então,

⁵³ Gilmar participou da banca de defesa de tese de Aginaldo Frattucci no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF sob o título ‘A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de Turismo: as possibilidades das redes regionais de Turismo’, orientado por Rogério Haesbaert da Costa.

⁵⁴ Este livro de Bianca Freire-Medeiros foi lançado em 2009 sobre circulação e consumo na Favela da Rocinha – Rio de Janeiro – Brasil.

quer dizer, nem tudo está vinculado ao Turismo, mas um entre outros desses parceiros nossos, dessa rede, desse projeto CAPES (Fernando Tenório - FGV)

Sim, quer dizer, eu faço parte, existe um projeto que eu sou responsável pela administração que se chama Cadavinho, foi um edital a uns anos atrás visando fomentar a inter-relação entre programas diferentes temas e o pessoal da USP e da UFG – Federal de Goiás, criou um projeto sobre questões metropolitanas e integraram com diversos programas e eu represento a UERJ neste projeto. Tivemos já dois eventos em Goiânia, eles ficaram de vir ao Rio, mas, enfim, eu faço parte desse projeto que é uma rede, ela deve funcionar enquanto rede. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

Gilmar aponta também para uma questão estrutural da instituição que evidentemente gera desdobramentos no plano das redes de pesquisa

E com relação ao programa, nosso programa aqui ele é novo e nem tão novo assim, já fez 7 anos de existência. Ele passou por algumas dificuldades iniciais, por questões muito internas nossas aqui, também questões da instituição. A UERJ é ainda uma universidade que não tem boas estruturas para implementação de cursos de pós-graduação, embora tenha o nosso programa de pós-graduação em Educação que eu acredito que seja o mais procurado do Brasil hoje, mas ele é uma exceção porque no geral os programas da UERJ ficam numa base de conceito 4, no máximo 5. Na Capes é 7 o da Educação. [...] Então eu acho assim, a gente ainda esta bastante verde aqui para poder estabelecer um intercâmbio maior com outros programas. Falta isso aqui, eu acho que nosso programa de geografia aqui, onde tem a disciplina de Geografia do Turismo e pesquisas na área eu acho que falta sair um pouco da casquinha, do casulo de cada um. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

Mas Gilmar aponta para uma experiência exitosa em sua opinião

Eu vi uma experiência na USP em que há muito mais trabalho de grupo entre os professores, professores que oferecem junto uma disciplina entre eles; não é cada um com a sua disciplina, cada um com o seu projeto. Isso é uma dificuldade nossa aqui, então para a gente criar essa relação com outros programas, eu acho que ainda falta a gente caminhar um pouco em termos de amadurecimento do grupo. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

5.4 Existe uma Rede destes pesquisadores?

Com o advento de novas tecnologias surgiu o questionamento se há efetivamente uma rede estruturada de pesquisadores no Estado do Rio de Janeiro para troca de informações e os depoimentos, a seguir, ilustram alguns argumentos para esta questão

No PRONEP nós também fizemos uma rede agora com a PUC, a gente faz contato também com o SENAI, SENAC. Quer dizer, a gente procura dentro de uma estrutura manter. Como eu disse para você, eu gosto de trabalhar sempre numa perspectiva mais ampla. Então, eu não gosto de um grupo específico, eu acho que tem que diversificar os nossos parceiros, então a gente está sempre procurando novas perspectivas para as novas questões, procurando trabalhar em conjunto, palestras, principalmente trabalho de pesquisa. (Deborah Zouain - FGV)

Na verdade eu estou nessa rede de pesquisadores de turismo e pobreza, e na rede de Cosmobility. Elas são virtuais. No caso da Cosmobility tem uma pessoa que centraliza e divulga. A do Slamtourism tem bem menos estrutura, então ela é mais, basicamente um espaço virtual onde as pessoas podem postar textos, podem postar indicação bibliográfica, anúncios e coisas. E a Cosmobility tem pretensões, a Slanturs também, Teve a conferência, vai sair a publicação, teve um número especial de uma revista, vai sair o livro, e a Cosmobility também tem essa intenção de promover encontros. Então, nesse encontro mesmo, deste seminário tinha o pessoal da Cosmobility que veio também. Agora se você me perguntar em relação ao Brasil eu estou naquela lista do Facebook, por exemplo; de pesquisadores do turismo. (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV)

A Rede “Turismo, Áreas Protegidas e Inclusão Social” (Rede TAPIS) liderada pelo Grupo de Pesquisa GAPIS⁵⁵, foi também mencionada por duas pesquisadoras

Não, ainda não. A Marta (Irving) me chamou para uma rede, mas olha eu acho isso tão complicado, isso demanda talvez tempo. Eu não sei, porque talvez eu fico com medo de não atingir a expectativa da rede. Mas a Marta me convidou, acabou que eu não entrei, me arrependi depois. Sei lá. (Nadja Castilho – Ppgeo/UERJ)

A Marta Irving fala muito de rede, acho que ela é uma adepta. Eu não me vejo muito vinculada não, eu já me vejo em uma rede quando eu fui chamada para bancas que eu acho que passa por essa coisa do pertencimento mas eu não estou lembrando de parceria, eu lido com colegas de outras instituições. Eu escrevo coisas com pessoas de outras instituições, pesquiso com elas, mas é uma coisa mais pessoal. (Rosane Prado – Ppcis - UERJ)

5.5. Processo de elaboração de um trabalho científico – a opinião de pesquisadores

Durante a entrevista acrescentamos duas perguntas que fogem do roteiro proposto por Tribe (2010), mas que para o propósito do trabalho nos pareceu extremamente importante a opinião dos pesquisadores sobre o processo de elaboração de um trabalho

acadêmico e de que forma estes entendem o mesmo como um “produto fecundo” da investigação em Turismo, já que o propósito real de uma pós-graduação é que se produza conhecimento qualificado também através de suas teses e dissertações.

Sobre o processo de produção seguem algumas falas que destacam a importância da pesquisa bibliográfica, diversificada, internacional e com olhar crítico para que possa assim agregar conhecimento:

Dado isso, aí você pode ter coisas mais... eu estava fazendo um parecer de um projeto e uma coisa assim uma desatualização com relação a bibliografia muito barra pesada. A pessoa está citando ainda pessoas, não é que você abandona os clássicos, não, os clássicos ganham espaço por um motivo, mas como é que você não pode ter nenhuma atualização do debate, nenhuma. E nesses últimos anos, você sabe, tem uma quantidade de periódicos que apareceram, [...] no Brasil e fora do Brasil que é enorme a quantidade. (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV)

Mas tende a dialogar com autores, e autores não só do tema, do turismo especificamente, mas os que te servem de modo geral. Eu acho que tem autores das grandes ciências sociais que são infinitamente mais importantes do que outros para se entender turismo. (Celso Castro – CPDOC/FGV)

Primeiro, o aluno tem que a partir da revisão bibliográfica ter uma capacidade de análise crítica muito clara segundo bibliografia ou deste conhecimento existente. Ter uma análise crítica e não uma revisão bibliográfica. Uma análise do pesquisador com relação ao que existe em termos de conhecimento. Então essa parte é fundamental porque gera a possibilidade de você definir sua linha de pesquisa num contexto que você tem conhecimento crítico para fazer isso. (Marcio Peixoto – PET/COPPE/UFRJ)

[...] eu acho que esta é uma coisa que o Brasil falha muito, talvez até por isso esse programa Ciência sem Fronteira, para ampliar o acesso à bibliografia internacional. Em pesquisa não pode só viver lendo as coisas em português e o acesso é muito difícil e os livros são muito caros e a gente não tem como fazer isso cotidianamente. (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

Sobre o produto, o trabalho em si, ser qualificado, agregar ao conhecimento na área, poder *dialogar* com o externo à Universidade, as opiniões apontam para:

⁵⁵ Grupo cadastrado na Plataforma Lattes/Cnpq coordenado pela pesquisadora Marta Irving.

Um trabalho fecundo eu acho que é aquele que provoca o leitor ou quem o recebe a estabelecer mais, ou quem sabe melhores relações com o mundo. (Roberto Bartholo – PEP/COPPE/UFRJ)

E eu acho que justamente por esta falando de um objeto que cruza, que corta várias disciplinas, vários interesses, vários campos, quem escreve nesse campo tem que ter uma linguagem que seja de incorporação, não estou falando de simplificação, mas de uma linguagem que seja acessível a pessoas das mais variadas tribos se a gente quiser colocar assim. (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV)

É aquele que consegue agregar valor a área que ele está representando. Ainda que seja uma coisa pequena, “reduzida” é uma coisa que vai trazer um posicionamento novo para aquela área, um posicionamento consistente [...]. Ele tem que trazer um referencial diferenciado. (Deborah Zouain - FGV)

Porque eu acho que isso que faz um trabalho fecundo, quando você assume seus referenciais e não são apenas coisas que estão na pastinha que você leu, é quando você consegue ter um aprofundamento naquilo ali e você possa discutir aquilo com outro e tencionar aquela discussão porque senão eu não entendo como um trabalho fecundo porque não basta que haja referência que você consiga trazer para o seu estudo indicada por alguém, mas é preciso que você ganhe até um autonomia dentro daquela referência. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

Eu tenho a minha ótica muito particular sobre isso, e acho que um trabalho fecundo é aquele que parte de uma leitura de uma reflexão que consegue ser consistente na argumentação porque não se constrói uma argumentação de uma maneira muito fácil e nem rápido, e que possa ser traduzido, tenha um rebatimento para além da universidade. Se for um trabalho que sirva simplesmente para contar como indicador de produção, pra mim ele é muito frustrante porque não tem alcance e não tem rebatimento e como eu acredito no Turismo como processo de formação social eu acho que essa questão do rebatimento entre a produção do conhecimento, a difusão do conhecimento e o feedback que isso gera, é fundamental. (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

5.6 O futuro da pesquisa em Turismo

Esta última pergunta fecha um ciclo e aponta para perspectivas de futuro sob o olhar de pesquisadores envolvidos com a produção de conhecimento em Turismo. Seguem algumas falas para ilustrar a questão.

Eu acho que está amadurecendo de uma maneira muito legal, eu acho que de alguma maneira a gente pode pensar num processo semelhante do que aconteceu com a comunicação, talvez. Você vai criando pessoas que saem graduados em Turismo que querem vida acadêmica. Que querem fazer

pesquisa ou que vão conciliar isso sim com uma entrada no mercado, mas que estão priorizando a academia. (Bianca Freire-Medeiros – CPDOC/FGV)

Olha, eu a vejo promissora por conta de que hoje o setor está tendo essa leitura na academia como sendo um setor importante do ponto de vista econômico, mas eu digo também, que eu gostaria que ele fosse um setor importante também do ponto de vista social-econômico. (Fernando Tenório - FGV)

O turismo ele vem crescendo como um campo de estudo no Brasil e eu não vejo razões para que esse crescimento perca o ritmo, eu acho que vai continuar crescendo porque é um fenômeno de grande relevância no mundo de hoje. Então eu acho que temas com esse ativo vai seguir crescendo, o que é bom. Em termos mais qualitativos eu acho que vai haver uma crescente diversificação de temas, o que também eu acho bom. Eu acho que a gente vai enfrentar um desafio muito grande, que é o desafio do suporte teórico-conceitual que eu acho que é um campo que caminha crescendo, caminha, mas com dificuldade de construir os alicerces, os paradigmas; eu acho vamos enfrentar problemas com isso, e bom, e eu espero que crie programas de pós-graduação em turismo, que tenham em suas linhas de pesquisa essa discussão mais teórica, metodológica e conceitual para que o turismo enquanto campo do saber cresça com maior consistência. É assim que eu vejo, eu tenho um otimismo e ao mesmo tempo um receio. (Gilmar Mascarenhas – Ppgeo/UERJ)

Eu vejo como uma grande potencialidade porque é um campo que está para ser descoberto, um campo em construção, mas com muita preocupação envolvida. Primeiro porque não existe um apoio formal de recursos, não existe uma valorização da pesquisa em Turismo e não existe uma relação da pesquisa do Turismo aplicada nem a políticas públicas nem a projetos sociais. Então, ao meu ver, é um campo de uma enorme potencialidade que está amarrado nele mesmo e não deslança. A gente tem a Rio+20, Olimpíada, dinheiro de Comitê Olímpico, dinheiro para lá e para cá e eu não vejo nada de inovador no campo da pesquisa em Turismo. Este é um momento que devia ter edital em cima de edital para pesquisa na área, pesquisa em cima de pesquisa, projeto conjunto, e coisas novas geradas, dados sendo sistematizados, mas nada está acontecendo como deveria. Então em um momento tão crítico como esse que nada acontece será que se não houver esse tipo de motivação alguma coisa vai acontecer? É periférico, ninguém leva Turismo a sério como outras áreas de conhecimento, temos que ser realistas. (Marta Irving – EICOS/UFRJ)

Eu acho bem promissora, ainda mais com todos esses eventos que estão vindo. Isso pode ser um dos fatores motivadores para crescer ainda mais a pesquisa na área do turismo. Eu estou vendo bem promissora mesmo. Não sei como vocês turismólogos estão vendo, mas eu acho que tudo isso que vai acontecer, principalmente aqui no Rio de Janeiro pode realmente alavancar a pesquisa na área do turismo. Mas pesquisa mesmo né, pesquisa séria, não esse oba a oba que vem. Mas eu acho sim que pode ser positivo. (Nadja Castilho – Ppgeo/UERJ)

Eu acho assim, muito promissor, porque, eu comecei com isso a menos de 10 anos e depois que comecei descobri essa virada de perspectiva dentro da antropologia, de considerar como politicamente e um grande entusiasmo. Eu considero avassalador. (Rosane Prado – Ppcis/UERJ)

5.7 Uma radiografia

Ao nos aproximarmos mais do objeto que foi fotografado no capítulo anterior, tratamos de realizar uma radiografia, aprofundar o olhar. As entrevistas, a conversa com esses pesquisadores e as observações em seus ambientes de trabalho nos proporcionaram entender de que forma o tema Turismo é apreendido, como a comunidade acadêmica se comporta sobre a pesquisa e entender, também, se há efetivamente no Rio de Janeiro e/ou elos possíveis.

Esta radiografia nos proporcionou observar também que há divergências de opinião sobre o próprio objeto do Turismo. Fica claro que este constitui um fenômeno complexo, que necessita ter seus conceitos balizados e reballizados, mas que não se reduz aos preceitos formais de uma disciplina. Neste caso buscamos Morin (2007) que sugere um olhar futuro para uma transdisciplinaridade e Tribe (2005) que o define como uma “pós-disciplina”.

Também observamos que não existe uma rede formal de pesquisadores, mas o reconhecimento da importância dessas interações extra e interinstitucionais. E, baseado em Crane (1969), podemos dizer que existe uma estrutura de um *Invisible College* distante da estrutura formal, mas entrelaçado por relações pessoais onde existe o elo que proporcina a produção de conhecimento qualificado.

CAPÍTULO 6

Fatores Críticos de Sucesso no processo de Ensino-aprendizagem em Turismo

Conforme exposto nos capítulos anteriores, a Universidade é o espaço para o *encontro*, a *relação* entre professor e aluno e a produção do conhecimento. Não se pode negligenciar a importância desta *relação* e seus modos relacionais. Apresentamos o resultado do levantamento de trabalhos que demonstram uma efetiva produção de conhecimento na área de Turismo em programas de pós-graduação *stricto sensu* e fomos além, ao serem realizadas entrevistas com pesquisadores, para assim entender e reafirmar nossos objetivos.

Neste capítulo, avançamos, buscando identificar quais são os fatores que influenciam e/ou podem contribuir para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem na área do Turismo, tendo como objeto os trabalhos científicos concluídos em programas de pós-graduação.

6.1. Avaliação do processo de Ensino-aprendizagem

O pressuposto deste estudo é que, embora as avaliações institucionais realizadas por agentes externos de gestão da pesquisa sejam primordiais para a melhoria da qualidade dos programas, há um conhecimento acumulado e uma experiência muito consolidada dos pesquisadores que atuam na área ainda pouco aproveitada nos processos de avaliação. Em outras palavras, os professores e pesquisadores que ensinam, pesquisam e fazem extensão em Turismo têm o que dizer sobre o que é mais relevante para uma produção de qualidade nesta área de conhecimento.

Essas informações, se identificadas e analisadas, podem contribuir para aprimorar as avaliações institucionais, sejam estas internas e/ou externas, e diminuir o grau de subjetividade no processo e/ou eventuais preconceitos em relação a outras áreas do conhecimento.

Um fato a ser ressaltado é que a avaliação como é feita, atualmente de programas de pós-graduação é realizada por avaliadores externos, tanto em relação ao programa quanto em relação à própria CAPES. Esta consiste em uma avaliação comparativa, uma vez que os programas de uma mesma área ou sub área são avaliados pela mesma comissão. Este processo é conduzido por pares, docentes especialistas na área focal de conhecimento e para a seleção destes avaliadores é levado em conta, além do mérito e experiência na pós-graduação, critérios de representatividade quanto as suas especificidades do programa e dos pesquisadores envolvidos, instituição ao qual pertence e região de inserção, com base em um conjunto de dados.

A avaliação caracteriza-se por ser acadêmica e valoriza, sobretudo, a pesquisa e as publicações científicas. Cabe ressaltar que menor atenção é dada ao ensino, à extensão, à cooperação e/ou parceria com setores empresariais, e da gestão pública e da sociedade civil e conseqüentemente ao impacto que estas atividades possam ter na sociedade.

Para fins de avaliação da CAPES, o Turismo encontra-se na área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo e esta compõe a grande área de Ciências Sociais Aplicadas. Entretanto no Estado do Rio de Janeiro, como demonstrado, vários programas que possuem linhas específicas de pesquisa em Turismo estão alocados em distintas áreas de conhecimento como Geografia, Psicologia, Educação, Antropologia, Engenharias, assim como em programas enquadrados na grande área “Multidisciplinar”.

Sendo assim, o processo de avaliação ainda não parece ter internalizado algumas das especificidades deste campo de conhecimento.

A diferença básica entre as áreas específicas de conhecimento da CAPES e a Multidisciplinar diz respeito ao corpo docente que, nesta última, deverá ter um perfil também multidisciplinar, atendendo a demanda de pesquisas que necessitem olhares multidisciplinares sobre o objeto. Este aspecto proporciona um ambiente fecundo para

pesquisas e inovação na área de Turismo, com a colaboração de diferentes áreas ao conhecimento.

Com base em reflexões sobre elementos fundamentais que possam propiciar ambientes considerados “fecundos” para a produção do conhecimento em Turismo iniciou-se, então, um processo de investigação para a identificação de elementos que possam auxiliar pesquisadores na melhoria de processos existentes nos programas nos quais participam, mas que também gere subsídios para o processo de avaliação externa.

6.2. Os Fatores Críticos de Sucesso - FCS

Para a tomada de decisão é necessário que um grupo diversificado e informado de atores (no caso pesquisadores da área) apresente seus julgamentos de forma independente, não coordenados, para possibilitar uma discussão que reflita o pensamento deste grupo. Desta forma, é necessário definir um modo de sistematização capaz de sintetizar suas opiniões. Para Shimizu (2006) este processo resume-se em combinar as opiniões individuais, produzindo um julgamento melhorado.

Com este objetivo, durante a revisão bibliográfica para a fundamentação teórica deste capítulo, foram encontrados dois artigos que utilizam este método para avaliar a satisfação de clientes de um determinado hotel e para definir a forma de uso público em um Parque Nacional, no México. Não encontramos na literatura vigente a aplicação de FCS em propostas como deste trabalho. Assim optamos por seguir o roteiro de aplicação efetuado por De Carli e Delamaro (2007).

6.2.1. Que fatores influenciam o sucesso das pesquisas em Turismo?

Como exposto anteriormente, foram elencados alguns denominados “fatores de sucesso” relacionados à pesquisa em Turismo que de alguma forma influenciam na elaboração de trabalhos acadêmicos em cursos de pós-graduação. Este processo consiste

na interação entre autores e orientadores influenciados por referencial bibliográfico, participação em projetos de extensão, em projetos de pesquisa fora do país, banca de avaliadores e, principalmente, a forma como o tema Turismo é abordado.

Alguns fatores críticos não foram avaliados pelos especialistas como: (1) existência de propostas sistemáticas de extensão, abarcando o Turismo; (2) formação multidisciplinar do autor e do orientador em programa de área de formação distinta de ambos; (3) fundamentação teórica linear ao programa e formação do autor e orientador demonstrando foco na proposta do trabalho. Não há como avaliar o porquê de não terem respondido sobre estes fatores. Quisemos destacar esta ausência de avaliação por entendermos que ela pode ter influenciado no resultado final.

Como houve número de respondentes distintos, por vezes 5 e por vezes 6 respondentes, foi realizada a normalização da soma das notas, fazendo-se o cociente com o total máximo possível da soma; ou seja, o valor 30 quando foram 6 respondentes e valor 25, quando foram 5 respondentes. As somas normalizadas foram, também, idealizadas, isto é, divididas pela soma idealizada de maior valor. Os valores normatizados podem ser interpretados como importância percentual do fator, como um todo. Os valores idealizados podem ser lidos como a importância percentual do fator, tendo por base o fator mais importante.

Tabela 9 – Fatores identificados de sucesso

FATORES	Número de respondentes	Frequências de notas					Soma	Soma Normalizada	Soma Idealizada
		5	4	3	2	1			
Utilização de fontes de literatura diversificadas	6	4	2	0	0	0	28	0,93	1,00
Bancas de avaliação com formações múltiplas	6	1	4	1	0	0	24	0,80	0,86
Utilização de bibliografia de área diferente do programa.	6	1	3	1	1	0	22	0,73	0,78
Existência de convênios com instituições internacionais para pesquisa.	6	2	2	0	2	0	22	0,73	0,78
Privilegiar o Turismo como tema principal dos trabalhos.	6	1	2	2	1	0	21	0,70	0,75
Priorizar a utilização de bibliografia internacional.	6	1	1	4	0	0	21	0,70	0,75
Formação de bancas com pesquisadores de instituições diversificadas.	6	2	2	0	1	1	21	0,70	0,75

Autor e orientador terem a mesma formação	6	1	2	2	0	1	20	0,67	0,72
Parte da pesquisa ter sido realizada em estágio no exterior	6	0	4	0	2	0	20	0,67	0,72
Existência de propostas sistemáticas de extensão abrangendo o Turismo.	5	0	2	2	1	0	16	0,64	0,69
Formação de autor e orientador em de áreas distintas dificulta	5	0	1	4	0	0	16	0,64	0,69
Financiamento da pesquisa por organismos governamentais e ou não governamentais	6	0	3	1	1	1	18	0,60	0,65
A formação do autor ser na mesma área do programa influencia positivamente no conteúdo do trabalho.	6	0	2	2	1	1	17	0,57	0,61
A formação do orientador ser diferente do autor dificulta a relação entre autor e orientador.	6	0	2	2	1	1	17	0,57	0,61
Realização de trabalhos com o mesmo objeto por autores de diferentes formações	6	0	1	3	0	2	15	0,50	0,54
O trabalho possuir fundamentação teórica baseada em autores do programa.	6	0	0	2	3	1	14	0,47	0,51
Fundamentação teórica do programa ser a mesma da formação do autor e orientador dão mais foco ao trabalho.	5	0	0	2	2	1	11	0,44	0,47

Fonte: Elaborada pelos autores

A representação gráfica do sistema possibilita a melhor visualização dos fatores delineados com menos destaque. Este é o objetivo da Figura 34, a seguir.

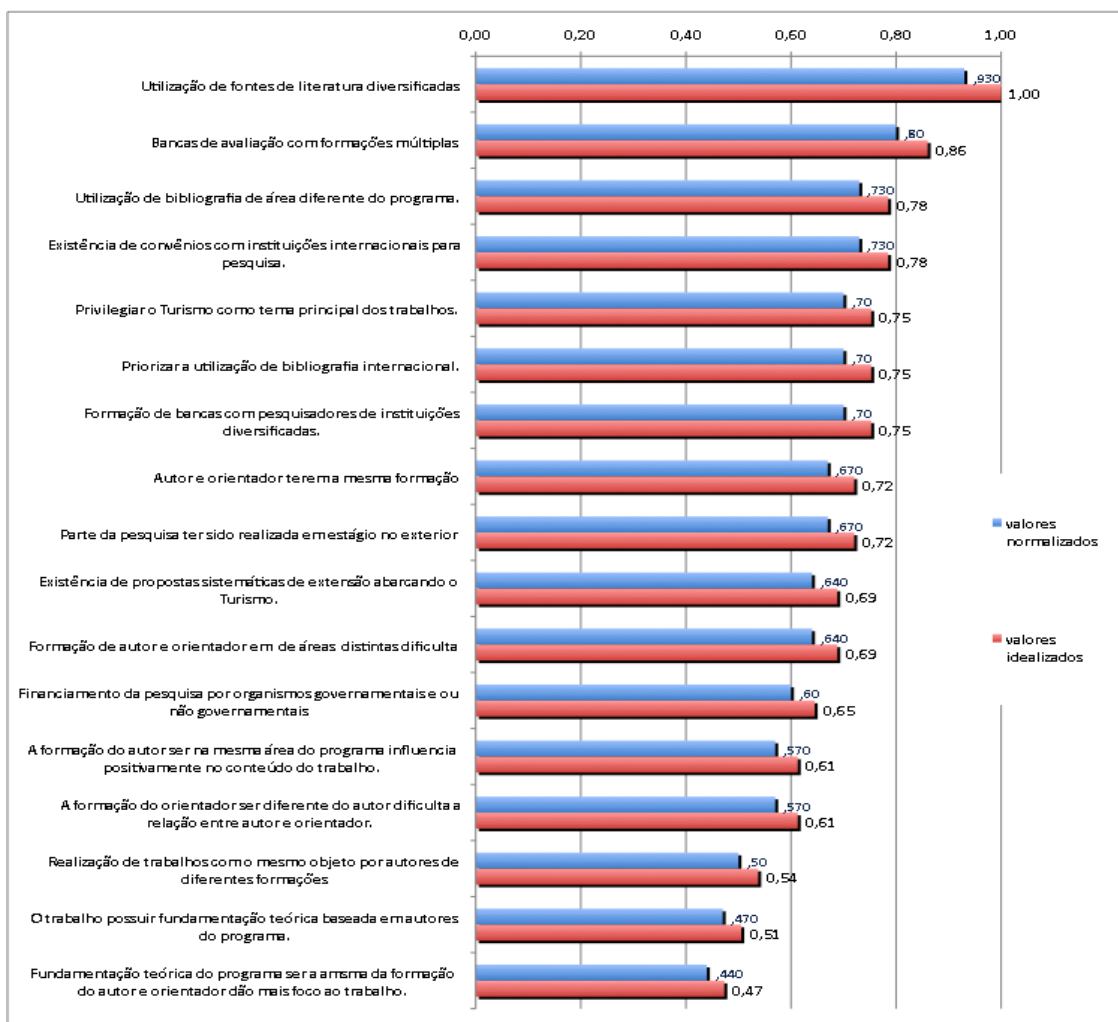


Figura 34 - Fatores hierarquizados, por notas atribuídas pelos pesquisadores
 Fonte: Elaborado pelos autores

Os FCS que tiveram maior pontuação podem ser considerados, conforme julgamentos dos especialistas consultados, os mais importantes para a elaboração de trabalhos fecundos.

O fator com maior pontuação, neste exercício, foi a utilização de fontes de literatura diversificada (artigos, livros e anais de congresso). Deve ser ressaltado que artigos publicados em anais e revistas são avaliados por uma comissão que respalda seu conteúdo. Outro fator priorizado é a utilização de bibliografia internacional. Em terceiro, está a priorização de bancas de avaliação com formações múltiplas como forma de agregar conhecimento ao trabalho, pois comentários e sugestões com vários olhares podem enriquecer, contribuindo sobremaneira a qualidade da produção de trabalhos e além disso a formação de bancas por pesquisadores de instituições diversas constitui um

item reconhecido na pesquisa como diferencial. O terceiro FCS corresponde à utilização de bibliografia de área diferente do programa de pós-graduação no qual se insere o pesquisador e que demonstra abertura de conhecimento, assim como o programa ter convênios com instituições internacionais de pesquisa.

Destaque deve ser dado para o fator considerado mais importante que foi priorizar o Turismo como tema principal, já que no Estado do Rio de Janeiro, como dito anteriormente, não existe programa de pós-graduação específico na área de Turismo e sendo este tema priorizado a produção de conhecimento é enriquecida.

A seguir, apresentamos os fatores críticos, levando em consideração a escala de valores proposta. A hierarquização foi feita com base na maior ou menor incidência de respostas na primeira escala (“extrema”), depois na segunda (“alta”) e, assim, sucessivamente.

Tabela 11 -. Avaliações dos fatores, por escala de importância

Fatores	extrema	alta	média	pouca	nenhuma
Utilização de fontes de literatura diversificadas	67%	33%	0%	0%	0%
Bancas de avaliação com formações múltiplas	33%	33%	0%	33%	0%
Priorizar a utilização de bibliografia internacional.	33%	33%	0%	17%	17%
Existência de convênios com instituições internacionais para pesquisa.	17%	67%	17%	0%	0%
Formação de bancas com pesquisadores de instituições diversificadas.	17%	50%	17%	17%	0%
Utilização de bibliografia de área diferente do programa.	17%	33%	33%	17%	0%
Autor e orientador terem a mesma formação facilita	17%	33%	33%	0%	17%
Privilegiar o Turismo como tema principal dos trabalhos.	17%	17%	67%	0%	0%
Parte da pesquisa ter sido realizada em estágio no exterior	0%	67%	0%	33%	0%
Financiamento da pesquisa por organismos governamentais e ou não governamentais	0%	50%	17%	17%	17%
Existência de propostas sistemáticas de extensão abarcando o Turismo.	0%	40%	40%	20%	0%
Formação de autor e orientador em de áreas distintas dificulta	0%	33%	33%	17%	17%
A formação do autor ser na mesma área do programa influencia positivamente no	0%	33%	33%	17%	17%

conteúdo do trabalho.					
A formação do orientador ser diferente do autor dificulta a relação entre autor e orientador.	0%	20%	80%	0%	0%
Realização de trabalhos com o mesmo objeto por autores de diferentes formações	0%	17%	50%	0%	33%
O trabalho possuir fundamentação teórica baseada em autores do programa.	0%	17%	17%	50%	17%
Fundamentação teórica do programa ser a mesma da formação do autor e orientador dão mais foco ao trabalho.	0%	0%	40%	40%	20%

Fonte: Elaborada pelos autores

O fator com menor pontuação diz respeito à “realização de trabalhos com o mesmo objeto de estudo por autores de diferentes formações” no mesmo programa. No seu oposto, encontra-se a utilização de fontes de literatura diversificada, reforçando o apresentado anteriormente.

A representação gráfica exposta a seguir ilustra estes resultados em cores, quentes e frias, como forma de melhor visualizar a ordem de valores dos FCS.

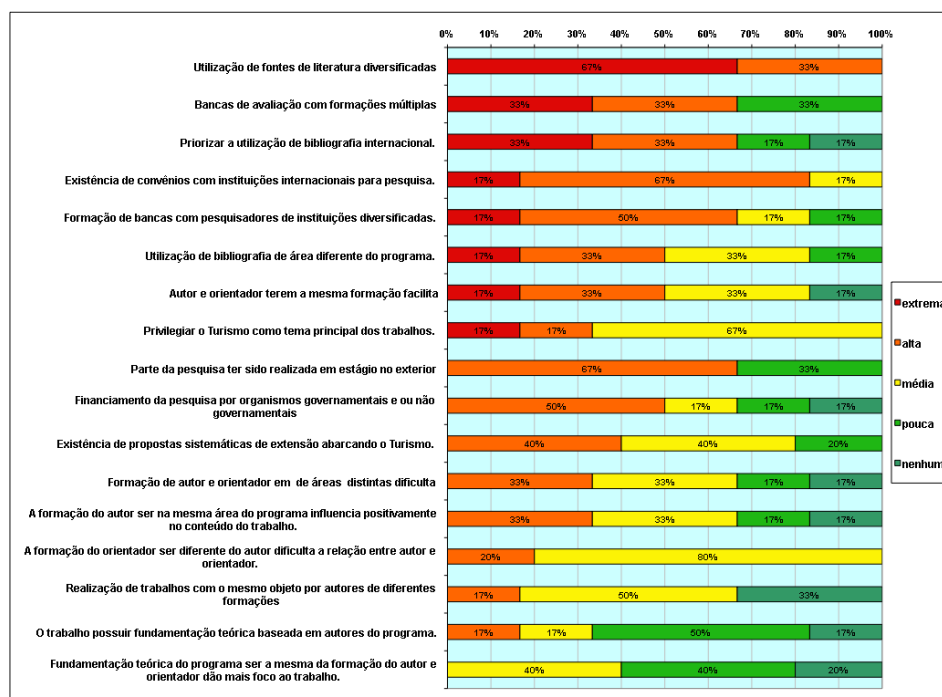


Figura 35 - Fatores hierarquizados, por notas atribuídas

Fonte: Elaborado pelos autores

Avaliando esta figura, levando-se em consideração a média, encontramos dois fatores em destaque: formação multidisciplinar do autor e do orientador em programa de área distinta de ambos e, também, privilegiar o Turismo como tema principal de trabalhos, reforçando a questão de olhares multidisciplinares sobre a produção do conhecimento na área.

As duas formas de hierarquizar a importância dos FCS podem ser comparadas, como mostramos na Tabela 11. Como é usual na análise de postos, quando houve empate entre dois fatores ou mais fatores, utilizou-se o valor do posto médio desses fatores.

Tabela 11 - Distribuição dos fatores por nota e por escala

Fatores	Por notas	Por escalas
Utilização de fontes de literatura diversificadas	1	1
Bancas de avaliação com formações múltiplas	2	2,5
Utilização de bibliografia de área diferente do programa.	3,5	6,5
Existência de convênios com instituições internacionais para pesquisa.	3,5	4,5
Privilegiar o Turismo como tema principal dos trabalhos.	6	8
Priorizar a utilização de bibliografia internacional.	6	2,5
Formação de bancas com pesquisadores de instituições diversificadas.	6	4,5
Autor e orientador terem a mesma formação facilita	8,5	6,5
Parte da pesquisa ter sido realizada em estágio no exterior	8,5	9
Existência de propostas sistemáticas de extensão abarcando o Turismo.	10	11
Formação de autor e orientador em de áreas distintas dificulta	11,5	12,5
Financiamento da pesquisa por organismos governamentais e ou não governamentais	11,5	10
A formação do autor ser na mesma área do programa influencia positivamente no conteúdo do trabalho.	13,5	12,5
A formação do orientador ser diferente do autor dificulta a relação entre autor e orientador.	13,5	14
Realização de trabalhos com o mesmo objeto por autores de diferentes formações	15	15,5
Fundamentação teórica do programa e formação do autor e orientador dá mais foco ao trabalho.	16	17
O trabalho possuir fundamentação teórica baseada em autores do programa.	17	15,5

Fonte: Elaborada pelos autores

A representação, a seguir, demonstra as duas formas de hierarquização.

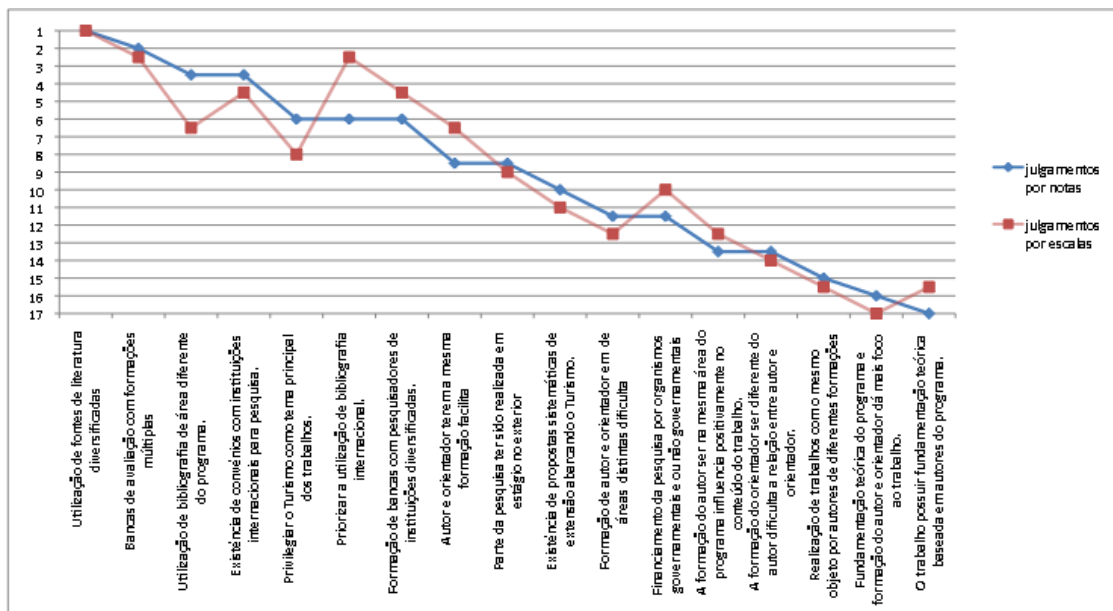


Figura 36 - Fatores hierarquizados

Fonte: Elaborado pelos autores

Mas as duas hierarquizações podem ser consideradas similares. Isso pode ser comprovado calculando-se o coeficiente de correlação de postos de Spearman – RS. Esse instrumento serve para a análise das ordenações: quando seu valor é 1, significa que duas ordenações são idênticas. Quando seu valor é - 1, significa que duas ordenações são perfeitamente inversas, ou seja, o que numa aparece em primeiro lugar, na outra em último, o que na primeira em segundo lugar aparece na outra em penúltimo e, assim, sucessivamente. Nas duas hierarquizações realizadas acima ilustrado, o RS calculado assumiu o valor de 0,95. Isso significa que as duas ordenações são muito próximas.

Pode-se considerar que houve validação dos FCS e, independentemente de suas disposições nas diferentes formas de análise. Com este resultado seguimos para a segunda etapa deste processo.

6.2.2. Estruturação hierárquica – a Árvore

No método AHP, o problema é estruturado hierarquicamente e, nesta etapa, a construção da “árvore” auxilia na estruturação. A decomposição do problema de decisão em uma hierarquia de subproblemas. Assim cada um deles pode ser analisado independentemente.

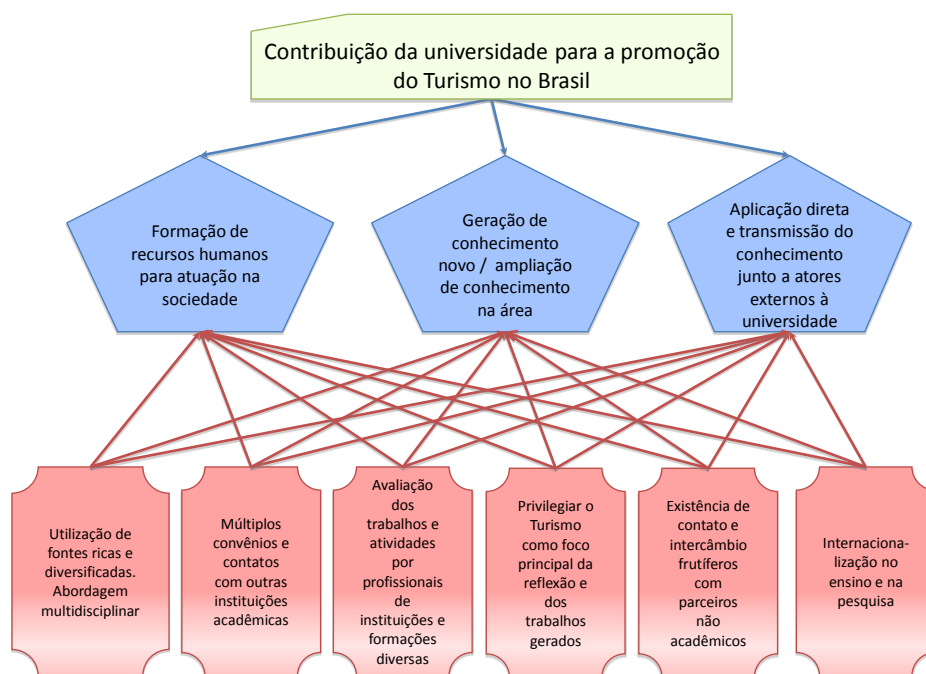


Figura 37 – Árvore representativa

Fonte: Elaborado pelos autores

Nesta figura, a Universidade representa o espaço que propicia a promoção do Turismo em termos de pesquisa (produção), ensino (reprodução) e extensão (aplicação). Como dito anteriormente, o curso superior foi criado com o propósito de capacitar mão-de-obra para um mercado emergente no país incentivado por políticas governamentais. A pesquisa surge inicialmente neste cenário, através de trabalhos em programas de pós-graduação não específicos na área de Turismo e, conseqüentemente, a extensão surge de forma mais representativa quando são criados os cursos em instituições públicas que têm neste tripé a sua base.

No nível seguinte encontramos: formação de recursos humanos para atuação na sociedade (ensino), geração de conhecimento novo/aplicação de conhecimento na área (pesquisa) e aplicação direta e transmissão do conhecimento junto a atores externos à Universidade (extensão).

Sobre a formação de recursos humanos, além de atender a diferentes níveis, os cursos superiores formam profissionais para atuarem em uma diversificada gama de sub-áreas, dentro da atividade turística, como demonstrado no quadro que segue:

Setor:	Sub-setores
hospedagem	empresas relacionadas à acomodação em geral e com diversas categorias (hotalaria, motéis, camping, pousadas, albergues...), cassinos, <i>shopping centers</i> e, atualmente, o direcionamento para atuação em hospitais;
transportes	aéreos, rodoviários, ferroviários e aquaviários e demais modais de transportes;
agenciamento	em agências de viagens, operadoras e representações (GSA e consolidadores);
alimentação	restaurantes, <i>fast food</i> , cruzeiros marítimos, parques temáticos, eventos e similares;
lazer	com atividades de animação/recreação – clubes, parques temáticos, eventos, empresas de entretenimento, agências, cruzeiros marítimos, hotéis, colônias de férias;
eventos	empresas organizadoras para atuação em mini e mega eventos, e também feiras, congressos, exposições de caráter regional, nacional e internacional ou similares;
hospitalidade	atuação no núcleo turístico em atividades de caráter hospitaleiro
órgãos oficiais	atuação em planejamento e em programas estabelecidos por uma política de turismo, fomento, pesquisa e controle de atividades turísticas
consultoria	atuação em pesquisa e/ou em planejamento turístico;
marketing	vendas turísticas
magistério	cursos de graduação, pós-graduação, especialização, extensão, atualização e cursos livres
publicações	empresas e/ou instituições de ensino para atuação em editoração específica, escritor de textos para jornais e revistas especializadas
especialização em mercado segmentado	turismo ecológico, social, infante-juvenil, para idosos, deficientes físicos, de negócios, segmentos étnicos ou culturais em geral;
pesquisa	centros de informação e documentação
outros ramos de conhecimento humano	algumas áreas novas quando tomadas em uma dimensão mais ampla, estão surgindo, como geração de banco de dados para o turismo, tradução e interpretação dirigidas para o setor, instituições culturais, informática aplicada ao turismo, entre outras.

Quadro 11 - Áreas de atuação do profissional em Turismo

Fonte: Adaptado de Ansarah (2002:42 - 43)

As habilidades e competências necessárias para a formação do profissional estão dispostas nas Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN que são a base legal para a elaboração dos Projetos Pedagógicos de Curso - PPC⁵⁶.

A extensão é entendida como a aplicação direta e transmissão do conhecimento junto a atores externos à Universidade. Entretanto, vale ressaltar que não é puramente uma via de mão única e sim um *diálogo* a ser estabelecido onde a comunicação gere conhecimento, também, em mão dupla.

6.2.3. Aplicação do AHP

Após a identificação dos principais FCS e da sua hierarquização dos critérios nas fases anteriores, iniciamos o processo de aplicação. Este consiste em apresentar, em uma planilha de *Excell*, os FCS selecionados aos pesquisadores referendados da pesquisa para que estes apontem suas opiniões sobre cada FCS, por critério, ensino, pesquisa e extensão.

O critério de seleção dos pesquisadores⁵⁷, para esta fase, se efetivou da seguinte forma: buscamos três professores/pesquisadores que estivessem envolvidos com a administração superior de alguma instituição. Este grupo denominado de A, sendo os três reconhecidos como A-1, A-2 e A-3. A avaliação, neste, caso incide sobre os próprios critérios: ensino, pesquisa e extensão.

Os outros grupos foram assim selecionados: professores/pesquisadores ligados diretamente com cursos superiores em Turismo, sendo de diferentes instituições. Denominaremos de Grupo de Ensino sendo E-1, E-2 e E-3. Os outros três professores/pesquisadores são docentes em cursos de pós-graduação que oferecem disciplinas em

⁵⁶ Sobre a produção de conhecimento, segundo pesquisa realizada por Rejowski, em duas etapas, a autora encontrou um total de 55 dissertações e teses no período de 1975 a 1992 (REJOWSKI, 1993) e na segunda um total de 102 trabalhos defendidos no período de 1971 a 1995 (REJOWSKI, 1997). Nesta segunda etapa a autora incluiu a opinião de pesquisadores e empresários. A autora vem atualizando este levantamento incluindo dissertações e teses entre os períodos de 1975 a 2005 (REJOWSKI, 2007) sintetizando três décadas de produção do conhecimento na área. Resumidamente, sua proposta é traçar um perfil do que pode ser apontado como: conhecimento novo/aplicação de conhecimento na área.

⁵⁷ Encontra-se no apêndice o perfil dos pesquisadores.

seus cursos e que demonstram uma produção científica qualificada na área. Estes serão denominados de grupo Pesquisa sendo reconhecidos como P-1, P-2 e P-3.

Importante salientar que cada pesquisador possui formação distinta e inserções diferentes em campos do Turismo o que é extremamente enriquecedor no debate pretendido, quando se observa a figura de Tribe (2005) apresentada no capítulo anterior que ilustra o campo de força do conhecimento, a partir das interferências do ambiente, da pessoa e outros aspectos serem levados em consideração.

Após apresentação dos objetivos da pesquisa e da árvore hierárquica, os mesmos foram convidados a apontar, por ordem de importância e comparação em pares, os FCS por critérios: pesquisa, ensino e extensão com valores na escala que segue:

Intensidade de importância	Definição	Explicação
1	Igual importância	As duas atividades contribuem igualmente para o objetivo.
3	Fraca importância	Há um leve favorecimento de uma das atividades.
5	Forte importância	Há um forte favorecimento de uma das atividades.
7	Muito forte importância	Uma atividade é muito fortemente favorecida em relação à outra, dominação demonstrada na prática.
9	Importância absoluta	A evidência favorece uma atividade em relação a outra com o mais alto grau de certeza.
2,4,6,8	Valores Intermediários	Quando se procura condição de compromisso entre duas definições.

Quadro 12 – Escala Fundamental

Fonte: Elaborado pelos autores

Demonstramos no quadro 12 a matriz de comparação na qual foi solicitado a cada pesquisador que comparasse a coluna A em referência a coluna B, apontando valores ditos cheios quando o critério da coluna A era mais importante que a coluna B e valores fracionados quando a opinião era inversa.

Nesta parte, os grupos Ensino e Pesquisa responderam sobre os FCS que seguem:

Tabela 12 – Matriz de comparação paritária

A	Na sua opinião quantas vezes o critério A é mais importante do que o Critério B?"	B
Abordagem multidisciplinar	4	Múltiplos convênios
Múltiplos convênios	1/2	Avaliação por profissionais de diversas instituições
Avaliação por profissionais de diversas instituições	1	Privilegiar o turismo
Privilegiar o turismo	3	Contato com parceiros não acadêmicos
Contato com parceiros não acadêmicos	1/7	Internacionalização no ensino e na pesquisa
Abordagem multidisciplinar	3	Avaliação por profissionais de diversas instituições
Múltiplos convênios	1/3	Privilegiar o turismo

Fonte: Elaborado pelos autores

6.3. Resultados da aplicação do AHP

O exposto anteriormente foi solicitado ao grupo A que comparassem critério por critério dando valores conforme exposto no quadro 13.

GRUPO A		CRITÉRIO B	CRITÉRIO A		
			ENSINO	PESQUISA	EXTENSÃO
A-1	Formação de recursos humanos	Formação de recursos humanos	Geração e ampliação de conhecimento	Formação de recursos humanos	
A-2	Aplicação e transmissão do conhecimento	Formação de recursos humanos	Geração e ampliação de conhecimento	Aplicação e transmissão do conhecimento	
A-3	Geração e ampliação de conhecimento	Formação de recursos humanos	Formação de recursos humanos	Formação de recursos humanos/ Aplicação e transmissão do conhecimento/ Geração e ampliação de conhecimento	

Quadro 13 – Avaliação critério x critério

Fonte: Elaborado pelos autores

No quadro, podemos verificar que para ensino, pesquisa e extensão todos do grupo A consideram importante a formação de recursos humanos. Este grupo entende que em qualquer destas esferas acontece o ciclo de produção, reprodução e aplicação que são a base para a formação de profissionais qualificados.

Com relação aos grupos Ensino e Pesquisa, apresentamos o quadro a seguir, onde foram cruzados os critérios A com os FCS por grupos.

		FCS	CRITÉRIO		
			ENSINO	PESQUISA	EXTENSÃO
Ensino	E-1	Abordagem multidisciplinar	Internacionalização no ensino e na pesquisa	Internacionalização no ensino e na pesquisa	Internacionalização no ensino e na pesquisa
	E-2	Múltiplos convênios	Múltiplos convênios	Múltiplos convênios	Internacionalização no ensino e na pesquisa
	E-3	Avaliação por profissionais de diversas instituições	Abordagem multidisciplinar	Múltiplos convênios	Contato com parceiros não acadêmicos
Pesquisa	P-1	Privilegiar o turismo	Abordagem multidisciplinar	Privilegiar o turismo	Contato com parceiros não acadêmicos
	P-2	Contato com parceiros não acadêmicos	Abordagem multidisciplinar	Privilegiar o turismo	Contato com parceiros não acadêmicos
	P-3	Internacionalização no ensino e na pesquisa	Privilegiar o turismo	Privilegiar o turismo	Privilegiar o turismo

Quadro 14 – Avaliação critério x FCS

Fonte: Elaborado pelos autores

O grupo Ensino considera importante para o ensino, pesquisa e extensão a internacionalização no ensino e na pesquisa sendo em segundo plano os múltiplos convênios e abordagem multidisciplinar e contato com parceiros não acadêmicos com o mesmo valor.

A internacionalização tem sido discutida em redes sociais e grupos específicos de discussão⁵⁸, apontando que a maior dificuldade está em publicação de resultados de pesquisas em inglês para que estas tenham maior visibilidade no exterior. Muitos pesquisadores publicam em revistas onde são aceitos trabalhos em português como pode ser verificado nos quadros que apresentamos no Capítulo 2.

O grupo “Pesquisa” apontou fatores como priorizar o Turismo e ter uma abordagem multidisciplinar como importantes nas três áreas (ensino, pesquisa e extensão) que corrobora com todos os argumentos expostos neste trabalho nos capítulos anteriores.

A seguir, apontamos as avaliações por fatores.

⁵⁸ Rede criada no Googlegroups pela ANPTUR e grupo de pesquisadores no Facebook.

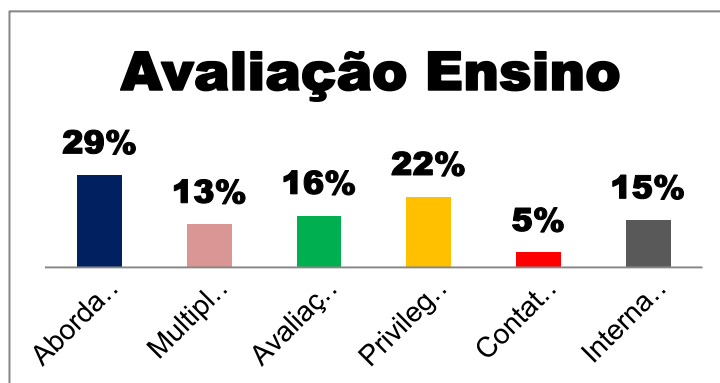


Figura 38 - Avaliação geral - Ensino

Fonte: Elaborado pelos autores

Os professores/pesquisadores avaliaram com 29% a abordagem multidisciplinar acompanhado pelo fator privilegiar o Turismo, com 22%, no critério ensino. Neste critério, estes fatores necessitam de especial atenção, pois na abordagem multidisciplinar com o viés perpassando o Turismo é que se ampliam as oportunidades de produção do conhecimento de forma mais fecunda, agregando teorias e conceitos de outras áreas.

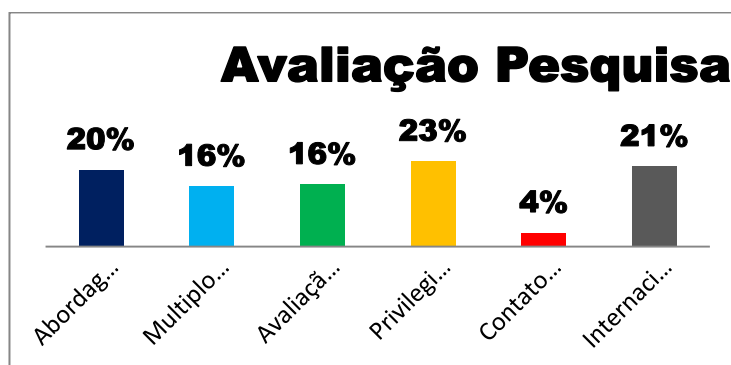


Figura 39 - Avaliação geral - Pesquisa

Fonte: Elaborado pelos autores

Com relação à pesquisa, o fator com maior destaque foi privilegiar o Turismo com 23%, sendo seguido de internacionalização do ensino e pesquisa (21%) e abordagem multidisciplinar (20%). Este tem sido um caminho natural das pesquisas na área de Turismo. Como muitos se capacitam em diferentes áreas de conhecimento com diversas abordagens a proposição de internacionalização do processo vem intensificando. O que parece ser uma real dificuldade é o escoamento em revistas científicas da área nem

sempre terem uma qualificação expressiva no Qualis que motive pesquisadores a publicar.

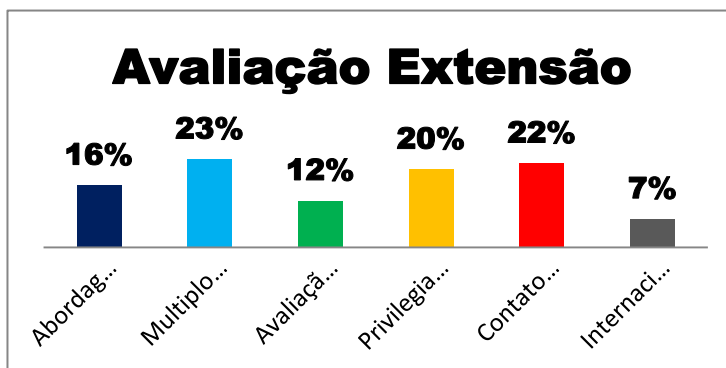


Figura 40 - Avaliação geral - Extensão
Fonte: Elaborado pelos autores

Com relação à extensão, o FCS múltiplos convênios com parceiros acadêmicos (23%) e contato com parceiros não acadêmicos (22%) foram os itens mais relevantes identificados, não obstante que parcerias tanto institucionais quanto com empresas intensificam a ponte entre a Universidade e a Sociedade, fundamentos da extensão.

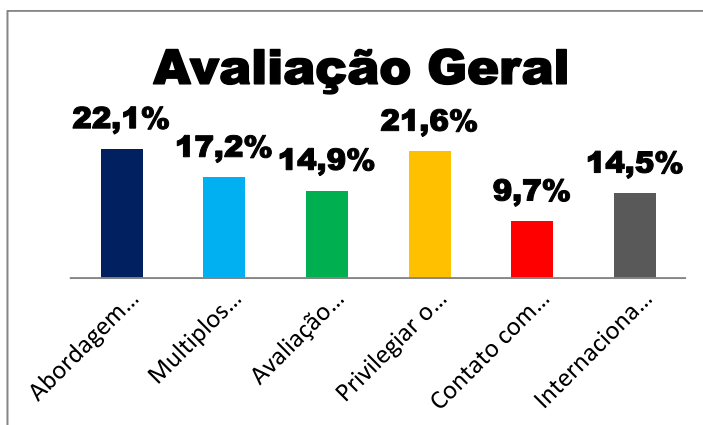


Figura 41 - Avaliação geral – Ensino, Pesquisa e Extensão
Fonte: Elaborado pelos autores

Na avaliação geral dos FCS, obtivemos a abordagem multidisciplinar (22,1%) e privilegiar o Turismo como tema (21,6%), muito próximos e prevalecendo como os principais fatores que determinam trabalhos fecundos. Este pressuposto vem sendo argumento claro em toda argumentação da tese.

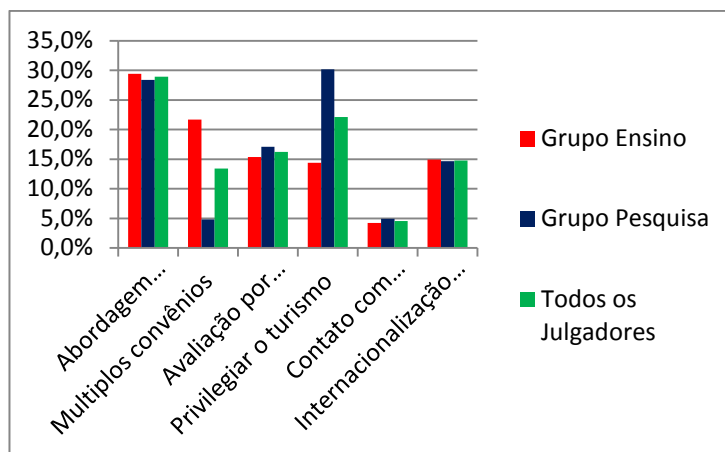


Figura 42 - Avaliação geral – Grupos Ensino e Pesquisa
 Fonte: Elaborado pelos autores

Neste quadro temos a representação por grupos e o geral de todos os avaliadores como forma ilustrativa de demonstrar o já exposto anteriormente.

6.4 Proposta para aplicação dos Fatores Críticos de Sucesso - FCS

Os programas de pós-graduação que atualmente possuem professores/pesquisadores que orientam trabalhos científicos ou ministram disciplinas vinculadas ao estudo do Turismo podem usar os elementos de identificados como parâmetro para avaliação, além dos critérios já pré-estabelecidos pela CAPES.

Neste caso, nos referimos ao processo de elaboração dos trabalhos científicos e não a estrutura do programa de pós-graduação. Apresentamos uma sugestão a partir dos FCS:

- Utilização de fontes de literatura diversificada, abordagem multidisciplinar – consideramos a utilização dos critérios apontados no Capítulo 4:
 - **Diversificada** - quando encontram-se livros na área de Turismo e em outras áreas tanto nacionais quanto internacionais, artigos científicos nacionais e internacionais, legislações (quando necessárias), *sites*, dissertações e teses.

- **Parcialmente diversificada** – aplica-se quando não são identificados nos trabalhos um dos itens apontados no critério - Diversificada.
- **Não diversificada** - destaque, principalmente, quando o trabalho não apresenta referências em Turismo.
- Privilegiar o Turismo como foco principal das reflexões dos trabalhos gerados – não obstante o Turismo permeie diversas áreas do conhecimento ao privilegiar este foco parece haver uma contribuição na construção de conhecimento na área;
- Avaliação dos trabalhos e atividades por profissionais de instituições e formações diversas – não obstante haver um critério específico para avaliação de bancas pela CAPES que atende a este FCS, sugerimos que a composição da bancas sempre considerem membros de formação distinta ao do autor e orientador e que agregue profissionais com formações múltiplas que contribuam para o aprimoramento dos trabalhos sob vários olhares;
- Internacionalização no ensino e na pesquisa – para este fator enfatizamos a importância de parcerias com instituições internacionais tanto para estágios quanto projetos de pesquisa em cooperação;
- Múltiplos convênios e contato com outras instituições acadêmicas – o trabalho deve ter seus resultados debatidos em projetos de parceria entre instituições;
- Existência de contato e intercâmbio frutíferos com parceiros não acadêmicos – neste caso parece recomendável se considerar, quando o estudo for uma pesquisa aplicada sua realização com parceiros não acadêmicos, como forma de promoção de intercâmbio entre a academia e outros setores da sociedade.

CAPÍTULO 7

Conclusão – Os caminhos da produção de conhecimento em Turismo

Ao abrirmos a janela para entender como acontece a produção de conhecimento em Turismo no Estado do Rio de Janeiro, nos deparamos com um ambiente acadêmico que vem sofrendo transformações como resultado de fatores endógenos e exógenos, muitas vezes difíceis de serem absorvidos em estruturas que são diversas e dinâmicas: as Universidades. Neste espaço acontecem os *encontros*, as *relações* e o *diálogo*.

No caso específico desta tese, buscamos entender como surgiu o curso superior de Turismo nestas instituições e como tem acontecido a produção de conhecimento nesta área. Não se pode negligenciar que a criação do curso de Turismo surgiu em um cenário político onde a formação de recursos humanos tinha seu foco na qualificação de mão de obra e na preparação do indivíduo para um mercado em expansão. Naquele momento, não haviam livros publicados na área e sim a experiência de profissionais de mercado, muitas vezes não preparados para a docência e com limitada qualificação ou interesse em pesquisa.

A publicação do primeiro livro em Turismo no Brasil aconteceu em 1992⁵⁹, vinte e um anos depois do início do primeiro curso oficial de graduação na área. E até esta data os alunos destes cursos tinham acesso somente a textos em espanhol e apostilas produzidas pelos professores.

No campo das publicações científicas, estas iniciam com alguns pesquisadores que se qualificaram em programas diversos e com a criação de mestrados onde o primeiro foi na UNIVALI em 1997. Esta é, portanto, uma história recente. Por este motivo delimitamos o escopo de nosso trabalho no período entre 2000 e 2010 por entender que anteriormente a este período seria muito difícil atingir nosso objetivo, entender o processo de produção de conhecimento na área.

Apontamos, também, para várias tentativas de se entender a produção do conhecimento em Turismo, este sendo analisado por plataformas, fases paradigmáticas e correntes de pensamento. Entretanto, a complexidade envolvida neste fenômeno aponta para a necessidade de interpretação de um elo entre as informações, ou seja, *relação, encontro e diálogo*.

Sendo assim, não seria possível olhar por esta janela apenas a partir de um único ângulo. Houve a necessidade de utilizarmos a bricolagem como proposta metodológica onde lançamos olhares sobre o mesmo objeto com um viés quantitativo, outro qualitativo e, também, com a perspectiva quali-quantitativa, sendo a proposta em si inovadora.

Definimos como escopo de pesquisa os programas de pós-graduação existentes no Estado do Rio de Janeiro, justamente por não haver um programa específico na área de Turismo. Mas buscamos para análise programas com uma produção relevante na temática demonstrando e reafirmando a multidisciplinaridade do objeto de estudo. Este olhar é que faz do conhecimento produzido rico em novas perspectivas e abordagens como vimos no Capítulo 4.

Apresentamos o que denominamos de fotografia que nos foi desvelada ao apreendermos elementos dos trabalhos científicos. Cruzamos variáveis múltiplas e percebemos que os programas que mais se destacam na produção de conhecimento em Turismo no Estado do Rio de Janeiro são: PEP/COPPE/UFRJ; PGCA/UFF⁶⁰; PGAP/FGV e EICOS/UFRJ. Nestes programas encontramos pesquisadores que, de certa forma, estão envolvidos historicamente com o estudo do Turismo. Isto não é regra, pois em alguns programas de pós-graduação encontramos uma produção relevante, mas sem um pesquisador de referência no programa que tenha destaque em orientação de teses e dissertações e em publicações na área. O mesmo acontece com programas onde encontramos pesquisadores que se destacam em produção científica, mas não orientaram muitos trabalhos científicos em Turismo. Desta forma, não há parâmetro para medir, pois como destaca Morin (1997) certos aspectos de sistemas abertos não são mensuráveis.

⁵⁹ Andrade. José Vicente Fundamentos e dimensões do Turismo. São Paulo: Ática, 1992.

⁶⁰ Durante a elaboração desta tese o programa de pós-graduação em referência foi descredenciado pela CAPES.

Fato interessante é que muitos autores dos trabalhos científicos levantados estão atuando em cursos superiores de Turismo no próprio Estado do Rio de Janeiro, o que nos representa um “fechamento de ciclo” onde produção (pesquisa), reprodução (ensino) e aplicação (extensão) acontecem. Este fato parece nos mostrar um panorama profícuo para os próximos anos, quando se pretende observar uma melhora na qualidade da formação de recursos humanos para pesquisa e produção do conhecimento na área.

Mas buscamos ir além de uma análise quantitativa e selecionamos alguns pesquisadores de referência para, através de suas falas, entendermos um pouco melhor como o conhecimento sobre o Turismo é por eles apreendido e de que forma a pesquisa acontece em suas instituições e departamentos.

Para tal, tomamos por base um roteiro utilizado por Tribe (2010) e outros elementos que nos deram base para mais este olhar pela janela, como o conceito de *Invisible College* e de Campo de Força do Conhecimento de Tribe (2006), que aponta para influências como ideologias, ambiente e outros fatores que podem impactar a produção de conhecimento.

Quando analisamos o que denominamos de ambiente, o que de fato se é apreendido sobre o conhecimento em Turismo, percebemos que as opiniões convergem ao que se refere ao Turismo ser um fenômeno dito complexo e o que é compreendido por atividade acontecer em consequência da necessidade de deslocamento, a necessidade de alojamento, alimentação e transporte.

Os pesquisadores apontam para o Turismo não se tratar de uma disciplina no modo formal, pois é evidente a necessidade de utilização de teorias e métodos de outras áreas. Reafirmam ser uma área de estudo multidisciplinar onde seus modos de pesquisa são tanto aplicados quanto puros, por se tratar de uma área em construção.

Quanto às comunidades acadêmicas, as instituições e departamentos não apresentam obstáculos para realização de pesquisa, mas há evidências de ser uma área com poucas oportunidades no que tange aos editais de fomento à pesquisa.

Outro aspecto observado na pesquisa foi que, apesar de haver grupos de pesquisa e pesquisadores interessados pela área não existe uma rede formal instituída e funcional entre eles, assim como um canal de informação qualificada que os ligue, consolide o elo entre estes pesquisadores, embora haja esforços individuais com este objetivo quando ocorrem parcerias e trocas fecundas que poderiam estar realmente alimentando o ciclo de ensino, pesquisa e extensão.

Desta forma observamos alguns elementos destacados por Tribe (2006) sobre o Campo de Força do Conhecimento, não sendo este estático e sim influenciado por elementos ao qual apontamos como *relação, encontro e diálogo*.

Sobre o conceito de *Invisible College* podemos dizer que apesar de não haver uma rede formal instituída e funcional os pesquisadores de referência que entrevistamos se reconhecem como parte deste processo e se relacionam e trocam experiências através da participação em projetos e bancas de avaliação. Sobre este aspecto remetemos a Lomnitz (2009) e as redes de reciprocidade que fazem parte da informalidade de determinados sistemas.

Um dos objetivos desta tese foi buscar a identificação dos Fatores Críticos de Sucesso – FCS - que interferem na produção do conhecimento em Turismo e, assim, buscar avaliar ensino, pesquisa e extensão em Turismo. Para tal, utilizamos todo o conhecimento adquirido nos Capítulos 4 e 5 para elaborar o que foi apresentado no Capítulo 6.

E apesar de existir uma avaliação formal para os programas com critérios bem definidos pela CAPES, observamos que não há critérios definidos que avalie o produto final do processo de formação de recursos humanos para a pesquisa, o trabalho científico representado por teses e dissertações. Na verdade, a responsabilidade é repassada para avaliadores internos e externos, a banca. Ou o resultado é medido pelas publicações relacionadas com os trabalhos científicos em até 3 anos após o término do processo, como é o caso do doutorado.

Embora as publicações não sejam importantes, há elementos de processo que vão além da relação entre orientador e orientando e seus olhares sobre o objeto. Para entender

melhor este processo, buscamos a opinião de pesquisadores através dos FCS para auxiliar a tomada de decisão no processo de ensino-aprendizagem.

Basicamente o que foi apontado na avaliação geral é que a utilização de bibliografia diversificada e as abordagens multidisciplinares, assim como o Turismo como objeto principal dos trabalhos científicos, constituem elementos essenciais para uma produção qualificada na pesquisa em Turismo.

Com todo o exposto nos capítulos anteriores, concluímos que: são nas *relações* estabelecidas entre orientadores e orientandos de diferentes formações, o *encontro* destes personagens com uma bibliografia diversificada, e o *diálogo* do objeto de estudo com variadas abordagens que fazem do Turismo um campo de estudo complexo e fascinante quando olhamos pela janela.

A partir deste trabalho, tivemos a oportunidade de refletir sobre a produção do conhecimento na área de Turismo e observarmos que um dos fatores que necessita de uma maior atenção é a troca de informações e a definição de ações que podem ser implementadas para a melhoria da comunicação, elo entre pesquisadores, favorecendo e efetivando os propósitos de produzir trabalhos fecundos. Esta proposta poderá servir de modelo para observatórios em outros Estados.

Para que se alcance este resultado, sugerimos:

- A criação do Observatório Acadêmico de Turismo – OAT - RJ, espaço virtual que agregaria grupos de pesquisa funcionando como espaço para intercâmbio de informações, tais como:
 - Biblioteca de teses e dissertações;
 - *Links* para grupos de pesquisa e espaço para exposição de projetos;
 - *Links* para programas de pós-graduação;
 - Informativo de defesa de teses e dissertações;
 - Análise periódica do material produzido nos programas como suporte de avaliação sobre o panorama da produção de conhecimento;
 - Informativo de Editais de Agências de Fomento.

- Criação de uma Rede de Pesquisadores em Turismo do Estado do Rio de Janeiro como uma alternativa de intercâmbio de informações e experiências de pesquisa e projetos;
- Realização de eventos com a participação dos grupos de pesquisa para troca de experiências e atualização de processo.

Entendemos que tais iniciativas poderiam contribuir significativamente para alcançarmos a qualidade na produção, reprodução e aplicação do conhecimento na área de Turismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, C. G. “Modelo Sistêmico de Formação e Capacitação de Recursos Humanos no Turismo como Estratégia de Mercado e Fator Competitivo”. In: REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. (Orgs.). **Turismo Contemporâneo: Desenvolvimento, Estratégia e Gestão**. São Paulo, Atlas, 2003.
- ANDRADE, J. V. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. São Paulo, Ática, 1992.
- ANSARAH, M. G. R. **Formação e Capacitação do Profissional em Turismo e Hotelaria: Reflexões e Cadastro das Instituições Educacionais no Brasil**. São Paulo, Aleph, 2002.
- ARNOLDI, R.M.V.F.P.C; COLOMBO, M.A.G. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.
- BARRETO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. 4 ed. Campinas, Papirus, 1998.
- BARRETO, M., “Imprescindível Aporte das Ciências Sócias para o Planejamento e a Compreensão do Turismo”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, pp. 15-29, Outubro, 2003.
- BARTHOLO, R. **Você e Eu - Martin Buber, Presença Palavra**. Rio de Janeiro, Garamond, 2001.
- BARTHOLO, R. et al (orgs). **Turismo e Sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.
- BARTHOLO, R., DELAMARO, M. C., BURSTYN, I., “Tourism for Whom? Different Paths to Development and Alternative Experiments in Brazil”. **Latin American Perspectives**, v. 35, n. 3, pp. 103-119, Maio 2008.
- BASTOS, S., FEDRIZZI, V., 2006, “Produção Acadêmica do Programa de Mestrado em Hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano 3, n. 1, pp. 98-106.
- BAUER, M.,GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. 4 ed. Petrópolis, Vozes, 2005.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 3 ed. São Paulo, SENAC, 2000.

BERTUZZO, G. M. P., 2004. **Produção Científica: Um Estudo Cienciométrico do Periódico Turismo em Análise**. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, PUCamp, Campinas, SP, Brasil.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1977.

_____. **Sobre a Comunidade**. São Paulo, Perspectiva, 1987.

_____. **Eu e Tu**. São Paulo, Centauro, 2001.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

BATISTA, R. S., BATISTA, R. S., SCHARMAMM, F. “A Ciência, a Verdade e o Real: Variações sobre o Anarquismo Epistemológico de Paul Feyerabend”, **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 22, n. 2, pp. 240-262, Agosto 2005.

CAMPOS, J. R. V., 2000. **A Evolução da Educação Profissional em Hotelaria no Brasil: o Caso SENAC de São Paulo como Referência na Área**. Dissertação de Mestrado da Escola de Comunicação e Artes, ECA/USP, São Paulo, SP, Brasil.

CANO, J. L. L. **Método e Hipótese Científicos**. México, Trillas, 1979.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-graduação 2005-2010**. Brasília, Capes, 2005.

CARVALHO, M. R., 1985. **Contribuição ao Estudo da Comunicação Científica e Tecnológica no Brasil**. Dissertação de Mestrado da Escola de Comunicação e Artes, ECA/USP, São Paulo, SP, Brasil.

CARVALHO, A. M., MORENO, E., BONATTO, F. R. O., *et al.* **Aprendendo Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo, Nome da Rosa, 2002.

CATRAMBY, T. C. V. “Capacitação Docente como Fator de Qualidade para o Setor de Educação em Turismo e Hospitalidade”. In: **VIII Encontro Nacional de Turismo com Base Local**, UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil, 3-6 Novembro 2004. CD-ROM.

CEDERJ. **Informações Institucionais**. Disponível em: <http://www.cederj.edu.br/fundacao/>>. Acesso em: 08 Agosto de 2001.

COOPER, C., SHEPERD, R., WESTLAKE, J. **Tourism and Hospitality Education**. Reino Unido, The University of Surrey, 1994.

COOPER, C. et al. **Turismo: Princípios e Práticas**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 2 ed. Porto Alegre, Bookman, 2001^a.

COOPER, C. et al. **Educando os Educadores em Turismo: Manual de Educação em Turismo e Hospitalidade**. Tradução de Rosemary Neves de Sales Dias, Cíntia Kaori Yokota e Laura Martins arntein. São Paulo, Rocca, 2001b.

COOPER, C., SMITH, G. “Approaches to Tourism and Hospitality Curriculum Design”. **Journal of Travel Research**, v. 39, Agosto 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.

COOPER, C., SCALES R., WESTJAKE, J. “The Anatomy of Tourism and Hospitality Educators in the UK”. **Tourism Management**, Junho 1992. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.

CORTEZI, A. A., CLÉZIO, A. L., OLIVEIRA, P. T. “Os Desafios do Ensino em Turismo sob o Ponto de Vista do Perfil Exigido para o Acadêmico. In: **I Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL**, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, 7-8 Novembro 2003. CD-ROM.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 2 ed. Porto Alegre, Artmed; Bookman, 2007.

DENCKER, A. F. M. **Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Superior: Uma Experiência no Curso de Turismo**. São Paulo, Aleph, 2002.

DENCKER, A. F. M. , 2005, “Pesquisa como Base para a Construção Teórica do Turismo e da Hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, v. 2, n. 1 (1º semestre), pp. 55-66.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. 5 ed. São Paulo, Futura, 2001.

DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. S. (orgs.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens** (orgs.). Tradução de Sandra Regina Netz. 2 ed. Porto Alegre, Artmed; Bookman. 2006.

- DIAS, F. M. R. “Gestão do Ensino Superior em Turismo: Uma Proposta Interdisciplinar”. In: **I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, 7-8 Novembro 2003. CD-ROM.
- ECHTNER, C. M., JAMAL, T. B., 1997, “The Disciplinary Dilemma of Tourism Studies”. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 4. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.
- FERREIRA, R. B., MÜLLER, D., HALLAL, D. R. “Bacharelado em Turismo: Algumas Inquietações”. In: **I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, 7-8 Novembro 2003. CD-ROM.
- FLICK, U. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre, Bookman, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, C. **The Way we Think Now: Toward an Ethnography os Modern Thought**. Disponível em: <<http://hypergeertz.jku.at/HyperGeertz-1970-1979.htm>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo, Atlas, 2002.
- GODBOUT, J. **O Espírito da Dádiva**. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1999.
- GODOI, C. K., MELLO, R. B., SILVA, A. B. (orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais. Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo, Saraiva, 2005.
- GOELDNER, C., RITCHIE, J. R. B., McINTOSH, R. **Turismo: Princípios, Práticas e Filosofias**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 8 ed. Porto Alegre, Bookman, 2002.
- GOMES, C. M., 2001, **Pesquisa acadêmica em turismo no Brasil – 1990/2001**. Trabalho de Conclusão de Curso da Escola de Comunicação e Artes, ECA/USP, São Paulo, SP, Brasil.
- GOMES, C. M., 2004, **Pesquisa Científica em Lazer no Brasil: Bases Documentais e Teóricas**. Dissertação de Mestrado da Escola de Comunicação e Artes, ECA/USP, São Paulo, SP, Brasil.

- HELPER, I., SCHAEFER, S. “Apoios Teóricos e Metodológicos em Dissertações de Mestrado”. **Redes**, v. 7, n. 1 , pp. 77-101, Junho 2002.
- JOVCHELOVITCH, S. “Re(des)coabrindo o Outro - para um Entendimento da Alteridade na Teoria das Representações Sociais”. In: ARRUDA, A. (org). **Representando a Alteridade**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- JOVICIC, Z. “A Plea for Tourismological Theory and Methodology”. **Revue de Tourisme**, v. 43, n. 3, pp.2-5, 1988.
- JAFARI, J., RITCHIE, J. R. B., 1981, “Toward a framework for tourism education: problems and Prospects”. In: **Annals of Tourism Research**, n. 8, pp. 13-34. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.
- JAFARI, J., BUERGERMEINSTER, J., D’AMORE, L. et al., 1992, “New Horizons in Tourism Hospitality Education”. In: **Annals of Tourism Research**, v. 19, n. 1, pp. 139-142. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.
- JAFARI, J., AASER, D., 1988, “Tourism as the Subject of Doctoral Dissertations”. In: **Annals of tourism research**, v. 15, pp. 407-429.
- JAFARI, J. “La Cientifizacion del Turismo”. **Estudios y perspectivas en turismo**. Buenos Aires, v. 3, pp. 07-36, 1994.
- LAVERY, P. “Careers in tourism”. **Tourism Management**, v. 9, n. 2, pp. 167-171, Junho 1988. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.
- LEAL, S. R., BARBOSA, J. G. B. “Um Estudo de Caso do Desenvolvimento da Carreira Profissional de Bacharéis em Turismo”. In: **I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, 7-8 Novembro 2003. CD-ROM.
- LEAL, S. R. “Madurez de la Investigación Científica em Turismo no Brasil y en el Mundo”. **Estudios y Perspectivas em Turismo**. Buenos Aires, v. 15, pp. 81-91, 2006.
- LE GOFF, J. **Os Intelectuais na Idade Média**. Lisboa, Gradiva, 1984.
- LEIPER, N. “An Emerging Discipline”. In: **Annals of Tourism Research**, v. 27, n. 3, pp. 805-809, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.

- LEIPER, N. "Towards a Cohesive Curriculum in Tourism: The Case for a Distinct Discipline". In: **Annals of Tourism Research**, v. 8, n. 1, pp. 69-84, 1981. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- LEMOS, Â. D. C. "A Sociedade, as Teorias Educacionais, o Ensino do Turismo e o Papel do Bacharel em Turismo". In: NETO, A. S., MACIEL, L. S. B. (Orgs.). **Currículo e Formação Profissional nos Cursos de Turismo**. Campinas, Papirus, 2002.
- LOMNITZ, L. Redes sociais, cultura e poder. Rio de Janeiro, E-paper, 2009.
- MATIAS, M. **Turismo: Formação e Profissionalização (30 anos de história)**. Barueri, Manole, 2002.
- MCINTOSH, R. W., WALTHER, C. "Teaching Tourism in Four-Year Degree Program". In: **Annals of Tourism Research**, v. 8, n. 1, pp. 134-136, 1981. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- MCINTOSH, R. W. "A Model University Curriculum in Tourism". **Tourism Management**, v. 4, n. 2, pp. 134-137, Junho 1983. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- MOESH, M. **A Produção do Saber Turístico**. 2 ed. São Paulo, Contexto, 2002.
- MOLINA, S. **O Pós-Turismo**. Tradução de Roberto Sperling. São Paulo, Aleph, 2003.
- MOLINA, S. "Pós-turismo: Novas Tecnologias e Novos Comportamentos Sociais". In: MOESCH, M. M.; GASTAL, S. (orgs.). **Um Outro Turismo é Possível**. São Paulo, Contexto, 2004.
- MURPHY, P. E. "Tourism Proposal for a Social Science Curriculum". In: **Annals of Tourism Research**, v. 8, n. 1, pp. 96-105, 1981. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 jan. 2003.
- PAIXÃO, D. L. D., GÂNDARA, J. M. G., LUQUE, O. "Empregabilidade dos Recursos Humanos nas Empresas Turísticas: Uma Análise das Qualidades Exigidas ao Bacharel em Turismo e/ou Hotelaria pelo Mercado Hoteleiro da Cidade de Curitiba". In: **I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, 7-8 Novembro 2003. CD-ROM.

- NETO, A. P. 2005. **Fenomenologia do Turismo: Uma Proposta de Construção Epistemológica**. Tese de Doutorado da Escola de Comunicação e Artes, ECA/USP, São Paulo, SP, Brasil.
- PAULA, M. F. “A Formação Universitária no Brasil: Concepções e Influências. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 14, n. 1, pp. 71-84, Março 2009.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências deste a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1999.
- PINTO, D. B., BABINSKI, L. R. “Produção Acadêmica do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul: Estudo Comparativo das Dissertações (2002 a 2004 – 2004 a 2005)”. In: **III Conferência da AMFORHT para América Latina**, SENAC-SP, São Paulo, Brasil, 5-7 Abril 2006.
- POLLOCK, A., RITCHIE, J. R. B. “Integrated Strategy for Tourism Education/Training”. In: **Annals of Tourism Research**, v. 17, n. 4, pp. 568-585, 1990. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.
- QUIVY, R., CAMPENHOUDT, L. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 2 ed. Lisboa, Gradiva, 1998.
- REJOWSKI, M., 1997, **Pesquisa acadêmica em turismo no Brasil (1975-1992): Configuração e Sistematização Documental**. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 1993.
- REJOWSKI, M., 1997, **Realidade Turística nas Pesquisas Científicas: Visão de Pesquisadores e Profissionais**. Tese de Livre-Docência, USP, São Paulo, 1997.
- REJOWSKI, M. **Turismo e Pesquisa Científica. Pensamento Internacional X Situação Brasileira**. Campinas, Papyrus, 1995.
- REJOWSKI, M., COSTA, B. K. (Orgs.). **Turismo Contemporâneo: Desenvolvimento, Estratégia e Gestão**. São Paulo, Atlas, 2003.
- REJOWSKI, M., CARNEIRO, J. B. “Formação e Capacitação de Recursos Humanos em Turismo”. In: REJOWSKI, M., COSTA, B. K. (Orgs.). **Turismo Contemporâneo: Desenvolvimento, Estratégia e Gestão**. São Paulo, Atlas, 2003.
- REJOWSKI, M. Pós-graduação ECA/USP. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <chirstfabi@yahoo.com.br> em 09 Junho 2009.

- RYAN, C. "Tourism courses: a new concern for new times?". **Tourism Management**, v. 16, n. 2, PP. 97-100, 1995. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.
- RODRIGUES, J. "A situação do Ensino Superior em Turismo no Brasil". In: BAHL, M. **Mercado Turístico: Áreas de Atuação**. São Paulo, Roca, 2003.
- SAKATA, M C G., 2002, **Tendências Metodológicas da Pesquisa Acadêmica em Turismo**. Dissertação de Mestrado da Escola de Comunicação e Artes, ECA/USP, São Paulo, SP, Brasil.
- SANTANA, M. P. L., CATRAMBY, T. C. V. **Diálogo de Saberes: a Produção do Conhecimento em Turismo**. Relatório final – Iniciação Científica PROIC 2009-2010. UFRRJ, 2010.
- SCHLÜTER, R. G. **Metodologia da Pesquisa em Turismo e Hotelaria**. São Paulo, Aleph, 2004.
- SGUISSARDI, V. "Pós-graduação (em Educação) no Brasil: Conformismo, Neoprofissionalismo, Heteronomia e Competitividade. In: MANCEBO, D., SILVA JR, J. R., OLIVEIRA, J. F. (Orgs.). **Reformas e Políticas – Educação Superior e Pós-graduação no Brasil**. Campinas, Alínea, pp. 137-164, 2008.
- SHELDON, P. J. "Professionalism in Tourism and Hospitality". In: **Annals of Tourism Research**, v. 16, n. 4, pp. 492-503, 1989. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.
- SHIMIZU, T. **Decisão nas Organizações**. 2 ed. São Paulo, Atlas, 2006.
- STRAUSS, A., CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa. Técnicas e Procedimentos para o Desenvolvimento de Teoria Fundamentada**. 2 ed. Porto Alegre,: Artmed; Bookman, 2008.
- TEIXEIRA, R. M. "Ensino superior em turismo e hotelaria no Brasil: um estudo exploratório". In: **Turismo em Análise**, v. 12, n. 2, pp. 7-30, São Paulo, ECA/USP, Novembro 2001.
- TEIXEIRA, R., FLETCHER, J., WESTLAKE, J. "Ensino superior em turismo: experiência do Reino Unido". In: **Turismo em análise**, v. 11, n. 2, pp. 28, São Paulo, ECA-USP, 2000.

THOMAS, R.; HARRIS, V. “Exploring Connections Between Teaching and Researching Hospitality Management”. In: **Hospitality Management**, v. 20, pp. 245-257, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.

TINEU, R. Reflexões sobre a problemática do ensino superior de turismo no Brasil. Disponível em: <<http://www.estudoturísticos.com.br>>. Acesso em: 04 Abril 2004.

TRIBE, John. “The Truth about Tourism”. In: **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 2, pp. 360–381, 2006.

TRIGO, L. G. G. “A Importância da Educação para o Turismo”. In: LAGE, B. H. G., MILONE, P. C. (Orgs.). **Turismo: Teoria e Prática**. São Paulo, Atlas, 2000.

TRIGO, L. G. G. **A Sociedade Pós-industrial e o Profissional em Turismo**. 2 ed. Campinas, Papirus, 1998.

TRIGO, L. G. G. (Org.). **Turismo: Como Aprender, Como Ensinar**. 2 ed, v. 1. São Paulo, SENAC, 2001.

THIOLLENT, M. “Os Processos Cognitivos e Normativos da Tecnologia e suas Implicações na Pesquisa e no Ensino”. In: **Anais do XXII Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia – COBENGE**. pp. 373-381, Porto Alegre, 24-27 Outubro 1994.

VERGER, J. **As Universidades na Idade Média**. São Paulo, UNESP, 1990.

WAHAB, S., SUEZ, A. H., JAFARI, J. “Tourism Education and Training”. IN: **Annals of Tourism Research**, v. 28, n. 1, pp. 2-9, 1997. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro 2003.

WESTLAKE, J. “Education for tourism”. In: **Tourism Management**, 1992. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 12 Janeiro. 2003.

Sites

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior . Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em 10 Novembro 2010.

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em:
<<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em 10 Novembro 2010.

APÊNDICE 1 – Lista de grupos de pesquisa situados no Estado do Rio de Janeiro⁶¹

INSTITUIÇÃO	GRUPO DE PESQUISA	LÍDER	ÁREA DE PESQUISA
UFRRJ	Biodiversidade, Recursos Naturais e Culturais	Peter Herman May	Economia
UFRRJ	CINAIS - Ciência, Natureza, Informação e Saberes	Maria Jose Teixeira Carneiro	Antropologia
UFRRJ	Criação ecológica de abelhas	Maria Cristina Affonso Lorenzon	Zootecnia
UFRRJ	Desastres Naturais e Sustentabilidade Ambiental	Francisco Carlos de Francisco	Geociências
UFRJ	Economia do Entretenimento	Fabio de Silos Sa Earp	Economia
UFF	Economia do Turismo	Osiris Ricardo Bezerra Marques	Economia
UFF	ESCUT - Núcleo de Estudos Socioculturais do Turismo	Karla Estelita Godoy	Turismo
UNIRIO	Espaço e Turismo	Maria Jaqueline Elicher	Turismo
UFRJ	Estado, Trabalho, Território e Natureza	Carlos Bernardo Vainer	Planejamento Urbano e Regional
FGV	Estudos Avançados em Turismo e Hotelaria	Deborah Moraes Zouain	Administração
UFF	Estudos em Comportamento do Consumidor	Verônica Feder Mayer	Turismo
UNIRIO	Gestão Empresarial, Turismo e Desenvolvimento Sustentável	Eunice Mancebo Rodrigues Fernandes	Turismo
UFRJ	Governança, Biodiversidade, Áreas Protegidas e Inclusão Social	Marta de Azevedo Irving	Psicologia
UNIRIO	Grupo de Estudos em Turismo e Sociedade	Maria Amália Silva Alves de Oliveira	Turismo
IFRJ	Grupo de Pesquisa Multidisciplinar de Estudos de Turismo e Ciência	Simone Alves	Turismo
UNIRIO	Grupo Transportes e o Turismo	Carla Conceição Lana Fraga	Turismo
UFRJ	Laboratório de Biociências do Movimento Humano - LABIMH	José Fernandes Filho	Educação Física
UFF	Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro)	Marco Antonio da Silva Mello	Antropologia
UFRJ	Laboratório Oficina Redes & Espaço - LabORE	Rainer Randolph	Planejamento Urbano e Regional
UFRRJ	NEPET - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Turismo	Teresa Cristina Viveiros Catramby	Turismo
UCP	NEPO - Núcleo de Estudos sobre Pobreza, Desigualdade, Justiça Distributiva e Desenvolvimento	Vanessa Cristina dos Santos	Economia
UERJ	Núcleo de Estudos de Geografia Fluminense	Glauccio José Marafon	Geografia
UFF	Núcleo de Estudos em Turismo e Hospitalidade –	Angelo Mario do Prado Pessanha	Turismo

⁶¹ Utilizamos a palavra-chave Turismo para busca no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ.

	NETH		
PUC – RIO	Processos de Inovação em Redes Estratégicas no Setor de Turismo	Teresia Diana Lewe van Aduard de Macedo-Soares	Administração
UFRRJ	Ruralidades, Cultura e Desenvolvimento Sustentável.	Roberto José Moreira	Sociologia
UFRRJ	Sociedade, Ambiente e Desenvolvimento	Sandro Campos Neves	Turismo
UFF	[T-Cult] Grupo de Pesquisa Turismo e Cultura - UFF	Karla Estelita Godoy	Turismo
UFRJ	TDS - Turismo e Desenvolvimento Social	Roberto dos Santos Bartholo Junior	Engenharia de Produção
UNIRIO	Turismo, Ciências Sociais e Patrimônio	Antônio Carlos de Carvalho	Museologia
FGV	Turismo e identidade carioca	Celso Corrêa Pinto de Castro	História
UFF	Turismo, Meio Ambiente Urbano e Inclusão Social - TURis	Marcello de Barros Tomé Machado	Turismo
UFRJ	Urbanismo e Estruturas Ambientais	Rachel Coutinho Marques da Silva	Arquitetura e Urbanismo
OBS: Os nomes em negrito são de pesquisadores que são docentes em cursos de Turismo			

APÊNDICE 2 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS ANALISADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – RJ

Pós-graduação em Ciências Ambientais e Florestais – PGCAF

Título: Perfil do visitante e capacidade de carga turística do Parque Estadual da Ilha Grande, Angra dos Reis - RJ

Autora: Carolina Dutra de Araújo

Orientador: Acácio Geraldo de Carvalho

Ano: 2006

Título: Serviços ambientais hidrológicos das Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) da Mata Atlântica: bacia hidrográfica do Rio São João, RJ

Autor: Adriano Lopes de Melo

Orientador: Ricardo Valcarcel

Ano: 2007

Título: Gestão participativa de Unidades de Conservação no Brasil - interpretando a APA de Petrópolis

Autora: Júlia Turques de Andrade

Orientador: Rodrigo Jesus de Medeiros

Ano: 2007

Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade – CPDA

Título: O turismo e a reconstrução do espaço rural: o caso do Arraial de Conceição do Ibitipoca (MG)

Autora: Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues

Orientadora: Maria José Teixeira Carneiro

Ano: 2001

Título: Redefinindo territórios: preservação e conservação no Aventureiro - Ilha Grande (RJ)

Autora: Helena Catão Henriques Ferreira

Orientadora: Maria José Teixeira Carneiro

Ano: 2004

Título: A ciranda de Tarituba: um estudo da caso sobre a concepção de resgate da tradição e da cultura

Autora: Rosane Martins de Oliveira

Orientadora: Silvana Gonçalves de Paula

Ano: 2004

Título: Atores e interesses que articulam as transformações sócio-espaciais de uma localidade caiçara: o caso do processo do Cajuá no litoral Sul Fluminense

Autor: Henrique Campos Moreira Rosa

Orientador: Nelson Giordano Delgado

Ano: 2005

Título: O plano municipal de desenvolvimento rural do município de Porcíncula (RJ) e as contribuições do enfoque da multifuncionalidade da agricultura

Autor: Fagner Moura da Costa

Orientador: Renato Sérgio Jamil Maluf

Ano: 2005

Título: Do passado ao presente dos habitantes tradicionais do povoado de Passarinho: um estudo pra gestão da Resex Marinha do Delta do Parnaíba.

Autora: Flávia Ferreira de Matos

Orientador: John Cunha Comerford

Ano: 2006

Título: Mar de conflitos: as diferentes formas de ação política coletiva dos pescadores "artesanais".

Autora: Priscila Barreto Sampaio

Orientador: John Cunha Comerford

Ano: 2006

Título: O parque natural regional e a questão do desenvolvimento.

Autora: Gilma Conceição Gonzalez

Orientadora: Ana Célia Castro

Ano: 2006

Título: Análise do seguimento de trutas: abordagens de cadeia produtiva e turismo rural.

Autora: Gisele Ferreira Amaral

Orientador: John Wilkinson

Ano: 2007

Título: Sitiantes e chacareiros de Ribeirão Vermelho: sociabilidade, disputas e transformações de um bairro rural.

Autora: Paula Daniela Munhos

Orientadora: Maria José Teixeira Carneiro

Ano: 2007

Título: Desenvolvimento local, turismo e lazer no agreste Central de Pernambuco.

Autora: Margarita de Cassia Viana Rodrigues

Orientador: Nelson Giordano Delgado

Ano: 2007

Título: A dinâmica da participação na construção de territórios sociais e do patrimônio ambiental da Ilha Grande-RJ

Autora: Helena Catão Henriques Ferreira

Orientadora: Maria José Teixeira Carneiro

Ano: 2010

Programa de Pós-graduação em Gestão de Negócios

Título: Turismo cultural e gestão local: estudo de caso - Projeto Cultural Caminhos de Pedra

Autora: Luciane Dal Vesco Ferrari
Orientador: João Carlos Poli
Ano: 2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO – UERJ

Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental - PEAMB

Título: Tecnologias de reuso das águas residuárias e gestão sustentável da indústria hoteleira: o caso da Bacia Hidrográfica da Baía da Ilha Grande (RJ).

Autor: Rodolfo José Mascarenhas Torres

Orientador: Carlos José Saldanha Machado

Ano: 2003

Título: Proteção Ambiental na Gestão de Áreas Turísticas em Unidades de Conservação: o Caso da Região de Visconde de Mauá (RJ, MG)

Autora: Juliana Martins da Costa Quinteiro

Orientadora: Carla Maria de Medeiros Pirá

Ano: 2008

Programa de Pós-graduação em Comunicação – PPGCOM

Título: Comunicação e interação on-line como nova forma de sociabilidade: analisando uma comunidade virtual de turismo

Autora: Renata Francisco Baldanza

Orientador: Fernando do Nascimento Gonçalves

Ano: 2007

Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - PPGPS

Título: Representações sociais da cidade maravilhosa: Rio de Janeiro do Turismo

Autora: Elaine Pedreira Barreiros

Orientador: Ricardo Vieiralves de Castro

Ano: 2005

Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente - PPGMA

Título: Paraísos perdidos ou preservados? A conquista da cidadania em áreas de Proteção Ambiental

Autora: Vírginia Villas Boas Sá Rego

Orientadora: Rosane Manhães Prado

Ano: 2010

Título: De "caldeirão do diabo" a "paraíso ecológico": a conservação da Ilha Grande

Autora: Ana Maria Almeida Santiago

Orientadora: Márcia Marques Gomes

Ano: 2010

Programa de Pós-graduação em Geografia - PPgeo

Título: Análise espaço temporal do uso e cobertura da terra no entorno da BR-101 - trecho Angra dos Reis e Parati/RJ

Autora: Stella Procopio da Rocha

Orientadora: Sonia Vidal Gomes da Gama

Ano: 2005

Título: A natureza monumental do Copacabana Palace

Autor: Ulisses da Silva Fernandes

Orientador: Miguel Angelo Campos Ribeiro

Ano: 2006

Título: Ordenamento da malha de trilhas como subsídio ao zoneamento ecoturístico e manejo da visitação no Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu - RJ

Autor: Flávio Augusto Pereira Mello

Orientadora: Nadja Maria Castilho da Costa

Ano: 2008

Título: Valoração econômica dos serviços recreativos e ecoturísticos em unidade de conservação: o caso do Parque Nacional da Tijuca (Rio de Janeiro - RJ)

Autor: Ricardo Rodrigues Malta

Orientadora: Nadja Maria Castilho da Costa

Ano: 2008

Título: Zoneamento da Fragilidade Ambiental do Parque Estadual de Ibitipoca – MG: Uma contribuição à gestão das práticas turísticas, com suporte de geoprocessamento

Autor: Leonardo Martins Cintra

Orientadora: Nadja Maria Castilho da Costa

Ano: 2009

Título: A cidade para quem? Empreendedorismo e resistência nos jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro: o caso da Marina da Glória

Autora: Fátima Cristina da Silva Borges

Orientador: Gilmar Mascarenhas de Jesus

Ano: 2009

Título: Do território do cárcere ao território de proteção da natureza: conflitos no Parque Estadual da Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ)

Autora: Thaís Ferreira Xavier

Orientadora: Sonia Vidal Gomes da Gama

Ano: 2009

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - Ppcis

Título: Abraão e Aventureiro: pensando o turismo de camping na Ilha Grande

Autora: Roberta Mociaro Zanatta

Orientadora: Rosane Manhães Prado

Ano: 2010

Título: Que paraíso é esse? A turismização da Ilha Grande
Autora: Teresa Cristina de Miranda Mendonça
Orientadora: Rosane Manhães Prado
Ano: 2010

ESCOLA NACIONAL DE CIÊNCIA ESTATÍSTICA – ENCE

Programa de Pós-graduação em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais - PGEPPS

Título: Segregação sócio-espacial no município de Angra dos Reis: um foco no Turismo
Autor: Vitor Stuart Gabriel de Pieri
Orientador: Cesar Ajara
Ano: 2005

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – PUC – RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-graduação em Serviço Social - PGSS

Título: Turismo de Favela e Desenvolvimento Sustentável - Um estudo do Turismo de Favela no bairro de Vila Canoa, zona sul do Rio de Janeiro
Autora: Daniela Santos Machado Pagnoncelli
Orientadora: Denise Pini Rosalem da Fonseca
Ano: 2007

Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção - PGE

Título: As indústrias de turismo e o yield management
Autor: Annibal José Roris Rodrigues Scavarda do Carmo
Orientador: José Paulo Teixeira
Ano: 2000

Título: Yield Management nos Hotéis do Rio de Janeiro: Levantamento e Análise
Autor: Luiz Gustavo Alcure de Moraes
Orientador: Leonardo Junqueira Lustosa
Ano: 2002

Título: Canais de distribuição eletrônica nos hotéis do Rio de Janeiro: levantamento e análise
Autora: Ana Luiza Alcure de Moraes
Orientador: Leonardo Junqueira Lustosa
Ano: 2006

Programa de Pós-graduação em Educação – PGE

Título: Educação e turismo no Estado do Rio de Janeiro: um olhar panorâmico do ensino superior
Autora: Valéria Maria de Souza Lima
Orientadora: Vera Maria Ferrão Candau

Ano: 2003

Título: Inglês para a área do turismo: análise de necessidades do mercado e de aprendizagem

Autora: Maria Angela Silva

Orientadora: Barbara Jane Wilcox Hemais

Ano: 2007

Programa de Pós-graduação em Administração – PGA

Título: A cooperação e o desenvolvimento do turismo na cidade do Rio de Janeiro

Autor: Frederico Antônio Vignati Scarpati

Orientador: Sérgio Proença Leitão

Ano: 2001

Título: Restrição ao turismo de consumidores de mais idade

Autora: Fernanda Maria Braz Diniz

Orientador: Paulo Cesar Mendonça Motta

Ano: 2006

Título: A atuação dos agentes do governo do Rio de Janeiro na formulação das ações promocionais de marketing turístico

Autor: George Leimann

Orientadora: Hélène Bertand

Ano: 2007

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ – UNESA

Programa de Pós-graduação em Administração – PGADI

Título: Gestão e avaliação de projeto público de assistência social: estudo de caso do hotel escola popular -HEP

Autor: Paulo César Nogueira Cabral

Orientador: Harvey José Ribeiro Consenza

Ano: 2005

Título: Turismo sustentável a partir da implantação do Plano de Desenvolvimento Integral do turismo no Maranhão: o caso do município Cururupu

Autor: Saulo Ribeiro dos Santos

Orientador: José Roberto Ribas

Ano: 2006

Título: Marketing de relacionamento como um processo gerencial na fidelização de clientes do setor de turismo de negócios no município do Rio de Janeiro: estudo de caso de um hotel

Autor: Luiz Eduardo Santos Nunes

Orientador: Guilherme Santana

Ano: 2006

Título: Vantagens competitivas das redes segmentadas e das redes associativas de hotelaria no mercado da cidade do Rio de Janeiro

Autora: Sandra Maria Gonçalves Schmall

Orientador: Lamounier Erthal Villela

Ano: 2007

Título: Antecedentes da intenção de recomendação de destinos turísticos: um estudo com turistas estrangeiros da Ilha Grande, município de Angra dos Reis - RJ

Autor: Márcio Moutinho Abdalla

Orientador: José Roberto Ribas

Ano: 2009

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV – RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-graduação em Administração Pública – PGAP

Título: Uma análise do diferencial competitivo de hotéis associados a cadeias hoteleiras internacionais

Autora: Isabela Castello Miguel

Orientador: Luis César Gonçalves de Araújo

Ano: 2001

Título: A justiça distributiva como critério fundamental nas políticas públicas: o caso dos jogos Panamericanos na cidade do Rio de Janeiro

Autor: Carlos Henrique Dantas da Silva

Orientador: Marco Aurélio Ruediger

Ano: 2005

Título: Desenvolvimento local, cidadania e redes sociais: um estudo em Minas Gerais

Autor: Valdeir Martins de Faria

Orientador: Fernando Guilherme Tenório

Ano: 2005

Título: Turismo e Desenvolvimento Sustentável: o caso da Vila do Abraão

Autor: Sérgio Luis Paiva de Oliveira

Orientador: Fernando Guilherme Tenório

Ano: 2006

Título: Perspectivas acadêmicas em São Luis: A aproximação entre o estudo do turismo e a ciência da administração

Autor: Anderson Lourenço Miranda

Orientador: Deborah Moraes Zouain

Ano: 2006

Título: Estudo de uma iniciativa de desenvolvimento do turismo local a partir das interfaces institucionais: o caso das Terras Altas da Mantiqueira

Autora: Laura da Costa Martins Monteiro

Orientador: Luis César Gonçalves de Araújo

Ano: 2006

Título: Fatores crísticos de sucesso e desenvolvimento estratégico em um destino turístico: A região turística Uva E Vinho e a economia da experiência

Autor: André Meyer Coelho

Orientadora: Sylvia Constant Vergara

Ano: 2007

Título: Ela é Carioca: um estudo da imagem do Rio de Janeiro sob o ponto de vista de cidadãos não-cariocas

Autora: Ana Paula de Souza Carneiro

Orientador: Luiz Eduardo Pereira da Motta

Ano: 2007

Título: Modelo de avaliação competitiva de destinos turísticos com base nas capacidades dinâmicas

Autor: Roberto Pascarella Justa

Orientador: Joaquim Rubens Fontes Filho

Ano: 2008

Título: Avaliação de processo do Programa de Regionalização do Turismo em 65 municípios turísticos brasileiros

Autor: Carlyle Tadeu Falcão de Oliveira

Orientadora: Deborah Moraes Zouain

Ano: 2008

Título: Observatório de inovação social do turismo: prevenção e enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo

Autora: Cristiane Rezende

Orientador: Fernando Guilherme Tenório

Ano: 2008

Título: Mecanismos para a elaboração de uma política pública visando à erradicação da exploração sexual de crianças e adolescentes no chamado *turismo sexual* na cidade do Rio de Janeiro

Autora: Thaísa Restani Veras

Orientador: Luis César Gonçalves de Araújo

Ano: 2008

Título: Arranjo Produtivo Local: o caso de São João Del Rei - MG

Autora: Ana Carla Prado da Silveira

Orientador: Fernando Guilherme Tenório

Ano: 2008

Programa de Pós-graduação em Finanças – PGFEE

Título: Impactos da volatilidade cambial na atividade de turismo receptivo: novos desenhos de contrato

Autora: Rachel Havas Veiga

Orientador: Carlos Eugenio Ellery Lustosa da Costa

Ano: 2006

Programa de Pós-graduação em Gestão Empresarial – PGGE

Título: Implicações das competências técnico-organizacionais para performance competitiva em empresas seguidoras de mercado: evidências do segmento de Turismo de Aventura no Rio de Janeiro

Autor: Glauco dos Santos Scelza Cavalcanti

Orientador: Paulo Negreiros Figueiredo

Ano: 2005

Título: Estratégias para a superação de problemas locais à vila do Abraão e sua relação com o desenvolvimento sustentável do turismo

Autor: Rafael Santos Sampaio

Orientador: José Antônio Puppim de Oliveira

Ano: 2005

Título: Como a utilização do leilão reverso eletrônico pode impactar as compras do setor hoteleiro brasileiro

Autor: Ronaldo Caitano Conceição

Orientadora: Deborah Moraes Zoauin

Ano: 2006

Título: O carnaval como fenômeno de atração e retenção de turistas na cidade do Rio de Janeiro: um olhar sobre grupos distintos de foliões de blocos da Zona Sul da cidade

Autor: Marcelo Rosa Boschi

Orientador: Eduardo André Teixeira Ayrosa

Ano: 2007

Título: Ouvindo o silêncio: a construção identitária por meio da prática do mergulho *scuba* como consumo hedônico

Autor: Maurício de Brito Gomes

Orientador: Eduardo André Teixeira Ayrosa

Ano: 2008

Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais - PGHPBC

Título: Uma casa e seus segredos : a formação de olhares sobre o Museu Mariano Procópio

Autora: Carina Martins Costa

Orientadora: Angela Maria de Castro Gomes

Ano: 2005

Título: Turismo cultural no Rio de Janeiro: um ponto de vista a partir do Teatro Municipal do Rio de Janeiro

Autora: Ana Maria Siems Forte

Orientador: Celso Correa Pinto de Castro

Ano: 2006

Título: Uma cidade em busca de turistas: limites e possibilidades do turismo em Nova Friburgo

Autor: Osvaldo José Ramalho Gilioto

Orientador: Celso Correa Pinto de Castro
Ano: 2006

Título: Fazenda Machadinha: memória e tradições culturais em uma comunidade de descendentes de escravos

Autor: Fábio da Silva Machado

Orientadora: Dulce Chaves Pandolfi

Ano: 2006

Título: Cinema na roça: caminhos e descaminhos de uma experiência cultural em municípios fluminenses

Autor: Marcelo Antunes Ferreira

Orientadora: Verena Alberti

Ano: 2007

Título: Reflexões sobre o turismo cultural na "Cidade Maravilhosa"

Autora: Erika Conceição Gelenske Cunha

Orientador: Celso Correa Pinto de Castro

Ano: 2008

Título: "Eu não sabia que podia entrar": com a palavra, o visitante do Museu Casa de Rui Barbosa

Autor: Roberto da Silva Abreu

Orientadora: Lúcia Maria Lippi Oliveira

Ano: 2009

Título: A organização do lazer e seus prazeres: um estudo de caso sobre o Club Med no Brasil

Autora: Aline Lima Brandão

Orientadora: Bianca Freire-Medeiros

Ano: 2009

Título: O quilombo de candeia: um teto para todos os sambistas

Autora: Ana Cláudia da Cunha

Orientadora: Marly Silva da Motta

Ano: 2009

Título: Os italianos, vinhos e turismo: o vale dos vinhedos na Serra Gaúcha

Autor: Alexandre Fonseca Frigeri

Orientadora: Lúcia Lippi de Oliveira

Ano: 2009

Título: Experimentações em cultura, educação e cidadania - o caso da associação Grãos de Luz e Griô

Autora: Juliana Lopes da Silva

Orientadora: Bianca Freire-Medeiros

Ano: 2009

Título: História do turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930

Autor: André Barcelos Damasceno Daibert

Orientador: Celso Correa Pinto de Castro
Ano: 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais - PGCA

Título: Estudo das Transformações sócio-ambientais de Ilha Grande -RJ (uma abordagem sobre o turismo)

Autor: Flávio D'Assumpção Brito

Orientadora: Marília Salles Falci Medeiros

Ano: 2002

Título: Turismo em Armação de Búzios (RJ, Brasil): percepções locais sobre o problema da cidade e diretrizes prioritárias de apoio à gestão ambiental.

Autora: Karen Campos Barbosa

Orientadora: Mônica Wallner-Kersanach

Ano: 2003

Título: Conflitos na conservação da natureza: o caso do Parque Estadual da Serra da Tijuca

Autora: Alba Valéria dos Santos Simon

Orientadora: Vera Lúcia Ferreira da Motta Rezende

Ano: 2003

Título: Proposta de um plano de ação para o gerenciamento integrado da zona costeira no Município de Saquarema

Autor: Sérgio Ricardo da Silva Barros

Orientadora: Mônica Wallner-Kersanach

Ano: 2003

Título: Indicadores de sustentabilidade para o ecoturismo e o turismo rural: uma proposta para Aldeia Velha, município de Silva Jardim, RJ.

Autor: Heitor de Brito Cintra

Orientadora: Maria Elaine Araújo de Oliveira

Ano: 2004

Título: Turismo rural e sustentabilidade: o caso de municípios do Espírito Santo.

Autora: Telma Maria Bittencourt Santos

Orientadora: Vera Lúcia Ferreira da Motta Rezende

Ano: 2004

Título: Turismo, Desenvolvimento Local e Sustentabilidade: um estudo de caso no Município de Itatiaia - RJ.

Autora: Margarida Maria de Fraga Rocha

Orientador: Ued Martins Manjud Maluf

Ano: 2005

Título: Diagnóstico sócio-ambiental do Morro do Forno, Arraial do Cabo - RJ

Autor: David Barreto de Aguiar

Orientador: Janie Garcia da Silva

Ano: 2005

Título: Um Programa de Educação Ambiental para a comunidade de Aldeia Velha, Município de Silva Jardim, Estado do Rio de Janeiro

Autora: Flávia Teixeira Amâncio da Silva

Orientadora: Maria Elaine Araújo de Oliveira

Ano: 2005

Título: Programa Nacional de Municipalização do Turismo: sustentabilidade e descentralização de políticas de turismo no recém criado município de Guapimirim, RJ.

Autor: Luiz Fernando Saraiva da Silva

Orientador: Celio Mauro Viana

Ano: 2006

Título: Educação ambiental e ecologismo nas trilhas das caminhadas ecológicas

Autor: Cássio Garcez dos Santos

Orientador: Orlando Alves dos Santos Júnior

Ano: 2007

Título: Mosaicos de Áreas Protegidas, Corredores e Áreas de Especial Interesse Ambiental: Aplicação como ferramenta de planejamento e preservação ambiental em Armação dos Búzios, RJ

Autor: Marcelo Obraczka

Orientadora: Maria Elaine Araújo de Oliveira

Ano: 2008

Título: Turismo e Governança Ambiental Democrática: reflexões em torno do Plano de Manejo e da visitação pública na APA de Guapi-Mirim, RJ

Autora: Danielle Paes Julião

Orientador: Orlando Alves dos Santos Júnior

Ano: 2008

Título: O desenvolvimento turístico como aliado do desenvolvimento sustentável na cidade de Niterói - RJ: a visão das agências de viagem

Autor: José Mauro dos Santos Faria

Orientador: Celio Mauro Viana

Ano: 2009

Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGE

Título: O ordenamento territorial da atividade turística no Estado do Rio de Janeiro: processo de insessão dos lugares turísticos nas redes do turismo.

Autor: Aguinaldo Cesar Fratucci

Orientador: Rogério Haesbaert da Costa

Ano: 2000

Título: Ecoturismo, sua prática, seu espaço.

Autora: Carla Valéria Freitas de Aracejo

Orientadora: Ester Limonad

Ano: 2003

Título: Políticas Públicas e conservação ambiental: territorialidades em conflito no Parques Estaduais da Ilha Grande, da Serra da Tiririca e do Desengano (RJ)

Autor: Luiz Renato Vallejo

Orientador: Carlos Alberto Franco da Silva

Ano: 2005

Título: A evolução contraditória do turismo: um estudo sobre a cidade do Rio de Janeiro.

Autor: Marcello de Barros Tomé Machado

Orientador: Hélio de Araújo Evangelista

Ano: 2006

Título: Ecoturismo e impactos sócio-ambientais na trilha de acesso à Pedra do Cantagalo, reserva ecológica Darcy Ribeiro, Niterói - RJ.

Autora: Flávia Moreira dos Santos

Orientador: Reiner Olíbano Rosas

Ano: 2006

Título: A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de Turismo: as possibilidades das redes regionais de Turismo

Autor: Aguinaldo Cesar Fratucci

Orientador: Rogério Haesbaert da Costa

Ano: 2008

Programa de Pós-graduação em História - PPGH

Título: Turismo e preservação nos sítios urbanos brasileiros: o caso de Ouro Preto.

Autora: Leila Bianche Aguiar

Orientadora: Virginia Maria Gomes de Mattos Fontes

Ano: 2006

Título: Um Olhar sobre o País vizinho: representações do Brasil e da Argentina no contexto das relações diplomáticas (1930-1954)

Autora: Raquel Paz dos Santos

Orientadora: Cecília da Silva Azevedo

Ano: 2008

Programa de Pós-graduação em Letras - PGL

Título: A língua espanhola em cursos de graduação em turismo

Autor: Loyde Simões Duarte

Orientadora: Márcia Paraquett Fernandes

Ano: 2009

Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção - PGEP

Título: Turismo como mecanismo de desenvolvimento local e empreendedorismo sustentável: análise da demanda e do espaço rural do Alto Aiuruoca, Itamonte, MG

Autor: Renan Evangelista Couto

Orientador: Fernando Toledo Ferraz
Ano: 2006

Programa de Pós-graduação em Sistemas de Gestão - PGSG

Título: Qualificação e capacitação profissional como estratégia competitiva para o setor de turismo / hospitalidade

Autora: Ana Maria Rocha Faria

Orientador: Osvaldo Luiz Gonçalves Quelhas

Ano: 2002

Título: Capacitação docente como fator de qualidade do setor de educação em turismo

Autora: Teresa Cristina Viveiros Catramby

Orientadora: Stella Regina Reis da Costa

Ano: 2004

Título: Estudo de caso de programa de fidelização em uma empresa do setor de hotelaria

Autor: Alexandre José Vianna Barbosa de Araújo

Orientador: Osvaldo Luiz Gonçalves Quelhas

Ano: 2004

Título: "Búzios: toda temporada!" A relação educação, turismo e cultura: estudo de caso do TECTUR/CEJOB

Autora: Sandra Regina dos Anjos Oliveira

Orientador: Emmanuel Paiva de Andrade

Ano: 2006

Programa de Pós-graduação em Educação - PGE

Título: O Município de Armação dos Búzios e a educação: a escola pública municipal na aldeia de pescadores que se tornou município e pólo internacional de turismo

Autora: Ana Maria Severiano de Paiva

Orientadora: Léa Pinheiro Paixão

Ano: 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - PPGAS

Título: Turismo e Preservação Ambiental em Arraial do Cabo(RJ): Novos domínios de disputa no espaço político local.

Autor: Ayrton José Germano

Orientador: José Sérgio Leite Lopes

Ano: 2001

Título: Aventureiro, Ilha Grande – RJ: uma análise de mudança social

Autor: Gustavo Villela Lima da Costa

Orientador: José Sergio Leite Lopes

Ano: 2008

Título: 'Quem ama cuida'. Participação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável: O caso da Itaipu binacional
Autor: Roberto Salviani
Orientador: Antonio Carlos de Souza Lima
Ano: 2008

Instituto de Pesquisa e Pós-graduação em Administração – COPPEAD

Título: Qualidade de serviços: uma investigação na indústria hoteleira utilizando a técnica do incidente crítico
Autora: Adriana Haguenaer
Orientador: Cesar Gonçalves Neto
Ano: 2000

Título: Projeto de serviço para empresas de turismo na internet: um estudo de caso
Autor: Marcelo Pereira Barbosa
Orientador: Kleber Fossati Figueiredo
Ano: 2003

Título: O alinhamento estratégico da utilização da internet em agências de viagem e turismo operando no Brasil
Autor: Fábio Meletti de Oliveira Barros
Orientador: Antônio Roberto Ramos Nogueira
Ano: 2005

Título: A sofisticação da gestão e o CRM em agências de viagem e turismo operando no Brasil
Autor: Fabiano Durão Lanini
Orientador: Antônio Roberto Ramos Nogueira
Ano: 2005

Programa de Pós-graduação em Comunicação – Pós-eco

Título: O Turismo como Elemento de Comunicação Intercultural: A inserção da cidade do Rio de Janeiro no universo multicultural
Autora: Marcia Cristina Pinto Bandeira de Mello
Orientadora: Heloísa Helena Oliveira Buarque de Hollanda
Ano: 2005

Título: Comunicação, Cultura e Desenvolvimento Local - Conservatória (RJ), um estudo de caso
Autora: Julia Bloomfield Gama Zardo
Orientador: Micael Maiolino Herschmann
Ano: 2006

Título: A Percepção da Marca “Brasil” na Atitude dos Consumidores Estrangeiros: Uma Investigação Junto aos Traders Brasileiros
Autor: Miguel Ferreira Lima
Orientador: Geraldo Luiz dos Reis Nunes
Ano: 2006

Título: Turismo e Meios de Comunicação. Representações do Rio de Janeiro nos guias turísticos

Autora: Mônica Lisboa Torres

Orientador: Micael Maiolino Herschmann

Ano: 2007

Título: Identidades midiaticizadas: o papel das viagens na constituição da subjetividade contemporânea

Autor: Glauce de Souza Cavalcanti

Orientador: Mohammed Elhajji

Ano: 2008

Programa de Pós-graduação em Engenharia de Transportes – PET – COPPE

Título: A relação entre turismo e transporte aéreo no Brasil

Autor: Guilherme Lohmann Palhares

Orientador: Márcio Peixoto de Sequeira Santos

Ano: 2001

Título: Previsão de demanda de transporte ferroviário turístico - estudo de caso - Estrada de ferro Corcovado

Autor: Rosemberg de Oliveira Fernandes

Orientador: Walter Porto Júnior

Ano: 2002

Título: Aeroportos, turismo e desenvolvimento socioeconômico

Autora: Fátima Priscila Morela Edra

Orientador: Márcio Peixoto de Sequeira Santos

Ano: 2005

Título: Análise das relações entre turismo e Planejamento aeroportuário: Estudo de caso do Estado da Bahia

Autora: Jayse Maria Barros de Oliveira

Orientador: Márcio Peixoto de Sequeira Santos

Ano: 2006

Título: Análise da sustentabilidade de trens turísticos no Brasil

Autor: Carla Conceição Lana Fraga

Orientador: Márcio Peixoto de Sequeira Santos

Ano: 2008

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – PPGAV

Título: A arte na era da reprodutibilidade turística

Autor: Alexandre Sá Barreto da Paixão

Orientadora: Maria da Glória Araújo Ferreira

Ano: 2006

Título: O hotel Sete de Setembro e a arquitetura balneária do ecletismo tardio no Rio de Janeiro

Autor: Maria Helena da Fonseca Hermes

Orientador: Sonia Gomes Pereira
Ano: 2007

Programa de Pós-graduação em Arquitetura – Pró-Arq

Título: Paisagem construída e identidade local: um estudo da arquitetura histórica do centro de Porto Seguro - BA

Autora: Paula de Lima Manceira

Orientadora: Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Ano: 2003

Título: O uso e o comportamento social do turista e do morador nos espaços públicos do centro histórico de Trindades (MG)

Autora: Cristiane Serra Rodarte

Orientadora: Angela Maria Moreira Martins

Ano: 2003

Título: Os impactos da atividade Turística nos espaços arquitetônicos da Vila do Abraão - Ilha Grande

Autor: Gustavo Moreira Carneiro

Orientadora: Angela Maria Moreira Martins

Ano: 2005

Título: Equipamentos para uma ambiência de lazer e de turismo em áreas protegidas: unidades de conservação no Estado do Rio de Janeiro

Autora: Noemia de Oliveira Figueiredo

Orientadora: Angela Maria Moreira Martins

Ano: 2005

Título: Territórios turísticos e o desenho da paisagem urbana litorânea no nordeste brasileiro: uma análise de projetos de urbanização financiados no âmbito do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste - PRODETUR/NE"

Autor: Luciano Muniz Abreu

Orientadora: Vera Regina Tangari

Ano: 2005

Título: Pensando sobre o potencial turístico para um circuito na região de Vargem Grande e Recreio, Rio de Janeiro, Brasil

Autor: Fernando Antônio Lima Damasceno

Orientador: Luíz Manoel Cavalcanti Gazzaneo

Ano: 2006

Título: A evolução e o uso das áreas de lazer e turismo da orla Marítima de Vitória - ES

Autora: Lorena Negri Castello

Orientadora: Angela Maria Moreira Martins

Ano: 2007

Título: O lazer e o turismo como âncoras do processo de requalificação da ambiência - imagem da Avenida Câmara Cascudo - Natal/RN

Autora: Andrezza Cristina de Oliveira da Silva Marques

Orientadora: Angela Maria Moreira Martins

Ano: 2007

Título: A atividade turística e a preservação do patrimônio histórico e cultural na estrada Real Paraty - Cunha

Autora: Priscyla Arias Torrentes

Orientadora: Angela Maria Moreira Martins

Ano: 2007

Programa de Pós-graduação em Geografia – PPgg-Igeo

Título: Turismo, produção do espaço e desenvolvimento local no litoral oeste cearense: o caso de cumbuco (município de Caucaia)

Autora: Maria Elia dos Santos Vieira

Orientador: Marcelo José Lopes de Souza

Ano: 2000

Título: Turismo versus Agricultura no litoral meridional alagoano

Autora: Silvana Quintella Cavalcanti Calheiros

Orientador: Jorge Xavier da Silva

Ano: 2000

Título: A rede de empreendimentos turísticos e sistema de informações: contexto e desafio em Paraty (RJ)

Autor: Leonardo de Oliveira Carneiro

Orientadora: Lia Osório Machado

Ano: 2002

Título: Análise do potencial turístico das RA's de Campo Grande e Guaratiba (RJ)

Autora: Vivian Castilho Da Costa

Orientadora: Josilda Rodrigues da Silva Moura

Ano: 2002

Título: Políticas públicas e territorialização do desenvolvimento turístico na Bahia: o caso da chapada diamantina

Autor: Renato Leoni Miranda Leda

Orientadora: Iná Elias de Castro

Ano: 2003

Título: O mundo Rural na vitrina: o turismo e as transformações sócio-espaciais em São Pedro da Serra

Autora: Caroline Bezerra Natal

Orientadora: Ana Maria Lima Daou

Ano: 2004

Título: Turismo nas políticas públicas de desenvolvimento sustentável na Amazônia: o caso de Presidente Figueredo

Autora: Aeixa Teresinha Melo de Oliveira

Orientadora: Ana Maria de Souza Mello Bicalho

Ano: 2004

Título: Políticas públicas, Espaço e Turismo: uma análise sobre a incidência espacial do 'Programa de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte'

Autora: Maria Aparecida Pontes Fonseca

Orientadora: Julia Adão Bernades

Ano: 2004

Título: Monitoramento participativo do turismo desejável - uma proposta metodológica para os estudos de capacidade de suporte turístico no Sana - Macaé - RJ

Autora: Lilian dos Santos Seabra

Orientadora: Sandra Baptista Da Cunha

Ano: 2005

Título: Pantanal um espaço em transformação

Autora: Ana Paula Correia de Araújo

Orientadora: Ana Maria de Souza Mello Bicalho

Ano: 2006

Título: Modelagem de um banco de dados geográficos do Pantanal de Cáceres - MT - Estudo aplicado ao turismo

Autora: Sandra Mara Alves da Silva Neves

Orientadora: Carla Bernadete Madureira Cruz

Ano: 2006

Título: Proposta de manejo e planejamento ambiental de trilhas ecoturísticas: um estudo no Maciço da Pedra Branca - Município do Rio de Janeiro (RJ)

Autora: Vivian Castilho Da Costa

Orientadora: Josilda Rodrigues da Silva Moura

Ano: 2006

Título: As fazendas de café do Vale da Paraíba: uma análise sobre a "resignificação" dos espaços rurais no Estado do Rio de Janeiro

Autora: Caroline Bezerra Natal

Orientadora: Ana Maria Lima Daou

Ano: 2008

Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção – PEP – COPPE

Título: Turismo e desenvolvimento social. O emprego do turismo como instrumento de política pública no Estado do Rio de Janeiro

Autor: Alfredo Laufer

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Ano: 2000

Título: Análise e proposições para o desenvolvimento do setor de turismo na região da Costa Verde no Estado do Rio de Janeiro

Autora: Daniele Herve Quaranta Cabral

Orientador: Orlando Nunes Cosenza

Ano: 2000

Título: A metodologia de times para a implementação da Norma de Sistematização ISO 9002 na hotelaria: um estudo de caso no Rio Atlantica Hotel

Autora: Rejane Maria Cavalcanti dos Santos

Orientador: Francisco José de Castro Moura Duarte

Ano: 2001

Título: Dinâmica do relacionamento e cooperação estratégica e sua aplicabilidade em empresas do setor turístico-hoteleiro: um estudo multicaso

Autor: Mauro Lemuel de Oliveira Alexandre

Orientador: Carlos Alberto Nunes Cosenza

Ano: 2001

Título: Avaliação do potencial turístico dos municípios fluminenses de Nova Friburgo e Macaé - propostas de projetos

Autor: Paulo Cesar Stilpen

Orientador: Carlos Alberto Nunes Cosenza

Ano: 2003

Título: Turismo na Prainha do Canto Verde (CE): comunidade e sustentabilidade

Autora: Simone Saviolo Rocha

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Ano: 2003

Título: Turismo inclusivo: um conceito a ser aplicado na Ilha Grande

Autora: Luiza Rosangela da Silva

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Ano: 2004

Título: Turismo e hospitalidade: um estudo de caso da Rede cama X Café de Santa Tereza - RJ

Autor: Jose Henrique de Oliveira Santos

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Ano: 2005

Título: Política pública de turismo visando a inclusão social

Autor: Ivan Bursztyn

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Ano: 2005

Título: Impactos da internet nos canais de marketing da indústria de turismo

Autor: Ricardo Sica

Orientador: Carlos Francisco Theodoro M R de Lessa

Ano: 2006

Título: Turismo em favelas cariocas e desenvolvimento situado: a possibilidade de encontro em seis iniciativas comunitárias

Autora: Elisa Spampinato

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Ano: 2009

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR

Título: Salvador: cultura, turismo e desenvolvimento econômico

Autor: Vitor Marcelo Oliveira Mendes

Orientadora: Ana Clara Torres Ribeiro

Ano: 2001

Título: Uma "viagem" de inclusão: Turismo, Desenvolvimento e Território

Autor: Luciano Muniz Abreu

Orientadora: Luciana Corrêa do Lago

Ano: 2010

Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS

Título: Porta de entrada do pólo ecoturístico de Cantão - Tocantins - Brasil

Autora: Raquel Bittar de Oliveira

Orientadora: Maria Lucia Rocha Coutinho

Ano: 2001

Título: Ecoturismo e culturas tradicionais: estudo de caso Martins de Sá

Autora: Laura Sinay

Orientadora: Marta de Azevedo Irving

Ano: 2002

Título: Ecoturismo: articulando natureza e sociedade a partir do modelo dos coletivos

Autora: Ana Lucia Canphora Pacheco

Orientadora: Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

Ano: 2003

Título: Turismo e participação comunitária. Prainha do Canto Verde - a canoa que não quebrou e fonte que não secou

Autora: Teresa Cristina de Miranda Mendonça

Orientadora: Marta de Azevedo Irving

Ano: 2004

Título: Turismo e relações interculturais: uma viagem reflexiva com e sobre turistas independentes

Autora: Cecília dos Guimarães Bastos

Orientadora: Tania Maria de Freitas Barros Maciel

Ano: 2006

Título: Turismo: alternativa efetiva de inclusão social? uma reflexão sobre as Políticas Públicas de Turismo no Brasil

Autor: Altair Sanchos Pivoto dos Santos

Orientadora: Ruth Machado Barbosa

Ano: 2007

Título: Discutindo a relação entre turismo rural e conservação ambiental: o caso do Circuito de Turismo Tere-Fri e o Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Autor: Andre Micaldas Correa
Orientadora: Marta de Azevedo Irving
Ano: 2007

Título: Desafios para o turismo inclusivo na gestão de Parques Nacionais: o caso do Parque Nacional da Tijuca
Autora: Claudia Fragelli
Orientadora: Marta de Azevedo Irving
Ano: 2007

Título: Ecoturismo no Parque Estadual da Ilha Grande - RJ: refletindo o contexto atual a partir do olhar dos badjecos.
Autora: Larissa Fernandes de Oliveira
Orientadora: Marta de Azevedo Irving
Ano: 2008

Título: Conflitos na Gestão de Parques: O caso do Conselho do parque Estadual de Três Picos - RJ
Autora: Eloise Silveira Botelho
Orientadora: Marta de Azevedo Irving
Ano: 2009

Título: Encontro na floresta... interpretando o Ecoturismo sob a ótica local na Reserva Extrativista do Cozumbá-Iracema (Acre-Brasil)
Autora: Edilaine Albertino de Moraes
Orientadora: Marta de Azevedo Irving
Ano: 2009

Programa de Pós-graduação em Urbanismo – Prourb

Título: Um olhar sobre o turismo e seu papel na estrutura, forma e desenho urbano na região de Angra dos Reis, RJ
Autor: Rodrigo Rinalde de Mattos
Orientadora: Rachel Coutinho Marques da Silva Carvalho
Ano: 2003

Título: O turismo redesenhando territórios: correlações infra estruturais
Autor: Rodrigo Rinalde de Mattos
Orientadora: Rachel Coutinho Marques da Silva Carvalho
Ano: 2008

Programa de Pós-graduação em Geologia – PPGL

Título: Diagnóstico para o usogeoturístico do patrimônio geológico de São José de Itaboraí - Itaboraí (estado do Rio de Janeiro): subsídio as estratégias de geoconservação
Autor: Welligton Francisco Sá dos Santos
Orientador: Ismar de Souza Carvalho
Ano: 2010

Título: Geodiversidade do Parque Estadual de Pedra Branca - RJ: subsídios para o planejamento geoturístico

Autora: Eloisa da Silva Pereira

Orientador: Edson Farias Mello

Ano: 2010

APÊNDICE 3 – FORMULÁRIO FATORES CRÍTICOS DE SUCESSO

Diálogo de Saberes: indicadores de produção do conhecimento em Turismo

Nome: _____

Função: _____

Instituição: _____

Email: _____

Objetivo: **analisar fatores que possibilitem averiguar, em trabalhos científicos produzidos em programas de pós-graduação *stricto sensu*, os espaços que se apresentam mais fecundos para a produção do conhecimento em Turismo.**

Escala: **5 para extremamente importante e 1 para pouca importância.**

Não marque mais de 5 fatores com valores 5 ou 4.

Os espaços em branco podem ser utilizados com sugestões.

FATORES	5	4	3	2	1
A formação do autor ser na mesma área do programa influencia no conteúdo do trabalho.					
A formação do orientador ser diferente do autor dificulta a relação entre autor e orientador.					
Utilização de bibliografia, para fundamentação teórica, de área diferente do programa.					
Existência de propostas sistemáticas de extensão abarcando o Turismo.					
Privilegiar o Turismo como tema principal de trabalhos.					
Priorizar bancas de avaliação com formações múltiplas como forma de agregar conhecimentos ao trabalho.					
Utilização de fontes de literatura diversificadas (artigos, livros e anais)					
Autor e orientador terem a mesma formação facilita o processo.					
O trabalho possuir fundamentação teórica baseada em autores do programa.					
O programa ter convênios com instituições internacionais para pesquisa.					
Priorizar a utilização de bibliografia internacional.					
Formação Multidisciplinar autor e orientador em programa de área de formação distinta de ambos.					
Fundamentação teórica linear ao programa e formação do autor e orientador demonstra foco na proposta do trabalho.					
Parte da pesquisa ter sido realizada em estágio de doutoramento no exterior					
Financiamento da pesquisa por organismos governamentais e não governamentais					
Formação de bancas por pesquisadores de instituições diversificadas.					
Realização de trabalhos com o mesmo objeto por autores de diferentes formações					

APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Esta entrevista visa buscar o entendimento acerca dos ambientes de pesquisa assim como o apreender a opinião dos pesquisadores sobre o estudo do Turismo. Para tal dividiremos em partes que denominaremos de Territórios, Tribos e Redes, fazendo referência ao trabalho de Tribe (2010). Buscamos analisar também o processo e o produto deste conhecimento.

Identificação:

Nome:

Instituição:

E-mail: _____

Informações gerais:

Status:

Idade:

Gênero:

Cor:

Trajétoria

Conte como foi a sua trajetória acadêmica:

Como, e de que forma, o Turismo surgiu nesta trajetória?

O Território

Consideramos como território a natureza e estrutura do conhecimento na área de Turismo. Com base neste aspecto, de que forma você se posiciona com relação à:

DISCIPLINARIDADE:

O Turismo é uma atividade e/ou um fenômeno?

O Turismo seria uma disciplina e/ou área de estudo?

CONCEITO:

Qual a sua opinião sobre o Turismo ter seus próprios conceitos e teorias?

PARADIGMAS:

O Turismo está baseado em algum paradigma?

MODOS:

Você considera que as pesquisas em Turismo são puras e/ou aplicadas?

As Tribos

Sobre as tribos consideramos a cultura e as práticas acadêmicas. Com base nestes aspectos de que forma você se posiciona com relação à:

UNIVERSIDADES E DEPARTAMENTOS:

Como funciona a pesquisa em seu departamento? Existe autonomia?

Caso positivo, como funciona?

Com relação às verbas, estas são direcionadas? Existe indicação para publicações em determinada área?

CLÁS:

Você participa de associações na área de Turismo?

Na sua área, qual associação você participa?

PESQUISADORES:

Com um panorama de novos e velhos pesquisadores, quem você aponta como principal referência?

Quais são as referências que norteiam os trabalhos na área de Turismo?

Processo

Analisar os fatores que implicam em um processo de construção do conhecimento.

No processo de elaboração de um trabalho acadêmico quais são os fatores que colaboram para a excelência?

Produto

Quais os fatores que levam a ser um produto mais fecundo.

O que você considera como um trabalho fecundo?

Rede Acadêmica

Em um ambiente que se volta para configurações de suas relações em rede expresse sua opinião:

REDE ACADÊMICA:

- 1) Você faz parte de alguma rede de pesquisadores?
- 2) Explique o modo de operar desta rede:
- 3) Existe alguma parceria com outros programas para pesquisa e/ou extensão?

A pesquisa

Como você vê o futuro da pesquisa em Turismo?

APÊNDICE 4 - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, VOZ E TEXTO

Eu, _____, portadora do RG _____,
CPF. _____, autorizo a utilização da minha voz assim como a transcrição de
seu conteúdo para ser utilizado na tese de Teresa Cristina Viveiros Catramby do
Programa de Engenharia de Produção, do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-
Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE), da Universidade Federal do Rio de
Janeiro.

Rio de Janeiro, ...de de

Assinatura do pesquisador

Teresa Cristina Viveiros Catramby
Autora

APÊNDICE 5 - PERFIL DOS ENTREVISTADOS⁶²

UFRJ	Marta de Azevedo Irving	<p>Formação interdisciplinar, com graduação em Biologia (Ecologia/Biologia Marinha) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978) e Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (1981), com ênfase em psicologia social. Mestrado pela Universidade de Southampton (UK) em 1983, na temática de gestão de ecossistemas costeiros. Doutorado pela Universidade de São Paulo (1991) em Gestão de Ecossistemas Costeiros sob a ótica de planejamento e controle de poluição. Pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) de Paris e no Departamento de Ecologia e Gestão da Biodiversidade do Museu de História Natural de Paris (2004-2005) e no Departamento Homens, Naturezas e Sociedades (2008) sobre a temática da gestão da biodiversidade e inclusão social. Em seu percurso profissional se especializou na temática do desenvolvimento, vinculado às relações sociedade-natureza, em suas interfaces com a reflexão sobre inclusão social e governança democrática em políticas públicas. As principais áreas de pesquisa e reflexão envolvem: a) investigação crítica de projetos de desenvolvimento em suas interfaces com os marcos globais que orientam as ações de políticas públicas resultantes das principais convenções internacionais; b) gestão participativa da biodiversidade e desenvolvimento de tecnologia social; c) governança democrática no processo de criação e gestão de áreas protegidas; d) turismo e sustentabilidade, e) marketing ambiental e consumo verde; d) Desenvolvimento local. Com este enfoque, a pesquisadora tem trabalhado em diversas regiões e biomas do país e do exterior e lidera o Grupo de Pesquisa Governança, Biodiversidade, Áreas Protegidas e Inclusão Social (GAPIS-Plataforma Lattes CNPq), no âmbito do qual foram defendidas diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Diversos trabalhos tem sido também realizados em seu percurso profissional, em parceria com a gestão pública e diversas instituições nacionais e, internacionais, no âmbito das Nações Unidas em planejamento e gestão de projetos na temática de conservação ambiental e desenvolvimento. Autora de diversos textos científicos e material didático-pedagógico em veículos nacionais e internacionais de divulgação. Atualmente é Professora Associada III e pesquisadora do Programa Eicos de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (IP/UFRJ) e do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Estratégias de Desenvolvimento (PPED/IE/UFRJ) e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Políticas Públicas e Estratégias de Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro. http://lattes.cnpq.br/1912229324377473</p>
	Roberto dos Santos Bartholo Jr	<p>Professor Associado do Programa de Engenharia de Produção da COPPE - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua atuação profissional tem abrangido os seguintes temas: conhecimento, poder e ética, desenvolvimento social, desenvolvimento sustentável, turismo e desenvolvimento social e gestão social. http://lattes.cnpq.br/8226406163217491</p>
	Márcio Peixoto de Sequeira Santos	<p>Possui graduação em Engenharia Civil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1976), mestrado em MSc Transport Planning - University of London (1981), mestrado em Engenharia de Transportes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980) e doutorado em PhD Transport Engineering - University of London (1987). Atualmente é professor associado do Programa de Engenharia de Transportes da COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro.</p>

⁶² Os textos foram extraídos dos currículos que estão disponíveis na Plataforma Lattes.

		Coordena o Planet - Núcleo de Planejamento Estratégico de Transportes e o MTB, curso de pós-graduação executiva em Engenharia de Transportes. Tem experiência na área de Engenharia de Transportes, com ênfase em Planejamento, atuando principalmente nos seguintes temas: planejamento de transportes, análise e avaliação de políticas públicas de transporte, planejamento estratégico de transportes e infraestrutura de transportes e desenvolvimento regional. http://lattes.cnpq.br/3571105321514886
UFRRJ	Maria José Teixeira Carneiro	Doutora em Antrpologia Social pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (1993). Pós-doutorado na Université Paris X (Nanterre), na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e na Unicamp (I.E.). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: agricultura familiar, ruralidade; juventude e gênero no meio rural, relações campo-cidade ; relações natureza e sociedade, ciência e política pública. É coordenadora do CINAIS - Grupo de Pesquisa em Ciência, Natureza, Informação e Saberes www.ufrj.br/cpda/cinais . http://lattes.cnpq.br/6910171165637315
UERJ	Rosane Manhães Prado	Tem graduação em Administração Pública pela Escola Brasileira de Administração Pública/Fundação Getúlio Vargas-RJ (1971); mestrado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987); doutorado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), com passagem pela University of Michigan (bolsa sanduíche CNPq - 1990/91); e pós-doutorado com foco em Antropologia do Turismo no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). É professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Departamento de Ciências Sociais/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e no Programa de Doutorado em Meio Ambiente. Tem experiência de ensino e pesquisa na área de Antropologia, trabalhando ultimamente com os seguintes temas: meio ambiente, ecologia, turismo, Ilha Grande (RJ). http://lattes.cnpq.br/3384032835913231
	Nadja Maria Castilho da Costa	Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Membro de corpo editorial da Revista Nordestina de Ecoturismo. Tem experiência na área de Geociências , com ênfase em Geografia Física. Atuando principalmente nos seguintes temas: Unidades de Conservação, Geoprocessamento, Manejo. http://lattes.cnpq.br/8646672305430213
	Gilmar Marscarenhas de Jesus	Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 1984), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1991) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (USP, 2001). Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde 1992, em geografia urbana. Desenvolve pesquisas que envolvem território, cidade, cultura, cotidiano e planejamento urbano, inserindo neste campo de reflexões a geografia dos esportes e do turismo. Enquanto bolsista do Programa Prociência FAPERJ/UERJ, atualmente concentra-se no projeto sobre os megaeventos esportivos: política urbana, legado, cidadania e impactos na cidade. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq a partir de março 2011. http://lattes.cnpq.br/1720545300462805
PUC	Leonardo Junqueira	Possui graduação em Engenharia Mecânica pela Pontifícia

	Lustosa	<p>Universidade Católica do Rio de Janeiro (1969), especialização em Engenharia de Produção pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1971), mestrado em Engenharia de Produção pela Stanford University (1973) e doutorado em Engenharia de Produção pela Stanford University (1979). Atualmente é consultor <i>ad hoc</i> do Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesq. do Estado do Rio de Janeiro, consultor <i>ad hoc</i> do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Professor assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Referee da revista Pesquisa Operacional da Sociedade Brasileira de Pesquisa Operacional, consultor do Ministério da Educação, Revisor de periódico da Pesquisa Operacional (0101-7438) e Revisor de periódico do Gestão e Produção (UFSCar). Tem experiência na área de Engenharia de Produção, com ênfase em Gerência de Produção. Atuando principalmente nos seguintes temas: DECISAO MULTICRITERIAL, PROGRAMACAO MATEMATICA, SIMULAÇÃO.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/5848954019506527</p>
FGV	Fernando Guilherme Tenório	<p>Pós-Doutorado em Administração Pública pelo IGOP/Universitat Autònoma de Barcelona - UAB, (2004); Doutorado em Engenharia de Produção pela COPPE/Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996). Professor Titular da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV); Professor Colaborador no CPDOC/FGV; Professor Colaborador na Universidade Regional do Noroeste Gaúcho (UNIJUÍ); Professor Associado da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professor Visitante da Universidade Andina Simon Bolívar (UASB), Quito - Equador; Pesquisador Visitante do IGOP/UAB. Coordenador do Programa de Estudos em Gestão Social (PEGS) da EBAPE/FGV.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/2599855683640370</p>
	Deborah Moraes Zouain	<p>Graduada em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro e em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutora em Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ). Professora Titular da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola Brasileira de Administração Pública e Empresas (EBAPE) da FGV /RJ. Diretora / Editora/Redatora da Revista de Administração Pública (RAP) da FGV no período de dezembro de 1982 a setembro de 2011. Foi responsável pela indexação da RAP nas bases Scielo e Redalyc e por constar no diretório Qualis/CAPES como A2. Editora da Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo (EBAPE/FGV) desde 2006, Coordenadora do Curso Tecnólogo em Recursos Humanos. Coordenadora do Programa de Iniciação Científica (CNPq) na FGV/RJ. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Gestão da Justiça e Segurança, do Núcleo de Turismo e do Centro de Estudos em Empreendedorismo e Esportes, todos da FGV/EBAPE. Coordenadora de cursos de especialização nas áreas de segurança, esportes, turismo e educação (FGV/IDE). Vice-Diretora da EBAPE/FGV no período de 2005 a 2010. Chefe do Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa da EBAPE/FGV no período de 2002 a 2010. Pró-reitora de pós-graduação da FGV/RJ no período de 2003 a 2010. Pesquisadora Institucional MEC/INEP da FGV/RJ no período de 2008 a 2010. Coordenadora dos projetos de criação do Curso de Graduação em Administração e do Mestrado Executivo em Gestão Empresarial (Mestrado Profissionalizante), da EBAPE/FGV. Autora de diversos artigos publicados em periódicos científicos e livros nas áreas de pesquisa em que atua.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/3862323454964593</p>
	Celso Correa Pinto de Castro	<p>É Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986), Mestre (1989) e Doutor (1995) em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Desde 1986 é pesquisador do Centro de</p>

		<p>Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas, do qual é, desde janeiro de 2005, diretor e, desde março de 2008, professor titular. Atua no ensino de graduação e pós-graduação da FGV e dirige a coleção “Nova Biblioteca de Ciências Sociais” da editora Jorge Zahar. Tem experiência nas áreas de Antropologia e História do Brasil, atuando principalmente no estudo dos militares na sociedade e na história brasileiras. Também tem trabalhos publicados na área de Teoria da Cultura e Turismo e Ciências Sociais.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/3925313820381763</p>
	<p>Bianca Freire-Medeiros</p>	<p>Professora Associada da Escola de Ciências Sociais do CPDOC/FGV. Editora, junto com Monica Kornis e Verena Alberti, da Revista Estudos Históricos (CPDOC/FGV). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pós-graduação em Sociologia Urbana pela mesma universidade, mestrado em Sociologia pelo IUPERJ e doutorado em História e Teoria da Arte e da Arquitetura pela Binghamton University/SUNY. Foi pesquisadora convidada da Universidade de Princeton, recém-doutora no Dept./Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UERJ (bolsista Faperj) e pós-doutoranda no Center for Mobilities Research, sob supervisão do Prof. John Urry, na Lancaster University com bolsa do CNPq. Atualmente, é bolsista do programa Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). A pesquisa A Construção da Favela Carioca como Destino Turístico vem servindo como base para a produção de um documentário cujo projeto foi contemplado com o prêmio da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. O livro TEMPOS MODERNOS, TEMPOS DE SOCIOLOGIA foi indicado pelo MEC para distribuição na rede pública de ensino de todo o Brasil. Publicou artigos e capítulos de livro em português, inglês, francês e espanhol sobre os seguintes temas: sociologia urbana, turismo e cultura midiática. Seu livro Touring Poverty será publicado pela Routledge em 2012.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/0545915915949239</p>

APÊNDICE 6 - PERFIL DOS RESPONDENTES⁶³ – FASE 1⁶⁴

José Manoel G. Gândara	Possui graduação em Turismo pela Universidade Federal do Paraná (1988), especialização em Marketing Internacional pela Societta Italiana per L'Organizzazione Internazionale de Roma (1988), especialização em Economia do Turismo pela Universidade Bocconi de Milão(1989), mestrado em Gestão do Turismo pela Scuola Superiore del Commercio del Turismo i dei Servizi de Milão (1989) e doutorado em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pela Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (2001). Realizou pós-doutorados nas Universidades de Málaga, Valencia, Las Palmas de Gran Canaria e Alicante pesquisando principalmente as áreas de Marketing, Qualidade, Sustentabilidade, Planejamento e Gestão de Destinos Turísticos e Hotéis. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Turismo e do Mestrado / Doutorado em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Turismo, com ênfase em Qualidade, Marketing e Sustentabilidade, tratando principalmente de hotelaria e destinos turísticos. http://lattes.cnpq.br/2820622668034670
Alexandre Panosso Netto	Possui graduação em Turismo pela Universidade Católica Dom Bosco (1998), graduação em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (1994), pós-graduação em História do Brasil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1999), pós-graduação em Turismo: planejamento, gestão e Marketing pela Universidade Católica de Brasília (2002), mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2005). Desenvolve seu pós-doutorado em turismo na Universidad Europea Miguel de Cervantes, em Valladolid, Espanha (BOLSA CNPQ-2011). Atualmente é professor, com dedicação exclusiva, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Tem experiência na área de Turismo, com ênfase em Teoria do Turismo, atuando principalmente nos seguintes temas: turismo, educação em turismo, teorias de turismo, planejamento turístico e epistemologia do turismo. http://lattes.cnpq.br/3071575734587237
Miriam Rejowski	Possui Graduação em Turismo pela Universidade de São Paulo (USP), Mestrado e Doutorado em Ciências da Comunicação e Livre Docência em Teoria do Turismo e do Lazer pela USP. Ex-Professora Associada da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde atuou na graduação e pós-graduação em Turismo é atualmente Docente Titular do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Convidada a ministrar palestras e cursos em universidades do Brasil e do Exterior, foi editora da primeira revista científica em Turismo no Brasil - "Turismo em Análise" - e diretora presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), na qual atualmente é membro do conselho fiscal. A partir do seu doutorado, definiu o seu foco de estudo na produção, comunicação e posicionamento das pesquisas científicas em Turismo no Brasil. Lidera o grupo de pesquisa Inovação e Qualificação em Turismo e Hospitalidade, e é bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ganhou o Prêmio Pesquisador Turístico Destaque 2010 outorgado pela Associação Nacional de Pesquisadores de Pós Graduação em Turismo - ANPTUR. http://lattes.cnpq.br/8468269699377558
Guilherme Lohmann	Guilherme Lohmann possui graduação em Engenharia Civil pela UFRJ

⁶³ Estes pesquisadores foram entrevistados durante o Seminário da ANPTUR em setembro de 2010.

⁶⁴ Os textos foram extraídos dos currículos que estão disponíveis na Plataforma Lattes.

	<p>(1999), mestrado em Engenharia de Transportes pela COPPE/UFRJ (2001) e doutorado em Tourism Management pela Victoria University of Wellington, Nova Zelândia (2006). Tem experiência nas áreas de Turismo e Transporte, atuando principalmente nos seguintes temas: turismo, transportes turísticos, marketing (canais de distribuição) em turismo e lazer e turismo em família. Além de ter publicado livros e artigos científicos em português e inglês, já prestou assessoria para o Ministério do Turismo, a Organização Mundial de Turismo (OMT), para o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP) e para a Autoridade Turística de Abu Dhabi (ADTA), nos Emirados Árabes. http://lattes.cnpq.br/4667225641427895</p>
<p>Biagio Mauricio Avena</p>	<p>Pós-Doutorando em Difusão do Conhecimento do DMMDC da FACED-UFBA, Doutor e Mestre em Educação pela UFBA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, diplomado em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy II França e Licenciado em Didática Especial da Língua Francesa pela UERJ UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, integra desde 1997 o corpo docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (antigo Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia CEFET-BA) onde atualmente é Professor dos Cursos Técnicos do Eixo Tecnológico Hospitalidade e Lazer e do Curso Superior em Administração Hotelaria. Em 2002, chefiou o Departamento de Ensino da Uned-Eunápolis. De 06.2003 à 08.2004 coordenou os Cursos Técnicos na Área de Turismo e Hospitalidade. De 09.2004 à 02.2006 chefiou o Departamento de Relações Empresariais DIREP do CEFET-BA. De 08.2009 a 03.2010 implantou a Assessoria de Relações Internacionais - IFBahia International. Conta, em seu percurso acadêmico, com: a Especialização em Administração Hoteleira (UESC/SENAC - 1999) Porto Seguro 500 Anos de Descobrimto: A Qualidade da Comunicação Hoteleira e o Turismo; o Mestrado em Educação (UFBA/UESC 2002) Turismo, Educação e Acolhimento de Qualidade: transformação de hostis a hospes em Ilhéus, Bahia; e o Doutorado em Educação (UFBA 2004-2008) Por uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento: itinerário pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si. No período de 04.2006 à 08.2007 desenvolveu um Estágio Doutoral na Universidade de Paris 8; participou das atividades do Centro de Pesquisa Interuniversitário Experiência, Recursos Culturais, Educação EXPERICE da Universidade de Paris 8 e Paris 13 e do Instituto de Pesquisas e de Estudos Superiores em Turismo IREST da Universidade de Paris I PANTHÉON-SORBONNE. Ao longo da carreira profissional, tem ocupado diversos cargos, destacando-se o de Coordenador Pedagógico da SKILL Aliança Inglesa, de Professor de Língua Francesa da Aliança Francesa de São Paulo e do Rio de Janeiro, de Guia de Turismo Local no Rio de Janeiro e de Guia de Turismo Internacional na Europa. Docente dos Cursos Técnicos e Superior do Eixo Tecnológico Hospitalidade e Lazer do IFBA, ministra os Grupos de Competências referentes ao Eixo e, também, a Língua Francesa para o Turismo e a Hospitalidade. Ministra, igualmente, a Metodologia Científica e a Metodologia da Pesquisa para o Curso Superior em Administração do IFBA. Autor do livro Turismo, Educação e Acolhimento: um novo olhar, publicado em março de 2006, e de capítulos, resenhas e artigos científicos. Expert e Consultor em Ensino e Pesquisa em Turismo e Hospitalidade. Autor do projeto do Hotel Escola do CEFET-BA, de projetos de intercâmbio internacional com instituições francesas na área de Turismo e Hospitalidade. Atualmente apresentou e acompanha o projeto de Desenvolvimento da Área de Turismo e Hospitalidade do CEFET-BA, dentre outros. Associado do(a): CIRET - Centre International de Recherche Touristique Aix en Provence França; NEATH Núcleo de Estudos Avançados em Turismo</p>

	<p>e Hotelaria do CEFET-BA (fundador); ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo; ANPPAS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade; Comitê Mundial para a Educação, a Formação, as Aprendizagens ao longo de toda a vida, ONG vinculada à UNESCO; e Instituto Foto-Vivência IFV (sócio-fundador). http://lattes.cnpq.br/0115084799647210</p>
Sérgio Rodrigues Leal	<p>Professor Adjunto 1 da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE - e Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. É Bacharel em Turismo (1999) com MBA em Administração de Marketing de Serviços (2004) pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Turismo (2001) pela James Cook University - Austrália - e Doutor em Turismo (2009) pela University of Surrey - Inglaterra. Foi secretário da Association For Tourism In Higher Education (Associação Britânica para a Educação Superior em Turismo), Diretor de Turismo de Ipojuca/Porto de Galinhas, Professor Adjunto 1 da UFRN e professor de diversas instituições de ensino superior em Pernambuco. http://lattes.cnpq.br/9559630444113123</p>

APÊNDICE 7 - PERFIL DOS RESPONDENTES FASE 2⁶⁵

Aguinaldo Fratucci	Doutor (2008) e Mestre(2000) em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Especialista na área de planejamento turístico e gestão de políticas públicas de turismo. Desde setembro de 2006 é professor adjunto do Departamento de Turismo da Universidade Federal Fluminense -UFF. Coordenador do curso de graduação em Turismo da UFF, no período entre outubro de 2006 a dezembro de 2009. Líder do Grupo de Pesquisa "Turismo, gestão e território". Coordenador do Grupo de Trabalho de Turismo em Áreas Protegidas (GTTAP) da Universidade Federal Fluminense. Foi técnico da Diretoria de Planejamento da Cia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro - TurisRio, entre 1979 e 2002, onde ocupou diversos cargos gerenciais e participou de diversos projetos e atividades na área de planejamento turístico, com destaque para o Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro 2000-2003. Áreas de interesse: turismo, gestão de destinos turísticos, políticas públicas de turismo, planejamento turístico, Rio de Janeiro (estado e cidade), impactos do turismo em áreas protegidas, ordenamento territorial do turismo e epistemologia do turismo. http://lattes.cnpq.br/8489517667159662
Bianca Freire-Medeiros	Professora Associada da Escola de Ciências Sociais do CPDOC/FGV. Editora, junto com Monica Kornis e Verena Alberti, da Revista Estudos Históricos (CPDOC/FGV). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pós-graduação em Sociologia Urbana pela mesma universidade, mestrado em Sociologia pelo IUPERJ e doutorado em História e Teoria da Arte e da Arquitetura pela Binghamton University/SUNY. Foi pesquisadora convidada da Universidade de Princeton, recém-doutora no Dept./Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UERJ (bolsista Faperj) e pós-doutoranda no Center for Mobilities Research, sob supervisão do Prof. John Urry, na Lancaster University com bolsa do CNPq. Atualmente, é bolsista do programa Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). A pesquisa A Construção da Favela Carioca como Destino Turístico vem servindo como base para a produção de um documentário cujo projeto foi contemplado com o prêmio da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. O livro TEMPOS MODERNOS, TEMPOS DE SOCIOLOGIA foi indicado pelo MEC para distribuição na rede pública de ensino de todo o Brasil. Publicou artigos e capítulos de livro em português, inglês, francês e espanhol sobre os seguintes temas: sociologia urbana, turismo e cultura midiática. Seu livro Touring Poverty será publicado pela Routledge em 2012. http://lattes.cnpq.br/0545915915949239
Deborah Moraes Zouain	Graduada em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro e em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutora em Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ). Professora Titular da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola Brasileira de Administração Pública e Empresas (EBAPE) da FGV /RJ. Diretora / Editora/Redatora da Revista de Administração Pública (RAP) da FGV no período de dezembro de 1982 a setembro de 2011. Foi responsável pela indexação da RAP nas bases Scielo e Redalyc e por constar no diretório Qualis/CAPES como A2. Editora da Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo (EBAPE/FGV) desde 2006, Coordenadora do Curso Tecnólogo em Recursos Humanos. Coordenadora do Programa de Iniciação Científica (CNPq) na FGV/RJ. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Gestão da Justiça e

⁶⁵ Textos extraídos dos currículos na Plataforma Lattes.

	<p>Segurança, do Núcleo de Turismo e do Centro de Estudos em Empreendedorismo e Esportes, todos da FGV/EBAPE. Coordenadora de cursos de especialização nas áreas de segurança, esportes, turismo e educação (FGV/IDE). Vice-Diretora da EBAPE/FGV no período de 2005 a 2010. Chefe do Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa da EBAPE/FGV no período de 2002 a 2010. Pró-reitora de pós-graduação da FGV/RJ no período de 2003 a 2010. Pesquisadora Institucional MEC/INEP da FGV/RJ no período de 2008 a 2010. Coordenadora dos projetos de criação do Curso de Graduação em Administração e do Mestrado Executivo em Gestão Empresarial (Mestrado Profissionalizante), da EBAPE/FGV. Autora de diversos artigos publicados em periódicos científicos e livros nas áreas de pesquisa em que atua.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/3862323454964593</p>
Marta de Azevedo Irving	<p>Formação interdisciplinar, com graduação em Biologia (Ecologia/Biologia Marinha) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978) e Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (1981), com ênfase em psicologia social. Mestrado pela Universidade de Southampton (UK) em 1983, na temática de gestão de ecossistemas costeiros. Doutorado pela Universidade de São Paulo (1991) em Gestão de Ecossistemas Costeiros sob a ótica de planejamento e controle de poluição. Pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) de Paris e no Departamento de Ecologia e Gestão da Biodiversidade do Museu de História Natural de Paris (2004-2005) e no Departamento Homens, Naturezas e Sociedades (2008) sobre a temática da gestão da biodiversidade e inclusão social. Em seu percurso profissional se especializou na temática do desenvolvimento, vinculado às relações sociedade-natureza, em suas interfaces com a reflexão sobre inclusão social e governança democrática em políticas públicas. As principais áreas de pesquisa e reflexão envolvem: a) investigação crítica de projetos de desenvolvimento em suas interfaces com os marcos globais que orientam as ações de políticas públicas resultantes das principais convenções internacionais; b) gestão participativa da biodiversidade e desenvolvimento de tecnologia social; c) governança democrática no processo de criação e gestão de áreas protegidas; d) turismo e sustentabilidade, e) marketing ambiental e consumo verde; d) Desenvolvimento local. Com este enfoque, a pesquisadora tem trabalhado em diversas regiões e biomas do país e do exterior e lidera o Grupo de Pesquisa Governança, Biodiversidade, Áreas Protegidas e Inclusão Social (GAPIS-Plataforma Lattes CNPq), no âmbito do qual foram defendidas diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Diversos trabalhos tem sido também realizados em seu percurso profissional, em parceria com a gestão pública e diversas instituições nacionais e, internacionais, no âmbito das Nações Unidas em planejamento e gestão de projetos na temática de conservação ambiental e desenvolvimento. Autora de diversos textos científicos e material didático-pedagógico em veículos nacionais e internacionais de divulgação. Atualmente é Professora Associada III e pesquisadora do Programa Eicos de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (IP/UFRJ) e do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Estratégias de Desenvolvimento (PPED/IE/UFRJ e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Políticas Públicas e Estratégias de Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro. http://lattes.cnpq.br/1912229324377473</p>
Nadja Maria Castilho da Costa	<p>Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Membro de corpo editorial</p>

	<p>da Revista Nordestina de Ecoturismo. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geografia Física. Atuando principalmente nos seguintes temas: Unidades de Conservação, Geoprocessamento, Manejo.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/8646672305430213</p>
Nidia Majerowicz	<p>Possui graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1978), mestrado em Biologia Vegetal pela Universidade Estadual de Campinas (1984) e doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo (1997). Atualmente é professor Associado I da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Botânica, com ênfase em Nutrição e Crescimento Vegetal, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de fisiologia vegetal, nutrição de plantas, metabolismo do nitrogênio, hidroponia e gestão da graduação. Atua como gestora da graduação na UFRRJ desde 2005 como Decana e a seguir como Pró-reitora de Graduação.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/7761537141155083</p>
Roberto dos Santos Bartholo Jr	<p>Professor Associado do Programa de Engenharia de Produção da COPPE - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua atuação profissional tem abrangido os seguintes temas: conhecimento, poder e ética, desenvolvimento social, desenvolvimento sustentável, turismo e desenvolvimento social e gestão social.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/8226406163217491</p>
Rosane Manhães Prado	<p>Tem graduação em Administração Pública pela Escola Brasileira de Administração Pública/Fundação Getúlio Vargas-RJ (1971); mestrado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987); doutorado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), com passagem pela University of Michigan (bolsa sanduíche CNPq - 1990/91); e pós-doutorado com foco em Antropologia do Turismo no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). É professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Departamento de Ciências Sociais/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e no Programa de Doutorado em Meio Ambiente. Tem experiência de ensino e pesquisa na área de Antropologia, trabalhando ultimamente com os seguintes temas: meio ambiente, ecologia, turismo, Ilha Grande (RJ).</p> <p>http://lattes.cnpq.br/3384032835913231</p>
Teresa Cristina de Miranda Mendonça	<p>Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ), mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS/UFRJ) e graduada em Turismo. É professora titular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua principalmente nos seguintes temas de pesquisa: turismo de base comunitária, turismo e unidade de conservação e antropologia do turismo.</p> <p>http://lattes.cnpq.br/4339255053628511</p>

NOTAS

- A equipe do CEPETUR agradece o interesse de: Iracema Gonçalves Brautigam (ABBTUR), Frida Tenembat (ABBTUR), Profa. Alzira Rosalina Molina (Diretora da LinkTour - Brasília), Plínio Leite Neto (universitário de Turismo - Niterói), Marcos de Sá R. Trindade, presidente da Associação dos Guias de Turismo do Estado da Bahia - AGTEB.
- Um grupo de bacharéis em turismo de Brasília abriu a empresa LinkTour Promoções Turísticas e Sociais Ltda. que tem como objetivos a promoção, divulgação e assessoramento a eventos turísticos e sociais e o recrutamento, seleção e treinamento de mão-de-obra especializada (guias e recepcionistas de turismo). A LinkTour está instalada na SCS-Super-Center Venâncio 2000 - Bloco - B, nº 60 - lj. 204 - tel: 226-8891 - CEP: 70.333 - Brasília - DF. A empresa é dirigida por Alzira Rosalina Molina, Ivanildo Pinheiro de Araújo e Candelária Cervegni Bomalumi.
- Para criar novo apelo turístico e atrair fluxos definidos de turistas será lançado no ano que vem pela EMBRATUR e MEC o Projeto Cultur. Através do aproveitamento dos aspectos históricos e culturais dos núcleos turísticos, se procurará atrair os estudantes universitários e outras faixas específicas do mercado.
- Em convênio com a Fundação MUDES, o Museu Imperial admite anualmente alunos do Curso Superior de Turismo e da Faculdade de História da Universidade Católica de Petrópolis. Este ano, fazem parte da equipe de Turismo as universitárias: Márcia Vieira Pinho, Denise Alice Fernandes e Adriana Mesquita, que estão conhecendo mais profundamente os aspectos históricos e culturais desta importante atração turística de Petrópolis, através de estágio remunerado.

BOLETIM CEPETUR

COORDENAÇÃO DE SILVIO CARVALHO DA SILVA — RPM. T. N.º 1.141
REDAÇÃO: EVANY RITA NOEL
COLABORAÇÃO: CLELIA LUCY FERREIRA — FLÁVIA HARTMANN DA CUNHA —
PROF.ª ANGELA AUTA CAMAROTA MEDEIROS.
PROGRAMAÇÃO VISUAL: JOÃO CARLOS MOURA
ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
CEPETUR — CAIXA POSTAL: 944 — 25.600 — PETRÓPOLIS — RJ.
CENTRO DE PESQUISAS TURÍSTICAS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS

-8-

CEPETUR



ANO 2 - Outubro de 1979 - Nº 14

Universidade Católica de Petrópolis

Boletim do Centro de Pesquisas Turísticas da Universidade Católica de Petrópolis

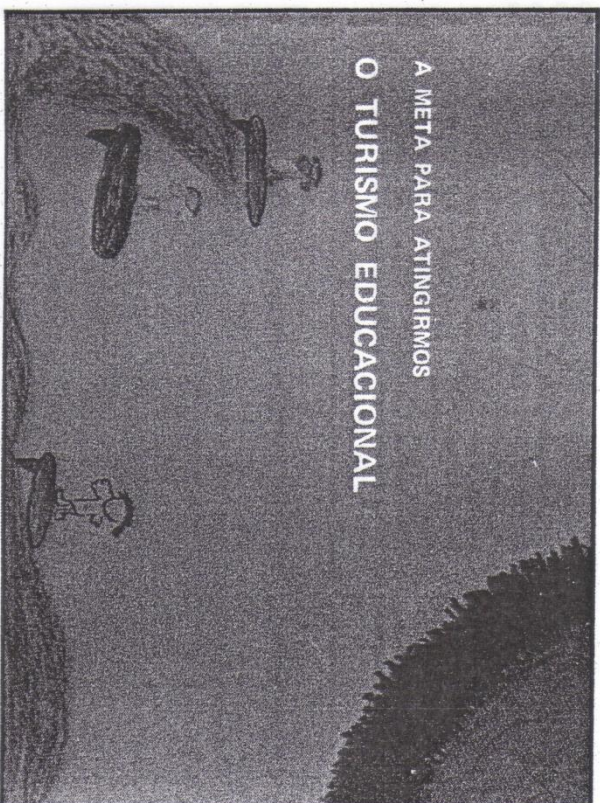


Ilustração - (Rodrigo 7 anos) - Calendário da Embratur

Em recente pesquisa realizada pela Faculdade Estácio de Sá sobre "O Hábito e o Lazer do Carioca", observou-se que 80% da população do Rio de Janeiro não conhece os diversos locais de lazer da cidade. As praias passam a ser a única opção para fugir da tensão e do cansaço semanal, o que provoca o chamado "fluxo de massa". Acreditamos que a principal causa seja a falta de

divulgação destes locais a nível da população.
Chegou a hora de iniciarmos uma conscientização do povo quanto as atrações existentes em sua cidade. O jovem seria o primeiro a ser motivado através de visitas guiadas, organizadas em entendimento com as escolas.
O Turismo Educacional, realizado como atividade extra-classe e de la-

-1-